This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

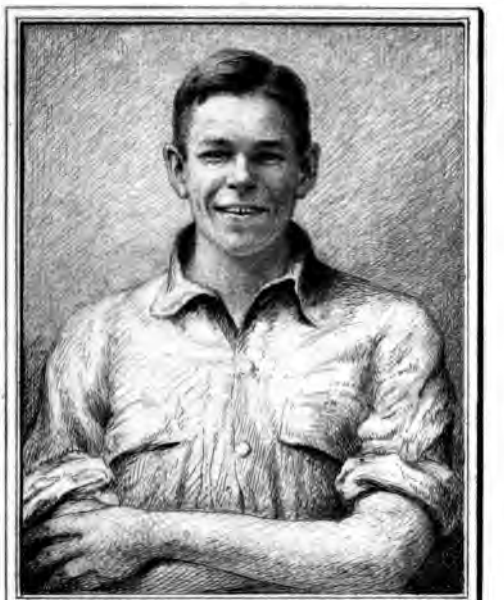
- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

B 925,628



In Memory of
STEPHEN SPAULDING
1907 – 1925
CLASS of 1927
UNIVERSITY OF MICHIGAN

10

Collecção

de

Tratados e concertos de pazes

Portugal. Treaties, etc.

Collecção

de

Tratados e concertos de pazes

que o

Estado da India Portugueza

fez

com os Reis e Senhores com quem teve relações

nas partes

da Asia e Africa Oriental

desde

o principio da conquista até ao fim do seculo XVIII

por

Julio Firmino Judice Biker

Primeiro Official e Chefe de Repartição aposentado
da Secretaria d'Estado dos Negocios Estrangeiros, Socio correspondente
do Instituto de Coimbra,
e da Real Academia de Historia de Madrid,
e Official da Academia em França

Tomo X

Lisboa–Imprensa Nacional–1885

JX
826
.1881

v. 10

Stephen Spaulding mem.
rec'd: 1-15-60
SS-4383

Breve noticia das explorações dos Portuguezes no interior d'Africa

As tentativas para abrir o caminho da costa da Africa Occidental com a Oriental são muito antigas.

Em 1606 intentou o Governador de Angola, D. Manuel Pereira Forjaz, abrir passagem pelo sertão para a contracosta. Com este intuito elegeu a Balthazar Rebello (ou Pereira) de Aragão, sujeito capaz de similhante empreza, tanto pelo seu valor, como pela experiencia e pratica, que tinha do dito sertão; não teve, porém, effeito este projecto, porque, achando-se o dito Balthazar já bastante adiantado pelo interior, viu-se obrigado a retroceder para acudir á Fortaleza de Cambambe, pouco antes fundada (em 1603), que estava sitiada por um Sova vizinho, colligado com os negros da provincia do Mosséque.

Ayres de Saldanha de Menezes e Sousa, que governou Angola nos annos de 1676 a 1680, intentou facilitar a communicação por terra até Benguella, e de Benguella até á contracosta em Senna. Para esta empreza se lhe offereceu o Capitão José da Rosa, sertanejo pratico e resoluto; mas sahindo de Massangano, e depois de ter penetrado grande parte do caminho, não pôde conseguir o fim desejado, pela opposição que encontrou na barbaridade de alguns Sovas, que lhe negaram passagem pelas suas terras, e o obrigaram a retirar-se.

Em 1725 tratou o nosso Embaixador D. Luiz da Cunha, com Mr. d'Anville, geographo ordinario de El-Rei de França, sobre o modo de estabelecer o caminho para ligar a costa de Africa Occidental com a Oriental. Tudo isto consta da carta que escreveu ao Cardeal da Cunha, e publicâmos em seguida.

O Governador e Capitão General de Angola, D. Francisco

Innocencio de Sousa Coutinho, tratou de descobrir os Rios de Senna, como se vê do officio que dirigiu em 15 de Janeiro de 1772 ao Tenente encarregado do Governo do Presidio de Caconda. O officio que o Capitão Mór do mesmo Presidio dirigiu ao Governador, em 22 de Junho de 1771, não deixa de ser interessante, e por isso transcrevemos estes dois documentos.

A memoria de José Xavier de Lacerda, dirigida ao Ministro D. Rodrigo de Sousa Coutinho, depois Conde de Linhares, sobre a viagem da costa de Angola á costa de Moçambique, publicada na 4.ª serie dos *Annaes maritimos e coloniaes* a pag. 188, com as observações do Visconde, depois Marquez, de Sá da Bandeira, póde ser, como este diz, considerada como um preliminar á relação da viagem feita pelo Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida, Governador dos Rios de Senna, de Tete ao Cazembe, pois que o primeiro aconselhava ao Ministro, que a expedição que fosse destinada a atravessar a Africa de uma á outra costa, partisse de Rios de Senna, e este assim o ordenou em 1797 — sem comtudo se obter completo resultado, ainda que o parcial conseguido adiantou consideravelmente os conhecimentos sobre o interior da Africa Austral. Lacerda depois de ter procurado informações e noticias poz-se a caminho para o interior. Chegado ás terras do Rei Cazembe, que parece ser o ponto central entre as duas costas, ahi falleceu; e posto que nos ultimos momentos de vida encommendou a seus companheiros a continuação da empreza, elles comtudo não annuiram a esta recommendação, e a tentativa ficou sem o seu completo effeito.

Ao mesmo tempo que da parte Oriental da Africa se tentava a empreza da communicação das duas costas pelo interior, tentava-se tambem da parte Occidental, por ordem do Capitão General de Angola, D. Fernando Antonio Soares de Noronha, que encarregou, em 1799, deste descobrimento o Tenente Coronel Commandante e Director da Feira de Cassange, Francisco Honorato da Costa. Os exploradores partiram da Feira de Cassange em Novembro de 1802, demoraram-se no sitio do Potentado Bonba até 1805, chegaram em

1806 ao sitio de Cazembe, aonde tinha fallecido o Dr. Lacerda, mas ahi acharam embaraços que os detiveram quatro annos até 1810, e seguiram a final para a Villa de Tete aonde chegaram no dia 2 de Fevereiro de 1811, entregando ao Governador as cartas de que eram portadores, assim como a derrota da sua viagem dos sertões de Angola ao Cazembe, e depois a Tete, donde voltaram pelo mesmo caminho para Angola.

O Tenente Coronel Francisco Honorato da Costa, que conseguiu mediante os mais constantes esforços, e consideravel dispendio de sua fazenda, verificar a correspondencia entre as duas costas Occidental e Oriental da Africa, teve em paga deste serviço a graduação de Brigadeiro de Milicias, e uma pensão vitalicia de 800$000 réis annuaes, e o explorador Pedro João Baptista foi nomeado Capitão da Companhia de Pedestres com o soldo de 10$000 réis mensaes.

Em 1807, sendo Governador e Capitão General de Angola Antonio de Saldanha da Gama, depois Conde de Porto Santo, se realisou, de mandado delle, a primeira expedição de Loanda á contra-costa, a qual voltou no anno de 1809, trazendo embaixada dos Molluas, Nação que já commerciava com Moçambique. Immediatamente enviou o mesmo Governador outra expedição com ordem expressa de ir até Moçambique, que effectivamente se executou, voltando a Loanda estando já a governar o seu successor, e trazendo carta do Governador de Moçambique.

Com a chegada do Governador Manuel Joaquim Mendes de Vasconcellos Cirne a Quilimane e Rios de Senna, foram ordens para se fazer a expedição ao Imperio do Cazembe, e no 1.º de Junho de 1831 sahiu da Villa de Tete esta expedição commandada pelo Major José Manuel Correia Monteiro, sendo segundo Commandante o Capitão Antonio Candido Pedroso Gamitto, com destino ao Cazembe, aonde chegou em 19 de Novembro do mesmo anno. Estiveram seis mezes em Lunda, e conseguindo retirar em 20 de Maio de 1832, chegaram a Tete em 15 de Outubro. O Commandante falleceu logo que regressou a Tete.

A expedição teve vinte e nove dias de marcha de Lunda ao Rio Cambeze, nos quaes andaram 90 leguas e meia. Do Cambeze ao Rio Aruangoa vinte e dois dias, e 88 leguas e meia. Do Aruangoa a Tete vinte e cinco dias, e 124 leguas e meia. O que faz o total de setenta e seis dias de marcha, e 303 leguas e meia.

Antes da partida de Tete os dois Commandantes requereram ao Governador que lhes fossem abonadas as necessarias gratificações, ao que respondeu que não se achava auctorisado para o fazer, e que a circumstancia de as não receberem seria um titulo para tornar mais relevante o serviço que hiam prestar.

A carta que escreveram de Lunda, em 10 de Maio de 1832, ao Governador de Angola foi recebida em Loanda, quasi sete annos depois da sua data, em 25 de Abril de 1839. O Diario desta expedição foi publicado no anno de 1854.

Em portaria do Ministro da Marinha e Ultramar, de 24 de Abril de 1840, ao Governador Geral de Moçambique, se lhe diz: «que tendo Sua Magestade a Rainha o maior empenho em que se abra a communicação entre os dominios da Africa Oriental e Occidental, manda remetter-lhe copias de dois officios que tratam daquelle interessante objecto: um do Governador Geral de Angola de 30 de Abril de 1839, e outro do Major José Manuel Correia Monteiro, datado de Lunda, Côrte do Imperador Cazembe, em 10 de Maio de 1832, e determinando que procure continuar a communicação entre as duas Provincias, por meio de alguns homens intelligentes, que possam dar conta circumstanciada do interior», etc.

Antonio Francisco Ferreira da Silva Porto, proprietario e commerciante residente no Bihé, movido do desejo, não só de obter as recompensas offerecidas pelo Governo Portuguez aos viajantes, que pelo interior realisassem o atravessar de costa a costa os territorios africanos, mas tambem cobiçoso de achar novos meios de ampliar as suas transacções com-

merciaes, decidiu-se a tentar aquella trabalhosa e arriscada empreza. Tomada esta resolução fez preparar conveniente comitiva, e os demais meios necessarios; porém occorrencias que sobrevieram não lhe consentiram effeitual-a por si pessoalmente, constrangendo-o a interrompel-a e entregal-a a aviados da sua confiança, que lhe deram principio no dia 20 de Novembro de 1852.

É largo e curioso o *Diario de Silva Porto;* pois não só dá noticia muito particularisada do itinerario seguido até Moçambique, senão tambem porque refere todas as occorrencias notaveis que tiveram logar durante a viagem, e informa dos usos e costumes dos differentes povos por cujas terras a comitiva transitára. O Diario, que é datado no Bihé a 11 de Abril de 1856, foi publicado no *Boletim e annaes do conselho ultramarino,* serie 1.ª, pag. 273, 285, 293, 304 e 465[1].

Dois mezes e meio depois da chegada dos exploradores a Moçambique o encarregado da comitiva teve ordem de se separar delles. Deram-lhe o mantimento necessario para a viagem, e seguio para a sua terra. Os companheiros ficaram, á imitação de prisioneiros, empregados nos trabalhos publicos do Estado.

Passados mais dez mezes chegou a fragata *D. Fernando,* e nella foram transportados os exploradores á Cidade de S. Filippe de Benguella[2].

[1] D. José Lacerda, no seu importante livro *Exame das viagens do Dr. Livingstone,* pag. 100.

[2] Viagem escripta por Silva Porto.

Carta do Embaixador Dom Luiz da Cunha escripta ao Cardeal da Cunha no anno de 1725

(Collecção dos meus Mss.)

Como os meus obstinados achaques me enfraquecessem de maneira a cabeça, que me privaram do util, e gostoso habito, que tinha feito da leitura, me foi tanto mais sensivel esta falta, quanto na do somno, em que sómente se tranquillisa o espirito, cançava a imaginação, não a podendo occupar mais que na minha porfiada molestia, e em tão infeliz situação me resolvi a mandar ler, ainda que mal, pelos creados, que de noite nas minhas vigilias me servem e me guardam; mas parecendo-me necessario dar-lhes livros, que sobre deverem ser proporcionados á sua curta comprehensão tambem lhes inspirassem huma certa curiosidade, que lhès fizesse menos penoso aquelle trabalho: e com este fim escolhi os de viagens, e entre estas as da Asia, e da Africa, porque estando mais cheias de successos e descobrimentos de que menos ouviriam fallar, o desejo de os saber não os deixaria dormir. 1725

As especies confusas que me ficavam de ouvir ler os estabelecimentos que fizemos daquella parte da Africa assim meridional como septentrional situada ao sul da linha equinocial me davam tambem occasião a me dessipar algumas horas da manhã examinando-as no mappa, e depois de algumas meditações me pareceu que no caso de se poder abrir o caminho de huma a outra costa seria o commercio mais estendido, ficariam os estabelecimentos mais seguros pelos reciprocos soccorros que se poderiam dar, e se pouparia a perigosa navegação de dobrar o Cabo da Boa Esperança para hirmos a Sofala e Rios de Senna; e communicando esta minha ideia a Mr. d'Anville, Geographo ordinario de El-Rey de França,

1725 lhe pareceu não ser impossivel, quanto mais que pelo estudo que tinha feito sobre a extensão daquelle Paiz suppunha que era muito menor que a que lhe davam os mais Geographos.

Mas quando imaginava ser sómente meu este projecto, o achei já escripto em huma das relações que fui fazendo ler, e o seu author diz que só os Senhores Reys de Portugal, podiam emprehender aquelle descobrimento, visto que os seus vassallos tinham já penetrado no interior do Paiz, afastando-se igualmente assim da costa Oriental como da Occidental, e de maneira que bem se podia julgar que caminhavam ao mesmo fim, que os ditos estabelecimentos ficando quasi defronte huns dos outros; parece que lhes não falta mais que darem se as mãos para ajuntarem as duas extremidades.

Nesta vista trabalhou Mr. d'Anville em fazer hum mappa daquella parte da Africa mais correcto, de ponto mais largo, e mais comprehensivel para o nosso objecto, ajuntando-lhe para maior clareza huma Memoria, em que mostra que os estabelecimentos Portuguezes da parte de Angola, e da do Monomotapa o poderiam facilitar.

O caminho que se póde fazer da costa de Angola até quasi á extremidade deste Reino he, segundo parece, navegando o Rio Quanza, que se descarrega no mar do Sul, e pouco distante de Loanda. Este Rio, a que ainda se não descobriu o nascimento, e corre do Oriente para o Poente, se deve, e póde subir sem difficuldade até Cambambe, 50 leguas pouco mais ou menos longe da costa, tirando para Oeste, situação assaz favoravel para traçar hum caminho que vá directamente encontrar-se com o que se póde emprehender da parte opposta.

Parece assaz extraordinario que hum Rio tão consideravel como o Quanza não seja navegavel mais que em huma tão pequena parte do seu curso; mas quando seja certo, que ao de lá de Cambambe se encontrem muitos rochedos e cataratas tão impetuosas, que impossibilitam, como se diz, a navegação, sempre o curso do mesmo Rio deve servir de guia para que os descobridores possam chegar á ultima extremi-

dade do Reino de Angola: quanto mais segurando-se que nas 1725
Ilhas Quissamas, que se vêem neste grande Rio, se acha guarnição de negros.

Este he o termo que se póde indicar para o caminho que se deve seguir da parte de Africa Occidental, continuando entre Leste e Sul; e se da parte Occidental se encontram circumstancias favoraveis para este descobrimento, ainda são melhores as que se consideram da parte Oriental para o mesmo effeito. Todos sabem que o Rio Zambeze, que desagua no mar da Ethiopia, he navegavel sem interrupção por espaço de 120 leguas até ao lugar de Tete, e sobe mais 30 até ao de Sacumbe, seguindo quasi sempre o rumo de Leste Sudoeste para Oeste Noroeste, mas ali he necessario deixal-o, porque alem de se encontrarem muitos rochedos, parece que traz o seu curso mais do Sul que do Norte para onde convem caminhar, declinando ao mesmo tempo para o Oeste.

A respeito da distancia que póde haver entre os confins do Reino de Angola, e o de Monomotapa, para o fim de atravessar este paiz desconhecido, e estabelecer a communicação, não é possivel dizer-se precisamente qual ella possa ser; comtudo, Mr. de Anville na representação do seu mappa só faz um ponto capital de buscar a verdadeira largura daquella parte da Africa: e depois de empregar todas as operações que podiam contribuir para este effeito, suppõem que a tal distancia não póde exceder a cem leguas portuguezas; bem entendido em linha direita, por ser necessario que haja mais pelas voltas que se deveram fazer, principalmente quando pela primeira vez se trata de franquear um novo caminho.

Tambem tem por cousa certa que a distancia ignorada, ou o caminho que resta por descobrir não é a terceira parte do espaço que se contém entre uma e outra costa, podendo caminhar-se o resto pelas terras frequentadas e sujeitas aos Portuguezes.

Á vista desta facilidade, parece extraordinario que se não haja emprehendido estabelecer uma communicação, que seria notavelmente util ao commercio; pois que evitando tão

1725 larga e perigosa navegação, com facilidade tirariamos aquella abundancia de ouro não só do paiz donde hoje recebemos tão pouco, mas ainda de outras minas, que conforme as relações se acham no interior do paiz; e sobretudo teriamos em respeito aquelles que dominam aquella parte da Africa, e os mesmos Portuguezes que se fazem regulos, e estancam quando querem o commercio de Moçambique.

Afim de dizer alguma cousa sobre a execução deste designio parece que se deve emprehender de ambas as partes no mesmo tempo, fazendo-se partir dos estabelecimentos mais interiores os homens que se acharem a proposito, assim negros como brancos providos do que lhes for necessario para o bom successo da empreza, conforme o conhecimento que tiverem do paiz.

Estas duas pequenas tropas de gente bem armada, que atravessarem o paiz desconhecido, devem tratar de ir ao encontro uma da outra, mas acontecendo o contrario, a que sahisse de Angola procuraria penetrar até ao de Monomotapa, fazendo todo o possivel por se avançar até Moçambique. Uma e outra, em todo o caso, deverá observar com todo o cuidado todas as circumstancias do paiz que atravessarem, os Reinos, as Provincias, os Rios e as Montanhas, as diversas Nações, e seu natural, as suas forças, e sobretudo a qualidade das producções daquellas terras.

Suppõe-se que o Reino de Butua se estende desde os confins de Angola até os de Monomotapa, e que nelle ha muito gado, e minas de ouro, como mais largamente se vê na Memoria de Mr. Anville: o qual crê que um similhante descobrimento convidará aos Portuguezes a emprehenderem a navegação do grande lago que começa junto de Moravi sessenta leguas ao Norte de Tete, sobre cujas circumstancias se alarga na sua Memoria, e é evidente que pelo dito lago se poderia abrir uma communicação com todas as partes que estão no coração da Africa.

De sorte que em consequencia dos taes estabecimentos que se fariam no mesmo tempo que se executasse a communicação das duas costas, a Nação Portugueza estenderia o

seu commercio, e a sua dominação em toda a Ethiopia desde a Abessinia até ao Cabo da Boa Esperança. 1725

Esta empreza é na verdade muito grande, mas por isso mesmo é só digna de El-Rey Nosso Senhor para perpetuar o seu nome e a sua gloria com grande utilidade dos seus vassallos.

Mr. de Anville deseja se faça examinar o seu mappa, e a sua Memoria para aproveitar os seus estudos em caso que lhe achem algumas faltas, que são fundadas nas relações de que se servia.

Carta do Capitão General de Angola ao encarregado do Governo do Presidio da Caconda

(Collecção dos meus Mss.)

Recebi a carta de V. m.cê de 13 de Dezembro passado, e sinto que o trabalho, que carrega sobre mim na presente conjunctura me embarace de responder com exacção ás reflexões de V. m.cê, e só o faço ás mais precisas. A diligencia de que V. m.cê está encarregado para haver de descobrir os Rios de Senna não tende simplesmente a esta descoberta, porque ella em si não tem nada de necessaria, ou de util, tende unicamente a alargar o commercio, e trato dos nossos sertanejos por aquella parte, de maneira que possam encanar em seu proveito para esta região aquelles riquissimos canaes de prata, oiro e pedras preciosas, que certamente medeiam entre nós, e aquelles Rios, e como estes podem satisfazer a ambos fica claro, que os habitadores de uma costa se enriqueceram sem prejuizo da outra, e com tanta maior conveniencia de Portugal, quanta lhe resulta da extensão de um commercio tão lucrativo, e que lhe ha de entregar todas as suas riquezas, quando as que passam pela outra costa vão enriquecer os Gentios da India. 1772 Janeiro 15

O discurso que V. m.cê faz sobre a noticia que deu esse Ca-

1742
Janeiro
15

pitão mór com respeito á entrada dos Quimbares no grande Humbe, supponho que os Quimbares entraram pelas Ambuellas, e chegaram á praia do mar dando por esta causa a noticia do Presidio, que viram, não me parece proprio, porque quanto mais ao Norte V. m.cê figurar a viagem, tanto mais difficil, e comprida ella he; depois nenhum negro he tão bruto, que confunda o mar com um rio, por grande que seja, nem os mesmos figuraram nunca o Presidio da parte de cá, senão da parte de lá do Rio: finalmente a pequena distancia que ha desse Presidio mais ao Sul aos Rios de Senna me faz crer que aquelle Presidio só podia ser o de Chicova, o qual segundo as melhores cartas geographicas, apenas distará cem leguas desse Presidio caminhando de Oeste para Leste sempre encostado ao Sul, depois de tudo o referido deve V. m.cê fazer tres reflexões: 1.ª de que esses sertanejos fazem todo o seu commercio sobre o Quanza, que fica muito ao Norte, desamparando uma grande extensão de terreno, que para o Sul lhe fica livre, e que poderia facilitar-lhes hum sem numero de escravos, e marfim, muito mais commodos e mais robustos, que são tão ignorantes, e pouco industriosos, que nenhum averigua, nem sabe a qualidade de terreno que piza, e as riquezas que ella póde produzir, e muito menos facilita o troco do oiro, a que facilmente se acommodariam os negros, como praticam os visinhos do Rio de Senna, os quaes se contentam com uma cova cheia de missanga, que primeiro encheram de oiro: 2.ª que o caminho do Sul é tanto mais util, quanto estreitando para aquella parte a Africa vem a ser muito mais breve, e encostado ao Monomotapa, que todo é cheio de minas de oiro e de prata, e que produz as riquezas que passam por Moçambique, só das que se acham á flor da terra, porque ali é prohibido com pena de morte qualquer trabalho em minas: 3.ª que as ditas grandes riquezas que vão a Moçambique assim em oiro, como em marfim, conduzidas por numerosas tropas de negros Mujáres, vem de grandes distancias, e estas só podem ser aquelles terrenos, que estão entre nós, e os Rios de Senna; de sorte que por huma bem justa consequencia todos os pas-

sos, que nós para aquella parte dermos serão largamente pagos. O juizo que V. m.cê faz de que assim como penetrando pelo Humbe grande se hirá dar nos Rios de Senna, assim tambem hindo pelo Ambuella se hirá certamente a terras do Norte de Moçambique, he certo, mas com a differença de huma muito maior distancia. 1772 Janeiro 15

Esta diligencia não he de dias, nem se póde fazer completamente sem que um grande numero de casaes introduzido nesse sertão haja de fazer por força de necessidade toda a descoberta, porém como todos os passos que dermos diminuirão os que hão de dar com tempo, e lugar, e bem naturalmente esse Paiz não terá tão depressa outro homem das luzes, e instrucção de V. m.cê lhe recommendo muito particularmente, que fallando com os principaes Negociantes dessas povoações os instrua nas conveniencias, que podem ter se se alargarem para aquellas partes, em que não só o commercio de escravos será mais copioso, e commodo, mas o que fizerem inclinando os negros a que lhes paguem as fazendas em oiro, logo que pisando as terras com advertencia virem que o ha, e assim mesmo qualquer outro genero precioso como cobre, oiro e prata ou pedras preciosas, ou de tintas.

Tambem tenho mandado repetidas ordens, para que se aproveite a cera desse grande continente, porque os negros a comem envolta com o mel, e esta providencia não só traria a esses povos um novo, e util ramo de commercio, mas pelo excesso da quantidade reduziria toda a deste Reino ao justo e necessario preço, que deve ter, para ficar em concurso com a da Europa. Estas ordens executará V. m.cê tendo entendido, que deve instruir os juizes das povoações nos seus verdadeiros interesses respeito á industria e agricultura, porque só este objecto tiveram e terão.

Estimo que V. m.cê mandasse esse morador na diligencia de melhores noticias, e nesta parte tudo quanto fizer é util. Dar ao Capitão mor de Benguella as providencias necessarias á povoação do Novo Belem, e remetto a V. m.cê quarenta armas para a guarnição desse Presidio.

Deus guarde a V. m.cê muitos annos. S. Paulo da Assum-

1772 Janeiro 15 pção a 15 de Janeiro de 1772.— Dom Francisco Innocencio de Sousa Coutinho.—Sr. Tenente José de Azevedo Monteiro de Faria, encarregado do governo do Presidio de Caconda.

Carta do Capitão mór de Caconda ao Governador e Capitão General de Angola D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho

(Collecção dos meus Mss.)

1771 Junho 22 Illmo e Exmo Sr. General.— Aos pés de V. Ex.ª vae o meu fiel rendimento a saber de como V. Ex.ª passa, que muito estimarei seja conforme o desejo de V. Ex.ª, e se sirva de um fiel criado, que está prompto para executar as ordens de V. Ex.ª e as de Sua Magestade.

Dou parte a V. Ex.ª que pedindo a hum morador huns negros para me hirem beneficiar humas pontas de marfim aos Ambuellas a hum Sova, que já dei parte a V. Ex.ª que se veiu avassallar, este por me querer servir os remetteu ao Sova primeiro do Humbe com seus Embaixadores, para que lhes não fizessem mal; chegados que foram ao tal Sova lhe deram a Embaixada, que eram Quimbares de Maniputo, e que lhe hiam buscar marfim, este os remetteu ao Sova grande do Humbe, que não deixa entrar branco algum nas suas terras, mas como hiam Embaixadores dos de traz, recebeu os Quimbares por lhe certificarem o serem negros meus, lhes mandou dar sindicadores para lhes hirem mostrar em que sitio estavam as pontas de marfim, foram mettendo-os pelo mato, ao depois de entrarem por elle bem dentro lhes mostraram um trilho, e lhes disseram; ide por aqui dentro, que logo adiante achareis oitenta pontas de marfim juntas, foram andando os Quimbares cinco dias sem nunca acharem as pontas, julgaram que perderam o caminho, como de feito assim foi, chegaram á vista de um grande rio tão caudaloso que não poderam passar, subiram a hum alto aca-

bando-se-lhes o comer, entraram a procurar raizes para comer, anoitecendo-lhes fizeram consulta de dormirem ali, sendo Trindades ouviram tocar sinos, entraram a caminhar para onde ouviram tocar os sinos até ás oito horas, assim que foram as oito dadas ouviram tocar caixas, hiam já um tanto perto, cuidavam que estavam em Benguella, mas sempre com susto se ficaram ali até que ao outro dia ouviram tocar a alvorada, viram huma fortaleza toda bem perfeita como umas casas de telha caiadas, e que era maior que a de Benguella, assustados do que seria se retiraram para este Presidio, e me vieram dar parte de toda esta novidade, e certificam os mesmos negros que estiveram ao pé dos Rios de Senna, mas que sem se guerrear o Humbe se não póde passar para elles, e varios sertanejos assim mo certificam, que os Rios de Senna ficam muito perto deste Presidio, que toda a difficuldade está o guerrear o tal Sova acima, que eu me obrigo a conseguil-o mandando me V. Ex.ª o necessario para isso, que eu juro a V. Ex.ª que se abre o mais opulento negocio, que Sua Magestade terá um grande lucro, porque ha muito marfim, muita cera, que a não aproveitam, por todos os modos faz huma grande conta V. Ex.ª mandar descobrir este tão grande bem, pois nos ficará facil, e tão conveniente para todos os commerciantes, e a certeza dos Rios de Senna, que é sem duvida o mesmo como clamam alguns Pombeiros, que tem entrado quasi até elle, mas este tal Sova lhes toma as fazendas todas, e lhes manda mostrar o marfim, e os não deixe mais conhecer, esta é a pura verdade do caso, V. Ex.ª me determinará o que for mais justo e do seu agrado, que eu devo dar a V. Ex.ª estas noticias assim. 1771 Junho 22

Deus guarde a V. Ex.ª muitos annos. Caconda a Nova, 22 de Junho de 1771.—De V. Ex.ª o mais effectivo criado e leal vassallo.—José Antonio Sequeira, Capitão mór.

Portaria do Ministro da Marinha e Ultramar para o Governador Geral da Provincia de Moçambique

(Annaes Maritimos, 3.ª serie, pag. 538.)

1840 Abril 24 Tendo Sua Magestade a Rainha o maior empenho em que se abra a communicação entre os Dominios da Africa oriental e occidental, pelas grandes vantagens que devem resultar ao commercio e riqueza da Nação, se chegar a conseguir-se o livre e seguro transito dos sertões que medeiam entre os Rios de Senna e Angola: Manda pela Secretaria de Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar, remetter ao Governador Geral da Provincia de Moçambique as inclusas copias de dois officios, que tratam daquelle interessante objecto, hum do Governador Geral de Angola, datado de 30 de Abril do anno proximo passado, e outro do Major José Manoel Correia Monteiro, encarregado de penetrar nos ditos sertões, e que effectivamente chegou a Lunda, Côrte do Imperador Cazembe, donde escreveu em 10 de Maio de 1832, determinando: 1.º, que pela dita Secretaria de Estado venham á Sua Real Presença o Relatorio, ou Diario da expedição, que commandou o dito Major, e de que elle faz menção no seu dito officio, e todos os mais esclarecimentos que existirem sobre a materia; 2.º, que se procure continuar a communicação entre as duas Provincias por meio de alguns homens intelligentes, que possam dar conta circumstanciada do interior; e 3.º, que se examine se será possivel a mesma communicação entre as duas Provincias por meio de camellos, ou elephantes; não esquecendo o meio de fazer adiantar as feiras, e os presidios, de fórma que a distancia entre hum e outro Dominio se vá progressivamente diminuindo; o que tudo Sua Magestade ha por muito recommendado, e espera que o Governador Geral, dando ao Governador de Quilimane e Rios de Senna as instrucções que lhe parecérem convenientes, e proporcionando-lhe os meios necessarios, se es-

forçará em desempenhar as beneficas intenções de Sua Magestade. 1840 Abril 24

Paço das Necessidades, em 24 de Abril de 1840. — Conde de Bomfim.

Officio do Governador Geral de Angola

Illmo e Exmo Sr. — 1.º Tenho a honra de expor a V. Ex.ª, que na noite do dia 25 do corrente se me apresentou Manoel Antonio Pires, Alferes da Companhia movel de Pungoandongo, e alli negociante, o qual me entregou, no estado em que se acha, o papel que do mesmo modo remetto a V. Ex.ª, dizendo-me haver-lho trazido hum dos seus Pumbeiros, que penetrára no sertão até Lucenda, Banza do Potentado Cazembe, onde lhe fôra dado por hum gentio daquella Nação, e de quem o havia confiado o Major José Manoel Correia Monteiro, que alli viera em huma expedição explorativa, cuja narração faz o contexto do mesmo papel, que é datado de Lucenda em 10 de Maio de 1832. 1839 Abril 30

2.º O dito Alferes não podia, ou sabia explicar a marcha que deveria ter seguido o mesmo Major, vindo de Tete áquelle ponto (o que não era preciso, porque isto se acha bem declarado na Memoria de Lacerda), mas até mesmo se confundia a respeito dos caminhos da sua direcção desde Pungoandongo até Lunda, caminhos que frequentavam algumas vezes os seus Pumbeiros; mas deixou perceber que nas suas marchas seguiam em muitas partes o curso do Rio Quanza, dando assim a entender que deixavam á esquerda as terras de Cassange; o que elle não sabia decidir, ou por atarantado, ou por ignorante. Entretanto, aquelle papel (posto que eu por ora lhe não dê todo o credito) combina em grande parte com o resultado de outras anteriores pesquizas; e, se houver em Pungoandongo, ou melhor no Duque de Bragança, por mais avançado no interior, huma colonia possante, como digo no meu officio n.º 11, que ponha em respeito todo o sertão, estarão vencidas todas as maiores difficuldades que offerece o commercio com a Costa occidental; pois do Duque de Bragança para o Norte seguem

1839 Abril 30 terras de Hoholo, e logo os Moluas, que já deram provas de querer o nosso trato; alem destes segue o Cazembe seu tributario, e logo estão os nossos alliados da fronteira do Rio de Senna.

3.º Talvez que partindo de Pungoandongo, e deixando as Cassanges á esquerda, o caminho seja mais curto, e os povos intermedios sejam trataveis; mas o primeiro indicado já é conhecido.

4.º Eu comtudo não descançarei na diligencia de communicar o mais francamente que seja possivel com as Provincias da Costa oriental desta região, a fim de ver se obtenho o commercio da Asia atravez do sertão, se a intriga, e interesses estrangeiros, não fizerem nascer obstaculos taes, que sejam superiores a toda a energia, e zelosas diligencias.

5.º Logo que eu tenha uma escuna á minha disposição, espero com ella explorar a embocadura (e curso até onde for praticavel) do Rio Cunene; mas este objecto deve, por circumstancias que em outro officio direi a V. Ex.ª, ser reservado. Esta exploração he de summa transcendencia para o objecto; porém a minha posição he tal, que achando-me rodeado sempre das maiores intrigas, não vendo senão obstaculos, talvez postos por aquelles de quem eu esperava, e me deviam prestar os maiores auxilios nos meus projectos, vejo-me reduzido a faltar-me o tempo para escrever huma carta, mesmo apesar das minhas vigilias, e de não ter esperado o restabelecimento de duas graves molestias de que tenho sido atacado.

Deos guarde a V. Ex.ª Loanda, 30 de Abril de 1839. — Illmo e Exmo Sr. Visconde de Sá da Bandeira, Presidente do Conselho de Ministros, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros, e encarregado dos da Marinha e Ultramar. — Antonio Manoel de Noronha.

Officio do Major José Manuel Correia Monteiro

1832 Maio 12 Illmo e Exmo Sr. — Com bem pouca esperança de que esta minha participação chegue á presença de V. Ex.ª pela su-

perstição destes barbaros povos, comtudo o desejo que tenho de servir a minha Patria, e de realisar as sabias intenções do meu Governador, me obrigam a dar huma breve noticia desta expedição, de que tenho a honra de ser Commandante. Com a chegada do Ill.mo Governador Manoel Joaquim Mendes de Vasconcellos e Cirne, á Capitania de Quilimane e Rios de Senna, na Africa oriental, vieram ordens de Sua Magestade para fazer-se a expedição para o Imperio de Cazembe, os quaes tiveram execução. No 1.º de Junho do anno passado, sahio esta expedição da Villa de Tete com o seu destino para aqui, sendo composta de 420 pessoas; sendo os principaes: eu como seu Commandante, o Capitão, e Commandante da Praça, e guarnição da Villa de Senna, Antonio Candido Pedroso Gamith, como segundo Commandante, primeiro da força militar, e Recebedor das fazendas e petrechos de Sua Magestade, pertencentes á mesma; o Sargento Mór de Ordenanças de Tete José Vicente de Aquino, como Interprete, e dois Commerciantes, sendo hum o Tenente de Milicias de Tete Paulo Leonardo Dias, e o outro o Capitão de Ordenanças da mesma Villa Joaquim dos Santos Montalvo, mas este falleceu no caminho. 1832 Maio 12

Não mando a V. Ex.ª a copia do meu Diario, e huma exacta noção da minha marcha até aqui, por não fazer grande volume, o que faria mais duvidosa a sua recepção por V. Ex.ª; e por isso farei esta participação muito breve.

Logo que a expedição se poz em marcha, andando 14 leguas pelas terras da Real Corôa, e 125 leguas e meia até ao Rio Aruangoa, e desde este até aqui ao Cazembe 176 e meia, estimadas, que por todo o caminho fazem 302 leguas estimadas. De Tete até ao Rio Aruangoa sempre andámos pelas terras dos Muzimbas, e Chevas, alliados da Corôa Portugueza, em cujas terras achámos sempre abundancia de viveres, e segurança; porém, logo que passei o dito Rio, e andei pelas terras outr'ora dos Muizas, agora conquistadas pelos povos Anembas, se experimentou a maior fome possivel, e traições destes povos, de sorte que os escravos se extraviaram com as mesmas cargas reaes, e particulares, ainda que

1832 Maio 12 quasi todo este caminho é deserto até aqui, por cujo motivo nos morreu a maior parte da nossa cáfila á fome.

Com a nossa chegada aqui (que foi a 19 de Novembro do mesmo anno) esperavamos achar melhoras, porém achámos hum barbaro, e ambicioso ladrão (qual he este Cazembe) que nos tem roubado, e estamos experimentando a mesma falta, de fórma que huma porção que iguala a hum selamim de mantimento cafreal, que he feijão, ou milho, custa huma braça de zuarte, que corresponde a 800 réis. A nossa cáfila ao presente se compõe de 300 pessoas. O rumo com que temos vindo da Villa de Tete até aqui, é geralmente de Nordeste, vindo a ficar-nos a dita Villa ao Sudoeste.

Este Imperador he muito poderoso, e muito mais se faz respeitar por estes barbaros povos, pela sua grande superstição e barbaridade.

Devo dizer a V. Ex.ª que tenho feito indagações por estes povos, sobre a distancia que será daqui a esse Reino de Angola, e só tenho colhido, que daqui até ao Rio Luacáu (limites das terras deste Imperador) he hum mez de viagem, e desse Rio á Côrte de outro grande Potentado, por nome Muantianfa, ou Muropue, a quem este rende vassallagem, são dois mezes, que por todo o caminho vem a ser tres mezes. Estes povos não dão noticia da distancia que ha dahi para diante, e só dizem que ha mais dois Potentados entre Angola, e o dito Muatianfa, que o primeiro limitrophe com o dito Muantianfa se chama Muenemputo, e o immediato se chama Massungo Congo (que supponho ser o Rey do Congo mencionado na historia), dizem mais que ao dito Muantianfa vem escravos de Mozungos (brancos), de Angola, commerciar, e por este motivo devo suppor que V. Ex.ª estará ao facto da distancia que será desse Reino ao dito Potentado Muantianfa, não só por este motivo, mas até porque nos annos de 810, ou 1811, chegou á Villa de Tete um correio por nome Pedro de tal, expedido por esse Ex.mo Governo, com officios, o qual no fim de alguns mezes regressou pelo mesmo caminho, e houve noticia de ter ahi chegado. Devo suppor que será menos a distancia que estes povos me dizem,

pois elles fazem as suas jornadas com muito vagar, e muitas vezes demoram-se dias e dias em hum lugar onde acham de comer. 1832 Maio 12

Será para mim a maior satisfação possivel o ter a honra, e felicidade, de que este meu officio chegue á respeitavel presença de V. Ex.ª, e quando eu tenha esta gloria, rogo e espero de V. Ex.ª se digne por algum modo fazer com que eu venha na certeza da sua recepção, para ficar no conhecimento que não foram baldados os meus esforços. Com a minha chegada a Tete farei subir o meu Diario á Real presença. Só me resta participar que este vai por via dos mesmos Cazembistas ao sobredito Muatianfa, para elle entregar a qualquer escravo que desse Reino lá for.

Eu me acho em vesperas de marcha de regresso para a Villa de Tete, e o dito segundo Commandante desta expedição, por não avolumar papel, não officia a V. Ex.ª, e em signal da sua obediencia se assigna aqui.

A Ill.ma e Ex.ma Pessoa de V. Ex.ª Deos guarde muitos annos. Lunda, Côrte do barbaro Imperador Cazembe, 12 de Maio de 1832. — Ill.mo e Exmo Sr. Governador e Capitão General do Estado e Reino de Angola, etc., etc., etc. — José Manoel Correia Monteiro, Major de Infanteria, e Commandante da expedição do interior da Africa. — Antonio Candido Pedroso Gamitto, Capitão de Caçadores, segundo Commandante, primeiro da força armada, e Recebedor das fazendas e petrechos de Sua Magestade, pertencentes á expedição.

Officio do Governador e Capitão General de Moçambique para o Ministro da Marinha e Dominios Ultramarinos

(Collecção dos meus Mss. — Original.)

1800 Novembro 3

N.º 32. — 1.ª via. — Ill.mo e Ex.mo Sr. — Dirijo a V. Ex.ª por copia junta, para que V. Ex.ª possa levar á Real Presença do Principe Regente nosso Senhor, não só as instrucções, diario, e mappas, que por morte de Francisco José de Lacerda e Almeida, Governador, que foi dos Rios de Sena, tudo respectivo á abertura do caminho entre a Costa oriental e occidental da Africa, chegaram por acaso ás minhas mãos, ainda que escripto tudo em hum rascunho bem pouco intelligivel, e que por isso não póde hir debaixo de huma exacta e fiel copia, mas tambem dirijo juntamente a V. Ex.ª o diario do regresso desta expedição, escripto pelo Reverendo Padre Francisco João Pinto, Capellão della, desde o lugar do fallecimento do mesmo Governador até á villa de Tete.

Não remetto os originaes por julgar conveniente não os arriscar, devendo conservar-se nesta Secretaria, para constar a todo o tempo que seja necessario, servirem de instrucção desta dita diligencia, ou remettel-os quando V. Ex.ª assim me ordene.

Deos guarde a V. Ex.ª Moçambique, 3 de Novembro de 1800. — Ill.mo e Ex.mo Sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho. — Francisco Guedes de Carvalho e Menezes.

Portaria do Capitão General

1800 Outubro 5

Pedro Nolasco Vieira de Araujo, que acompanhou sempre a Francisco José de Lacerda e Almeida, Governador que ha sido dos Rios de Senna, na diligencia de que foi encarregado por Sua Alteza Real, de descobrir o caminho de Tete para Angola, copie fielmente do original em borrão, em que se acham, assim as instrucções que o dito Governador fez para esta referida expedição, como tambem o diario que elle escreveu até o tempo do seu fallecimento. E depois de tudo isto copiado, conferirá com Benjamin Antunes de Mello, Offi-

cial Maior da Secretaria deste Governo, e se assignarão ambos de assim o haverem executado, e achado que fica conforme a copia com o original de que foi extrahido. 1800 Outubro 5.

Palacio de S. Paulo, 5 de Outubro de 1800. — Rubrica do Capitão General.

Em execução da Portaria supra do Ill.mo e Ex.mo Sr. Francisco Guedes de Carvalho e Menezes da Costa, Governador e Capitão General deste Estado, copio aqui as instrucções e o diario de que faz menção, e consta o seguinte:

Ordens e instrucções a respeito desta viagem do interior de Africa, etc., a quem competir

Mandando-me Sua Magestade Fidelissima, que Deos guarde, na sua Carta Regia de 12 de Março de 1797, que sem perda de tempo faça todas as tentativas imaginaveis para ver se no centro de Africa ha montes, que sirvam de vertentes ao grande rio Cunene, que despeja suas aguas no mar pela costa occidental da Africa, e pouco abaixo do Cabo Negro; para ver a possibilidade da facil, e breve communicação de Portugal com estes Rios de Sena, e poder-se tirar do centro da mesma Africa, por meio do commercio com seus habitantes, as utilidades que o terreno, e a industria podem dar, alem da principal causa, que move a Sua Magestade fazer tão grande despeza, qual vem a ser, a reducção daquelles infieis ao gremio da Igreja: ponho-me em marcha na presente occasião para dar execução ás apertadas ordens de Sua Magestade. Podendo porém succeder, que nesses desertos Deos seja servido levar-me para si, e por falta de ordens, e instrucções, volte toda a comitiva, ficando frustradas as intenções de Sua Magestade; não cumpridas as suas ordens; e perdida a não pequena despeza, que a Real Fazenda tem feito: Ordeno a V. m.cês em nome de Sua Magestade, que concorram unanimemente a dar inteiro cumprimento ás ordens, e instrucções seguintes, ficando responsaveis todos, e cada hum em particular á mesma Senhora, pela falta da sua execução, omissão, opposição, desunião mal fundada nos 1798 Junho 18

1798 Junho 18 votos, ou por outro qualquer motivo, que os constitua réus, por se não cumprirem exacta, e fielmente, como devem, e são obrigados por serviço de Deos, de Sua Magestade, e do Estado:

1.º Ficará commandando a expedição o official de maior patente, e quando houver de se tratar de alguma expedição, ou deliberação, que devem tomar a respeito dos pontos principaes desta diligencia, todas as pessoas que se acharem presentes serão convocadas e ouvidas.

2.º Não deverão V. m.cês voltar, antes seguirão sua viagem, fazendo todos os dias o seu competente, e circumstanciado diario, no qual devem declarar com toda a verdade (a qual muito lhes recommendo livre de exagerações para fazerem grandes os seus serviços), todas as novidades, que acontecerem relativamente á comitiva, qualidade do terreno por onde passarem, suas producções, minas, população, caracter e costumes dos seus habitantes, rios que encontrarem, sua largura, profundidade, e parte para onde correm relativamente a quem vai destes rios; quaes são os generos, e effeitos que os Portuguezes poderão introduzir para permutação dos proprios do paiz; e finalmente tudo quanto virem, deve ser notado, ainda as mesmas cousas, que lhe pareçam ser insignificantes, e de pouca consideração; devendo V. m.cês antes perder por difusos, do que por concisos.

3.º Chegando ao rio Aruângoa, observarão, e escolherão o terreno mais proprio, e lhes parecer salubre, em que se funde a povoação, que exige o Cazembe, e notarão tambem as vantagens, e utilidades que podemos tirar daquelle estabelecimento, por meio do commercio com os Muizas, cujas possessões, e terras ali tem seu principio. Por este rio abaixo mandarão o Tenente de Senna, José Vicente Pereira Salema, embarcado nas almadias, ou embarcações mais proprias, que podérem achar, e comprarem aos cafres ali existentes, recommendando-lhe muito, que faça hum diario semelhante ao do n.º 2, e alem disso, que fuja de aportar em terras povoadas, a fim de se livrar de algum insulto dos cafres, dos quaes até agora não temos conhecimento, e ficar com sua perda frus-

trado o conhecimento importante, que devemos ter dos dias que gasta do ponto da partida até o Zumbo, e numero de legoas pouco mais ou menos, que ha entre o dito lugar da partida, e a mesma villa, da qual se deverá recolher para sua praça, dando ao Commandante de Tete o referido diario, para que o guarde, e entregue ao Governador, e mande copia ao Ex.mo General de Moçambique; ao mesmo Capitão mór de Zumbo o deverá mostrar, e dar copia, para que este tambem tenha conhecimento destes lugares. Se acaso lhe for preciso comprar mantimento, o que duvido, porque em poucos dias de viagem ha de chegar (segundo penso) ao Zumbo, mande por hum, ou dois cafres compral-o nas povoações, que encontrar; mas elle de nenhuma fórma salte em terra. Se o rio, a que os Muizas chamam Zambeze, for navegavel no tempo das secas, e correr para a parte da mão direita a respeito de quem vai para o Cazembe, farão tambem descer por elle com os auxilios precisos, e as mesmas recommendações acima mencionadas, e alem disso aquellas que achar, ou lhe lembrar ser uteis ao real serviço; pois este rio, segundo dizem, he o Xire, ou braço delle, o qual sahe no nosso Zambeze pouco abaixo de Senna; e senão for este, ha de ser aquelle que cahe pouco acima de Quilimane, e de ali remetterá para o Commandante, e para o General do Estado copia do seu diario, e de tudo que observar relativamente tambem a facilidade do transporte dos generos, que se podem tirar do interior de Africa, e terras dos Muizas. 1798 Junho 18

4.º No caso que o dito rio Zambeze não seja navegavel, despeça então o dito, do rio, em cuja margem está fundada a cidade de Cazembe, o qual me dizem os Muizas, que corre para a parte da mão direita, e que neste cahe o seu Zambeze de n.º 4.

5.º Mas se o dito rio Cazembe correr para a parte da mão esquerda, e nesse caso seja factivel ser o rio Cunene, ou algum outro, que se ajunta com o mesmo, então descerão por elle abaixo o Capitão João da Cunha, e o Piloto Bernardino, ao qual darão huma agulha de marear, e o sextante pertencentes a Sua Magestade, ordenando-lhe no nome da mesma

1798 Junho 18 Senhora, que tire a configuração do rio, praticando o methodo, que na viagem lhe hei de ensinar, e hum circumstanciado diario feito na fórma sobredita, notando tambem nelle o numero das legoas, que navegar diariamente, e as respectivas distancias entre as povoações dos cafres, que encontrar nas suas margens; e faça tambem as possiveis diligencias por alcançar delles se tem algum conhecimento de Portuguezes, ou de homens de outra qualquer nação, tendo toda a cautela de se livrar dos insultos, que elles lhe possam fazer. Em chegando á bôca do rio, e costa do mar, observará a capacidade que tem para nelle entrarem navios, declarando o numero das suas tonelladas; sondará a barra, e observará os canaes, estabelecimento do porto, a sua latitude, e todas as cousas que elle não ignora serem necessarias saber-se. Advirto que o Cabo Negro está em 16° 8′ de latitude austral.

6.° Depois de terem examinado a barra do dito rio, sendo aquelle mar manso, e os ventos muito favoraveis, façam todo o possivel de correr a costa em jangadas, ou em qualquer embarcação que possam haver, ou construir, até chegarem a Benguella, viagem, que será de dois ou tres dias, e dali se passarão para Angola, e darão exacta conta ao Exmo General daquelle Estado, para a pôr na presença de Sua Magestade, e juntamente este grande serviço, que ambos fazem á mesma Senhora, e se dará parte por terra ao dito Excellentissimo senhor desta diligencia, e do quanto lhe peço queira pôr na presença de Sua Magestade os serviços dos ditos Capitão e Piloto, caso cheguem a Angola. No caso porém que lhe não seja possivel correr a costa, por falta de vaso, retrocederão pelo mesmo caminho, e se recolherão a esta villa, mandando da cidade de Cazembe ao Sr. General de Angola exacta conta do que tiverem passado e observado, a fim de que chegue á presença de Sua Magestade com a brevidade possivel.

7.° Tentarão hir por terra, sendo conduzidos pelos cafres daquelle continente, que me dizem serem mansos, e que frequentão o commercio com os Portuguezes de Benguella;

e as despezas serão pagas com o que levarem, e senão chegar, pela Real Fazenda de Benguella, ou Angola. 1798 Junho 18

8.º Sendo esta diligencia de grande consequencia, e a unica que póde satisfazer o cumprimento das ordens de Sua Magestade; ordeno a V. m.cês que lhes dêem todo o soccorro que elles exigirem, e for possivel, para que possam satisfazer plenamente, e cumprir as ditas ordens, ficando sobre V. m.cês a responsabilidade de falta de execução por qualquer culpa sua.

9.º Semelhantemente mandará para Angola o Sargento mór Pedro Xavier Velasco, e o Tenente Coronel Pedro Nolasco Vieira de Araujo, o qual deve hir para Lisboa dar a Sua Magestade, e ao seu Secretario de Estado, exacta conta, e informação destes rios, por ser elle a pessoa mais habil, e capaz de desempenhar esta commissão, e informar a mesma Senhora sobre as circumstancias da viagem do Cazembe até Angola, e daqui até o Cazembe. Ao Ex.mo General de Angola deixo o mandar com o dito Nolasco para Portugal o Sargento mór, e hum delles deve voltar a estes rios com o seu competente diario.

10.º Mas se este rio de Cazembe não correr para a esquerda, mas sim para a direita, neste caso passarão V. m.cês ávante, e no primeiro rio que encontrarem, que corra para a esquerda, farão o que lhes deixo determinado nos artigos precedentes, e depois de feitas estas expedições, o resto della se recolherá para Tete, e darão conta ao Governador de Moçambique.

11.º Porão todo o cuidado na boa arrecadação da Fazenda de Sua Magestade, e darão á Junta della huma circumstanciada conta da receita e da despeza.

12.º Na sua torna-volta calcularão o fato que devem gastar nella, e se algum lhes sobejar pertencente a Sua Magestade, reduzam-o a marfim, e depois de chegar a Tete, darão parte á Junta, para receberem della as ordens, sobre o que devem fazer do dito marfim.

13.º Tratarão com o Cazembe huma boa alliança e amizade, e as condições de hum commercio, que nos seja van-

1798 Junho 18 tajoso o mais que for possivel, sobre cujo assumpto farão termo, e porão todo o cuidado, em que os soldados, e cafres da comitiva não façam desordens, roubos, ou outras quaesquer violencias, que o possam desgostar, e privar-nos da sua amizade e commercio, e trate a V. m.cês mesmos como inimigos, privando-os dos soccorros necessarios para sua sustentação, hostilisando-os com repetidos choques, e prohibindo a passagem para Angola.

14.º Para facilmente conseguirem delle, não só licença para a dita passagem, mas tambem qualquer ajuda, ou soccorro, que lhes seja necessario, o devem persuadir, que a descoberta daquella communicação por terra, e pelo dito rio Cunene, tem por fim a utilidade sua, e nossa, porque o seu marfim deve vender-se aos moradores destes rios, pois lhe hão de pagar melhor, do que os commerciantes daquella parte da Costa occidental; e os outros generos como o cobre, latão, e escravatura reputará melhor com elles; pois ficando convencido da utilidade, e lucro que lhe póde vir do commercio, que fizer com os habitantes de huma e outra costa, facilmente concederá a dita licença, facilitará os auxilios necessarios, e seus bons officios para com seu pai e mais Regulos, por cujas possesões os nossos devem passar.

15.º Espero da honra que os deve animar, da obediencia e fidelidade, que devem ter a Sua Magestade, do exemplo que devem dar a seus inferiores, e da ambição da gloria, que lhes ha de vir por estes serviços, cumprirão tudo exactamente; e alem disso providenciarão aquellas cousas que eu não posso prever, nem determinar, por ser aquelle paiz inteiramente desconhecido, pois pela experiencia, que tenho de achar sempre falsas as informações, que em Matto Grosso alguns individuos davam dos terrenos, me não posso fiar inteiramente no depoimento de Manoel Caetano Pereira, pois a este só lhe importou o seu negocio. Devem pois V. m.cês partir destes dois principios, que lhe vou expor, e sobre elles fundar as suas tentativas, exames e reconhecimentos: primeiro, Determina Sua Magestade, que se descubra huma facil communicação destes rios com a Costa occidental, e sem

contradicção he mais facil aquella, que se faz navegando pelos rios; segundo, Para maior utilidade destes povos devem procurar achar algum rio, que do Cazembe venha ter a este Zambeze, ou Caia, entre Moçambique e Quilimane. Este he o principio porque determino, que façam esta diligencia. 1798 Junho 18

16.º Nos concelhos que houverem de fazer, para decidirem algum ponto, ou para fazerem alguma expedição, lavrarão hum termo, onde declararão a ordem que lhes deixo, as difficuldades que encontram para não ser executada, e as razões daquelles que forem de opinião contraria, pois tudo deve ser posto na presença de Sua Magestade, para julgar do merecimento de huns, e os premiar, e da desobediencia, medo e frouxidão, ou outra qualquer cousa de outros, para os castigar como for de justiça.

Como póde acontecer, que eu não tenha tempo de pôr em limpo estas ordens e instrucções, determino em nome de Sua Magestade, que valha este mesmo borrão, pelo que me assigno nelle. Tete, 18 de Junho de 1798. — O Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida.

Diario da viagem da Villa de Tete Capital dos Rios de Senna para o interior de Africa, feita por ordem de Sua Magestade Fidelissima que Deus guarde, etc., pelo governador dos meus Rios o Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida, no anno de 1798.

Dirige Domine Deus meus in conspectu tuo viam meam; ut cognoscatur in-terra viam tuam, et in omnibus gentibus salutare tuum. 1798

Introducção. — Mandando-me Sua Magestade Fidelissima, que Deos guarde, na sua Carta Regia de 12 de Março de 1797, que eu fizesse todas as tentativas imaginaveis para descobrir a possibilidade da communicação das duas Costas oriental e occidental da Africa, e não achando em Moçambique, Quilimane, Senna e Tete, pessoa alguma que me podesse fazer resolver sobre o caminho mais trilhado, e menos sujeito ás hostilidades, e opposição, que me poderiam fazer os cafres, talando por suas terras, até agora não pizadas pelos Portu-

1798 guezes, e nas forças, e preparo que deveria fazer, e trazer de Moçambique para seguramente conseguir os fins, a que a mesma Senhora, cheia de hum incançavel zêlo pela felicidade dos seus vassallos, se propunha, empreza esta que em nada cede á de seus augustos Predecessores no descobrimento da Asia, e como tal, a todos parece tão impraticavel, como os coevos daquelle tempo suppunham ser aquella; e por consequencia, devendo animarem-me a dar execução á referida ordem, só procuravam persuadir-me a sua impossibilidade, ajuntando razões que convenceriam animos frouxos, que servem a Sua Magestade mais por modo de vida, do que pelo desejo de serem uteis ao Estado, benemeritos membros delle, e amantes de gloria, tinha deliberado hir neste presente anno para a Manica, como tambem me determina Sua Magestade, e neste intervallo de tempo procurar alcançar do Zumbo algumas desejadas idéas, noticias e informações, que me fizessem assentar no partido que deveria seguir, e quando não as podesse alcançar, fazer para o anno futuro a minha entrada para o interior de Africa, partindo da dita villa do Zumbo por ser o estabelecimento, que temos mais para o interior de Africa, servindo-me de guia as observações astronomicas, verdadeiros praticos das estradas, e caminhos mais breves, e deste modo fazer da minha parte quanto me fosse possivel para cumprir as ordens regias pacificamente, ou repellindo a opposição, e a força dos cafres com forças tambem. Mas Deos que vê as rectas e pias intenções da nossa augusta Soberana, e (segundo vejo) quer annuir a seus votos com a sua occulta, e incomprehensivel Providencia, dispoz as cousas de fórma, que passados trinta e tres dias depois da minha chegada a Tete, me chegaram tambem huns Embaixadores do Rey Cazembe, que reside no interior de Africa, chamados Chinimba, Muiza de nação, Catára da mesma nação do Cazembe, que são Arundas. Elles me deram sua embaixada nos termos que se deixam ver na copia A. De hum natural destes Rios, com quem vieram os ditos Embaixadores, e dos ditos Cafres tirei as informações da copia B, e mandei tirar de outros cafres estrangeiros, que

estavam hospedados em duas differentes casas, e dos mora- 1798
dores de Tete, os depoimentos C e D. Á vista de tudo isto procurei vencer todos os obstaculos, que se me offereciam, e faltas de meios que podessem ajudar, e facilitar a minha entrada para o centro de Africa, tanto pela estreiteza do tempo, falta de conductores das cargas, e soldados em quem me podesse fiar, como penuria de fato cafreal, missanga, velorio, etc., unica moeda que corre nestes Rios, e entre os Cafres, e tambem falta de petrechos de guerra, e me resolvi a todo o risco, e custo obedecer a sua Magestade na presente occasião, a qual de alguma fórma me era muito favoravel para aproveitar-me de 300 a 400 cafres, vassallos do dito Cazembe, que me diziam, e seguravam, acharem-se em Tete, tendo vindo huns em companhia dos ditos Chinimba, e Catára, outros com seu negocio de marfim, e outros finalmente com dentes de presente feito a differentes sujeitos.

A 10 ou 12 de Março expedi as ordens precisas aos Feitores, e Commandantes de Senna e Quilimane, para aprompta-rem o que lhes determinei por huma relação, e comprassem aos moradores e commerciantes, o que não houvesse nas Feitorias, que sempre estão bem desprovidas, e sobre tudo fizessem todo o possivel para que elles o dessem por emprestimo, para se lhes pagar na mesma moeda, mandando vir de Moçambique em beneficio da Real Fazenda: mas elles não estiveram por esta proposta, e sem violencia, que sempre foi contraria á justiça e rectidão de Sua Magestade, não podia conseguir delles o referido emprestimo. Mas o Coronel de milicias de Manica, Jeronymo Pereira, que vendeu o fato, e passa pelo homem de Senna o mais commedido e pacato, foi muito villão, não só porque vendeu o fato por hum exorbitantissimo preço, como porque chegando-me o dito fato a 6 de Junho, e passando o Feitor de Tete na minha presença, a revista necessaria sobre a sua quantidade e qualidade, e esperando todos que o fato fosse singular, em attenção ao seu altissimo preço, succedeu pelo contrario, pois he o peior que se tem visto nestes Rios, como se vê do documento E, e como tal absolutamente inservivel, sendo por outra parte esta qua-

1798 lidade de fato da primeira necessidade, e tão necessario, que sem elle não se póde viajar entre cafres.

Alguns capotins tambem vieram da Feitoria de Senna, e eram da mesma qualidade; e he de notar, que vindo da dita Feitoria 440 capotins, sómente 175 traziam a marca do Rey, o que denota alguma traficancia no Feitor, cujo exame já mandei fazer. Ora a maior parte do fato que vem de Moçambique para as Feitorias destes Rios, he de má qualidade, e sobre isto se me tem queixado o corpo militar, assegurando-me os experientes desapaixonados (eu em Moçambique já tinha estas idéas), com quem me informei, que quando em Moçambique se põem em leilão a compra das fazendas para a Real Fazenda a quem por menos der, os vendedores offerecem amostras de bom fato, porém depois a cousa se faz ao amavel, com prejuizo das partes e da Real Fazenda, pois paga o mau por bom.

O referido inesperado acontecimento me poz em consternação, porque o tempo vai correndo, e temo invernar nos mattos sem poder haver os soccorros precisos, e pensando que não havia modo de supprir a falta dos capotins, e ardeans tão necessarias, como já disse; que a Real Fazenda tinha feito grandes despezas, que não podia dar execução ás apertadas ordens de Sua Magestade; que a não aproveitar-me dos cafres estrangeiros, que estão retidos para servirem nesta expedição, me he impossivel entranhar-me pela cafraria, pela falta que ha de captivos nossos, por causa da mortandade, e deserções que houve nos annos passados da fome, como já disse em outro diario, etc., me deliberei a mandar ordem sem perda de tempo ao Commandante, e Feitor de Senna, para que me apromptassem as ditas fazendas, mandando abrir os armazens do dito Jeronymo Pereira, e tirassem as boas que nelles achassem, para as receber nos mesmos generos quando viessem de Moçambique, em castigo da sua ambição, dolo, malicia, e nenhum interessse pelo Real serviço e bem publico, ficando alem disto obrigado a pagar as despezas, que a Real Fazenda inutilmente tinha feito na conducção do dito fato para Tete.

Por mais apertadas que foram as ordens que dei para que 1798
o soccorro, que mandei vir de Senna e Quilimane chegassem a tempo de poder pôr-me em marcha até 25 de Maio, não foi possivel conseguil-o, não só pelo muito tempo que na viagem gastaram os coxes, por causa da grande enchente do rio, preguiça dos cafres quando não tem quem os desperte e applique, inercia e indolencia dos habitantes destes Rios, como por outras muitas difficuldades, que se encontrarão em hum paiz tão desprovido de tudo, como tenho dito.

He sem duvida, que se eu tivesse tempo de mandar vir de Moçambique os necessarios soccorros, eu iria mais bem provido com outra qualidade de soldados, e não cafres fardados, que mais sabem atirar com flexas, do que com armas de fogo, etc., e a Real Fazenda faria menos despeza; porém, isto he o que eu não devia, nem podia fazer, por ser necessario esperar mais dois annos, para que do Cazembe me chegasse gente de transporte, e esta espera trazia outros muitos inconvenientes insuperaveis, alem de não obedecer promptamente ás ordens apertadas, e positivas de Sua Magestade, como se vê da mesma Carta Regia, na qual a mesma Senhora se explica nestes termos: «Occupando-vos desde que ali chegardes a reconhecer se no centro da Africa», etc.

Ora, pensando eu, e sendo facto certo, que a maior parte do marfim, que antigamente mettiam em Moçambique os cafres Mujáos, conforme a relação que junta á Carta Regia me foi entregue, e a confissão geral dos povos da dita ilha, tinha diminuido consideravelmente, porque os ditos cafres mudaram para Zanzibar e portos circumvisinhos o seu contrato, e que todo este marfim, ou a maior parte delle, sahe das possessões do Cazembe, e por consequencia era preciso fazer com que o dito Cazembe, e seus vassallos, não o vendessem aos Mujáos, ou aos cafres de outra qualquer nação, mas sim aos Portuguezes, e discorrendo que o unico meio que havia de o conseguir, era o aproveitar-me da disposição favoravel de amizade e commercio, com que está o dito Rey a nosso respeito, e mostrar-lhe que podiamos comprar todo o seu marfim com mais lucro seu, do que se o vendesse aos

1798 ditos cafres, que dão por elle pouco fato, e esse cortado, como se deve inferir dos termos com que se explicou na embaixada, que me mandou pedindo *fato inteiro assim como vem de longe.*

Vendo eu por outra parte, que não obstante a utilidade que o filho de Gonçalo Caetano dizia ter tirado nesta sua viagem, á proporção do pouco que tinha levado; que sem attenderem á quantidade de marfim, que o mesmo dizia haver no sobredito reino, os povos destes Rios não se animavam a mandar fato para preencher, e satisfazer a espectação do Cazembe, e dar-lhe boa opinião da utilidade que podia tirar do nosso trato e commercio, principalmente nesta occasião, em que eu mesmo vou ter ao seu Reino, e que como cafre desconfiado por natureza, continuaria a vender seu marfim aos Mujáos, pois não lhe póde fazer conta deixar o certo pelo duvidoso, e ter empatados os seus ramos de commercio, que os Portuguezes para o anno futuro, se acaso se resolvessem a mandar negociar com elle, por verem aplanadas as difficuldades, e impossibilidades que o medo da perda pinta na sua imaginação, não fariam talvez bom negocio por causa da referida exportação; e finalmente tendo ouvido a hum cafre, ou Mossambaz de D. Francisca Josefa de Moura e Menezes, que chegou a Tete a 13 de Maio, e se recolhia depois de ter entregado ao Cazembe hum presente da parte de sua ama; este cafre confessa, que a porção de marfim, cobre, e escravatura, que o dito Rey tem nos seus dominios he grande, e o negocio que se faz vantajoso, me resolvi mandar deitar hum Bando (F); mas daqui nada resultou, como se deixa ver da relação (G), que me foi entregue na conformidade da minha ordem.

Mandando eu fazer antecipadamente huma exacta relação dos Muizas, que existiam, me vi na maior suspensão, pois esperando achar de 300 a 400, como se asseguravam haver, com muito trabalho pude ajuntar 100, pouco mais ou menos, pois huns tinham perecido, outros tinham ido para longe, e outros finalmente não queriam pegar em cargas. Principiei a sentir a falta dos cafres de Senna, que sem razão alguma

tinham fugido, e o receio de que os de Tete seguissem este 1798
mau exemplo, augmentava meu mal. Este receio era bem fundado, pois as pessoas desinteressadas me asseguravam, que haviam fugir, pois as palestres que seus senhores tinham sobre a impossibilidade e perigos desta empreza, se transmettia pelos ditos cafres, e os atemorisava. Eu, para ver se obviava este tão grande mal, os fiz responsaveis pela fuga dos seus cafres; esta foi a providencia, que me occorreu dar. Eu, na necessidade em que me achava de cafres, não me atrevia a fazer nova derrama entre os moradores, pois sómente a primeira, que tinha sido feita com toda a moderação e igualdade, conforme a possibilidade de cada hum, os alterou de fórma, que não obstante possuirem mais de duzentos captivos, e hum ou dois bons prazos da Corôa, se animaram a requerer-me lhes diminuisse o numero estipulado, achando muito o numero de 10 até 15, que deviam dar, advertindo que os cafres ordinariamente vivem na ociosidade, pois todo o trabalho recahe sobre negras, que trabalham muito.

Nesta crise em que eu me via, recorri á heroina destes Rios, D. Francisca Josefa de Moura e Menezes, viuva de dois individuos que governaram esta Capitania. As embarcações desta senhora, sua lotação, e tudo que depende della, e das suas possibilidades, está prompto para o serviço de Sua Magestade. Ella tem o timbre de não negar-se a qualquer cousa, que seja necessaria para bem do Real Serviço, e nisto tem sua vaidade, que nada tem de viciosa pelo bom fim a que tende. Eu lhe expuz o estado em que estavam as cousas nos termos mais patheticos que me lembraram, e lhe pedi com expressões lisonjeiras todo o auxilio que podesse dar a Sua Magestade: ella me respondeu, que á excepção de bem poucos, eu não temesse a fuga dos seus cafres; que alem dos 40, que lhe tinha pertencido dar na derrama, ella daria mais 60, e me segurou, que só ficava com aquelles que eram indispensavelmente necessarios para seu serviço, pois o maior numero da sua escravatura eram negras, que se achavam espalhadas por diversas partes em differentes trabalhos, e a maior parte minerando na Maxinga, por onde eu deveria

1798 passar. Não chegando os 60 cafres para preencher o numero preciso, pois alem das cargas que ainda estavam em Tete sem conductores, todo o arroz que deviamos levar para a viagem, tinha sido preparado no dito lugar da Maxinga, lhe perguntei se em caso de necessidade, e falta de cafres, me poderia servir de negras, pois me constava que ellas trabalhavam mais do que os mesmos cafres. Respondeu-me, que se eu me servisse de negras, iria, se não melhor, pelo menos tão bem servido como com cafres. Aproveitei-me desta aberta para lhe dar a entender, que faria grande serviço a Sua Magestade, e que eu o poria na sua Real presença, se me podesse dar as negras, que me fossem precisas, visto acharem-se ellas na Maxinga, onde haviam cargas sem conductores, e serem cazadas com os cafres que ella me dava para o Real serviço. Sobre esta minha requisição, me disse algumas cousas, que não devo declarar neste diario, mas sim a Sua Magestade em officio particular. Dispostas as cousas como pareceram convenientes, e dando-me auctoridade para levar em minha companhia as negras que eu quizesse, mandou para a Maxinga pelos seus butongas (cafres libertos, que existem, ou moram nas terras da Corôa), e pelas negras do serviço de sua casa, as cargas que estavam em Tete, sem gente que as conduzisse, para serem distribuidas juntamente com o arroz pelos 60 cafres, e pelas negras.

Dia 3 de Julho de 1798. — Aplanadas do sobredito modo as presentes difficuldades, que tanto trabalho e amofinações me deram, e temendo que de novo me apparecessem outras, que me causassem maior demora, me puz em marcha da Terra Nhaufa, Fatiola, distante de Tete tres quartos de legua, pouco mais ou menos, e na margem opposta da sobredita villa, para onde tinha vindo no ultimo do mez passado. O rumo geral que hoje segui foi o do Norte, e passei pelas terras Sonte, Cube, Caboamanga, Pequizo, Condo, Chibambo, e fui pernoitar na Terra Mitondo. Nhaufa, Sonte, e Cube, são prazos da Corôa. De Sonte para diante o terreno he montuoso, e quanto he possivel a estrada se dirige pelos estreitos valles, que ha entre os montes. Só quando chegava

a pouca distancia das casas, ou palhoças das referidas terras, 1798
me parecia que estava em paiz povoado, pois todo o espaço que hoje andei he cheio de espinheiros, com grave incommodo dos passageiros, e inculto por falta de colonos, e preguiça dos poucos que ha, porque os cafres, ou suas mulheres (pois os homens não cultivam a terra), semeiam muito pouco, e do pouco que por esse motivo colhem, pagam o annual tributo ao senhorio, e o resto, alem da massa que fazem, e comem (no Brazil Angû), bebem-no em Pombe dentro de pouco tempo, e o gastam tambem nos supersticiosos ritos dos seus finados. Este he hum costume, que pela sua generalidade ainda entre os Insulares muito distantes da terra firme novamente descobertos por M. Kook, e pelo que eu mesmo observei praticado entre os Indios catholicos romanos das possessões hespanholas da provincia de Moxos, muito me admira. Parece, que o medo natural, que os homens de limitadissimo discurso tem dos fallecidos, he a primitiva origem do tributo que pagam ás suas almas, para que as tenham propicias, e não lhes façam mal, como notou Plinio quando disse — *Timor fecit Deos*. Daqui vemos fomes, que os cafres todos padecem annualmente, ainda que a estação tenha sido favoravel para a boa producção de tudo, que põem na terra. Fugiram alguns cafres no caminho, e fizeram-me muito favor em deixar as cargas, nellas pegaram outros, que nos vem carregando nas maxillas. Esta fuga he muito prejudicial ao adiantamento da viagem, e o exemplo pessimo: a cada instante me parece, que me vem dar parte da fugida de outros: tal he o susto que tenho. Não me foi possivel seguir avante deste logar para outro, onde no dia 2 determinei, que me esperassem os cozinheiros, e por consequencia a ceia foi tal, qual a poderá considerar o leitor, e a cama á proporção; bom foi, que alguns camaradas acostumados a ter todas as commodidades possiveis, vissem o dedo ao gigante logo no primeiro dia, para o não acharem desmarcado quando lhe apresentar o corpo.

Dia 4. — A repentina fuga de mais de trinta cafres deixando as cargas de Sua Magestade ao desamparo, expostas a

1798 serem roubadas, me poz em bastante confusão; mais de 20 foram de D. Paulina Anna de Souza Bragança, a qual tendo-se mostrado muito rebelde em dar os cafres, que lhe couberam por sorte, por cujo motivo mandei, já em termos de romper com ella, que o Reverendo Padre Francisco João Pinto, que se achava hospedado em caza de seu irmão o Commandante de Tete, declarasse *in verbo Sacerdotis* os pacificos meios, de que me tinha servido por meio do mesmo Padre para que ella desse os cafres, pois tinha muitos, para que eu me não visse na obrigação de a castigar, e pudesse cumprir com as ordens de Sua Magestade Ella com effeito passados muitos dias do termo prescripto a todos os moradores para terem promptos os seus escravos, os deu de má vontade; e murmurando como he publico, e notorio. He de notar que he muito antigo, e ainda está em pratica o uso destas derramas de cafres entre as pessoas, que têem prazos da Corôa, quando elles são necessarios para o Real serviço. Este incidente, que eu temia me poz na necessidade de andar pouco mais de huma legoa até o prazo denominado Inhancengeira, onde me esperava a Tropa, e havia meios de nos alimentarmos. Da Inhacengeira despedi o Capitão João da Cunha Pereira para que fosse ao Pequizo, onde presentemente se acha a dita D. Paulina, e lhe mostrasse a ordem, que expedi ao Feitor de Tete, na qual lhe determinei, que puzesse em hasta publica os prazos, que ella possue, se acaso ella se não resolvesse a preencher o numero dos fugidos, pois sendo ella pela sua desobediencia, e similhante procedimento indigna das graças de Sua Magestade, e devendo-a julgar auctora da fuga dos seus cafres, pela má vontade com que os deu nesta occasião, e costumava dar quando meus antecessores tambem necessitavam delles, merecia tambem, que perdesse as ditas mercês com as quaes se tinha ensoberbecido segundo o exemplo dos moradores destes Rios, que possuem extensos, e rendosos prazos. A mesma ordem mandei, que se executasse com outro sujeito, que até agora não deu quatro cafres, que lhe foram arbitrados, mostrando nesta sua má vontade serem vassallos para receberem da Real

Magnificencia graças, mas não para concorrerem sem maior 1798
perjuizo com aquillo, que se faz necessario para huma deligencia de empenho da Mesma Senhora, em que muito interessa Sua Gloria, e ajuda a immortalidade do Seu Nome, sendo tambem conveniente para utilidade destes mesmos povos, e do Estado.

Inhancengeira he o ultimo prazo da Corôa, que temos para este lado do Zambeze, e termina com as terras dos Maraves. Os vales são de huma terra optima, e tudo produz muito bem. Se o foreiro deste prazo tivesse agilidade, e industria podia fazer hum bom estabelecimento, pois he dos melhores, e mais invejados do districto de Tete; mas he hum homem inutil para tudo.

Dia 5. — Assim como os navegantes em hum rijo temporal arrojam carga ao mar para não naufragarem, ou ficarem sossobrados, assim fiz eu neste dia, para não ficar encalhado diminuindo cargas. Principiei a reforma pela cozinha repartindo pelos soldados, e gente que restava, o sal deixando pouco para o gasto. Acabado que seja se póde passar sem este tempero, assim como quem tem fome não precisa de mostarda. Huma frasqueira de chá foi repartida pelos Officiaes, e o mesmo fiz a hum caixote de garrafas de aguardente, ficando eu sem ella, porque nem a posso provar, apezar do intenso frio que faz nesta estação. Dois barrilotes de vinagre, e hum caldeirão ficaram, porque os acidos derrancam o estomago, e o assado he melhor para a saude. Outras cousas padeceram a mesma sorte: diminui muitas cargas, e ficaram sómente as mais essenciaes.

Vendo eu, que alguns dos camaradas estavam desanimados, lhes disse. Que se elles heram fracos, e não estavam dispostos a soffrer incommodos no serviço de Sua Magestade, para que assentaram praça? Que qualquer homem, que se resolvesse a seguir a vida militar, desde o mesmo instante em que tinha a honra de vestir a farda, se deveria julgar morto para melhor desempenhar as suas obrigações: que lhes protestava, que estava disposto a seguir avante, ainda que deixasse quanto me pertencesse, e fosse só com a ca-

1798 misa no corpo, e soubesse, que pouco adiante havia morrer, pois eu tinha, alem da obrigação, muito gosto de cumprir as ordens de Sua Magestade, e presava muito a minha honra, e o desempenho desta diligencia tão recommendada por Sua Magestade, e feita com grande despeza da sua Real Fazenda. Que a elles tocava huma boa parte desta gloria, e finalmente se elles despresavam este bem, que os homens honrados tanto amam, e procuram, se recolhessem, pois eu não queria companheiros, que por nada ficavam desanimados, e eu só me achava com animo de chegar até Angola, ou de morrer nesta diligencia, não só pelas razões referidas, como para não dar gosto a todos os povos destes Rios, e de Moçambique, que fallam nesta expedição abanando a cabeça, como elles muito bem sabiam, e talvez juntamente com elles abanassem a sua. Por vergonha, ou por brio se mostraram mais animosos. Só o Padre Capellão da expedição, o Tenente Coronel de Melicias, Pedro Nolasco Vieira de Araujo, o Sargento mór Pedro Xavier Velasco, e o Tenente da praça de Tete Antonio José da Cruz, não deram indicios de fraqueza, ou irresolução. Gastamos o dia em dar mantimento á gente. Eu era como hum espirito, que ao mesmo tempo estava em toda parte para os despertar, e tambem trabalhava para lhes dar exemplo, e tiral-os da inercia a que estão affeitos. Pela tarde foram chegando as cargas desamparadas nas estradas, vindo conduzidas pelos cafres, que daqui mandei para esse fim; e por fim chegou o capitão, com a noticia de que D. Paulina assombrada pelo raio, que a ameaçara, fora para Tete, para dali mandar cafres com toda a brevidade. Veremos o resultado.

Dia 6. — Toda noite não dormi pensando, ou temendo a fuga dos cafres, e com effeito fugiram 34. A prevenção, e a minha firmeza, me não deixou desanimar. Mandei entregar ao cafre, que governa este prazo, as cousas menos interessantes para que as remettesse, quando chegassem os cafres de D. Paulina, e de seu irmão, aquelle soberbo de Senna, que está doido, e de quem já fallei no outro Diario. Ficou alguma cousa, que me pertencia, porque quiz principiar a justiça por

caza. Já desejo ver-me na Manxinga, porque espero ali me- 1798
lhorar de fortuna. Esta ressurça, e a firme resolução em que estou de não desistir desta empreza, apezar de chegar tarde ao Reino do Cazembe, e de ver-me obrigado a invernar naquella terra para no verão seguinte poder concluir a minha deligencia, me tem socegado o espirito, e feito soffrer com paciencia infinidade de contrariedades, que a cada passo encontro da parte dos cafres, bem como o navegante no meio da tormenta se consola com as doçuras do porto, que demanda, as quaes naquella occasião se pintão na sua idéa com mais atractivos, do que realmente tem. Detestando este Prazo por causa das referidas fugas, levantei campo, e fiz alto já dentro das terras dos Maraves nossos amigos fingidos, e verdadeiros inimigos, pois só procuram meios, e pretextos de roubarem o fato dos Portuguezes, que por ellas passam. Passei por tres pequenas povoações, e em todas ellas estavam os Maraves grandes, e pequenos com os seus arcos, e flexas na mão, porém dispersos, e sem fórma de dar, ou esperar combate. He de notar, que qualquer cafre, ainda muito pequeno não sahe para fóra de caza sem arco, e flexa, ainda quando seja para hir a caza do seu vizinho. Este he hum costume, que jamais perdem, Que gente tão bem fornida, bem feita, e gentil! Não me fartava de os ver. Vieram, na fórma do costume, alguns dos seus maiores pedir alguma cousa gratuitamente por modo de tributo, que costumam pagar todos os Portuguezes, que passam pelas suas terras, e elles mesmos estipulam o que se lhes deve dar conforme a fazenda, ou volumes della, que observam, e as forças do passageiro. Ora hum pobre principiante, que deseja levar suas fazendas para longe, para as empregar com maior ganancia, que negocio póde fazer vendo-se na rigorosa obrigação de pagar este tributo por bem, ou por mal a hum grande numero de individuos, ou Fumos, que governam pequenos Districtos, alem dos repetidos milandos de que se ha de livrar com fato? De necessidade ha de ficar perdido, e o seu credor sem o principal. O terreno me parece optimo, he huma planicie, ou para melhor dizer, hum extenso campestre abundante de regatos

1798 de optima agua. Ao longe se divisam montes mais altos, que os de Tete. Quem dirá, ou pensará, que havendo tão bons Prazos da Corôa, tendo os possuidores escravatura alem dos Mossenses, que de tudo lhes pagam tributo annual, lhes falta mantimento no fim do anno. e' são soccorridos pelos Maraves com milho? He necessario ver para crer. Se não fosse esta a ressurça, e o soccorro, que de Senna, e suas dependencias veio nos annos atrazados da fome geral, que houve em o districto de Tete, pareceriam todos, pois estas terras dos Maraves pela sua frescura, sempre produz algum mantimento, ainda nos annos em que ha falta de aguas. Fóra destes annos não posso deixar de criminar os povos de Tete, pois em quasi tudo parece huma colonia, que principia a nascer. Elles não sabem curtir couros de qualidade alguma; ignoram o methodo de fazer sabão, e o assucar. O superabundante destas cousas podiam servir de hum bom ramo de commercio para toda a capitania de Moçambique, e hera necessario virem de Goa, custarem mais caro, e muitas vezes haver falta, como aconteceu neste anno, e no passado, em que se não achava solla nem para tacões, e o sabão estava a 18$000 réis fortes, sendo o seu preço ordinario 8$000, e 10$000 réis fortes. O assucar, que se gasta em Moçambique, e suas dependencias vem do Rio de Janeiro, e da Batavia; quem o poderá crer? Eu para lhes mostrar a sua inercia, e ignorancia fiz 13 arrateis de sabão. Verdade he, que a falta que achei na cal, e na cinza forte fez sahir denegrido o dito sabão; mas lavava tão bem como o outro, e não se pertende outra cousa. Fiz tambem hum pouco de anil. Como o anno foi muito chuvoso, e estão no costume de plantar cana nos lugares humidos, lhes he preciso neste anno fazer muito tarde o melaço, ou melado com que se remedeiam para fazer algum doce, que não deve apparecer em publico, e para tomarem o seu chá ou café. Vendo-me na necessidade de partir para o interior de Africa, e que não podia estar em Tete na occasião da factura do dito melado (deitam o summo da cana em pequenos taxos, porque os não tem grandes, e o fazem ferver até tomar certo ponto, e depois o batem até tomar

consistencia de assucar, e sem mais outro beneficio servem- 1798
se delle) quiz fazer a experiencia com esta mesma cana aguada: pelo que fui para Sonte, e fiquei pasmado quando vi, que por entre o canavial corria agua. Verdade he, que a extraordinaria cheia teve parte nisto neste presente anno. De quatro pequenas formas, que mandei fazer só huma ficou com pouco assucar coagulado, escorrendo quasi tudo pelo orificio da forma, por não estar ainda a cana em bom estado. Nesta mesma pequena porção deitei o barro, e tive o gosto de mostrar, que não tendo ainda corrido o tempo preciso para todo elle ficar purificado, a parte mais proxima ao barro já estava reduzida a bom assucar na altura de dois dedos. Mas para onde se arrebata o meu discurso, fallando em cousas, que parecem alheias deste Diario? Porém eu não posso deixar de fazer estas digressões, por que pela falta de tempo, e multiplicidade de assumptos me podem escapar muitas cousas, que devo pôr na Real Presença, não só para Sua Magestade vir no conhecimento, que as noticias que lhe têem chegado aos ouvidos, dos Rios de Senna, são sumamente exageradas, para não dizer falsas, mas para dar as providencias necessarias, para se fazer huma colonia florescente para o futuro; porque na verdade destes Rios se póde fazer com tempo, despeza, forças, e remessa de homens habeis nas artes, hum bom estabelecimento. Mandei distribuir as sentinellas precisas com ordem de bradarem humas ás outras todos os cinco minutos, a fim de afugentarem os Maraves, que pela alta noite quizerem fazer algum furto, ou hostilidade, pois não ha que fiar nesta gente, e he justo, que os soldados se acostumem a fazer este serviço: assim fossem elles verdadeiramente soldados, pois nesse caso não hiria eu tão arriscado, pois para prova do que elles são, bastara dizer, que mandando eu em Tete fazer dois exercicios de fogo, para ver o estado em que elles estavam, inteiramente desanimei, não só porque a maior parte delles não disparava a arma, ficando com o cão engatilhado com medo de dar o tiro, como porque não têem destreza alguma em carregar as armas, ainda mesmo os poucos, que não têem medo do estrondo dellas.

1798 Não mandei continuar este exercicio por falta de polvora. Eis aqui o estado em que se acha o corpo militar destes Rios, e os seus Officiaes são tão bons como os soldados.

Dia 7. — Ao nascer do sol partiu a gente de carga, e eu, pelas sete horas e meia. Pela meia hora depois do meio dia fiz alto junto a hum ribeiro á espera da gente, que tinha ficado atrazada. De tarde chegou o Tenente com a novidade, que todos tinham ficado junto a hum regato, distante deste lugar em que me acho tres quartos de legoa, não querendo adiantar-se mais, nem ceder ás instancias dos Officiaes, e soldados, que os acompanhavam, vendo-se obrigados a ceder, e a calar, porque os cafres já tinham pegado nos arcos, e flexas, armas que jamais largam de sy por mais carregados que estejam. Não me causou admiração, ou cuidado a fuga de 5 cafres, que a pouca distancia do lugar da partida largaram as cargas, sendo huma dellas a minha arca de roupa, mas sim o receio que tenho he, de que nesta noite fujam, apesar das guardas que lhes mandei pôr. Para poder remediar este mal, caso venha, faço conta de partir cedo para a Manxinga, e dali mandar o soccorro necessario. Apenas passei hoje por duas pequenas povoações de Maraves, e julgo que as outras estão fóra da estrada, porque repetidas vezes os vi nella feitos espectadores, e segundo dizem os interpretres, muito admirados de ver-me em hum pequeno palanquim em que venho, ajuntando elles, que sendo o Bive seu Rei muito poderoso, não anda dentro de huma caza, como chamam o palanquim.

Dia 8. — Pelas duas horas e meia da tarde cheguei ao logar da Maxinga, onde estão minerando as negras de D. Francisca Josepha de Moura, e poucas de mais dois moradores de Tete. A commissão de que estou encarregado, as providencias, que tenho de dar a tudo em todos os ramos, o tempo, que gasto em pensar nas ressurças para remediar tantas contrariedades em hum deserto, e em prevenir que ellas aconteçam; a inquietação, que me causa a responsabilidade desta diligencia; o ardente desejo, que tenho, de que ella se conclua de modo, que Sua Magestade fique satisfeita, o qual

cresce á proporção das difficuldades; a derrota, o Diario, e 1798
as observações, etc., etc., me trazem tão occupado, que logo fiz marchar os cafres, que achei promptos para o dito soccorro: porém felizmente não foram precisas, porque no

Dia 9. — Chegaram todos. Das negras de D. Francisca, deixadas as velhas, doentes, e pejadas, escolhi perto de 200. Não me foi possivel neste dia hir ver as Minas, pelas razões acima referidas.

Lat. A. 15° 19′ 15″. Var. NO. 22° 50′ 40″.

Dia 10. — Por mais cuidado que punha em municiar os cafres, e em os contentar, para que me não ficasse o escrupulo de terem desertado por maltratados, pois he geral a opinião, de que os cafres não fogem do trabalho, e das bordoadas estando fartos, de nada me serviu este remedio, pois de noite fugiram 52. Esta deserção tão grande, e impossibilidade em que quasi me punha de seguir viagem, me poz em grande amargura, e agora neste instante me dão parte, que fugiram mais 37. Quem tiver conhecimento do meu genio activo, e obediente ás ordens de Sua Magestade avalie a minha afflição: mas todavia me faça a justiça de me julgar ainda com muito animo, e seguir avante, e retroceder quando já absolutamente não poder ser de outra fórma.

Dias 11, 12 e 13. — Despedi o Capitão mór Gonçalo Caetano com o maior numero de cafres carregados, que me foi possivel para ver se postos em viagem não desertavam mais; porém em todos estes tres dias me chegaram partes de fuga repetida delles. A marcha dos cafres he como a dos bois, ou ainda mais vagarosa, e como até agora me não tem chegado o soccorro, que mandei vir de Tete, a estação está adiantada, e pelo muito trabalho, que tenho tido corporal, e de espirito, temo que me venha alguma molestia, que coroe a obra, me resolvo a partir no dia de ámanhã.

Dia 14. — *Qui confidit in Domino non confundetur*, disse o Psalmista, Com effeito, no mesmo instante em que me mettia dentro do palanquim pelas onze horas da manhã, nesse mesmo instante chegaram alguns cafres, que vinham de Tete com parte das cargas, que tinham ficado em Inha-

1798 cengeira. Elles eram 23; mas fiquei tão contente como se me tivessem chegado 23:000 homens. Mandei conduzir por elles as cousas mais essenciaes, e poucos ficaram reservados para pegarem nas cargas, que foram desamparadas na comitiva de Gonçalo Caetano. Legoa e meia adiante da Maxinga me esperava hum cafre fiel do dito Capitão mór, e me disse, que em huma povoação dos Maraves vizinha áquelle lugar estavam 30 cargas sem gente, que as levasse para diante. Mandei o Tenente Cruz, e o Ajudante com os poucos cafres reservados, e a pouco vi chegar a botica, huma arca minha com roupa, huma pequena caixa de lata com quatro frascos de manteiga, e café, e mais duas frasqueiras de vinho, que comprei para as minhas necessidades. Aqui tinha eu lugar de dissertar sobre a insolencia da escravatura destes Rios, fiados nas vizinhanças dos Regulos vizinhos, para onde se passam em incrivel numero, e na facil passagem de huns para outros Prazos da Corôa, onde o usufructuario os recebe com boa vontade, e finalmente sobre o peior methodo, que se segue no negocio cafreal: mas as fadigas, os cuidados, a responsabilidade desta diligencia, e tudo aquillo, que devo fazer por falta de quem me ajude, me tiram o tempo. Só direi, que huma companhia que se sugeite a não ganhar os dois primeiros annos, e a negociar ella mesma com os cafres por sua conta, pelo menos nos ditos annos; huma boa força, que seja composta de bons Soldados, e Cabos, póde indireitar este negocio cafreal, e fazer com que os Regulos vizinhos, principalmente os do Imperador, nos respeitem, não nos façam incriveis roubos, e não dêem asylo aos cafres fugidos. Mas, que Governador deve estar em Tete? Eu o não conheço; sómente direi, que deve ser activo, sabio, prudente, dotado de todas as boas qualidades.

Dia 15. — Appareceram Maraves para pegar nos volumes, e como viram a necessidade em que eu estava, não quizeram pegar nelles sem receberem a paga, cujo ajuste foi bem trabalhado de parte a parte, e por fim cada hum delles recebeu hum capotim (dois pannos) em risco de ficarem perdidos se de noite se ausentarem, como temo aconteça, ainda que me

segura o cafre de Gonçalo Caetano, que elles não hão de fugir. 1798
O soffrivel partido, que tiraram fez com que se ajuntassem mais Maraves, entre os quaes, e os cafres, que vieram de Tete, e tinham ficado reservados (de noite fugiram 3) reparti os volumes, e ficou sómente hum caixão de louça destinado para o Cazembe, pois a pediu, tres poltronas, que tambem exigiu, huma frasqueira de manteiga para o gasto da cozinha, e hum barril de polvora, de que não fiz caso, por ser de tão má qualidade, que sómente serve de augmentar o numero dos volumes. Porém Sua Magestade em Moçambique a havia de pagar como optima. Depois de ter feito aviso para que da Maxinga mandassem arrecadar estes volumes, que pertencem á Real Fazenda, me puz em marcha, e depois de ter andado 2 legoas, cheguei a huma povoação maior do que aquellas, que ha alem da Maxinga. Qual foi a minha admiração quando vi nella a gente, que fiz expedir da Maxinga no dia 12? Examinando eu dos Soldados, que mandei em guarda, a causa de tão pequena marcha responderam-me, que elles não tinham forças para persuadir os cafres a que se adiantassem e que neste dia, tendo elles marchado sómente meia legoa, se deixavam ficar nesta povoação, ameaçando-os com suas flexas se os quizessem obrigar a marchar mais. Eu lhes dei credito, pois o mesmo fizeram aos Officiaes nos dias passados. Que lhes hei de eu fazer? Se eu mandar castigar os mais culpados, fogem todos, e fica a diligencia, e as despezas perdidas. O unico remedio he soffrel-os até ficarem cumpridas as ordens de Sua Magestade, e se Deus me fizer voltar para Tete então obrarei o que me parecer justo. Eu me não admiro da marcha tão curta que fazem, pois assim estão creados; e como os cafres são os negociantes, que seus senhores mandam para as terras dos Regulos, e são senhores da sua liberdade, andam quando querem, tomam muitas mulheres á custa do amo, finalmente fazem quanto desejam. Mandei chamar os Mucazambos (cafres que governam hum certo numero de captivos, e elles tambem o são), e lhes fiz minha pratica, á qual se mostraram sensiveis, promettendo fazer daqui para o diante maior viagem. Mas a experiencia de pouco tempo

1798 me tem mostrado, que no mesmo instante fazem o contrario do que promettem, como homens, que vivem inteiramente entregues á lei da corrupta, e viciada natureza, e sem conhecimento de lei divina, ou humana, que reprima os estimulos da nossa vontade, e liberdade. Veremos se me engano, e o resultado do meu sermão.

Dia 16. — Fugiram os Maraves, e por desgraça para elles hum ficou preso. Esta prisão (segundo dizem os inteligentes) ha de servir de principio de contestações, e de milandos graves, porque os pais, ou parentes do preso hão de voltarse contra os fugitivos; e posto que todos elles sejam ladrões no ultimo ponto, comtudo o furto feito entre elles he castigado asperrimamente, mas ignoro se he crime o furto em geral. Por felicidade appareceram outros Maraves, e se ajustaram a receber seu pagamento na Java. Pelas oito horas e meia me puz em marcha, e huns Maraves, que tinham vindo á estrada para ver tanta gente, pegaram em dois rapazes, e os levaram furtados. Aos gritos das negras acudiu a gente, que estava perto, e atirando hum Soldado hum tiro ao ar, foram livres os pequenos negros (chamam-nos bichos) do captiveiro cafreal. Fiz alto em huma povoação, que está fundada pouco adiante da Lupata. Dão este nome ao lugar, onde quasi que se ajuntam os montes, que formam o vale por onde entrei quando cheguei a Maxinga, e se acaba no feixo dos ditos montes. Esta planicie he bastantemente fertil, pois alem dos regatos, serpenteia hum ribeirão de optima agua. Na Lupata termina o districto do Regulo Bive sujeito ao Rei Unde.

Dia 17. — Todos os cafres se ajuntaram, e disseram, que neste dia queriam ficar nesta povoação: este foi o fructo do meu sermão. Disse-lhes, que eu estava doente, que pelo meio dia fariamos alto, etc., mas a nada disto os brutos se moveram. O receio que tenho, de que todos desertem me fez disfarçar o meu dissabor, e para que elles o não percebessem, lhes mandei dar algum velorio para comprarem pombe, certa bebida fermentada, que fazem de milho. Ficaram contentissimos, e eu depois de ter marcado quatro cabeças mais tei-

mosas, me recolhi para pensar no modo de evitar estas de- 1798
moras tão prejudiciaes aos interesses de Sua Magestade, e dar aos principaes auctores exemplar castigo. Depois de ter pensado muito, e ouvido os pareceres de alguns individuos, que me acompanham, e a José Rodrigues Caleja, que me foi inculcado por muitas pessoas, por homem desembaraçado, e pratico nos usos e costumes cafreaes, ainda que já estou desenganado, que não tem habilidade, ou o prestimo que lhe attribuiram, e depois de os ter reprehendido, por me darem a resposta costumada, quando lhes proponho alguma duvida, a qual vem a ser — ha de se fazer o que V. S.ª mandar —, assentaram, que eu os deveria soffrer até passarmos alem da Java, hum ou dois dias de viagem, e depois lhes deveria mandar aprehender seus arcos, e flexas, queimal-os na presença de todos, e amarrados fazerem a viagem, que me parecesse, mandando-lhes pôr as guardas competentes.

Dia 18. — Como estou entregue á vontade dos cafres até certo tempo, sahi da povoação pelas oito horas, e marchei pouco. Por mais apertadas que são as ordens, que tenho dado, para que todos marchem unidos quanto for possivel, para livrarem-se dos roubos dos Maraves, e estarem promptos os Soldados, que vão distribuidos por entre a gente da comitiva, para acudirem a qualquer conflito, não me he possivel conseguil-o. Por esta causa hoje furtaram hum bicho do Tenente Coronel Nolasco, e a carga que levava outro, pertencente a hum Soldado. Dei ordem, que atirassem ás pernas de qualquer ladrão, e de tarde se poz em execução a dita ordem; porém penso, que o Soldado errou o tiro (não he novidade), porém o Marave deixou a carga, e as proprias flexas, e arco. Ao sahir da povoação marchamos em demanda da cordilheira, que fica para o Nascente, e lhe dei o nome de cordilheira Marizana, e a do Poente Joannina, em memoria da Nossa Augusta Soberana, e Serenissimo Principe, auctores desta empreza, e diligencia, digna do seu Real Animo, e Grandeza. Depois que nos approximamos a ella, a fomos costeando pelo campestre, de que já fiz menção.

Dia 19. — Os Maraves alugados pozeram-se renitentes em

1798 não querer passar da povoação, em que pernoitamos, por mais, que os persuadisse a que fossem ávante, debaixo da pena de perderem o fato, que deveriam ganhar hindo até a Java, na fórma do ajuste. Mandei fazer diligencia por outros á custa dos primeiros; porém vendo eu, que não appareciam, e que ou não havia fazer viagem neste dia, ou as cargas tão necessarias ficariam perdidas, tomei a resolução de os mandar segurar com astucia para cumprirem por força o estipulado, e para mostrar a estes ladrões, que os não temo, nem hei de soffrer os insultos, que fazem aos fracos commerciantes, quando atravessam suas terras. Todos os cafres da povoação pozerão-se em fuga vendo aquella repentina acção, porém á primeira voz pararam ouvindo dizer-se-lhes, que nada hera com elles. O Fumo da povoação (qualquer povoação por pequena que seja, tem hum cafre, que a governa: a este chamam Fumo.) Vendo o fato, que mandei vir, unico toque de chamar, que entendem, fez apparecer Maraves, e sobéjaram muitos. Tendo marchado tres quartos de legoa, entrei por hum boqueirão da cordilheira Marizana, e depois de huma suave subida, nos adiantamos pelo campestre, que ha entre as serras, que se vão seguindo, e fazem hum todo composto de montes, e de vales ferteis, e povoados. Fiz alto junto ao maior ribeirão, que até agora tenho encontrado chamado Carazipire. Aqui me chegou a parte de huma guerra civil, que ali perto tinha havido entre os cafres de D. Francisca, e os poucos do Capitão João da Cunha Pereira, a qual este homem de má cabeça. e de peior lingua fomentou, e foi da maneira seguinte, conforme a representação que me fizeram os cafres principaes, a quem ouvi na presença dos Officiaes, exceptuando o dito Capitão Cunha, para que a pessoa que me serve de interpretre me não faltasse á verdade do que elles diziam pois os assistentes como nacionaes ou veteranos no paiz, muito bem os entendem. Disseram elles, que passando o dito Capitão pela estrada, vira huns cafres com a carga em terra descançando, como costumam, e he preciso. Disse-lhes o Capitão que seguissem viagem; ao que responderam, que estavam descançando, e depois continuariam a

viagem. Não satisfeito o dito Capitão com esta resposta, in- 1798
discretamente deu algumas bordoadas, dizendo-lhes na mesma acção. «Andem bebados, que tua senhora he a que tem culpa de se fazer esta viagem, pelos muitos cafres que deu; e se vocês tivessem fugido, como têem feito outros, o Sr. Governador não hiria para diante.»

Disseram mais, que o dito Capitão já lhes tem dado (sem eu o saber) por duas ou tres vezes, e que elles já não tinham fugido, porque sua senhora D. Francisca lhes encommendou muito, e ordenou, que me não desamparassem, que fossem para onde eu fosse, e morressem onde eu morresse; porém que se o Capitão continuasse a maltratal-os, se veriam obrigados a fazel-o. Que elles se tinham opposto aos cafres do indiscreto Capitão, porque os maltratados levantando os arcos para livrarem-se da maior força da pancada, entenderam aquelles, que os cafres se queriam oppor a seu senhor, e daqui tivera origem a desordem, na qual não houve outra novidade mais, do que approveitarem-se os cafres do Cunha desta occasião para deixarem as cargas de Sua Magestade na estrada, e fugirem. A ser verdadeiro o depoimento dos cafres pelo que pertence a reprehensão, que lhes deu João da Cunha Pereira por não terem fugido, não fica lugar para pensar, que antecedentemente este mau companheiro teria induzido os seus, para que se approveitassem de qualquer motivo para o fazerem, ficando elle illeso da culpa, principalmente querendo elle mandar da Maxinga para Tete tres dos ditos seus cafres, vendo muito bem o aperto, e necessidade em que eu estava? O certo he, que o Furriel do pequeno corpo, que me acompanha susteve os cafres, que me conduzem no pequeno palanquim, para que não desertassem na madrugada deste dia, pelas injurias, que o Capitão lhes disse, das quaes eu ouvi huma boa parte, porém calei-me, pois julguei, que o fizera com razão, e estava á espera da parte, que me devera ter dado. Quando o Tenente Coronel Nolasco, e mais alguns Officiaes chegaram ao lugar da peleja, pois vinham cobrindo a retaguarda, acharam todos os negros, e negras de D. Francisca juntos, e lhes disseram, que os estavam esperando para

1798 lhes fazerem entrega das cargas, e depois voltarem para Tete; pois não podiam soffrer o Capitão. Disseram tambem o mesmo, que depois me representaram sobre a reprehensão, e não sei se diga conselho, que lhes dera o Capitão, e tambem as recommendações, que tinham tido da sua ama. Os ditos Officiaes finalmente os reduziram a que pegassem nas cargas, e me viessem representar suas queixas, pois eu os havia attender. Com boas palavras, e huma pequena dadiva contentei os principaes de entre elles, e se recolheram satisfeitos. Mandei dar huma aspera reprehensão ao Capitão, como cabeça de motim, e tambem ter escandalisado a alguns camaradas. Como o facto acima referido requer maior informação, e averiguação, verei depois o que devo fazer, alem da dita reprehensão.

Passei por hum lugar, que denominam Murambalo, e todo aquelle terreno me pareceu aurifero.

Dia 20. — Não foi só na minha comitiva, que houve combate. Na do Capitão mór da Maxinga, com quem me encontrei pelas dez horas, houve pancadaria com os Maraves pelos roubos, que intentaram fazer.

Dia 21. — Cheguei a Java, e ao pôr do sol me disse hum enviado de Mussidansaro, da parte de seu amo, que tendo os Maraves roubado hum volume de velario pertencente a Sua Magestade, que lhe tinha sido entregue para o mandar conduzir pagando-se a quem o carregava, fôra elle cercar a Povoação dos Ladroens, prendêra tres, e para os soltar lhe deram o Velorio, e que elle para os castigar lhes tomára quanto milho pôde, e que por essa demora não podia vir ter commigo a Java. Este Principe Mussidansaro, hum grande velhaco, debaixo do titulo de homem de negocio, veiu da parte do Cazembe visitar a D. Francisca Josepha de Moura e Menezes, a quem chamam Chiponda, isto he, Senhora que tudo piza com os pés, pela fama que della lhe tinha chegado aos ouvidos, e a pedir-lhe, que lhe mandasse hum filho seu, que queria ver. D. Francisca aproveitou-se desta occasião para dizer-lhe, que para fazer o gosto a seu Amo Cazembe me mandava, pois eu sou seu filho, e como tal lhe recom-

mendava, que me não desamparasse, e defendesse de alguns 1798
inimigos, que me quizessem fazer algum mal. O Cafre não cessa de repetir estas palavras.

Como as Amazonas já vem cansadas, e temo, que a maior parte dellas fiquem pelo caminho estropeadas, ordenei a Gonçalo Caetano (o escandalo dos moradores de Tette, e contra quem todos se tem rebellado, sem terem outro motivo mais, do que os Cafres que lhes pedi); que mandasse ajuntar Maraves para conduzirem cargas até o Rio Aruangoa, e assim passarem para os Muizas, e como he grande o numero dos Maraves, que mandei convocar, me demorarei neste logar alguns dias. Passei hoje duas vezes pelo Rio Aruangoa, verdadeiramente grande Ribeiráo, em hum lugar se passa com agua pela curva das pernas nesta estação, e no outro por cima de huma ponte de canas (Bambûz) atadas humas ás outras. Nesta parte de Africa já tenho noticias de tres Rios com o referido nome. Este he hum delles, o segundo aquelle, que vae caír no Zambeze junto ao Zumbo, e serve de limites as terras dos Maraves e Muizas; e o terceiro está entre Sena, e a Manica nas terras do Barve. As minas da Java, ou Bar (como aqui lhe chamam) foram descobertas ha sete para oito annos por Gonçalo Caetano. Hoje trabalham nellas as negras de hum só morador de Tette, as quaes se entranharam pelos matos, quando tiveram noticia da minha chegada, pois temiam, que eu me servisse dellas tambem, e não se enganaram, pois no estado, em que estavam as cousas tudo me fazia conta. Póde ser, que estas minas sejam rendosas, mas estejam desprezadas por não saberem trabalhar. Todos sabem, que nem sempre se acha oiro perto da superficie da terra, e que para o tirar estando profundo he necessario fazer-se grande escavação. Logo que as mineiras dos Rios de Sena não acham oiro á superficie, desamparam aquelle logar como pobre. Absolutamente ignoram o encanamento, e nivelamento das aguas, sem cujo soccorro jámais se poderá tirar oiro em conta ainda nas melhores lavras. A falta de ferreiros he outro impedimento ou embaraço, que se ajunta aos mais para não se poder fazer huma rendosa mineração. Vi na Maxinga

1798 estarem esgotando huma porção de agua estagnada com cestos tão bem tapados quanto era possivel e neste «litus arare» se occupavam muitas negras. Conhecendo eu os erros, e defeitos não os posso mandar por falta de tempo, e ainda que o tivesse por falta de officiaes de todos os officios necessarios para o referido fim. Este he o estado dos Rios de Sena, cuja fama chega até ás nuvens.

Dia 22.—Gastei o dia em municiar a gente, e em aturar as impertinencias e requerimentos dos Cafres, e Muizas tambem, que me vão gastando a paciencia, e servindo-me de purgatorio. De tarde fui visitar o aquartelamento dos Muizas, e me pareceu estar dentro de huma povoação de artistas. Cada huma familia, ou cada hum individuo que a não tem, estava dentro de pequenas barracas feitas de ramos de arvores, e em todas ellas soavam as pancadas que davam nas cascas de paus com huma especie de machadinha tambem de pau para as estenderem, e fazerem seus pannos. Com estes pannos se vestem, e compram mantimento aos Maraves. Estes Maraves não tem industria alguma, occupam-se sómente na plantação de milho, batatas e inhames (no Brazil chamado Cará) de consideravel grandeza, e em roubar os passageiros. A aste do milho cresce á altura de duas braças e meia. Daqui se póde vir no conhecimento da bondade, e fertilidade do terreno. No tempo das fomes, que houveram em Tete, até aqui vinham, ou mandavam os moradores comprar mantimento com grande custo, e trabalho; pois como estes vales são muito frescos, não faz nelles muita impressão a falta das aguas das chuvas. Ha tambem abundancia de feijão chamado no Brazil feijão guandû, e aqui nhamudoro.

Dia 23.—Até agora sete horas da noite não tem apparecido os Maraves, que estou esperando para carregarem cargas, mas tive aviso, que os estavam ajuntando; se elles me faltarem hei de ver-me perplexo, e já ando pensando no modo de remediar este inconveniente, que não ha de ser pequeno, pois julgo, que me serão precisos 150, pouco mais ou menos. Nesse caso só as negras me podem tirar do embaraço, e assim mesmo muita carga ha de ficar, porque al-

gumas não podem hir ávante, e não posso preencher o seu 1798
numero com as que mineram neste lugar, ou Bar, como lhe chamam, porque todas as negras, e negros se esconderam no mato. Tiraram me muita parte do tempo, e esturgiram meus ouvidos os dois Muizas Chinimba, e Mussidansaro pela questão, que entre elles se suscitou sobre qual delles deveria ter a preferencia de levar-me ao Cazembe, como se explicam, pois pintam na sua imaginação as grandes honras e mercês, que lhes ha de resultar, e fazer seu Rey pelo dito serviço, por este futuro contingente já queriam ter superioridade hum sobre o outro. Chinimba alegava, que tinha vindo antes de Mossidansaro com a embaixada, que seu Rey me mandou, e Mossidansaro dizia em seu favor, que o Cazembe mandara pedir por elle a D. Francisca hum filho seu, e que esta senhora lhe fizera entrega de mim, dizendo-lhe, que eu era seu filho que ella mais amava, e lhe tinha feito grandes recommendações a meu respeito. Eu fui eleito para decidir a questão, e lhes disse, que Chinimba e Catara foram enviados pelo Rey directamente a mim com a embaixada, na qual pedia a nossa amizade, que fundassemos na Aruangua huma Povoação, etc., e que eu para certifical-o da nossa amizade, ia escolher o lugar para se fundar a Povoação, e tratar com elle de huma vez, e sem as delongas forçosas as condições do commercio, me resolvi a procural-o mais para utilidade sua, do que pela nossa, e que por esse principio Chinimba, e Catara me levaram. Mussindansaro tambem tendo sido enviado pelo mesmo Cazembo a D. Francisca Josepha de Moura para pedir-lhe hum filho seu, pois o queria ver, me levava igualmente, pois eu era filho da dita Senhora (Mussidansaro com effeito está persuadido, que o sou, ou porque tendo a dita Senhora entre os Cafres, e Brancos tambem o justo epitheto de grande, e como tal considerando-me elles inferior a ella me tinham por seu filho, bem como elles chamam filhos a todos os que lhes estão sujeitos; ou porque morando eu de proximo em huma parte das suas casas, porque as da residencia se estão construindo de novo, e não ha outras onde me possa aquartellar estejam convencidos de que sou filho da dita Se-

1798 nhora). E sendo isto assim, hum me levava como Mambo, ou Grande, e outro como filho de D. Francisca, e assim como elles não podiam dizer qual de dois filhos meus era, ou se fazia maior por algum serviço que houvessem feito mas sim eu só sabia, e podia distinguir, e avaliar o seu merecimento, assim tambem eu não podia dar preferencia, nem a Chinimba, nem a Mussidansaro, e que só depois de chegarmos a Cazembe lhes poderia fazer justiça, que só lhes lembrava que elles todos tinham hum Rey a quem obedeciam e temiam, e que elle sabendo estas disputas as poderia levar muito a mal, e mandar-lhes cortar as cabeças; pelo que ficassem acommodados, e amigavelmente fizessemos nossa viagem para não desgostarem a seu Rey, e a mim, e elles talvez ficarem perdidos. Quizeram continuar a disputa; porém o espirito, e a eloquencia de hum frasco de aguardente, que lhes mandei dar, os convenceu mais do que as minhas razões, e os convenceria ainda, que ellas tivessem o espirito, e força das orações de Cicero, e Demosthenes juntamente.

Dias 24 e 25.—Pela pratica que tenho tido nestes poucos dias de viagem, do costume dos Maraves, sabia muito bem, que em hum delles recebendo a paga para carregar qualquer carga, logo todos seguiam seu exemplo, e se ajuntavam de repente: Os poucos que vieram exigiram tão grande jornal, contra o que até agora elles tem praticado com alguns Portuguezes necessitados, que por estas suas terras tem passado, que me vi na precisão de lhes não dar, e accentei, que melhor seria continuar a viagem com as negras do modo, que me fosse possivel, do que convir em dar lhes a paga que pediam. Mandei pois repartir pelos soldados, e resto da comitiva quasi toda a farinha de trigo, sujeitando-nos a comer massa de milho (no Brazil Angû), que devemos comprar nas Povoações que encontrarmos, em logar de pão. As frasqueiras de caxassa, aguardente do Reino, que vinham para alguma precisão, e presentes para os Regulos tiveram a mesma sorte, assim como o sal, o resto do vinagre, e tres frasqueiras de toucinho. Quem come sem vinagre e sal, tambem póde comer sem toucinho; nisto não ha novidade alguma, salvo se

a puzer algum que peca na gula por causa do picante, e sa- 1798
boroso gosto dos manjares, e aquelles que dizem «Deus meus venter est», ou vivo para comer, e não como para viver. Não foi sómente a exorbitancia do estipendio, que pediam os Maraves a causa deste meu procedimento. Se eu lhes desse o que pediam, haveria huma especie de sublevação entre os Muizas na pretenção de maior contribuição, e com muita razão. Trariam as cargas, como por vezes já tem feito por cousas insignificantes, e as largariam junto á Barraca e sahiriam. E que lhes havia eu fazer? Eu que não tenho forças para castigar os escravos que me acompanham, e que fazendo da necessidade virtude os soffro com animo alegre, e disfarçado, só para que não fujam, e me obriguem a não cumprir as ordens de Sua Magestade.

Dia 26.— A indisposição com que estou não me embargou a viagem. Depois de alguns dias de descanso sempre a saida do pouzo se faz morosa, não só pela preguiça dos Cafres, como pelo tempo, que se gasta na distribuição das cargas, em cuja obra tem havido muitas alterações pela falta dos Cafres, e fuga delles, pois ainda na Java fugiram 27. Atravessei a serra, que nos ficava para o Nascente, e fiz alto nas margens do pequeno Rio Chigumuquire, onde me veiu hum enviado do Regulo que governa as terras, que ficam para alem deste Rio, pedir algum fato para vestir. Raras vezes passam por estes logares os Portuguezes, e por consequencia o fato he muito procurado, estimado e exigido por meio de todas as traficancias, e idéas de que podem servir-se. Cobrem as partes pudendas com pelles de tigres, ou pannos feitos de cascas das arvores, pouquissimos trazem fato, e este mesmo muito velho. Como estes Cafres não se occupam na mineração, não tem marfim, e apenas alguns escravos, vivem pobremente a respeito de fato, e se occupam em escogitar os meios de roubarem alguns passageiros, os quaes por fracos, e com justo medo do grande numero delles fazem, e dão o que elles exigem: este o motivo porque elles se tem feito arrogantes, ratoneiros, ladrões, e muitos moradores arruinado a si, e a seus credores.

1798 *Dia 27.*—Soffrendo a insaciavel sede, e intenso frio da sezão, que me principiou pelas cinco horas da madrugada, me puz em marcha pelas oito horas da manhã. Huma das maiores desgraças, que considero poder acontecer ao homem he o tratar com pessoas a quem falta o senso commum, e tem absolutamente indifferença para o bem, e para o mal, só o sentem quando o soffrem, e finalmente não se deixam vencer da razão. Eu estou neste caso a respeito dos Cafres. Não ha razão, que os convença, que devemos marchar unidos, quanto nos for possivel, para podermos resistir aos inimigos, que se nos quizerem oppor, e evitar os roubos; que devemos saír mais cedo para adiantarmos a marcha, a fim de que se não acabe a caixa militar, e depois venhamos a caír na ultima necessidade, etc. Emquanto elles não vem, que eu sigo viagem, não partem, e estão escondidos pelos matos. Esta a razão porque segui ávante com animo de fazer alto no logar, até onde visse, que elles poderiam chegar, como tambem me requereram os officiaes; e para descansar de huma vez por causa da sezão, que era forte. Fiz alto perto do meio dia, e me chegou aqui a noticia de que os Maraves nos tinham insultado, roubado e feito violencias. Como eu me achava com notavel abatimento, vehementes dores de cabeça, e absolutamente impossibilitado de poder voltar; porque tambem considerava estar toda a desordem acommodada, despedi o Sargento mór das ordenanças José Roiz Caleja, que por puzilanime não foi de boa vontade, e fiquei com a guarda competente, pois toda a nossa força tinha ficado distribuida pela comitiva como he costume. Pelas quatro horas chegou a nossa gente, á excepção do Capitão mór da Maxinga Gonçalo Caetano, o qual tinha ficado na povoação dos Maraves com a sua gente, e a que vem a seu cargo, e os Muizas. Ordenei ao Tenente Coronel de Milicias Pedro Nolasco Vieira de Araujo, que me désse huma exacta, e veridica informação do facto, por se ter achado presente, a qual he do teor seguinte, e conforme as informações, que todos os officiaes vocalmente me deram.

No dia 27 do corrente seguiu na vanguarda o sr. Governa-

dor na fórma do costume, e o acompanhou o Reverendo Padre Capellão, o Sargento mór das ordenanças José Roiz Caleja, e o Ajudante da Praça de Sena José Thomás Gomes, seguiu-se depois o Capitão mór da Maxinga Gonçalo Caetano Pereira, o Capitão João da Cunha Pereira, e depois destes o Sargento mór de milícias Pedro Xavier Velasco, os Tenentes Antonio José da Cruz, Manuel dos Santos Silva, Antonio José Pereira Salema. Chegando os ultimos a huma povoação dos Maraves, encaminharam-se a elles tres destes Cafres, embaraçando-lhes a marcha,.e querendo pegar no gado, que vem para o sustento dos officiaes. Chegou a elles o Sargento mór Velasco, e perguntando-lhes o que pretendiam fazer, e porque embaraçavam a marcha do gado? Responderam os soldados, que vem acompanhando o trem de Sua Magestade, que os Maraves exigiam paga dizendo, que o gado tinha comido algum milho da sua lavoura, e neste tempo chegaram mais Maraves dizendo, que esta terra não era de Muzungos (Brancos), que para poderem passar lhes deviam pagar algum donativo, e que não o fazendo assim, levariam o gado, por lhes ter comido seu milho; nesta porfia lhes disse Velasco, que se algum delles tivesse o atrevimento de pegar no gado, que logo ahi ficaria morto com hum tiro de espingarda, o que ouvido por elles, e vendo esta resolução, dissimularam seu intento, e com palavras mais brandas disseram, que isto era brinco de rapazes; porém que sempre se lhes deveria dar alguma cousa para acabar este milando. Vieram seguindo-os, e a nossa gente até outra povoação, em que Velasco e o Tenente Cruz encontraram-se com Gonçalo Caetano, e o Capitão Pereira. Foram os ditos Maraves representar ao Capitão mór da Maxinga, que se lhes deveria pagar o que fica dito. Querendo-os acommodar Gonçalo Caetano lhes mandou dar hum Chuabo de Velorio (20 fios), e não o querendo acceitar lhes deu mais hum capotim (dois pannos); porém os Maraves tenazes e ufanos pelo que tem feito, e praticado com os pobres mercadores, que por aqui se tem passado, não só não o quizeram acceitar, mas tambem lhe atiraram com elle á cara. Vendo isto o Capitão Cunha Pereira quiz retirar-se 1798

1798 do logar em que estava esta pendencia, e mandando que os seus negros carregassem a manchila, não o consentiram os Maraves, pegaram na dita manchila, e lutando com os Cafres do dito Capitão estes por fim se desembaraçaram, e voltaram os Maraves para a Manchila de Gonçalo Caetano tiraram-na das mãos dos seus Cafres, e a foram esconder no mato, e ao mesmo tempo acommetteram ao gado e pegaram em huma vaca. Vendo os nossos Cafres este furto feito tanto ás claras avançaram-se aos ladrões, e lhes tiraram das mãos a vaca dando-lhes muitas bordoadas, e cutilando a dois, que não haviam de ficar em bom estado. Os Muizas que estavam á mira saltaram com parte da nossa gente sobre os Maraves maltrataram quantos apanharam ferindo os na cabeça tomaram-lhes as flexas, e os pozeram em acelerada fuga. Os Muizas passaram depois a destruir as povoações vizinhas, e arrasaram seis tirando das casas quanto nellas acharam, e se apossaram do milho que poderam. Gonçalo Caetano sempre levou algumas pancadas, Vasco Joaquim Peres escapou de ser morto á traição com huma zagaia, Velasco escapou de huma flexada. Foi preso o Fumo da povoação e outro Marave para darem conta da manchila do Capitão mór, e dois mutores de Velorio que foram roubados na occasião da pendencia, e com effeito tudo appareceu. Não deixei de estranhar aos officiaes tanto soffrimento, e o não terem mandado fazer fogo sobre estes ladrões, e deixarem que elles se fizessem tão arrogantes, e soberbos.

Dias 28, 29 e 30.—Chegaram os Muizas ao logar onde eu me achava aquartelado, os quaes tinham ficado no logar da pendencia disfructando o saque. Aqui me desenganei que elles são antropophagos, pois na letra da sua cantiga diziam, que se este caso fosse acontecido na sua terra, haveria neste dia muita carne assada. A minha molestia cresceu de fórma, que desconfiei de mim mesmo, e não tive outro remedio, que recorrer á agua de Inglaterra contra os votos dos medicos que vem na comitiva, os quaes apenas sabem ler. Para elles não ha mais que tres molestias neste mundo, que vem a ser constipação, mordaxim e fraqueza. No dia 30, me vieram re-

presentar que não havia mantimento para a gente, nem povoação vizinha, e que já tinha fugido hum grande numero de Cafres. Ordenei que no dia seguinte, se eu não estivesse em termos de poder dar algumas ordens pegassem em mim da fórma, que estivesse, me mettessem no palanquim, e fossemos para diante em demanda de mantimento, e se não embaraçassem com a minha molestia, e deploravel estado em que eu me achava. 1798

Dia 31.—A quina já tinha substado o crescimento da molestia; esta era a unica melhora com que eu me achava, e não era pouca cousa. Fui em braços para o palanquim, e da fórma que me foi possivel fui marcando os rumos para não perder o fio da derrota.

Dia 7 de agosto.—As febres me não deràm logar para continuar o diario até este dia. Basta dizer, que até hoje não houve novidade memoravel, nem cousa que deva notar-se mais, do que ter atravessado os pequenos Rios Ruy e Bua, que cae no Chiri. Até agóra tem sido tão pobres e miseraveis as terras por onde tenho passado, que, á excepção de milho, batatas e inhames, amendoim e poucas bananas, não ha cousa a que se possa voltar, porém estas cousas ha com abundancia e em conta. Basta dizer, que na minha molestia não tive o mais pequeno frango para alimentar-me, e não houve outro remedio, que sustentar-me com agua de arroz. Não ha hum passaro por pequeno que seja, nem indicios de caça de qualidade alguma. Póde ser que os Cafres, acabado, que seja o milho e batatas, que colhem, obrigados da fome declarem guerra até ás borboletas, e esta inimizade e mortandade tenha extinguido a caça das aves e animaes. Daqui senão tira hum só dente de elephante, alguns escravos servem sómente de ramo de commercio, pois tendo oiro estas terras, elles não tiram hum só grão delle. Porém de hontem para hoje já appareceram gallinhas, cabras e gado vacum. Se elles não fossem inteiros andariam mais gordos e vistosos; isso não obstante são grandes tanto as vacas como as cabras, e não tem aquelle mau cheiro de animaes inteiros. Sempre ouvi dizer, que esta, ou aquella cousa era tão má como a

1798 carne de cabra: este adagio não tem logar a respeito das cabras dos Rios de Sena, e desta terra, pois sem exageração a sua carne he muito melhor e saborosa de que o carneiro de Lisboa, e della se gasta nas mesas fartas, francas e delicadas. Já principia a apparecer marfim: no Rio Uzereze estreito, mas profundo, que cae ao Xire unido com o Rio Bua, estavam huns Cafres, que commerceiam para Moçambique, e são mercadores volantes. Não conversei com elles, porque logo, que souberam, que vinhamos, se ausentaram. Fiz alto nas margens do Uzereze perto da povoação do Rey Mucanda, o mais poderoso em gente, e temido Rey Marave destas partes, mas elle estava com muito medo da nossa fraqueza.

Dia 8.—Quasi todo o caminho que tenho feito posso dizer, que entra no numero das voltas ou rodeios, pois quasi todo elle tem sido para o NNO. pouco mais ou menos; mas de hontem para hoje tem a estrada tendido mais para Poente: esta volta he que faz muito distante a residencia do Cazembe. (Suppondo que existe no interior de Africa), e augmenta consideravelmente a viagem para a Costa Occidental, alem de outros embaraços, que a cada passo se encontram por causa dos Cafres das cargas. Depois que atravessei a cordilheira, por cujos vales marchei desde a Maxinga, tem havido falta de agua. A que se encontra nas povoações he tirada de covas, e tão branca como o leite. Fiz partir com antecipação para o Cazembe o Sargento mór de milicias Pedro Xavier Velasco, que voluntariamente vejo servir a Sua Magestade nesta expedição, com escravos seus armados, levando em sua companhia o Alferes de Milicias Manuel Caetano Pereira. Ao dito Velasco entreguei as instrucções da copia apença a este diario. A carestia, ou falta de sal nestas terras he tão grande, que entra no numero dos generos de commercio, e he muito pouco. Hoje vi huma Marave estar fazendo sal. He huma lixivia extrahida de cinza; apenas tem o picante proprio da lixivia, sem semelhança alguma ao picante, e sabor do sal. Porém elles acostumados a este sal acharam talvez nelle a mesma graça que nós achâmos no sal commum. Eu, entre os indios dos sertões do Rio Negro na capitania do Pará vi

hum sal, que sómente differia do sal marino na côr denegrida, 1798
porém não no gosto. Elle era tirado de huma lixivia feita das cinzas de huns cocos pequenos, e silvestres.

Dias 9 e 10.— Os cafres não contentes com tantos dias de descanço como se póde ver deste diario, e do mappa e escandalisados de eu marchar huns dias pelos outros duas leguas e meia pouco mais, ou menos pozeram-se renitentes em não querer marchar, e fizeram retroceder alguns, que já estavam adiantados, e eu não tive outro remedio, que ficar no logar, ou povoação chamada Chitenga á espera delles. A sem razão destes Cafres está manifesta por este diario; mas os culpados destas desordens são alguns individuos da comitiva, contra os quaes procederei a seu tempo, pois tudo por agora devo soffrer, e disfarçar só para que se conclua o fim da diligencia, visto eu não ter poder de dar hum exemplar castigo mandando enforcar algum cafre, ou branco, e serem estes tão poucos, que he necessario disfarçar para haver quem trabalhe. Chegarão hoje 10 de Março os ditos cafres, e ámanhã seguirei viagem.

Dia 11.—Foi preciso fazer alto pelas dez horas e um quarto, porque os cafres costumam passar a noite neste lugar, como me explicou hum official da comitiva. Se agora estivesse muito distante delle era forçoso com effeito parar, porém podendo-se seguir mais ávante sem que todavia se fizesse jornada longa, só porque os cafres costumam aqui ficar, he este hum caso, e huma razão que me desespera, e tira algum tempo de vida considerando, que se augmenta a despeza, que talvez nos venha a faltar recurso para comprarmos mantimento pelo risco, e toda a probabilidade bem fundade, que tenho de invernarmos dentro da Africa, e sobre tudo pelo receio que tenho, de que neste anno não me seja possivel dar inteira execução ás ordens de Sua Magestade. Estas reflexões, a necessidade que tenho de soffrer os cafres, e este seu pessimo costume para que me não deixem só nestas terras; o pasmo em que me põem a conformidade, que acho no modo de pensar dos cafres com o de alguns brancos, que me acompanham, e que me foram inculcados

1798 como intelligentes nos usos e costumes cafreaes, me fazem huma effervescencia no sangue, que não posso dulcificar com a reflexão, e uso da razão tal qual Deus me deu, pois olho para o futuro: a intelligencia dos usos, e costumes de que se jactam estes chamados praticos, eu ainda não descobri nelles outra mais do que terem adoptado os seus usos e costumes, religião, superstição, e todos os seus abominaveis vicios, que reunidos aos proprios os fazem detestaveis. O Tenente Coronel Pedro Nolasco, e o Sargento mór Pedro Xavier Velasco são os unicos individuos, que aqui vem fieis, e capazes de desabafar com elles, e nisto acho tal, qual allivio. Ora pois, de tudo me esquecerei; tudo darei por bem feito se eu tiver a fortuna de cumprir com as ordens de Sua Magestade, e de se dar a mesma Soberana Senhora por bem servida com os meus fracos trabalhos. Do Mocanda até Aruangoa habita outra Nação chamada Mutumbuca misturada com Maraves, sujeita ao mesmo Marave Mocanda, o qual tem seus filhos empregados no governo destes Mutumbucas. Geralmente falando todos os Cafres destas terras, Maraves, como Mutumbucas são bem figurados, e robustos; mas as mulheres são horrendas, ou para melhor dizer se fazem horrendas pelo uso que tem de furarem o beiço superior, e introduzirem neste buraco huma roda de marfim, ou de cabaço de mais de huma pollegada de diametro, de sorte, que se póde dizer, que o beiço serve de chapeu de sol da boca. Vi huma só de entre ellas com o beiço inferior semelhantemente furado, e arrolhado. Os homens usam nas orelhas de estrellas de calaim, de argolas do mesmo, ou finalmente de huns gomos de bambûs, ou cannas, de perto de hum palmo de comprido, e pelo corpo humas riscas á maneira de estrellas, que tem sua graça. Do velorio fazem varios ornatos para a cabeça, e trazem no pescoço grandes enfiadas delle ou de cauril. Este velorio he verdadeiramente o da primeira sorte, que não vem aos Rios de Sena, onde o da segunda sorte passa pelo da primeira. Outros repartem os cabellos em tantas partes quantos são os canos, que podem formar da grossura do cano de huma pena de escrever, e cada huma destas partes estão en-

leadas com cascas de arvores desde a raiz do cabello até á 1798
ponta do mesmo, e tão apertados, que ficam durissimos, e parecem outros tantos espetos, que saem da cabeça. Poucos, principiam a atal-o acima da raiz; esta ligadura faz com que os taes cannos caiam sobre a cabeça, com graça e galanteria.

Dia 12.—Passei hoje por dois lugares, onde vi em hum delles salitre sobre a superficie da terra, e em outro evidentes signaes de haver ali oiro. Estes logares vão notados no mappa.

Dia 13.—Pelas dez horas e meia cheguei á povoação do Regulo Caperemera filho do Mocanda. As povoações pertencentes ao Mocanda são muito populosas, mas as do Caperemera o são muito mais, porque se lhe aggregaram ha tempos muitos Muizas, que deixaram o seu paiz obrigados da fome, que ali houve, ou attrahidos talvez da fertilidade das terras dos Maraves em geral, idéa esta de que me certificarei quando por ellas passar, porque ao dito dos Cafres senão póde dar inteiro credito, pois ordinariamente exageram, ou abatem muito as cousas, e sem razão. Tudo quanto tenho dito até agora a respeito das paradas, pouco adiantamento da viagem, e desaforo dos cafres me tiram o somno, e passo a maior parte dos dias velando, e excogitando meios de remediar tantas, e tão repetidas insolencias, fazendo a minha a salvo para que os cafres não fiquem rindo, e se façam ainda mais insolentes. Se consulto os individuos, que me foram inculcados por praticos, e intelligentes nos costumes cafreaes, elles me respondem com sangue frio, «Ha de se fazer o que V. S.ª mandar», e daqui não passam ainda dizendo-lhes, que isto não he conselho. Se me lembra algum meio, e lhes exponho, na minha presença o approvam, e saindo dahi inteiramente o reprovam nos seus conventiculos. Se mando pôr em execução o premeditado, todos clamam, e nada fazem, e eu me vejo com as mãos atadas, porque os soldados são tão cafres como os outros, alem disso em pequeno numero, e me não posso fiar nelles para hum desempenho, ainda quando elles são os unicos, que aqui vão obedientes, e humildes. Ha-

1798 vendo crescido as insolencias dos Cafres, como se póde ver neste diario, e tendo-se passado ha muito tempo os limites das terras, onde por conselho dos mencionados praticos fiquei de mandar prender sessenta, e tantos Cafres dos mais rebeldes, e atrevidos, os mesmos que o tinham aconselhado se oppozeram á execução desta ordem, pela fraquesa de animo, e extraordinario medo, que os possue inteiramente, allegando, que cresceria a ufanidade dos Maraves sendo os Cafres presos, que nos insultariam, e opporiam á nossa passagem, como se hum só tiro de espingarda, e hum Marave morto não bastasse para pôr em desordem, e fuga hum exercito delles, como elles mesmos confessam dizendo-me, que qualquer delles com seus escravos sómente é capaz de atacar, e destruir todos os Maraves, e me tem dito, que depois da minha chegada a Tette me hão de pedir licença para executarem este projecto. Eu não sei conciliar estas duas cousas tão contrarias. A dita apprehensão no dia, que determinei se fizesse era muito facil, pois já tinha de mão os grandes do Cazembe para nos auxiliarem com os seus respectivos filhos, para que não podesse escapar hum só Cafre, e estavam á espera da minha ultima resolução, mas a opposição, que achei entre meia duzia de homens que me acompanham, e tinham sido deste mesmo parecer, os quaes a seu tempo serão castigados pelos crimes em que tem incorrido, me fez ficar indeciso e por fim resolvi esperar por outra qualquer occasião mais opportuna, e segura, que já me tinha lembrado, e ainda não tinha chegado o tempo proprio, o qual por fim nesta povoação teve seu principio, ou disposição para lhes dar inteiro castigo para lá do Rio Aruangoa, e então recuperar o perdido. Desenganado finalmente que frustradamente me aconselhava com taes individuos, e que fugiam de executar as minhas ordens pelo referido terror panico que os devora, e que o melhor pratico nos usos, e costumes cafreaes era eu mesmo, não pela experiencia (differem tanto estes Cafres daquelles que estão na America como o Sol differe da Lua) mas sim pelo que me interessa esta diligencia. Resolvi a fazer tudo pela minha cabeça, sem ouvir mais a pessoa algu-

ma, ou dar-lhes a entender os meus projectos, pois sabendo-os 1798
logo passam aos Cafres, por meio dos seus domesticos perante quem fallam sem reserva. Tendo chegado finalmente a esta povoação do Caperemera lhe mandei dizer, que eu estava indisposto, como realmente estou, e que tinha vontade de o ver, e de lhe fallar. Veio com effeito este Regulo bem apessoado, e dotado de graça natural. Mandei tambem chamar os Mocazambos todos, (já tenho dito que chamam Mocazambos os Cafres que governam os outros Cafres de carga) e na presença delles disse ao Regulo, que eu tinha contrahido amizade com seu pae Mocanda, que por motivos desta amizade, elle a meu rogo tinha mandado ordem a todos os seus vassallos, que moravam nas povoações por onde já tinhamos passado, e pelas povoações que ficam para hum e outro lado da estrada principal, que prendessem todos os Cafres, que encontrassem, e não tivessem hum signal meu, e os trouxessem á sua presença, pois eu lhos tinha dado por seus captivos, e facultado o poder de mandal-os vender, ficando elle Mocanda com o seu producto; e caso não os podessem apanhar, que nesse caso os matasse, pois eu quando voltasse lhe havia de recompensar muito bem esta diligencia, alem da utilidade que lhe vinha de ficarem os fugidos seus captivos. Ora eu com effeito pretendia tratar com elle este negocio, o que não teve effeito porque me não appareceu com medo, ainda que depois se mostrou escandalisado da minha partida, e não me ter demorado ali hum dia, o que elles tem por grande honra, mas eu ignorava este estylo. Disse-lhe mais, que semelhantemente eu queria contrahir com elle estreita amizade, e abrir commercio, pois daqui lhe resultaria muita utilidade, porque mandando para os Rios de Sena o seu marfim, por elle lhe dariam mais fato do que lhe dão os Mossambazes, que vem das partes de Moçambique, e que eu quando por aqui voltasse queria, que me desse alguns filhos seus para os levar para Tete, a fim de o informarem do que vissem, e da utilidade do commercio que podiam fazer não só com o marfim, mas tambem com o oiro que tirassem, pois nas suas terras o havia, assim coma faziam os Cafres da Manica, etc.

1798 Ajuntei mais, que em signal desta amizade que lhe offerecia, eu queria que elle nesse mesmo instante expedisse tres patamares seus, hum pela estrada direita, e os outros pelos caminhos desviados della, com ordem sua para que de todas as povoações sahissem seus filhos, e corressem as estradas de fórma que não escapasse hum só captivo nosso que fugisse, pois todo aquelle que fosse apanhado eu lhe dava por seu escravo, e, podia dispor delle como bem lhe parecesse; e que sómente deixassem passar aquelles, que lhe apresentassem hum signal tal qual eu lhe entregava. Acabou de o confirmar na minha amizade hum presente, que lhe fiz de hum chale, huma peça de zuarte, hum frasco de caxassa, e hum panno de cauril. Elle em pessoa, deixando os Cafres que o acompanhavam, foi chamar tres subditos seus, e a vista dos nossos Mucazambos entregou a cada hum delles hum pedaço de papel, em que estava gravado em lacre vermelho o sêllo das minhas armas, e lhes ordenou que sem perda de tempo fossem passar, e dar as ordens necessarias por todas as povoações para fazerem o que fica dito, e que se algum Cafre mostrasse algum signal como aquelle, nem por isso o deixassem hir para diante mas o conduzissem á sua presença, para elle mesmo combinar os signaes pois podiam ser falsos, e differentes. Admirou-me esta lembrança do Regulo, e a vivacidade com que respondeu a hum dos seus, que lhe perguntou que faria de algum Cafre que hoje fugisse? dizendo-lhe, que o venderia, pois eu já lhe tinha dado por escravos seus todos os que fugissem. Os Mucazambos corridos, e com a cabeça baixa foram dar parte aos seus camaradas do que se tinha passado, e segundo me dizem se espalhou entre elles a tristeza, do que infiro, que me dictavam alguma geral deserção pelo menos quando despedisse as mulheres, ou desde já temem algum futuro castigo. Vendo a porta fechada para fugirem, e obrigados a cahir em Sylla querendo evitar Carybids. Respondeu-me o Regulo, que elle estimava a minha amizade, que não tinha mandado seus filhos para Tette, porque seus antepassados não o tinham feito: que não extrahiam oiro porque nem sabiam o que isso era. Como as ne-

gras não deixam de ter grande parte na viagem vagarosa, 1798
espero que pelas medidas que tomei, os Cafres caminhem mais, e caso desertem, não obstante o obstaculo que tem, eu estou em estado de poder prover-me de gente, a pedi ao Regulo, e determinei despedir as ditas negras, que com boa vontade me acompanham.

Dia 14. — Veiu visitar-me Caperemera, e em signal da nossa amizade, me offereceu hum dente, que mandei entregar aos Tenentes, que vem servindo hum de Escrivão, e outro de Recebedor da Real Fazenda, para que lhe mandassem pôr a marca R., e tomassem conta delle, como pertencente a Sua Magestade. Com esta recompensa fica indemnisada a Real Fazenda do presente que lhe fiz, e de hum roupão, e miudezas que me pediu. Como elle me dá gente de sobejo, ainda que desertem todos os cafres, he preciso fazer-lhe a vontade. Disse-me que tinha 80 Muizas, que esperava a conta de outros de outra povoação, e que se faltassem mais 40, ou 50, que elle os daria; porém que ainda ámanhã, eu não podia continuar minha viagem, para os ditos Muizas terem tempo de prepararem mantimento para os primeiros dias. Dizendo-lhe o Ajudante da Praça de Senna, que elle devia dar graças aos seus Muzimos (finados, que consideram como Divindades) pela minha passagem pelas suas terras, e presentes que lhe tinha feito, respondeu, que elle tambem não era caporro (pequeno cafre captivo) e que tinha coração grande.

Dia 15. — A dependencia, que tenho de Caperemera, me fez continuar a dar-lhe as maiores demonstrações de amizade, que jamais dei em minha vida a pessoa alguma. Eu me admirava de mim mesmo, pois sempre detestei a lisonja, e fugi de ser lisongeiro, principalmente com as pessoas de quem dependia o meu estabelecimento e augmento; pois julgando-as por mim, me parecia, que conhecendo a lisonja, perderia para com elles o credito, caracterisando me por mentiroso. O Regulo da sua parte, esperando tudo de mim depois de chegar a Tete de torna viagem, não perdia occasião de mostrar-se meu amigo, na promptidão das ordens,

1798 que expedia, para que viessem com brevidade os seus Muizas. Alem desta demonstração de boa união, declarou, e protestou, que todos os escravos, que daqui ao diante houvesse de dispor, e todo o marfim, que podesse ajuntar, não o venderia mais a pessoa alguma, mas me daria, não por venda, mas como Saguate, ou presente. Eu da minha parte lhe prometti mandar tantas cousas, que o fariam mais rico, que o Grão Turco, com cuja promessa o cafre saltava de contente. Para poder fazer idêa do preço por que elle vendia o seu marfim, disse a hum Official, que entrasse com elle em ajuste de hum dente, como cousa sua, e facto que eu ignorava: elle lhe respondeu, que todo o marfim, que ali tinha, e o que depois lhe viesse á mão, estava reservado para mim, e que se admirava muito da sua pretensão, sabendo elle que me tinha promettido dar todo o marfim. Tive esta occasião para perguntar-lhe a quem vendia os seus escravos, e marfim: respondeu-me, que vendia os ditos generos aos Cafres Manguros, os quaes commerceiam com os Mujaos: mas que a maior, e grande parte de marfim, que estes Cafres exportavam, sahe das possessões e Reino de Cazembe. Os Manguros assistem nas margens, ou vizinhanças do Rio Chire. Hum barrete vermelho, que trago na cabeça, hum roupão, calças, e escarpins de baeta da mesma côr por causa do intenso frio que faz; a barraca, ou casa, que de repente se levanta, os soldados no nome, os mutores de fato, e outras bagatelas entre nós, e cousas grandes entre quem pouco, ou nada tem visto, tem admirado tanto aos Cafres, que me faltam termos para expressar a veneração, o respeito que me mostram, capaz de ensoberbecer, ou lisonjear no ultimo ponto as almas vaidosas, se não se lembrarem, que Salomão, que em todos os prazeres, de que tinha sido bem regalado, não achára senão *vanitas, et afflictio spiritus.* Á vista desta espantosa confissão, que deve assombrar e aterrar todo o mundo, como nos devemos alegrar com cousas, que não têem por fundamento a segurança da nossa consciencia? Porém, o prazer moderado em cousa honesta, não é vicioso, e eu não deixo de criminar a minha indifferença, e insensibilidade a este

respeito, pois a considero, e tomo como effeito de... a não 1798
proceder dos cuidados, que me trazem sempre pensativo, e insensivel a todo o prazer, de sorte que posso dizer — que não vivo para mim um só minuto no dia. Com effeito quando considero, que pelas terras destes Regulos tenho passado com socego, á excepção na daquelle pequeno ladrão, que nos quiz inquietar; e recebido todas as demonstrações de respeito, e affabilidade, ou por interesse, ou por temor, julgando-nos muito fortes contra a expectação de todos os habitantes dos Rios de Senna, que se persuadiam, que só á força de armas ou de fato, eu poderia passar por ellas, principalmente pelas terras do Mocanda (estendiam o pescoço, quando se fallava nelle), e que todas as amofinações, e guerra me causam, e fazem alguns brancos, que me acompanham, e em geral todos os Cafres, e que daqui se me póde originar algum grande desgosto por não poder cumprir as ordens da nossa Soberana, não sei como não arrebento de paixão. Hum sem numero de reflexões me occorrem agora, julgo que por maguado; mas fiquemos aqui: não he justo, que eu communique minhas tristezas a quem ler este Diario, augmentadas pela viva impressão, e dôr que conservo pela morte da minha amada mulher, que Deus foi servido levar para si no 1.º de Abril, na flor da sua idade, se he verdade o que diz Horacio: *Sicut ridentibus arrident, ita flentibus adflent humani vultus.* Tive tempo para perguntar-lhe pelo modo com que matam os elephantes. Mandou então vir á minha presença duas choupas de ferro de 4 palmos de comprido, e da grossura de 1 dedo pollegar. Huma das extremidades era chata, como ferro de lança, porém não teria mais de huma pollegada na sua maior largura. A outra extremidade estava encravada em hum pedaço de pau-ferro, e o todo pezaria até 8 arrateis. O caçador, munido com huma destas armas, sobe a huma arvore sobranceira ao caminho, que o elephante costuma seguir, e na passagem o fere, e mata, pois o ferro todo lhe entra no corpo. Os Cafres da Manica, que todos os annos vêem para os Prazos da Corôa do districto de Senna, fazer caçada de elephantes, usam de outro methodo muito melhor,

1798 e mais rendoso, pois no dia podem matar muitos elephantes, e he do modo seguinte: deixando á parte as superstições, mesinhas e unturas de azeite de que usam nestas occasiões, a cujas virtudes attribuem seu bom successo, e fortuna: chegando pérto dos elephantes, com vozearias, separam alguns da manada, e lhes largam huns cães já industriados, os quaes a certa distancia dos elephantes os entretem ladrando. Os Cafres, aproveitando-se desta occasião, chegam-se a elles, os jarretam, e depois de estarem em terra os matam ás lançadas. Vi pela primeira vez as cabeças, ou os penteados dos Muizas empoados com huns pós tão vermelhos como o carmim, e suppondo ser ochre, pedi hum pouco daquelle barro para o ver: disse-me Caperemera, que não era terra, aquillo que eu via, mas sim pó, que faziam de hum pau daquella côr. Deu-me hum bollo, ou pão do dito pó, que faço conta remetter a Sua Magestade, e querendo prover-me tambem de hum toro do dito pau, disse-me Catàra, que o faria nas terras do Cazembe, onde tambem havia com abundancia. He cousa bem sabida, que o paladar do homem nutrido com os alimentos adubados pela natureza, ou pouco alterados do seu estado natural, se escandalisa com manjares cheios de especiarias, que nós pelo costume amamos, e os repugna como cousas asquerosissimas. O mesmo acontece aos outros nossos sentidos. Dois Cafres da comitiva que sabem fazer soar trompas, as tocaram achando-se presentes alguns subditos de Caperemera, tanto seus nacionaes, como Muizas. No mesmo instante, que ellas soaram, as creanças fizeram huma terrivel berraria, as mulheres, rapazes, e alguns adultos pozeram-se em fugida, e o campo ficou limpo; porém depois de perdido o terror panico, que os surprehendeu, chegaram-se, e mostraram gostar dos instrumentos, talvez mais pela novidade, do que pela tal qual harmonia delles.

Dia 16.—Tratei de apromptar-me para seguir viagem; mas os Muizas ainda não chegaram das suas povoações para onde tinham hido prover-se de alguma farinha de milho para o primeiro dia de viagem, pois Cafres jamais têem pressa; isto he Cafres destas terras Africanas, pois os

que se vendem na America, ou por medo, ou pela agilidade, que observam nos mais veteranos, são diligentes. He facto certo, e mil vezes observado nesta Africa, que jamais Cafre algum levou para qualquer parte huma carta com deligencia, e brevidade, ainda que seu senhor, alem da promessa do castigo, que promette dar-lhe se tiver demora, lhe prometta alguma boa recompensa em fato, no caso que execute a sua commissão promptamente. Caperemera, a instancias minhas, não deixava de mandar repetidos postilhões a chamal-os. Vieram chegando com effeito, e alguns delles arrependidos de quererem cargas, quizeram restituir a paga, que já tinham recebido. Caperemera porém muito irado, lhes disse, que naquelle mesmo instante despejassem suas terras; e se o não fizessem, elle os castigaria e deitaria por força, pois bem sabiam, que pela força do seu arco, tinha elle o nome de Caperemera, isto he de valoroso, ou cousa semelhante. Como eu estava seguro, que os nossos Cafres, com medo de ficarem captivos de Caperemera, e serem vendidos para Moçambique, e de alli transportados para fóra da Africa (o maior de todos os castigos que se póde dar a hum Cafre) não haviam fugir, quiz mostrar-lhes, que já os podia castigar á minha vontade daqui para o diante, que o tempo do seu reinado já tinha acabado. Eu os mandei ajuntar debaixo do titulo de os querer contar, e depois de juntos mandei que huns Soldados fossem ás suas mussassas (pequenas casas de palha, ou ramos de arvores, que levantam para pernoitarem) se apoderassem dos seus arcos, e frechas, e os viessem quebrar alli mesmo na sua presença. Espalhou-se a consternação entre os negros, pois já disse se me não engano, que he descredito grande entre elles, viajarem sem estas armas, não tanto para terem instrumentos para hostilisarem seus inimigos, e defenderem-se, como porque são reputados por criminosos, ou fugidos. Os subditos do Rey de Barvé da Manica, e daquellas circumvizinhanças, em vendo Cafre nosso sem arco, e frecha, immediatamente o prendem até apparecer dono, e então se pagam da sua diligencia, e do sustento que lhe deram. Sahi da povoação pelas tres horas e meia da tarde. 1798

1798 *Dia 17.* — Para me incorporar com o resto da expedição, que tinha ficado na povoação de Caperemera no dia passado, a espera que se acabassem de ajuntar alguns Muizas, não andei tanto quanto queria, e podia, pois já os Cafres hoje estiveram mais humanos, e não necessitavam de quem os applicasse, como até agora se fazia necessario, e quasi sempre inutilmente. Chegaram com effeito pela tarde, cuidei em dar as ordens para nos refazermos de mantimento, porquanto nestes dois dias seguintes não temos povoações fartas, ou não podemos fazer alto nellas, por não estarem em logar proprio. O terreno desde a povoação do meu amigo cafre, he de baixas, e suaves collinas, em parte de pedras, e em parte de boa terra, e nestes logares e valles, sempre ha povoações: hoje encontrei dois regatos de boa agua, que nos regalou muito bem.

Dia 18. — A primeira serra mais alta que atravessei, serve de limites ás terras de Caperemera, e do Regulo Masse. Seguem-se alguns valles, e outras serras, que vou atravessando, as quaes são auriferas; porém por este lugar difficultosas de se minerarem, por falta de ferramentas dos praticos na mineração, e de aguas altas, salvo se de longe se poderem conduzir. Ellas correm ao ONO.-ESE. pouco mais, ou menos, e as suas contravertentes fazem, se me não engano, o Rio Aruangoa. Dei a estes montes o nome de Cordilheira Carlotina. Passo a dizer, que hoje foi o primeiro dia de viagem por causa da maior marcha que fiz.

Dia 19. — Como no dia 20 tenho de observar hum eclipse dos satelites de Jupiter, e desejo que o logar, ou parte determinado, tenha algum nome, escoteiramente segui viagem para chegar á povoação Mazavamba no dito dia 20. Fiz alto no Rio Ircuçuze, tendo marchado por hum agreste despovoado, e cheio de leões.

Dia 20. — No fim do terreno mais agreste, e aspero está fundada a povoação de Mazavamba, grande ladrão. Todos os Muizas, que ali residem, e Botombucas, que me vieram ver, estavam muito bebados; e o mesmo Mazavamba: até o dia 22 continuou a borracheira, de fórma que o dito Regulo, por não poder andar por bebado, me não veiu visitar.

Dia 21. — Tive hum ataque de sezão, a qual se augmentou com a parte, que me chegou, de que grande parte dos Muizas tinham fugido, e que Caperemera, sendo disto informado, fizera as vezes de amigo, fazendo retroceder os que chegaram á povoação, e castigando a familia dos que se tinham occultado. Aquelles que chegaram a esta povoação tambem desertaram. A falta de mantimento, e o muito pouco que appareceu, vae pondo em consternação todos os Cafres que me acompanham. 1798

Dia 22. — Toda a noite passada, e a maior parte do dia gastei em pensar no meio de que me serviria, para refazerme de gente, que facilmente não desamparassem as cargas. Depois de bem pensar, tomei a resolução, que consta da ordem ( ), onde tambem se verão as razões, que me moveram a tomar esse partido.

Dia 23. — Na povoação de Mazavamba, a agulha varia para o NO. 21° 58′ 30″; sua latitude Austral he 12° 33′, e está 2° 45′ 46″ para o Oriente de Lisboa. Deste ponto me puz em marcha em demanda do Rio Aruangoa, pelas razões declaradas nas ordens que deixei ao Capitão Mór Gonçalo Caetano Pereira, e Sargento Mór José Rodrigues Caleja, como fica dito. A sezão que no dia 21 me atacou fortemente, me principiou hoje pelas nove horas da manhã com mais força: soffrendo-a como pude, marchei para o Rio Remimba, verdadeiramente ribeirão nesta estação, porém grande no tempo das aguas. Em huma povoação que está fundada a pouca distancia do dito Rio fiz alto, não tanto por causa da febre, que me durou até ás nove horas da noite, como porque se fazia necessario parar neste lugar, para haver tempo de procurar mantimento para tres dias e meio, ou quatro, que tanto se gasta até á primeira povoação dos Muizas. Custou a apparecer mantimento, mas tão caro, que feitas as contas, custa seis vezes mais, do que pelas terras dos Maraves até o Mocanda, de cujo logar por diante não o vendem, se não por fato, e desprezam o nosso velorio da primeira sorte; porque o tem mais grosso, como já disse em outro logar. Basta dizer, que custando huma cabra nas ditas terras hum chuabo

1798 (huma braça de panno de qualquer qualidade) aqui não a dão por menos de seis, e assim o mais. O peior he apparecer mantimento com muito trabalho, e em pouca quantidade, e não ser possivel comprar-se por junto; porque cada hum Cafre tira sómente do que tem para seu gasto annual, huma pequena porção, que chegará quando muito a huma quarta. No dito Rio appareceram huns peixes chamados pende, pequenos, porém saborosos. Em Tete tambem os ha da mesma qualidade, e maiores; póde ser que no inverno tambem aqui os haja da mesma grandeza, e de outras qualidades pela proxima communicação deste Rio com o Aruangoa, que me dizem ser bastantemente largo, porém de pouca agua neste tempo.

Dia 24. — Para não pôr a gente, que me acompanha, na triste situação, de não ter que comer, nem mantimentos para passar estes tres, ou quatro dias de sertão, não me purguei neste dia, e dei principio a atabafar as sezões com a quina, desde a huma hora da noite. Fiz alto na povoação de Capangura, a mais miseravel que tenho encontrado, pois nada absolutamente appareceu para vender (Maronda) ainda pelo mais alto preço. Pouco antes de chegar á povoação do Mazavamba, acabam aquelles montes, que principiam na extrema do Caperemera, e Masse, e todo este terreno me pareceu ser muito aurifero, porém de hum trabalho, que não he para estas terras, já pela falta de aguas, já pela de ferramentas, e finalmente por não haverem mineiros intelligentes e habeis.

Dia 25. — Hoje 30 de Agosto, principio a escrever neste Diario, ainda fazendo algum esforço, porque as febres me atacaram fortissimamente. Desde os fins de Março tenho tido quatro ataques, e dos tres primeiros, não suppuz escapar: póde ser que o terceiro não chegasse ao auge a que chegou, se eu não estivesse em viagem e falto de tudo. Basta dizer com toda a verdade, que o Governador dos Rios de Senna, o successor daquelles heroes, que não sahiam fóra de casa, sem ser na sua cadeirinha, e com dois grandes chapéus de sol de veludo com grandes maçanetas de prata de

huma, e de outra parte, para que os raios do Sol, ainda perto 1798
do seu occaso, os não molestasse, que viviam envolvidos em sedas, e pannos brancos, finissimos, que repetidas vezes adoeciam de indigestões, ou mordaxim, por causa da sua esplendida, e profusa mesa; e que finalmente gastavam o seu tempo em espalhar fato, e arrecadar oiro e marfim, passou humas poucas de horas sem camisa, envolvido em huma baeta, por lhe ter ficado a roupa atrazada, e não teve na sua molestia hum pinto para lhe beber o caldo. *Deus super omnia.* A derrota que jamais quiz deixar de fazer, ainda no meu maior abatimento, me serve de guia para a continuação deste Diario, sem todavia metter-me em dar de tudo uma circumstanciada noção, porque a mesma molestia me não permittia tomar sentido em tudo. Com duas horas de marcha cheguei ao Rio Aruangoa. A sua largura he irregular por causa da pouca consistencia das terras por onde corre. No logar em que o passei, terá de 16 a 18 braças, e de fundo 3 palmos e meio. Como vi que se não póde navegar por elle nesta estação, e que só no tempo das aguas admitte toda a qualidade de embarcação, não fiz descer por elle hum Official, como trazia projectado, até sahir na villa do Zumbo, fundada na união do Aruangoa, e Zambeze. Até o Rio Aruangoa, não vi hum só pau, de que se podesse tirar huma soffrivel tábua, logo que passei o dito Rio, vi pelas suas margens pau para tábuas, e para Almadias; porém fóra das ditas margens, não ha madeira capaz. Para este Rio hiam marchando muitos Muizas para matarem nelle cavallos marinhos com lanças. Todos os Cafres destes Rios, e pelo que vejo deste interior de Africa os comem, e tem em grande estima, e tanto mais saborosa lhes he, e em geral toda a carne, quanto mais corrupta está. Que poder não tem sobre nós a educação, os usos, costumes, e o exemplo!

Dia 26. — Para poder encontrar agua de huma lagôa, fiz hoje huma grande marcha. Todo este terreno, por onde passei, estava cheio de pizadas de elephantes, as primeiras que encontrei desde que sahi de Tete.

Dia 27. — Fiz alto perto da povoação do Caperampande,

1798 e fiz diligencia por gente, para mandar soccorrer a segunda divisão, para cujo fim me demorei no dia 28 por suppor que elles estão sujeitos, ou pelo menos se temem do Cazembe, e não fariam o que fizeram os de Caperemera.

Dia 28. — Não pude conseguir gente, não só por haver pouca, como por que queria por quatro dias de viagem ganhar o mesmo, que os Muizas receberam por toda a viagem até o Cazembe, e por que confessaram por fim, que não estando acostumados a carregar, deixariam os volumes no caminho. Como a colheita do milho tem sido feita de proximo ainda nas terras do Mazavamba, aquelles, e estes Cafres estão em continua bebedeira, a que chamam festa. Desde que cheguei, e por toda a noite ouvi tocar tambor na dita povoação, e perguntando se aquelle signal era para ajuntar gente para o meu intento, responderam-me que não, mas sim era signal, que ámanhã levantavam Pombe. Informando-me sobre a intelligencia e significação do termo *Levantar Pombe*, vim a saber, que quando o Fumo, ou principal da povoação, manda tocar o seu tambor por aquelle estylo, no dia seguinte, pela virtude deste reclamo, ajuntam-se os seus subditos, ou filhos com suas panéllas cheias de Pombe; e neste dia o bebem entre algazarras e danças.

Dia 29. — Para termos agua para bebermos fiz pequena marcha; e quando passei pela povoação do Caperampande, os achei nas suas bacanaes, com as cabeças empoadas com o pó vermelho, de que já fiz menção, e o corpo cheio de faxas do mesmo pó. A povoação parecia hum inferno, e os Muizas os demonios. Este dia em que se ajuntam para beber Pombe, he dia de gala, e vestem todos o melhor fato, que têem, se o têem.

Dia 30. — Desde que me puz em marcha principiei a subir humas baixas, e suaves serras; porém depois foi preciso atravessar huma muito alta, grossa, e aspera, que me dizem, vae ter ao Zumbo, e ao Rio Chire, e lhe dão o nome de serra Muchingua, e eu denominei cordilheira Antonina em memoria do nosso Augusto Principe, a quem Deus felicite e guarde.

Dia 31. — Pelas seis horas e meia levantei campo, e sahi 1798
a hum alegre, e espaçoso valle, onde estão dispèrsas muitas povoações; e com effeito desde o Aruangoa até aqui o terreno não convida para fazer-se nelle morada pela sua aspereza, pedrarias, seccura, e tristeza. Huma numerosa multidão de Muizas me cercaram, e pediam que parasse para me verem á sua vontade. Correram mais de hum quarto de legua, homens e mulheres para o referido fim, atropellando-se huns aos outros, saltando pelos baixos arbustos, cahindo, e arranhando-se nos paus, porém sempre teimosos em satisfazerem sua curiosidade. He de notar, que não trazem arcos, nem frechas como os Maraves; que não vi, ou não me lembra ter visto entre tantos Maraves, e Muizas, hum só homem aleijado ou defeituoso, é que finalmente entre os Muizas, que hoje se me têem apresentado aos olhos, não vi hum só palmo de panno: todos andam envolvidos nos pannos, que fazem de cascas de arvores.

Dia 1.º de Setembro. — Como o Regulo Mucungure, hum dos mais poderosos Muizas, e segundo tenho entendido, não he verdadeiramente sujeito ao Cazembe, mas contracta com elle, não estava nesta povoação, segui a minha viagem para me encontrar com elle na povoação em que está, a fim de vèr se me dá gente para hir soccorrer a segunda divisão, que ha de ter tido grande trabalho, e padecido fomes, porque a falta, e carestia de mantimento he consideravel. Todos estes trabalhos trazem sua origem dos Cafres de Tete, que fugiram por causa das conversações que ouviram a seus Senhores, difficultando, e fazendo terrivel, e horrorosa huma viagem já vencida, e executada por Manuel Caetano Pereira, e Cafres de D. Francisca, e Curvo, etc. O terreno que hoje passei, he alto e pedregoso, as povoações pequenas, miseraveis, e famintas. Causa pena ver tantos Muizas, homens bem feitos, e robustos com os dentes perdidos, porque lhes tiram o esmalte, para os reduzirem a maneira de dentes de serras. Esta desformidade voluntaria tira seu principio da moda, que até nestes logares persegue os homens, e venda os olhos do entendimento, de fórma que facilmente, e com gosto se

1798 sujeitam aos incommodos que ella causa, e até aos defeitos. Della se póde dizer, o que o poeta latino disse da invenção das palavras: *Si volet usus pœnes quem arbitrium est et jus.* O mais ridiculo modo de trajar, o affectado tratamento interno, e externo; o grande numero de cuidados, males e afflições de espirito, e occultos dissabores, que o homem ajunta aos que estão annexos á natureza humana, não se faz reparavel, e soffrem-se com gosto. *Si volet usus penes quem arbitrium est et jus.* Como disse o poeta latino a respeito da invenção das palavras. Quantos bens não viriam a huma Nação, se vivendo ella nos justos limites da modestia, decóro, e aceio, finalmente isenta de modas, procurasse fomentar, e entreter o capricho, vaidade, e loucura das outras, que se nutrem com semelhantes bagatellas, e invenções desnecessarias! Conforme o meu modo de pensar, a moda he o mais forte, poderoso, e o maior ramo de commercio, que conheço para huma Nação que não usa della.

Dia 2. — O Regulo Mucungure pelo meio dia veiu visitar-me com hum grande acompanhamento, debaixo de dois sombreiros, ou chapéus de sol muito rotos e velhos, precedido de muitos tambores, que com vozearias dos seus filhos, faziam huma infernal musica. Era este já de idade avançada, e mentecapto, de fórma que entrando eu na proposta do soccorro da gente, que lhe pedi, dois dos seus Magnates me disseram, que me não amofinasse em dizer-lhe cousa alguma, que tudo se faria. Trouxe na sua companhia duas mulheres suas, e tanto elle, como as mulheres, e subditos traziam seus pannos de casca de pau, cingindo a cintura. He uso, e costume entre os Cafres apresentarem-se com suas mulheres desta fórma, ou no mais pobre, que podem apparecer, e com esta linguagem muda, pedem fato. Eu fiquei satisfeito do Regulo, e seus grandes, pois me deram 50 Muizas para irem em soccorro da segunda divisão, que ha de ter soffrido incommodidades, e fomes. Se bem eu estou muito escandalisado de Muizas pelas razões já ditas, e nelles me não confio.

Dia 3. — Hoje acabei de confirmar-me na supposição em

que estava, de que nem todos os Muizas estão sujeitos ao 1798
Cazembe; depois das minhas questões, que fiz a Catara, por ter visto o respeito com que hontem, sendo elle familiar do Cazembe fallou a este Mambo. Mucungure com effeito não he sujeito ao dito Cazembe, e he poderoso Cafre. As minhas informações, e depoimentos falsos, que como testemunhas de vista, deram muitos individuos em Matto Grosso no tempo em que tive a honra de servir Sua Magestade naquella Capitania, e que foram a origem de fazer a Real Fazenda grandes despezas, e para mim, e meus companheiros de muitos trabalhos e perigos, gastando seis mezes em huma destas diligencias no lago Xaraos, mettidos entre o gentio Payagua, e Cavalleiro, homens dos mais valorosos que temos na nossa America, me tem quasi reduzido a pirronico confirmado, pois nem huma só das ditas informações se verificou. Estou lembrado asseverar Manuel Caetano Pereira, e os Muizas, que para cá do Rio Aruangua principiavam huns vastos campos, e planicie immensa. Até agora tem sido falsa esta informação, pois á excepção da boa, ou má qualidade da terra, ella não tem mudado de face, ou diferido de campestre semeado de arbustos, que principia Tete.

Dia 4.—Por tres inconvenientes passámos hoje; o primeiro, e mais benigno foi a larga marcha que fizemos, para termos agua; o segundo, hum pantanal, que atravessámos a pouca distancia de huma serra, onde os Cafres se mettiam até ao meio das coxas; o terceiro, e o mais perigoso, foi o fogo dos campos, que nos cercou, e nos deu grande trabalho para nos livrarmos delle e do fumo. Todo este espaço, que atravessei, he despovoado. Como já estou seguro, de que os Cafres não fogem, e para poderem marchar não mandei dar-lhes castigo corporal na povoação de Caperemera, ainda dois dos que me acompanham, suppondo, que não seriam castigados, fizeram por onde o mereceram ser. Depois de lhes ter mandado dar algumas chicotadas (hum delles he Mucazembo) os mandei metter na gargalheira. Este exemplo tem feito tal mudança nos Cafres, que inteiramente os desconheço. Já são obedientissimos; estão promptos para faze-

1798 rem a marcha que quero, sem murmurarem, e não necessitam de quem os applica, etc., e como: *Quæ applicata juvant, continuata sanant,* como diz Hypocrates; não deixarei de applicar este cauterio aos doentes, por cuja virtude os outros tambem se livraram do contagio. Todos sabem, que o brio, a honra, o medo contém os homens nos seus deveres. As duas primeiras virtudes fugiram para muito longe dos Cafres, e não haverão forças humanas, que as façam voltar; he logo necessario, que a terceira cousa se verifique nelles; mas como os negros têem huma absoluta indifferença para o bem, e para o mal futuro, se faz necessario, que tenham de presente algum exemplo, que os faça entrar nas suas obrigações.

Dia 5. — Em huma hora e tres quartos atravessei a serra Rodrigo, passando por hum estreito plano, que está entre ella: continuei a marchar por hum campestre de hum muito suave e doce declive. As aguas da invernada, que por este campestre descem, e as quaes vem de outra serra, perto da qual fiz alto, formam outro pantanal, que deu em o atravessar hum trabalho igual ao que tivemos hontem.

Dia 6. — Os arbustos, que povoam estas terras, hoje foram tão bastos, que os Cafres tiveram grande trabalho em os desbastar em muitas partes, para poderem passar as nossas carruagens. O despovoado deste logar, a fome que vae soffrendo a gente, os pantanaes, a abertura do caminho, ou estrada, e muitas vezes a sêde que soffremos, alem de tudo isto as minhas indisposições, febres, o muito frio que de noite ainda faz, e o intenso calor do sol, tem ajudado a parecerem estes logares agrestes e tristes. Se pelo menos houvesse caça que supprisse a falta do milho, aves e passaros pequenos, que lisonjeassem nossos ouvidos com seu canto, não se teria feito esta travessia tão enfadonha. Ha tres dias, que temos andado muito para o Poente: nunca suppuz, que houvesse de chegar tão perto da equinocial.

Dia 7. — Logo que me puz em marcha, principiaram os Cafres a fazer estrada. Tem sido cousa digna de notar-se a uniformidade, e regularidade, que tem havido no terreno,

que nestes tres dias tenho atravessado. Depois de huma serra, cujo fim se não alcança, mas de pouca grossura, segue-se o campestre de huma legua de extensão e mais; e depois deste huma alagoa, e finalmente outra semelhante serra. Fiz alto perto de hum ribeirão proximo a huma povoação, e daqui por diante já as terras são mais povoadas. Nesta povoação vi dois fornos, em que os Muizas fundem ferro, mas como estavam arruinados, não pude fazer idéa exacta da sua construcção: no Cazembe, me diz Catara, verei tudo isto á minha vontade. Os ditos fornos me pareceram pyramides conicas truncadas. Passei a tarde em fazer questões a Catara, e dellas vim a inferir, que sem muito uso e pratica de tratar com elles, e estar bem instruido na sua lingua materna, nada do que elles dizem, ou os interpretes por elles, se póde asseverar ser verdadeiro, porquanto hoje contradisse, o que referi no depoimento, que delle, e de Manuel Caetano tirei a respeito de ser Muropue pae do Cazembe; mas para não andar escrevendo, e desdizendo-me pouco depois, a seu tempo, e depois de melhor informado no mesmo Zimboé, do dito Rey, direi o que souber a este e a outros respeitos. Contam os mezes pelas luas, e têem oito luas boas, e quatro más, e todas estas doze luas fazem o seu anno, que tem seu principio, quando vem a primeira má lua, isto he o tempo das aguas, que corresponde a Dezembro. O curto juizo, e discernimento dos Cafres, a difficuldade de achar homem intelligente na sua linguagem, e ao mesmo tempo instruido na chronologia, e a pertinaz teima, que estes interpretes têem em accommodar minhas questões á sua limitada intelligencia, desfigurando minhas questões, como conheço pelas respostas que me dão, me fazem perder a esperança de conseguir destes Cafres as noticias, que os homens sabios tanto desejam alcançar. José Thomaz, Ajudante da Praça de Senna, he excellente para interprete de cousas, que não são scientificas, e neste ponto me tem servido de muito, e espero sirva a Sua Magestade no Zimboé do Cazembe pela intelligencia que tem de quasi todas as linguas cafraes destes contornos, ou pela facilidade com que as aprende. 1798

1798 *Dia 8.*—Para matarmos a fome, e nos provermos de mantimento para seis dias na povoação do Morungabambara pouco distante do Rio Zambeze, fiz hoje grande marcha por hum campestre mais limpo e despovoado de arbustos, de montes, de pantanaes difficeis de se atravessarem. Neste espaço, já vi algumas povoações; mas que povoações? Constam de quatro, e cinco casas tão pequenas, e baixas, que não sei como se accommodam dentro dellas os Muizas. He cousa bem sabida, que hum cylindro, e huma pyramide conica recta, formam as casas dos Cafres. Entre os Maraves, a base do cylindro terá 6 palmos de raio, e 4 para 5 de altura. Sobre este cylindro assenta a pyramide que serve de tecto; e como o raio da sua base he maior que a do cylindro, este fica como inscripto, e a parte da pyramide, que sahe para fóra da parede, faz o beneficio de o defender do estrago das chuvas, augmenta a difficuldade da entrada por tão pequena porta, e faz a casa escurissima. As dos Muizas ainda são muito mais pequenas em base, e altura, e me causa grande admiração o sujeitarem-se a viver dentro dellas muitos individuos. Porém muitos animaes vivem em apertadas e estreitas cavernas.

Dia 9.—A referida povoação está pouco distante da estrada, e por andar molesto a não fui ver, pois me dizem, que é das maiores que temos encontrado em todo o caminho. Venderam os Muizas pouca farinha de milho, porque elles tambem têem pouco milho, e esta falta aconteceu no principio da colheita: que fará daqui a tres mezes, ou em anno de esterilidade? A farinha que vendiam os Maraveis era clarissima; porém, a destes negros, é muito trigueira, porque não lhe deitam fóra o farello, para não ficarem sem milho em breve tempo, por causa desta diminuição. A tudo obriga a necessidade. Para colherem este mesmo pouco milho, lhes é necessario cavarem a terra, e della fazerem pequenos montes, e sobre esta terra balofa semearem o milho e algum feijão: julgo que uma das grandes bazes do seu sustento, é a batata secca ao sol, depois de feita em talhadas, pois della venderam uma boa porção, e todavia não quizeram tirar da terra a

fresca, não obstante já estar em termos, ou ter passado do 1798
estado da sua perfeita maturação. Pertenderiam talvez vender a sua por antiga, e reservar para seu gasto a mais fresca. Meio alqueire da dita farinha, um pinto, e um cestinho de batatas seccas, foi presente, que me mandou o Poderoso Morungabambara. Levantámos as mãos ao ceo, porque comprámos com muito trabalho, e á força de diligencia, dez frangos magros, que nos pareceram dez perús bem cevados. Semelhantemente deitámos mão a uma porção de amendoim, da qual mandámos fazer azeite para tempero do arroz, pois as carnes e a gordura nos tem arruinado os estomagos, e o sal causado muita sede. Foi fabulosa a informação, que deu Manoel Caetano, e os Cafres, de que nestas terras havia sal, pois se o ha, he em tão pouca quantidade, que não apparece um grão delle, e esse mesmo vem do Zimboé do Cazembe, ou das suas visinhanças, onde me dizem haver minas de sal, como em Tete.

Dia 10.—Ao rio Zambeze cheguei com uma hora e vinte minutos de marcha. Nelle terminam as famintas terras destes homens de altos penteados, e espertaduras. A multidão dos Muizas, que se passaram para os dominios de Caperemera, não foi sem rasão, conforme o nosso proverbio=Onde me vae bem, ahi é minha terra=Como vae o melhor do mundo para os Cafres, quando têem mantimento com pouco custo e trabalho; e para o terem nestas suas terras com escacez, lhes é necessario trabalhar muito, e nas terras dos Maraves o tinham com abundancia sem muito suor do seu rosto, não nos deve admirar a emigração de tanta gente. Já não vejo aos que se deixaram ficar no seu proprio paiz, com tanto horror pela razão de serem Antropophagos, pois talvez a necessidade, que não tem lei, como se costuma dizer, os terá obrigado a cevarem-se de carne humana, quando se lhes offerece occasião de guerra; se todavia este abominavel costume não provém da inteira satisfação da sua ira e vingança. Por outra parte, eu tambem os desculpo de obrarem esta acção, que a natureza repugna, pois o crime é tanto mais aggravante quanto maior é o conhecimento, que delle tem o

1798 homem. Qual é o discernimento destes africanos? Até me parece que ignoram serem racionaes. O rio Zambeze terá 25 braças de largo, e de fundo, nesta estação, 4 para 5 palmos. Se eu tivesse trazido em minha companhia os livros de geographia, que deixei em Tete, hoje imitava ao barbeiro Nunes, e ao Abbade... quando reduziram a cinzas o Amadis de Gaula, e o livro de cavallaria D. Quixote, queimando os tambem, em castigo dos seus autores, por terem inteiramente desfigurado a face do orbe terraqueo, descrevendo quanto a sua imaginação esquentada com o vinho e licores fortes, que bebem por causa do frio, lhes pinta durante o somno, definindo povos e nações inteiras com os caracteres que não têem, nem jámais tiveram, como acontece, do que dizem a respeito dos Paulistas, a quem Portugal não sabe o quanto lhes deve, e se o não ignora, não reconhece; e o que tambem um celebre Portuguez moderno, não sei se auctor, ou traductor, mas impostor e defamador, diz a respeito dos Americanos, tão descaradamente, que se não envergonha de ser capitulado por mentiroso ou credulo, pois não estamos no seculo de ferro, exceptuando, porém aquelles, que foram inscriptos, ou dizem cousas, que se approximam á verdade declarada por pessoas estudiosas, e de conhecida verdade, e não por homens leigos, que não têem interesse algum pelo augmento das sciencias. Queimaria tambem o meu manuscripto, em que declaro o depoimento, que deste caminho para o Cazembe, deram Manuel Caetano Pereira, e Muizas a respeito do que tenho achado alheio da verdade, se tivesse tempo para o expurgar, ou quem o fizesse, mas a seu tempo farei justiça, ficando-me por agora a consolação de ser fraco geographo, porém, dos mais veridicos, porque a mentira e a geographia, principalmente da America, Africa e Asia = *Sunt duo in carne una.* = Como em Tete o meu principal intento era ter uma exacta informação dos rios que ha, ou se atravessam de Tefe para o Cazembe, e o de Cazembe para Angola, da sua grandeza, e parte para onde correm relativamente a quem vae de Tete, se para a direita, ou para a esquerda, cancei-me muito em tirar de differentes Cafres Mui-

zas, e de Manuel Caetano Pereira as referidas informações, 1798
mandando fazer perguntas em differentes dias, e por diversos modos e comparações, para que alguma sinistra intelligencia que podesse provir da expressão, ou falta de inteiro conhecimento da lingua estrangeira, não causasse duvida. Todos uniformemente disseram repetidas vezes, que o Zambeze, e o rio Rucure de 15 braças de largo, e mais fundo que o Zambeze no logar em que o atravessei hoje, corriam para a parte da mão direita, a respeito de quem vae para o Cazembe. O mesmo confirmou o dito Pereira, do que infiro que elle não sabe qual é a sua mão direita, como assim deve de ser, pois quasi sempre tem vivido entre Cafres, e herdado a sua intelligencia, como a experiencia me vai mostrando. Mandei perguntar hoje a differentes Mussucumas (Mussucumas é uma nação que está misturada em pequeno numero com os Muizas para áquem do Zambeze: uns Mussucumas rendem vassallagem no Cazembe, e são estes, e outros não lhe são sujeitos) se sabiam para onde ia ter o Zambeze, e todos disseram, que ao rio, que corre proximo ao Zimboé do Cazembe, valha a verdade delles, que eu nem a approvo, nem reprovo por agora.

Dia 11.—Não houve hoje cousa, de que possa fazer menção, mais do que terem-se acabado as serras todas e collinas, que ha desde Tete até o rio Zambeze.

Dia 12.—Durante a viagem atravessei algumas leguas de campo razo, e outras tantas do costumado campestre, e deixei para a parte direita uma grande lagôa. Fiz alto na povoação do Fumo Chinimba Campeze: é grande e populosa. Aqui me vieram ver uns Muizas, que se recolhiam do Zimboé do Cazembe com o marfim, que lhe tinham comprado para o tornarem a vender aos Cafres da parte da costa Oriental. De dois Cafres já velhos mandei tirar informações sobre o rio Chiri: responderam, que elles e a sua nação nunca viajaram. que agora depois das guerras e victorias, que contra elles alcançou o Cazembe, é que têem sahido da sua terra, mas só para o Zimboé daquelle Rey Uns Cafres que foram comprar galinhas, vieram sem ellas, e disseram, que as não havia,

1798 pois destas aves estes Cafres pagavam tambem tributo ao Cazembe, para quem mandavam quantas creavam.

Dia 13. — Huma hora gastei em atravessar um pantanal, o mais difficil de passar-se que até agora tenho encontrado. Muitos Muizas passaram vindo do Cazembe com marfim e barras de cobre, que lhe foram comprar para o venderem outra vez, como disse hontem. Penso agora, e com algum fundamento, que o grande numero de dentes, que antigamente entrava em Moçambique, indo certamente destas terras, hoje vae ter a Zanzibar, etc., não só por que ali o reputarão melhor, como porque este paiz está mais perto do Zanzibar, que de Moçambique.

Dia 14. — Com breve viagem cheguei á povoação do Fumo Chipaco, a maior e mais populosa de todas. Julgo, que o mesmo Chipaco é dos grandes, pois o Catara fallava nelle com respeito. Mandou-me logo visitar, e civilmente dizer-me, que eu estava na minha terra, e elle mesmo como escravo do Cazembe tambem o era meu, pois eu era amigo do seu amo. Que tudo quanto houvesse na povoação, e nas do seu mando, estava á minha disposição. Agradeci-lhe a sua attenção e recado, que não esperava ouvir da bocca de um Cafre, que sómente tem visto Cafres. Como não posso deixar de tratar da minha dependencia, ou demanda, mandei-lhe pedir gente para ir em soccorro da segunda divisão, e já a esse tempo tinha elle para esse mesmo fim recebido um aviso de Catara, que ficou doente na povoação do Zambeze: respondeu, que me daria quanta eu quizesse, e que logo mandava tocar o seu tambor para se juntarem todos, e eu tirar o numero que bem me parecesse. A resposta, que tambem deu á minha proposta sobre mantimento é digna de referir-se pelas mesmas palavras. = «Diga ao Mambo, que elle está na povoação de Chipaco.» = Ah vaidade e amor proprio! É possivel que ainda no meio dos mattos não deixaes livres do teu veneno os homens incultos e quasi nús! Mas os vicios nascem com os homens. Veremos se as suas obras desmentem tão bons signaes; eu espero que não, pois é grande o numero das caveiras e homens justiçados que hontem e hoje temos visto desampara-

dos nas estradas; estes amiudados exemplos hão de fazer 1798
respeitar, e mais que tudo temer muito a este Rey, e como sabem, que elle mesmo procurou a nossa amizade, não deixarão seus vassallos de nos darem os auxilios que necessitarmos. Alguns dos ditos infelizes terão perdido a vida por serem accusados de feiticeiros; pois é constante em toda esta parte de Africa a persuasão, que têem os Cafres (e á sua imitação muitos e muitos brancos, como observei em Moçambique) que todo o individuo, que morre, é por effeitos dos feitiços. Quando qualquer cafre é accusado de ter morto outro com feitiços, e nega o facto (outros brutalmente confessam serem os aggressores) vae á prova do Mave. Ella consiste em lhe darem a beber uma tintura de certa casca de páo, que faz o effeito de violento purgante; como a porção é copiosa, ordinariamente o chamado feiticeiro morre super-purgado, e com horriveis ancias. Quando estive doente gravemente áquem da Java, disseram os Muizas, que se eu fôra o Cazembe, já muita gente teria sido morta por causa da minha molestia. Quanto é cego, pesado, e afflictivo o imperio do demonio, e suave, e de paz o jugo de Jesus Christo! Se tem o chamado feiticeiro a felicidade de vomitar o remedio, então nada lhe succede, é festejada com muita alegria a sua innocencia, e o accusador tem pena pecuniaria. Os Maraves queimam os feiticeiros: esta é a morte que lhes dão.

Dia 15. — Desde o rio Aruangoa, as minhas molestias apenas me permittem sahir do palanquim para a cama, e da cama para o palanquim. Querendo eu ver á minha vontade a povoação de Chipaco, pagar-lhe a visita, que hoje me fez, e tratar de expedir ámanhã sessenta homens em soccorro da segunda divisão, me metti no palanquim, e vi que a povoação é grande, ainda que o não parece; porque conforme o costume as casas estão tão unidas umas ás outras, e tão sem ordem, que com difficuldade passava o palanquim por entre ellas, e algumas são tão baixas, que o mesmo palanquim passava por cima da parte inferior dos tectos. Chipaco só nos forneceu de farinha (além da que nos foi preciso comprar aos seus subditos) e batatas, mas tambem pertendia ir em

1798 pessoa com os 60 Cafres, prestar o dito soccorro, para que o Cazembe o não castigasse se seus filhos não fizessem bom serviço. Mas o seu immediato se encarregou desta commissão. Tal é o medo, e respeito que tem a seu Rey. Este Fumo, na visita que me fez, ergueu-se *brusquement*, e retirou-se quasi cortando a conversa. Eu fiquei admirado desta acção, e reflectindo se lhe teria dado algum motivo de desgosto, a minha consciencia me não accusava, mas pensei, que conforme os seus costumes poderia dar-lhe alguma causa de escandalo; informando-me sobre esta precipitada retirada, disseram-me dois Cafres, que pela terceira vez fazem esta viagem, que assim costumam fazer os grandes, e que me não admirasse de ver esta pratica no Zimboé do Rey. Agora tenho occasião de fallar na politica cafreal usada nos Rios de Sena entre os captivos, e libertos, e entre Maraves, Munhaes, Muizas, e mais nações de que temos conhecimento, a qual é a mesma, e geral com pouca differença. Quando os Cafres se encontram, e se querem saudar batem palmas compassada e reciprocamente, sem dizerem palavra, e depois entram em conversação. O mesmo fazem, quande se visitam, mas se o dono da casa está doente, não bate palmas, e aquelle que o vae visitar, se sabe que o seu amigo está enfermo bate muito de mansinho. Não é regra certa baterem palmas: cada um bate na parte do corpo, que mais geito lhe faz, conforme a posição em que está. Entre algumas nações os subditos e vassallos, além do signal referido, deitam-se de costas tambem, de que se collige, que este signal denota tambem subordinação, e os nossos Cafres assim o praticam, e tambem os colonos dos Prazos da Corôa, quando não estão sublevados. Os Maraves, etc., que nos não são sujeitos, não praticam esta ceremonia, salvo se estão nas nossas terras, e tambem o fazem na sua a qualquer branco, quando têem com elle amizade, ou recebe algum beneficio, dadiva, ou elogio. Os Muizas nestas occasiões ajuntam uma esfregação de terra no peito e braços, ou finalmente no peito. É de notar, que os Muizas batem as palmas, tendo as mãos levantadas e direitas, como quando nós oramos, e suas mulheres tendo-as horizontalmente.

Dia 16. — Com o coração mais socegado pelo soccorro, que mandei á segunda divisão, segui viagem, e nos fins da marcha, atravessei os ribeirões Ricena (jámais estes Cafres pronunciam o R inicial como se fôra dobrado) e Mocanda, além de alguns regatos. Antes de chegar a estes e áquelles, se desce por um plano inclinado de pouca altura, e depois de passado, sobe-se por outro semelhante, de sorte, que estes mananciaes correm pelas encostas de terra mais alta, ou baixas collinas. 1798

Dia 17. — Foi moderada a viagem de hoje; uns Cafres trouxeram alguns frangos para os venderem, e como se lhes não dava por elles o velorio grosso, que pediam, pelo não haver, nem jámais vir aos Rios de Sena, ficamos sem elles com bem magoa do nosso coração. Parece-me, que tenho ouvido dizer, que o dito velorio realmente da primeira sorte vem ter a Moçambique, e que os Baneanes, verdadeiros negociantes daquella Praça, o vendem aos Mouros de Zanzibar, ou o espalham para a terra firme por via dos cafres Mujaos. Nesta viagem ainda me não lembra ter visto em Cafres ornato algum feito de missanga; do Mocanda para cá todos são feitos do dito velorio grosso, e poucos do chamado da primeira sorte, que vem ter aos Rios de Sena.

Dia 18. — A novidade que houve neste dia, foi a necessidade, que tivemos de limpar a estrada em muitas partes. Este trabalho consumiu muito tempo a nossa paciencia: por felicidade os arbustos não são rijos. Atravessei o pequeno rio Rucure.

Dia 19. — As aguas, por melhores que pareçam ser, não podem ser salubres desde que principiaram os pantanaes, porque elles sempre correm por meio das aguas estagnadas, e participam mais, ou menos da corrupção das ervas, que ali apodrecem, ou usamos das ditas aguas represadas.

Dia 20. — Por tres razões fiz alto na povoação do Fumo Mouro achinto. A primeira para descançarem os trabalhadores para aguentarem a marcha, que tenho de fazer nestes sete dias ou oito, a qual deve ser puchada para atravessarmos o despovoado, e matto, que se segue. A segunda para

1798 nos provermos neste dia e no dia 21, de mantimento para passarmos o referido despovoado. E a terceira finalmente para aproveitar duas immersões dos satelites de Jupiter, se as minhas molestias continuadas me derem logar de as observar, e o fumo, que os cafres largam pelos campos ordinariamente desde as 9 para as 10 horas, deixar limpa a atmosphera, que tem estado bastantemente turva pela referida causa, e só sobre a madrugada fica em bom estado com a caída da cacimba, que é assaz forte e fria. A este frio segue-se um intenso calor, que provém do sol, e do dito fogo dos campos, de sorte que pelas 11 horas já elle é intensissimo. Vimo-nos hoje afflictos com o fumo e fogo dos campos, pois nos cercaram: valeu-nos de muito não ser a palha muito alta. Atravessei o rio Ruanzeze. O districto do Fumo Chipaco principia no Zambeze, e acaba nesta povoação.

Dia 21. — Por uma e outra parte da estrada principal ha poucas povoações, e a pequena distancia da mesma estrada, segundo dizem os Cafres. Disseram-me tambem, que para o Norte, entre a nação Mussucuma, que chega até á margem do Chiri ou Nhanja, e os Muizas, medeia a nação Uembu; e tanto estes, como os Mussucumas são mortaes inimigos dos Cafres da mesma nação do Cazembe, que os não perdoam, caindo-lhes nas mãos, mas sim aos Muizas, que os distinguem pelo penteado. Povoam as terras da parte do Sul os Arambas e Ambos, pacificos amigos do Cazembe. Disseram mais que estas duas nações commerciavam com os moradores, ou Cafres da visinhança do Zumbo. Fazendo eu da fraqueza forças, pois nunca me vi tão abatido, sempre observei a immersão do primeiro satelite de Jupiter — Latitude A. 10° 20′ 35″. Para o Oriente de Lisboa 2° 36′ 40″.

Dias 22, 23, 24. — Não houve novidade que se possa referir. Por este despovoado se divisam muitas pégadas de elephantes, e os mattos constam já de arvores mais altas e grossas.

Dia 25. — Fiz alto em um logar, que tem bem poucas casas. Aqui vivem uns Muizas, que têem de obrigação levar todos os tres dias *Sura* extrahida de uma palmeira brava

chamada Uchindo. Eu provei agora esta *Sura*, é saborosa, e 1798
muito mais do que aquella, que se ajunta do coqueiro ou Palmeira mansa. Aqui tive noticias do Sargento Mor Pedro Xavier Velasco, que expedi do Mocanda, e me deixou muito admirado, o quanto se tinha tão pouco adiantado, quando eu já por estas alturas esperava achar noticias dadas por elle, conforme as instrucções, que lhe dei; póde ser que alguma molestia, ou causa grave e justa, o tenha retardado tanto.

Dia 26. — O terreno que hoje deixei é montuoso e pedregoso, principalmente nas subidas e descidas, mas não em uma especie de plano, que fórma o cume dos campos, e parece que continúa, pois tudo quanto se divisa são montes, posto que não muito altos.

Dia 27. — Com geral abatimento, e febre marchei por este deserto, e atravessei alguns pantanaes. Diz um Cafre, que me vem servindo de guia, que nesta altura para a parte da mão esquerda fica a grande lagôa (elle a faz muito mais pequena do que Manuel Caetano Pereira) que elle e seu amo Manuel Caetano, passaram na viagem passada; naturalmente ha de ser a continuação desta, onde pernoitei, com a união talvez das passadas, pois neste logar onde estou, e se acham uns miseraveis habitantes, pescam peixes, e não pequenos, segundo dizem. Admira-me muito a esterilidade destes mattos a respeito de caça, pois ainda que mais para o interior a haja, comtudo nesta travessia, pelo menos ao longe se deixariam ver alguns animaes; porém se por esta parte nos vae mal, pela falta até de mosquitos, nos vae muito bem, pois nos livramos dos ardores que causam as suas mordeduras, e incommodo da sua infernal musica.

Dia 28. — Pela uma hora da tarde cheguei á povoação governada pelo Fumo Mouro da mesma graduação do vassallo mais conjuncto ao Cazembe. Perto de meia legua antes de chegar ao dito logar, me estava esperando immenso povo de todos os sexos e idades, com os seus instrumentos festivos, e com tal desejo de vêr-me, que alguns estavam em cima de arvores, e logo que se passava desciam, e me acompanhavam cantando, tocando, dançando, e ao mesmo tempo alim-

1798 pando a estrada. Os que estavam em terra, faziam a ceremonia de se esfregarem com terra, e mostravam todos sua admiração do que viam, não só pelos affectos do semblante como pela posição do dedo index na bocca, e outros finalmente pelas dentadas que davam na mão. Aqui já não vi um só Muiza. O Mouro mandou-me de tarde seu presente de Pombe, quatro frangãos, uma gazella quasi corrupta, e juntamente dizer-me, que já me não vinha ver, porque estava mandando apromptar mantimento para a gente. A estrada hoje esteve desembaraçada de páos, mas todos, principalmente os trabalhadores, soffreram muito pela falta de agoa, pois a não achámos até o logar do Daro, ou pousada.

Dia 29. — O Fumo não desempenhou a espectação em que me tinha posto a respeito da provisão do mantimento, que me mandou dizer estava mandando apromptar; mandei municiar a gente, e se proveram do mantimento, que os Cafres traziam para vender, e consistia em farinha de mandioca, chamada no Brazil mandioca puba, e milho ainda em espiga negrissimo, porque o costumam pôr ao fumo para o livrarem talvez de insectos. Não usam da farinha de mandioca ainda no Zimboé feita por outro modo. Deitam as raizes de molho, e passado certo tempo as tiram da agoa, deitam-lhe fóra a casca, e assim inteira a seccam ao sol. Quando se querem servir della, a pisam, e moem em uma pedra, e depois fazem a chamada massa. Nas viagens levam as raizes inteiras, e se vão servindo conforme a necessidade que têem. Comem tambem a mandioca doce assada, porém, pouco uso fazem deste pão; eu mandei assar umas raizes, mas a massa destas me não agrada; ellas são tão formosas como as que vi em Moçambique. Na visita que o dito Fumo me fez de tarde, tratou de exaggerar a visita, que me fazia, dizendo-me, que obrára o excesso de saír da sua povoação, por me considerar como o outro Cazembo, a quem sómente rende seus deveres. Tão enfatuado está com a sua dignidade.

Dia 30. — Deixando uma estrada, antigamente seguida e povoada, segui viagem por outra, que se abriu depois que o Cazembe mudou o seu Zimboé para um logar, onde se podia

melhor fortificar, segundo dizem. Esta estrada é mais breve 1798
e desembaraçada. Tive hoje noticias da proxima chegada do Sargento Mór Velasco ao Zimboé, e que immediatamente mandára o Cazembe, que um dos seus grandes apromptasse mantimento, e me viesse sair ao encontro, e me esperava com alvoroço, valha a verdade, da qual desconfio, porque tenho observado que estes Cafres não abrem a bocca, que não soltem uma mentira como gente que não dá ás virtudes o devido apreço.

Outubro. Dia 1.º—Perto do logar em que fiz alto, passei por entre duas serras altas e asperas, que continuam a perder de vista. Passei por algumas povoações desertas de proximo, e fundadas em bons logares, porque estas terras já são boas, e os mattos se assemelham a muitos do Brazil, pois as arvores são grossas, e altas. Disseram-me, que tinham saído destas povoações, por serem muitas as desgraças, e mortes, que faziam os Leões na gente dellas.

Dia 2.—Logo que me puz em marcha, encontrei-me com dois irmãos do Cazembe, e um filho do Fumo Anseva seu conjuncto, com um bom provimento de mandioca, carnes do mato seccas ao Sol, e duas cabras para os Cafres da expedição: os soldados tambem tiveram seu provimento do mesmo com separação. Era minha tenção chegar hoje o mais perto, que me fosse possivel do Zimboe; mas estes enviados me disseram, que como eu era grande, ou Mambo, como o Cazembe, que não podia ainda adiantar-me sem que primeiramente seu pae désse aos seus Mozimos (finados) os agradecimentos pela minha vinda ás suas terras; e que marchasse mais alguma cousa para estar mais perto do lugar, onde está enterrado o pae do Cazembe, para lhe darem as devidas graças pelo dito beneficio. Ao dito lugar ou casa chamam Massanza. Não convieram comtudo, que eu ainda hoje entrasse na dita povoação, mas pediram-me, que me aquartelasse fóra, pois tinham que dar-me a embaixada de seu pae e Rey. Foi preciso conformar-me com os seus usos. Disseram-me pois, que seu Rey estava tão satisfeito com a minha vinda, que logo se untára com lama, signal de agradecimento

1898 a seus Mozimos, e que me mandava pedir, que naquelle lugar dos seus finados deixasse uma Ardeam, dois Capotins, e uma pequena porção de Velorio, e mais pedras. Ora isto mesmo praticou com Manuel Caetano Pereira, e pelo que vejo, os passageiros pagam por elle os suffragios ou graças, que lhes dá pelos beneficios que recebe. Expediram no mesmo instante um enviado ao Rey. É de notar, que emquanto se armava a minha barraca, e cama para deitar-me, pois já disse que do palanquim vou para a cama, e da cama para o palaquim, os mandei chamar, e me não deram resposta a cousa alguma, que lhes disse, e estranhando um silencio tão profundo, me disse o interprete, que elles não podiam fallar emquanto me não dessem o presente que o Rey me mandava, a que chamam Bocca, mas que podiam ouvir quanto lhes quizesse dizer. Finalmente quando me vieram com a embaixada, lhes mandei estender uma esteira para se assentarem sobre ella (signal de distincção) mas elles assentaram-se sobre a terra, dizendo-me, que como eu era outro Cazembe, que só sobre a terra, deveriam estar assentados na minha presença.

Dia 3. — Pelas 6 horas e meia chegou o enviado, que os irmãos do Cazembe lhe tinham mandado hontem, e disseram-me, que seu Rey me mandava pedir que não saisse hoje deste lugar em que me achava, que não era preciso que eu fosse a Massanza para render a seu pae as graças pela minha vinda ao seu reino, e bastava que désse o fato, que me tinha mandado pedir, e que no dia seguinte depois de feitas as ditas ceremonias podia continuar a minha viagem, e que finalmente me mandava dois dentes para me prenderem hoje neste lugar. Claro está, que independentemente deste grilhão, eu havia convir no que o Cazembe me pedia, apesar de toda a demora me ser muito prejudicial, pela necessidade grande, que tenho de cuidar na minha saude. Ora, vendo eu o excesso da superstição destes Cafres com os seus finados, pois como claramente se vê os consideram como divindades, e reflectindo, que a fé que o demonio grava no seu coração ha de ser firmissima, e que fazendo eu ao pae do Cazembe

algum obsequio estrondoso, para elles que nada têem visto, 1798
eu seria muito mais bem visto delles, e como em agradecimento delle, me seria mais facil conseguir do Cazembe os fins, a que Sua Magestade me mandou para estas terras; e finalmente desejando dar uma idéa das suas ceremonias, mandei ao Tenente Coronel Pedro Nolasco e ao Tenente José Vicente Pereira Salema, que com alguns soldados fossem ao dito lugar, e quando lhes parecesse tempo proprio, mandassem dar tres descargas, e na mesma occasião exaggerassem quanto lhes fosse possivel este obsequio, e signal da maior amizade, que eu podia dar ao Rey, e tambem observasse tudo quanto visse se deveria notar. Este obsequio com effeito, produziu no animo do seu sacerdote (não tem distincção alguma externa dos mais Cafres) e de todos os circumstantes um bom effeito, pois o dito sacerdote, depois de ter consultado o oraculo, ou alma do dito pae do Cazembe, exclamou, e depois o povo, que eu era um Deus que tinha vindo ás suas terras, que podia ir para toda a parte que bem me parecesse, pois todas estas terras eram minhas, etc., pois tinha chorado com elles a morte do Rey. Fiquei confirmado na sua boa graça por um presente, que lhe mandei, pedindo-lhe, que tratasse com muita limpeza e acceio aquella respeitosa casa onde jazia o pae do meu amigo Cazembe, cujas cinzas eu respeitava muito.

Está conforme esta copia com o original donde foi extrahida, que vae bem e fielmente conferida, o que certificamos, e assignamos na conformidade da portaria supra do Illmo e Exmo Sr. Francisco Guedes de Carvalho e Menezes da Costa, Governador e Capitão General deste Estado. Secretaria do Estado de Moçambique, 23 de Outubro de 1800. — Benjamim Antunes de Mello. — Pedro Nolasco Vieira de Araujo.

Diario da viagem que a expedição de Sua Magestade Fidelissima, para o reconhecimento do interior da Africa, fez pelos sertões até chegar á Côrte do Rey Cazembe, que dista da villa de Tete 270 leguas, escripto pelo capellão da mesma expedição o Padre Francisco João Pinto, que foi tambem commandante della, para servir de continuação ao do Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida para ser apresentado ao Ill.mo e Ex.mo Sr. Francisco Guedes de Carvalho e Menezes da Costa, Governador e Capitão General de Moçambique e Costa d'Africa Oriental.

(Collecção dos meus Mss. — Original.)

1798 *Novembro 6.* — Pelas duas horas da tarde, fazendo jornada a segunda Divisão da Expedição, chegaram dois soldados com officios do Commandante da primeira Divisão, Pedro Nolasco Vieira de Araujo, em que fazia saber a morte do Governador que foi dos Rios de Sena, o Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida, succedida na Côrte do Rey Cazembe aos 18 de Outubro, e a nomeação que me tinha deixado de Commandante de toda a Expedição; com Instrucções do que havia de fazer para complemento das diligencias, que elle tinha principiado em execução á Ordem Regia atinente a este reconhecimento; e pelas quatro horas, estando presentes os principaes individuos, e membros da segunda Divisão no lugar do Daro, pousada, mandei ler pelo Tenente Antonio José da Cruz, a nomeação de Commandante, e em virtude della tomei posse da commandancia, das mãos do Tenente Manoel dos Santos e Silva, que desde o dia 22 de Outubro era Commandante da segunda Divisão, e tinha succedido a Gonçalo Caetano Pereira, e José Rodrigues Caleja, pela determinação do dito fallecido Governador. Pelas oito horas da noite veio á minha Moçassa, barraca de palha, o Tenente Manoel dos Santos e Silva, noticiar-me, que José Rodrigues Caleja, o Capitão João da Cunha Pereira, e Gonçalo Caetano Pereira, queriam cassar a minha nomeação de Commandante, não obstante ser feita no Real Nome de Sua Magestade, para elles ficarem commandando; porque ao Capitão, como official de maior patente, e aos outros dois como

praticos dos mattos, convinha, e pertencia commandar na falta do Governador. Recommendei ao mesmo Tenente Manoel dos Santos e Silva, que, para evitar discordias, fizesse socegar, e abafar aquella nascente rebellião, pelo melhor modo que podesse, e que sendo necessario declarasse que eu mesmo lhes enviava dizer que ficaria sem ser Commandante, para dar lugar ás suas pretensões, e para evitar desordens nos sertões; porém que ficassem entendendo, que verificado o que projectavam, o caso ficava sendo identico com o levantamento do Cabo de Correntes. Com esta e outras razões, que o dito Tenente lhes ponderou, principalmente a de não terem todos elles prestimo, e capacidade para dar conta de tão pesada commissão, e de fazer os competentes officios a Côrte, e Angola, quando se verificasse o conseguir-se a abertura do caminho daquelle Reino, ficaram socegados, e desistiram do projecto que haviam formado. 1798

Dia 7. — Partio a segunda Divisão para onde havia povoado, para fazer mantimento de que toda a comitiva estava desprovida. Deste lugar, que dista dois dias de caminho da Côrte de Cazembe, mandei despedir hum portador com o presente de 36 pannos de fato (chama-se panno nestes rios e sertões huma braça de qualquer fazenda, e huma Mutava de missanga, 200 fios) de bôca para fazer saber ao dito Cazembe a nossa chegada, e pedir-lhe o seu beneplacito para entrarmos na sua Côrte.

Dias 8, 9 e 10. — Chegou a licença do Cazembe para entrarmos na sua Côrte; mas como já era tarde, assentaram que era melhor passar aquelle dia no mesmo sitio em que estavamos, para no seguinte seguirmos a jornada.

Dia 11. — Pelas oito horas da manhã partio a segunda Divisão com a sua marcha do costume, para entrar na Côrte de Cazembe. Depois de meia hora de caminho encontrámos Fumo Anceva, Secretario Thesoureiro de Cazembe, Intendente dos Estrangeiros, que são chamados negociantes, donde vem o nome de Fumo Uamceva, que pela corrupção, ou má pronunciação, dizem Fumo Anceva. Estava elle assentado

1798 na sua cadeira, que he de feitio de hum tamborete raso, pouco arredado do caminho, e vestido do seu muconzo, panno de maior galla entre elles. Logo o mandámos cumprimentar, e elle nos enviou dizer que podiamos seguir adiante. Com esta resposta continuamos a nossa marcha, e elle veio atrás acompanhando-nos a pé, e servindo-se dos Cafres que trazia para o carregarem onde havia atoleiros, e ribeiros de agua. Depois da nossa chegada ao sitio onde estavam abarracados os Muzungos da nossa comitiva, que tinham chegado primeiro (chamam Muzungos aos homens brancos, e a todos aquelles, que não são Cafres), appareceu Fumo Anceva nas suas casas grandes, que o Commandante da primeira Divisão tinha mandado alugar por huma peça de zuarte, para minha acommodação, em quanto não fazia as minhas casas; alli nos cumprimentou da parte de seu Amo, e entregou o presente de dois dentes de marfim, e dois caporretes, Cafres de dezeseis annos, que se chama bôca, porque he costume entre os Cafres de nunca admittirem, nem mandar a outro recados, e nem mesmo fallar sem algum presente, que por isso se chama bôca. O que digo de presentes não se entende daquelles, que tem trato familiar, e muitas vezes se vêem. Foram os ditos dentes, e caporretes entregues ao Tenente recebedor, Manoel dos Santos e Silva, para os arrecadar para a Fazenda Real. Na tarde deste dia, por conselho dos que já estavam na Côrte de Cazembe, e tinham maior pratica de seus costumes, mandei remetter-lhe de bôca 36 pannos, fazendo-o sabedor que eramos chegados, e entrados na sua Côrte.

Dia 12. — Mandou Cazembe huma grande porca, que tinha, para os Muzungos verem; dizendo que lhe tinha vindo de Angola; chamam Angola aos sertões visinhos ao nosso estabelecimento de Angola, onde têem as suas correspondencias, e fazendo perguntar ao que conduzia a dita porca se tinha feito cria, respondeu que não, porque logo havia morrido o macho. Galanteou Cazembe aos novos hospedes com o mimo de huma vacca esfolada, e partida; e a mim me enviou dizer, que considerava, ou reconhecia por Com-

mandante, circumstancia bem precisa para que eu fosse 1758
considerado por tal nas suas terras.

Dia 13. — Remetteu Cazembe varios pedaços de fazendas de lã, que elle e os seus chamam de Angola, como calamanhas, durantes, serafinas, e saetas, e varias pedras de côres e pintadas, para os Muzungos verem, e dizer se nas suas terras havia aquella qualidade de fazendas. Mandou tambem de presente aos mesmos varios vidros azues para beber agua. Não obstante esta mostra de benevolencia, pelas tres horas da tarde foram presos, e maltratados pelo Fumo Anceva todos quantos tinham vindo á Muçassa, lugar onde se faz acampamento, ou abarracamento, vender farinha de mandioca, varios legumes, e comestiveis; e desde então houve huma rigorosa prohibição para nenhuma pessoa do paiz vender cousa alguma aos hospedes.

Dia 14. — Com assistencia, e direcção do primeiro pratico dos mattos, Gonçalo Caetano Pereira, deu-se principio a preparar o presente que se havia mandar a Cazembe no Real Nome de Sua Magestade; e achando elle dito pratico que aquelle presente devia ser feito ao contento de Cazembe, pedio-me que mandasse chamar a Fumo Anceva para assistir, e ver o Mirambo do seu Rey: Mirambo é qualquer mimo, ou presente. Convidei logo a Fumo Anceva, que não faltou; porém como elle com a noticia, que o Dr. Lacerda lhe tinha dado, de que com a segunda Divisão vinham boas cousas, que o Rey da Manga (chamam geralmente Manga ás terras dos Muzungos), enviava a Cazembe, tomasse pretexto de não se dar por contente com o que se dava, pretendendo que tudo quanto a Expedição levava, pertencia ao seu amo Cazembe, porque Sua Magestade lhe enviava tudo de presente; foi preciso estar regateando sobre a quantidade dos effeitos que haviam de compor o dito Mirambo; pois em quanto á qualidade pedia, e requeria tudo quanto via, até as mesmas cousas, e trastes do uso de cada hum.

Dias 15, 16 e 17. — Vendo Cazembe que tardava o seu Mirambo, e não podendo soffrer tanta demora, e ao mesmo tempo não querendo persuadir-se de que o seu Secretario

1798 com as suas impertinencias era causa della, incumbio ao mesmo Secretario de me trazer dois dentes de bôca, e dizer que elle me pedia houvesse de concorrer com todo o esforço para abreviar o seu Mirambo; pois podia-o fazer, porque era o grande dos Muzungos; porém o dito Secretario nem trouxe os dentes, que deixou ficar para si, e nem deu o recado. Todos os dias que durou a dependencia do Mirambo, não tive pouco que aturar ao dito Secretario, soffrendo as suas grandes grosserias, e brutalidades. Neste mesmo dia, acompanhado de alguns companheiros, que tinham maior conhecimento dos costumes do paiz, remetti áquelle Secretario o seu Mirambo, posto que sempre lhe tivesse segurado que depois de ter presenteado ao seu Rey, o havia de fazer a elle tambem. Constava este Mirambo de 36 pannos de fato, de 1 getim fino, de 4 pendos, pequenas barras de calaim, de huma mutava de missanga sortida, 5 pannos, 20 fios de velorio tambem sortidos, e de 4 porselanas de cauri, buzio pequeno. Com este presente ficou socegado, e livre da desconfiança, que o atormentava, julgando não se lhe daria cousa alguma; e correspondeu com outro presente de hum dente de marfim. Depois desta passagem mostrou-se pouco sereno; porém não deixou de ateimar na sua pretensão de querer fazer avultar o Mirambo do seu Rey, pedindo cada vez mais isto, e mais aquillo.

Dias 18, 19 e 20. — Ajustando, e promettendo Fumo Anceva de levar hoje o Mirambo do seu Rey, faltou á sua promessa, e palavra.

Dia 21. — Pelas grandes diligencias que se fizeram, levou emfim Fumo Anceva o Mirambo a Cazembe, que ficou com elle satisfeito. Constava este presente de varios effeitos, que só por huma grande relação se podem referir, a qual omitto aqui, por seguir a brevidade de hum Diario; e porque a dita relação pertence á conta que o Recebedor deve dar. Segundo o costume praticado entre os cafres, é de crer que Cazembe, recebendo o presente que fica dito, havia remetter de bôca pela acceitação delle alguns dentes de marfim, e escravos; porém nesta occasião nem recado veio. Remetti

outro presente a Muenepanda, primeiro Cabo de guerra de 1798
Cazembe, de quem he muito attendido, e mostrou muita satisfação de eu o procurar para amigo, e correspondente. Constava o presente com que o brindei de 36 pannos de fato, de 1 espelho, de huma peça de getim fino, de 4 pendos de calaim, de huma mutava de missanga sortida, de 5 pannos de velorio tambem sortidos, de 10 douros sortidos, e de 4 porselanas de cauri. Elle gratificou o brinde, e correspondeu com a remessa de hum dente de marfim miudo, e huma barra de cobre. Chama-se miudo o dente que tem 7 ½ arrateis até 14.

Dias 22 e 23. — Remetti outro presente ao irmão do Rey Sana Muropue, que ficou muito agradecido da minha amizade. Era o presente de effeitos iguaes ao que remetti a Muenepanda; porém elle mais generoso do que este correspondeu com a remessa de hum dente de marfim, do peso de algumas duas arrobas e mais.

Dia 24. — Como o cargo de Commandante me punha na precisão de fazer maior presente e gastos com Cazembe, para ganhar a sua amisade em todo o sentido necessaria na circumstancia em que me achava; e porque a minha apressada vinda não me tinha dado lugar para me preparar, pois com um repentino, não esperado, e urgente aviso logo em poucos dias sahi de Quilimane para vir a Tete ajuntar-me com a Expedição, de que era nomeado Capellão; tomei na Recebedoria de Sua Magestade alguns effeitos, que não podiam fazer falta para pagar o seu valor em dinheiro na volta da Expedição a Tete. Isto mesmo foi fortemente censurado, e criticado por José Rodrigues Caleja, e seus sequazes, e reputado em culpa o Recebedor Manoel dos Santos e Silva.

Dia 25. — Gonçalo Caetano Pereira, primeiro pratico dos mattos, fazendo convocar ao Recebedor Manoel dos Santos e Silva, ao Escrivão Antonio José da Cruz, e ao Capitão João da Cunha Pereira, veio com elles dar-me noticia, e parte de que Cazembe estava pouco satisfeito com o presente que se lhe tinha feito no Real Nome de Sua Magestade; e que pelas noticias que elle tinha tido havia perigo de que viessem os

1798 seus vassallos invadir, e roubar a casa da Recebedoria, onde ficavam recolhidos todos os effeitos pertencentes á Fazenda Real, e que houvesse eu de me acautelar, dando as providencias necessarias, e promptas. Com este aviso mandei fazer com toda a brevidade, e segredo 400 cartuxos embalados, para o que podesse acontecer, e com a representação do Tenente Recebedor Manoel dos Santos e Silva, em que me expoz, que para segurança da Fazenda Real convinha adiantar soldos a todos os filhos da folha, para no caso de se verificar a parte de Gonçalo Caetano Pereira, não ficar a Fazenda Real prejudicada nas quantias que adiantasse, mandei dar a todos os soldados soldos adiantados de tres mezes; porque os officiaes já tinham requerido, e recebido maior adiantamento. Por esta occasião é que eu tambem recebi os meus soldos de Capellão, por que não tinha outros vencidos, do seis mezes, e adiantados de dez, que importaram em 395 pannos de fato, que se reputam em 197$500 réis, dinheiro destes rios, e de Portugal 98$750 réis.

Dias 26 e 27. — Um Chirero Grande queixou-se perante Cazembe de que o Capitão João da Cunha Pereira se tinha deshonestado com sua mulher, e pedindo satisfação do insulto, disse-lhe Cazembe, que castigasse a sua mulher por que tinha ido desinquietar os Muzungos. Com esta resposta desvaneceu o projecto do Chirero, que era de haver algum fato de multa. O motivo da resposta do Cazembe foi o seguinte. Tendo elle recebido a noticia de que a Expedição hia para a sua terra, ajuntou os seus Grandes, e descubrio-lhes a hida dos Muzungos ao seu paiz; e ponderando que os ditos Muzungos não levavam as suas mulheres comsigo, recommendou a todos, que tivessem cuidado em guardar bem as suas mulheres, por que se se descuidassem, e lhe fossem com alguma queixa de Muzungo, ou mesmo de algum Cafre dos Muzungos, ter-se deshonestado com ellas, não os havia de attender.

Dia 28. — Neste dia deu o Cazembe com maior solemnidade a primeira audiencia aos Muzungos, que tinham ficado atrazados com a segunda Divisão. Estava elle assentado na

sua Hytanda, tamborete baixo, raso, feito ao gosto do paiz, 1798
forrado de xale, fazenda pintada do Norte, na porta principal da sua casa, debaixo de dois sombreiros, ou chapeos de sol grandes de tucorim, fazenda ordinaria de Balagate, toscamente trabalhados. Todo o terreiro, que he espaçoso, achava-se occupado de hum grande povo; adiante do povo estavam assentados os seus Grandes, até o seu filho, e irmão, mas no chão descoberto. Todos applaudiam com as palmas, que batiam, qualquer palavra, ou vista que seu Rey deitava, e estas palmas eram acompanhadas de gritos, e vozes de alegria, ao que os outros acompanhavam com toques de marimba, e outros instrumentos ao seu uso, porém rapidamente, segundo o Rey lançava a vista, ou fallava, porque neste tempo, só tocavam, e batiam palmas os que estavam daquella parte para onde elle via, ou fallava, ficando os da outra parte em silencio. Os Grandes não só batiam palmas, mas tambem tomavam terra, e com ella esfragavam braços, e peito, signal de humildade, e aqui tambem de rendimento de vassallagem. Á nossa chegada o Rey já estava fóra de suas casas, e no lugar que disse, com pequena fogueira diante de si, cercado de varias pontas em que tinha os seus remedios preservativos de feitiços; e como para nossa assistencia estava determinado certo lugar do mesmo terreno, alguns trinta passos distante daquelle em que elle estava, para ahi fomos conduzidos pelo Fumo Anceva, que era nosso conductor, e logo ficámos cercados de grande multidão de gente, que tinha concorrido para ver. Fumo Anceva foi pôr-se de joelhos quatro passos arredado de seu Amo, para estar recebendo as suas ordens. Immediatamente sahio Catára, Cafre Morunda, que tinha estado em Tete, e havia acompanhado a Expedição, e se poz a pemberar, isto he, a balhar, como aquelles Cafres fazem em signal de alegria, fazendo pausa nos saltos que dava quando chegou na visinhança do Rey, que lhe ficava distante alguns oito passos, entrou a mostrar com a faca que tinha na mão a parte onde julgam lhes fica Angola, e onde dizem está Tete, vindo a significar que elle Cazembe era muito feliz, pois attrahia as correspondencias

1798 daquellas duas partes. A tropa, que tambem assistio nesta occasião, fez algumas evoluções, e deu descargas, de que Cazembe summamente gostou. Mandei comprimental-o; porém os cafres de Gonçalo Caetano Pereira, que serviam de interpretes, ao mesmo tempo que davam o recado, apresentaram o presente de 76 pannos, e huma mutava de velorio, que eu levava de bôca. Cazembe respondeu sómente que passava bem, e mostrando satisfação mandou recolher o presente; deu em retribuição tres dentes de marfim de mais de huma arroba cada hum, e dois escravos, e logo se retirou. Assim acabou a primeira audidencia, que Cazembe nos deu, se se póde chamar audiencia. Antes que a tropa partisse para essa funcção, que acabo de referir, houve entre o Capitão João da Cunha Pereira, e o Tenente Manoel dos Santos e Silva, disputas sobre quem havia de cubrir a companhia. Pretendia o segundo maior antiguidade por ser Tenente mais antigo, e como queria levar a primazia sobre o primeiro, dizendo que ainda não tinha sido approvada, e confirmada a sua nomeação de Capitão pelo Ex.mo Sr. Capitão General de Moçambique, e nem obtido a sua Carta Patente, cresceu a pendencia com tanto calor que na frente mesmo da Companhia, que já estava formada para marchar, se descompozeram os dois officiaes com nomes muito injuriosos, chegando o Tenente a tratar ao Capitão de corno, porém elle falto de brio, e honra, logo se acommodou, e desde o dia seguinte se fez amigo do Tenente; tal era o caracter da maior parte dos que compunham a Expedição.

Dias 29 e 30, 1 e 2 de Dezembro. — Depois de chegarmos á Côrte de Cazembe, o Tenente Manoel dos Santos e Silva suspendeu a seu arbitrio o municiamento de velorio, que desde o principio da viagem se fazia a toda a gente para a compra de seus mantimentos; por cujo motivo, tendo havido requerimento a este respeito, determinei que se cumprisse o dito municiamento.

Dia 3. — Tendo o Recebedor recebido em viagem ordem do Governador para pôr prompto o Balanço geral de suas contas, e em estado de lho apresentar na Côrte de Cazembe,

poz o caso em tal esquecimento, que julgava jamais teria 1798
que dar contas, pois que o Governador era fallecido. Neste pensamento chegou com a segunda Divisão á Côrte de Cazembe, onde, determinando-lhe eu, que na conformidade daquella ordem apresentasse o seu Balanço, remetteu-me passados bastantes dias huma relação dos effeitos, que existiam. Como neste tempo já me tinha chegado a noticia dos desvios, que haviam na Recebedoria, ácerca dos effeitos que existiam pertencentes á Fazenda Real, ordenei ao mesmo Recebedor que dentro em oito dias peremptorios me entregasse o seu Balanço, porque não me contentava com a relação dos effeitos existentes, com que me tinha querido satisfazer.

Dia 4.—Tendo-me chegado noticia de que Gonçalo Caetano Pereira, pelos seus Cafres, tinha feito queixas a Fumo Anceva para este o fazer a Cazembe, em como eu teimava, e apropriava para mim os mimos que elle enviava para lhe serem entregues a elle dito Gonçalo Caetano Pereira, alludindo aos dois dentes de marfim, e dois caporretes referidos neste Diario no dia 11 do corrente, que eu tinha mandado arrecadar á Fazenda Real, a quem pertencem por ser correspondencia da despeza de 36 pannos de fato, e huma mutava de missanga de bôca, referida no dia 7 do passado; e aos tres dentes de marfim, e dois escravos dados no dia 28 do passado, que tinha arrecadado para mim, por ser correspondencia da despeza de 76 pannos de fato, e huma mutava de velorio, que eu tinha feito no mesmo dia; e achando pelo exame que fiz ser certo este indigno procedimento daquelle mau homem, para tirar-lhe a occasião de me desacreditar mais sobre este objecto, mandei entregar os tres dentes, e escravos referidos, e os productos das correspondencias de Fumo Anceva, referidas no dia 17 do passado, do Muenepanda no dia 21, da de Sana Muropúe no dia 22 do passado, ao Recebedor Manoel dos Santos e Silva, para os arrecadar a Fazenda Real, recebendo delle correspondentes effeitos aos que eu tinha despendido.

Dia 5.—Chamou Cazembe a Expedição, e tropa para as-

1798 sistir á entrada, que dava a hum seu Cabo, que vinha de dar guerra. Eu por me achar enfermo não fui a este chamamento. A funcção consistio em apparecer Cazembe assentado na sua porta principal, como no dia em que nos quiz ver. Depois de todos juntos appareceu o Cabo, em cujo obsequio eram aquellas festas, com algumas cabeças daquelles, que tinha morto na guerra, e alguns escravos, o qual depois de os ter apresentado entrou a dar os saltos do costume em signal de alegria. Chegou-se ao pé do seu Rey, que em demonstração de se dar por bem servido, abaixou-lhe a faca que tinha na mão, e continuando a dar os seus saltos foi interrompido com o signal, que Cazembe fez á tropa para trabalhar com algumas evoluções, sendo o seu maior gosto ouvir as descargas com que terminou a funcção.

Dias 6, 7 e 8.—Houve na Mussassa grande desordem, e briga entre a escravatura de Gonçalo Caetano Pereira, e de Pedro Xavier Velasco, e não querendo acommodar-se os Cafres daquelle, por que seguindo aos de Pedro Xavier, que obrigados pelos seus Amos se retiravam, davam mostras de querer envolver toda a Mussassa em desordem, mandei ao Capitão João da Cunha Pereira, que com a tropa necessaria fizesse apartar a bulha, e recolher os Cafres nas suas Intembas; porém como este Capitão nada executasse, e a desordem fosse crescendo, mandei fazer tiros com balas contra aquelles que se mostravam rebeldes, e teimosos, por que cahindo algum morto dessem a desordem por acabada. Não appareceram ballas, mas sim algum chumbo miudo com que os soldados fizeram bem poucos tiros, sahindo alguns delles feridos de frechas. Succedeu apparecer neste tempo hum Cafre Xiraro de Cazembe, que estava muito bebado, o qual confundindo-se na multidão entre os Cafres de Gonçalo Caetano, levou hum tiro, que lhe metteu hum ou dois chumbos pelas costas, com que logo cahio; e pela grande bebedeira, que havia tomado, parecia quasi morto. Com este successo apartou-se a bulha, e acabou a primeira desordem para principiar a segunda. As negras, parentes, e conhecidos do Xiraro cahido, carregando-o em braços, trouxeram-o com cho-

ros aonde eu me achava, dizendo que o tinhamos morto, 1798
sendo ainda peor os ameaços que nos faziam aquelles mesmos Cafres, vassallos de Cazembe, que foram nossos companheiros de viagem ahi, e em Tete tinham recebido muitos obsequios, porém eram Muizas, os quaes, por aquella fingida morte, promettiam á nós todos verdadeira morte, para ficarem com as nossas cabeças. Vendo eu o caso mal parado mandei a Pedro Xavier Velasco, que então tinha maior amizade com Cazembe, que logo fosse, ou mandasse dar parte daquelle successo para evitar algum insulto de seus vassallos. Recebeu Cazembe a parte com muito socego de espirito, e respondeu, que no dia seguinte julgaria sobre o acontecido á vista de todos os Muzungos, que queria presentes.

Dia 9. — Tendo ido os Muzungos que poderam, aos quaes não acompanhei por estar doente, disse Cazembe depois de ter ouvido todo o acontecido, e dado razão a Pedro Xavier Velasco, que pois os Muzungos estavam nas suas terras, procurassem viver socegados, e em paz, deixando o despique de suas paixões para quando voltassem ao seu paiz, e que quando não quizessem ouvir aquelle saudavel conselho, para a outra vez obraria de outro modo. Gonçalo Caetano teve a indiscrição de dizer, que com aquillo ainda não acabava a desordem pela sua parte; porém Cazembe, fazendo que não tinha ouvido, disfarçou, e deu a audiencia por acabada, respondendo aos Cafres auctores dos ameaços, que estavam em termos de ter huma morte muito triste. Neste mesmo dia, por occasião deste chamamento, Gonçalo Caetano Pereira, José Rodrigues Caleja, e Antonio José da Cruz, fallaram occultamente a Cazembe sobre a abertura do caminho de Angola, não obstante a prohibição que muito tempo antes eu lhes tinha feito para não tratar esta dependencia, por conhecer, que alem de serem imprudentes, não eram soffridos, e queriam fazer, e conseguir tudo de afogadilho. Constou-me que acharam a Cazembe inconstante; porque dizendo primeiro que daria licença, logo no mesmo ponto advertido de Fumo Anceva, retratou o que havia dito, com pretextos de difficuldades dos caminhos, de sorte que nada concedeu, e

1798 nem prometteu. Prendendo eu ao Alferes de Milicias, Vasco Joaquim Pires, pelas intrigas que quiz semear, por occasião da desordem do dia antecedente, fez com que logo acudisse Fumo Anceva a pedir pela sua soltura em nome de Cazembe, a quem deste modo faziam empenhar em tudo, e assim immediatamente o mandei soltar.

Dias 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, e 19. — Remetteu-me Manoel dos Santos o seu mal ordenado Balanço.

Dias 20 e 21. — Vendo pelo Balanço de Manoel dos Santos, que na verdade havia razão de recear alcance nas suas contas, o mandei suspender de Recebedor, não sem preceder a diligencia de mandar rever, e examinar o dito Balanço, e em seu lugar nomeei a José Rodrigues Caleja, a quem fiz mandar passar todos os effeitos pertencentes á Fazenda Real. Toda esta execução foi feita á ordem do Ex.mo Sr. Capitão General de Moçambique. Não faltou Fumo Anceva, que logo veio dizer-me, que seu Amo Cazembe queria, que o Recebedor Manoel dos Santos e Silva continuasse a exercitar o cargo de Recebedor, e respondendo eu que não podia consentir semelhante cousa, porque a Fazenda Real ficaria daquella sorte prejudicada, tendo o já sido bastante na administração do dito Manoel dos Santos e Silva; replicou que não importava que furtasse, que ficaria o furto sobre elle. Como tive indicios de que este recado era fingido, prometti de ir logo pessoalmente responder a Cazembe; mas como era tarde, e não podia ter audiencia de Cazembe, ficou esta diligencia para o dia seguinte.

Dia 22. — Com a promessa, que no dia antecedente tive de poder encontrar a Cazembe, fui a elle acompanhado de Pedro Nolasco Vieira de Araujo, Pedro Xavier Velasco, Gonçalo Caetano Pereira, e José Rodrigues Caleja; e logo que chegámos, sem demora fomos annunciados, e immediatamente introduzidos em huma casa redonda (desta sorte são todas as casas dos Cafres dos sertões), onde elle se achava assentado com muita côrte, que estava de fóra. Tudo foi despedido para ficar só comnosco; assistiram não obstante seu irmão Sana Muropue, e seu filho Muembute, e alguns

domesticos imprudentes se deixaram ficar para observar. 1798
Tamanha festa com que fomos recebidos, he porque tinhamos levado huma cama de campo, obra de Macau de que elle tinha noticia, e desejava muito ver, e ficar com ella. Quiz ver a cama armada, e entretanto que se lhe satisfazia, não se fartava de olhar o cortinado, que era de huma seda muito ligeira, e transparente. Depois que a cama ficou completamente armada, e elle muito contente, quiz-nos despedir, ao que disse que tendo eu dependencia com elle, ainda a não tinha proposto, e que assim não me convinha retirar da sua presença sem lha ter exposto. Mandou-me que fallasse, porque elle estava prompto para me ouvir. Principiei dizendo que vinha responder ao Milando do dia antecedente (chamam milando aos crimes, como outra qualquer dependencia de importancia). Acudio Fumo Anceva, que estava perto, e que entrou a fallar, e dar-lhe conhecimento do que hontem me tinha requerido em seu nome. Aqui me aproveitei da occasião de lhe mostrar em poucas palavras a fealdade do crime de furto feito á Fazenda Real, e representei, que por esta mesma razão o reo era indigno de sua protecção; acrescentei tambem que pois elle até então ignorava o succedido, attribuia o recado que em seu nome se me tinha dado á intelligencia do seu Secretario com Manoel dos Santos e Silva, e que daquella fórma o dito Secretario se expunha a fazer-se indigno de fé, ainda quando em seu nome fosse dar algum recado verdadeiro. Respondeu a Fumo Anceva, e disse-me que ainda faria mais para o castigar, e que eu tinha feito bem de pôr em boa arrecadação as fazendas da minha Soberana, e que podia segural-as como entendesse melhor.

Dias 23, 24, 25, 26 e 27.—Vendo eu que depois que Gonçalo Caetano Pereira, e José Rodrigues Caleja, tinham directamente tratado com Cazembe sobre a passagem de Angola, as diligencias que eu tinha applicado, por via de Sana Muropue, irmão do Rey, não se adiantavam, antes hiam esfriando, assentei de lhe hir positivamente fallar a este respeito, para cujo fim pedi a Cazembe audiencia para o dia seguinte, que ma concedeu.

1798 *Dia 28.*—Fui ao Cazembe acompanhado dos dois praticos dos mattos Gonçalo Caetano Pereira, e José Rodrigues Caleja, e achando-o acompanhado, e assistido de sua Côrte, fiz diligencia de lhe fallar só, mas não me sendo possivel, obrigado da necessidade de não perder occasião desta dependencia, porque os mais subditos, não podendo saber as medidas que eu tomava, já criticavam attribuindo-me inacção, e descuido, como se hum superior estivesse obrigado para satisfazer a curiosidade dos seus subditos, a declarar-lhes as suas idéas antes do tempo, com o perigo de fazer frustrar o fim proposto de qualquer dependencia, ficando livres aos ditos subditos em materia de tanta importancia, como he esta tão recommendada diligencia, usar de quantos meios imprudentes, e improprios a sua louca phantasia lhes pintasse; pois he o que me succedeu, como deixo dito no dia 9 do corrente; propuz, e fallei sobre a passagem de Angola, e abertura do seu caminho. Logo acudio o Rey, com difficuldades de guerras, que embaraçavam os caminhos; acrescentou, que tambem haviam fomes, e que sobre tudo tendo fallecido o Governador Lacerda na viagem, que fazia para esta diligencia, não queria, que os Muzungos que fossem para Angola acabassem de morrer pelo caminho, e lhe fizessem culpa de não ter advertido nos perigos da viagem, e de ter consentido nella; que recolhessemos, e noticiassemos á nossa Soberana tudo quanto elle ponderava; e que se não obstante aquellas difficuldades determinasse fossemos outra vez mandados para a mesma diligencia, então poderia conceder licença. Instei, mostrando que não era verdadeira a noticia das guerras, pois os portadores de Muropue, que tinham chegado havia pouco tempo, não davam noticias dellas, nem das fomes; e que quanto á morte que podesse succeder aos enviados, nunca culpariamos a elle, assim como a ninguem culpamos pela do Governador; porque sabiamos que tudo quanto vivia era para morrer, sem para isso ser preciso intervenção de algum successo extraordinario. Disse finalmente, que pois tanto desejamos abrir o caminho de Angola, ficariam depois da partida da Expedição dois Mu-

zungos com o destino de passarem para Angola, quando voltassem os portadores, que mandára para saber das guerras. 1798

Dias 29, 30 e 31. — Principiou a enfermar-se Cazembe com huma aguda dor de cabeça, que depois se espalhou pelo corpo.

Anno 1799, Janeiro 1, 2 e 3. — Apresentou-me José Rodrigues Caleja hum requerimento feito em nome de todos os membros da Expedição, pedindo a repartição dos comestiveis, que tinham vindo para gasto da mesma Expedição; porque sendo generos de avaria cada qual queria conservar melhor comsigo o que lhe coubesse. Mandei responder ao Recebedor sobre o Requerimento, e com a sua resposta mandei fazer a requerida repartição, que se executou logo. 1799

Dias 4 e 5. — De tal sorte foi crescendo a enfermidade de Cazembe, que a sua melhora já causava desconfiança, e por que não ignorava o perigoso estado em que se achava, por isso repetidas vezes recommendava a seu filho, irmão, e a todos os seus grandes, que no caso delle fallecer, de nenhuma sorte maltratassem aos Muzungos, porque eram negociantes, e estes gosam entre os Cafres de grandes privilegios. Os seus medicos não se fartavam de sacrificar quantas victimas humanas podiam immolar ás suas phantasias, e á sua barbara politica. Sahiam pela manhã, ao meio dia, e pelas dez horas da noite tocando seus tamborinhos pelos caminhos, e todos aquelles que elles apontavam, logo eram tomados como feiticeiros, e sem remissão mortos. Quantos Cafres não morreram nesta occasião! Quanto mais crescia a enfermidade de Cazembe, tanto mais se augmentava o nosso susto, porque com a morte delle, não obstante as suas recommendações, não poderiamos evitar os roubos, e outros insultos, que haviam praticar por todo aquelle Reino, pois entre os Cafres he costume celebrarem com roubos as exequias dos seus defuntos, sendo grandes do reino, e tanta maior licença se permitte para estes despropositos, quanto maior he o caracter do fallecido. Para prevenir qualquer acontecimento, mandei fazer sufficiente cartuchame.

Dias 6, 7 e 8. — Procurando por todos os modos entre-

1799 ter a paz, e boa intelligencia entre todos os membros da Expedição, até os tinha obrigado a virem á mesa geral; porém parecendo-lhes grave incommodo não poderem comer á sua vontade, e quando quizessem, aos poucos foram abandonando a dita mesa, de sorte que em menos de hum mez já não havia quem quizesse vir a ella. Logo me fizeram hum requerimento em nome de todos, pedindo fato para comprarem o necessario para suas mesas. Mandei responder ao Recebedor, o qual como auctor do requerimento sahio logo com a sua resposta, em que dizia, que se devia dar a despeza que o requerimento pedia. Para satisfazer a esta requisição, mandei arbitrar o fato que se devia dar a cada pessoa.

Dia 9. — Foi-me apresentada a arbitração com novo requerimento, que tinha por objecto a mesma requisição do primeiro requerimento referido no dia antecedente, por cujo motivo determinei ao Recebedor, que contribuisse a cada pessoa o fato arbitrado, que eram 10 pannos por cada mez.

Dias 10, 11, 12 e 13. — Ficou Cazembe alliviado da sua molestia; mas ainda não se tinha mostrado ao publico. Caetano Fabião, Cabo de Esquadra, despachado para voltar a Tete com os officios dirigidos áquelle Governo, aproveitando-se desta occasião foi despedir-se de Cazembe com interesse de algum presente, que esperava delle; porém perguntando Cazembe pelo motivo da sua hida, e sabendo que era o de levar a noticia do fallecimento do Governador, remetteu-me hum dente de marfim, do peso de mais de 2 ½ arrobas, dizendo que era sua carta, pois não sabia escrever, com que participava ao Estado aquella infausta noticia de ter fallecido nas suas terras o Geral, nome com que os Cafres nomeiam aos Governadores, e foi o dente arrecadado pelo Recebedor José Rodrigues Caleja.

Dias 14, 15, 16, 17 e 18. — Veio a minha casa Sana Muropúe, irmão do Rey, que eu tinha convidado para lhe propor o plano de hum negocio livre; e depois de lhe ter mostrado a vantagem, que delle podia resultar ao Rey, e suas terras, pedi que o persuadisse a Cazembe com quem eu havia tratar ao depois, o que elle prometteu de fazer.

Dias 19 e 20. — Apparecendo entre o peixe sêco, que os Cafres do paiz traziam para vender, Garôpas, Bagre, e peixe Pedra, que só habitam em agua salgada, entrei a examinar se havia perto algum lugar de semelhante agua, e achei que no sitio onde Xibuiri, genro de Cazembe, tinha a sua habitação, e donde, depois de roubar e matar quatro Mossambazes, cafres contratadores dos negociantes de Angola, veio fugitivo para as terras de Cazembe, havia hum rio chamado Nhanzampote, que he de agua salgada, e tem enchentes, e vasantes. A distancia que vai da cidade ou Côrte de Cazembe ao Chumgo, segundo a relação dos cafres, he de hum mez de viagem; mas como elles não fazem por dia se não huma pequena marcha de tres horas, póde prudentemente julgar-se que aquella jornada será de quinze dias. Daquelle lugar a Muropúe são oito dias de viagem, que devemos reputar quatro, e dahi outros tantos, ou mais quatro para Mueneputo, Regulo visinho a Angola. Póde ser que o dito rio seja o Quanza, e nós deixámos atrás o Cunene por falta de observação de pilotagem, porém não se pôde conseguir exacta averiguação delle, e nem de outras cousas, que podem ser muito interessantes, com a brevidade, e fogo com que o Governador Lacerda pretendia; e nem com a comitiva de homens tão extravagantes, e desordenados, como são os que pela maior parte compõem a Expedição. 1799

Dias 21, 22, 23, 24, 25 e 26. — Os Cafres do Tenente Antonio José da Cruz deram corrida ás negras do paiz, que tinham vindo vender farinha, e milho burro, milho grosso, e lhes furtaram algumas massarocas, acção que mais de huma vez praticaram, não ignorando seu amo; porém assim que chegou á minha noticia, mandei-lhe dizer que fizesse evitar aquelle procedimento da sua gente, e a castigasse, pois da continuação delle podiam resultar muitos males.

Dia 27. — Appareceu Fumo Anceva com recado de Cazembe, que estava queixoso de que alguns cafres pertencentes á Expedição, não se contentando de andar descorrendo por todas as Mundas, Searas, e tomando o mantimento que queriam sem embaraço algum, tinham adiantado o seu des-

1799 embaraço até chegar a fazer o mesmo nas Mundas de suas mulheres, o que alem de ser mal feito, ellas de nenhuma sorte podiam consentir, e soffrer; e que para evitar aquellas desordens tinha Cazembe determinado repartir chão semeado de mandioca para cada Muzungo ter com que dar aos seus checundas, cafres captivos, e ladinos dos moradores dos rios; e assim no dia seguinte fossem com elle os checundas de cada Muzungo, para verem, e receberem a repartição, que coubesse a seus amos. Satisfiz á queixa pelo melhor modo possivel; acceitei o offerecimento para tirar aos cafres, e soldados pretextos de furtar mantimentos alheios, e agradeci a generosidade de Cazembe.

Dias 28, 29, 30 e 31, 1, 2, 3 e 4 de Fevereiro. — Neste dia mostrou-se Cazembe ao seu povo para lhe fazer certo de suas melhoras, e convalescença, o que foi celebrado com muitos toques de palmas, gritos de alegria, concerto de marimbas, e de outros instrumentos. Vasco Joaquim Pires, querendo mostrar a sua libertinagem, disse que não carecia de missa, e por isso desde este dia nunca mais veio a ella. Hoje chegou-me a noticia de que todos os cafres já vendiam com liberdade as suas marendas, mercadeiras de marfim, e escravos.

Dias 5, 6, 7, 8 e 9. — José Rodrigues Caleja veio certificar-me, que Pedro Xavier Velasco conservava secretas intelligencias com Cazembe, por meio das quaes o tinha induzido a difficultar, e negar a passagem de Angola pelas suas terras, porque sendo hum dos nomeados pelo Governador Lacerda para esta viagem, e ficando com o fallecimento do dito Governador despersuadido das vantagens que em sua vida lhe havia promettido em premio de seus trabalhos, já não queria hir por Enviado desta diligencia a Angola, para onde sabia havia de ser mandado conforme as instrucções, e recommendações do dito Governador, se Cazembe concedesse passagem pelas suas terras; e como acrescentasse que era tão certo o que dizia, que o podia provar pelos companheiros, perguntei se podiam attestar debaixo de juramento tudo quanto elle dizia; com a resposta affirmativa, que

me deu, passei ordem para todos os individuos da Expedição passarem as suas attestações juradas, com fundamento de formalisar por ellas os interrogatorios da inquirição, que propuz perguntar, para documentar hum successo tão estranho. 1799

Dias 10 e 11.—O mesmo José Rodrigues Caleja, constituindo-se por si mesmo solicitador da dependencia da abertura do caminho de Angola, que desprezando a minha prohibição tratava sem eu saber com grande calor, e maior imprudencia, veio-me convidar para que fossemos a Muenepanda, Cabo muito attendido de Cazembe, tratar este negocio. Perguntando-lhe a razão que havia para esperar bom exito, tratando o dito negocio como elle fazia, não me deu outra resposta mais do que a de dizer, que assim se fazia preciso. Para não me envolver na sua imprudencia, e ter pretexto de sahir de qualquer embaraço, que se offerecesse, escusei a minha hida; mas como elle tinha adiantado as suas medidas, não só lhe não prohibi, mas pelo contrario disse, que tomasse a Gonçalo Caetano Pereira por companheiro, e ao Tenente Antonio José da Cruz, que estavam promptos para ser da comitiva, e fosse com elles, levando de bôca alguma peça de fato para conseguirem audiencia de Muenepanda. Constou-me que tiveram entrada com Muenepanda, com o qual, e com Fumo Anceva, que expressamente levaram comsigo, tiveram conferencia sobre o objecto proposto, e que depois de varias contestações ácerca das difficuldades, assentaram de hir no mesmo dia tratar com Cazembe, recommendando aos Muzungos que no dia seguinte fossem ter com o seu Rey animados com a certeza de que lhes havia deferir como desejavam.

Dia 12.—Tendo eu pedido audiencia a Cazembe para o hir comprimentar sobre as suas melhoras, porque por estar doente de cama não o tinha podido fazer pessoalmente, enviou-me dizer, que fosse na tarde daquelle dia encontral-o, ou quando quizesse, que o acharia prompto para me receber. Certificado com este recado fui pelas duas horas da tarde procurar a Cazembe, que estava com os seus grandes

1799 na assembléa de Pombe; por este motivo os porteiros me não quizeram deixar passar a primeira entrada, que logo fecharam. Estive algum tempo assentado ao pé da porta, esperando occasião de poder fazer certo a Cazembe de que não tinha sabido faltar. Passando o espaço de hora e meia abrio-se a porta, e foram sahindo varios grandes, que se mostraram sentidos do meu successo de espera, sem comtudo dar remedio, até que appareceu o Principe Muenebutu bastantemente tocado de Pombe; e querendo-me levar a seu pai, chegou seu tio Sana Muropue que estava mais sizudo, o qual, não consentindo que eu fosse ter com Cazembe, convidou-me, e levou-me para sua casa. Ahi, depois de me dar satisfação sobre o procedimento dos porteiros, e segurar que seu irmão não tinha sido sabedor da minha hida, assegurou-me e declarou-me emfim que não me havia poder fallar por ter estado no seu Pombe.

Dia 13.—Veio Caleja dizer-me que Cazembe chamava aos Muzungos no dia seguinte para conceder a passagem de Angola para as suas terras, e que a este respeito queria ver, e conhecer aquelles, que eram destinados para serem enviados. Toda a difficuldade, acrescentou elle, poderia vir de Pedro Xavier Velasco ser hum dos Enviados, pois não era do agrado de Cazembe que elle fosse para Angola. Para tirar este inconveniente, escusei a hida de Pedro Xavier, e em seu lugar nomeei ao Tenente José Vicente Pereira Salema para supprir a falta de segundo Enviado.

Dia 14.—Fui ao Cazembe com os Enviados e mais Muzungos. Logo fomos introduzidos onde elle estava dando audiencia aos seus grandes, e povo, e ahi tivemos de esperar até que acabasse aquella audiencia, que me disseram ser de admoestação que o Rey fazia a todos os seus vassallos, para abominarem, e abandonarem o crime de feiticeria, dando a entender que a sua enfermidade havia sido originada de semelhante causa. Depois de meia hora acabou a audiencia, e Cazembe passou para outro lugar onde nos fez conduzir; ahi perguntou pelos Enviados, e logo se apresentaram Pedro Nolasco Vieira de Araujo, destinado para este emprego, ou di-

ligencia pelo Governador Lacerda, e o Tenente José Vicente 1799
Pereira Salema. Depois de os ter visto, e conhecido, entrou a ponderar as difficuldades, que em outra occasião tinha inculcado, principiando pelo fallecimento do Governador, e rematando com as fomes, que havia pelos caminhos. Logo acudio José Rodrigues Caleja, e disse que não obstante todo o perigo, os Enviados estavam para seguir a viagem, porque Sua Magestade nos tinha mandado a esta diligencia para a executar a todo o risco, ainda que custasse a vida a todos. Cazembe admirado voltou para os seus, e disse: na verdade estes Muzungos temem, e respeitam muito a sua Soberana, pois não se lhes dá de se exporem á mesma morte; e continuando a fallar comnosco, disse que já que ateimavamos tanto, concedia licença, e permissão para os dois Enviados passarem pelas suas terras a Angola, e que elle daria guias até Murupue, porém que da nossa parte tudo se preparasse com promptidão, porque elle mandava esperar os seus vassallos, e Enviados, que sendo já por elle despedidos, estavam ao ponto de partir. Agradeci o bom despacho, que nos havia dado, e nos retirámos. Não me descuidei em fazer preparar os Enviados, que tambem da sua parte não cuidavam menos em se pôrem prestes para a jornada.

Dia 15.—Pelas nove horas da manhã appareceu Fumo Anceva acompanhado da sua comitiva, e pedio-me que mandasse ajuntar todos os Muzungos, porque tinha que fallar á vista de todos elles. Logo fiz convocar os Muzungos, e em cuja presença disse que Cazembe seu Amo nos enviava dizer-nos, que não tinha vigor a faculdade, que no dia antecedente havia dado para a passagem de Angola, porque a tinha revogado, não parecendo justo que logo com a nossa primeira hida ás suas terras, houvessemos de conseguir o nosso projecto, que depois de voltarmos a Tete, e dár parte á nossa Soberana, porque julgam que está perto, dos embaraços, e perigos que haviam se fossemos outra vez mandados com semelhante commissão, então conseguiriamos delle a sua licença, e todo o seu auxilio, e que tinha estranhado muito o calor com que eu, Gonçalo Caetano Pereira, e José Rodri-

1799 gues Caleja, tinhamos tratado esta dependencia; por cujo motivo no concurso de todos os Muzungos julgava-nos com pouco juizo. Fez-me Fumo Anceva entrar, e vir ao baile, como dizem, porque tal recado nunca poderia ser de Cazembe, ou porque julgou que sendo Commandante não podia deixar de ter influido na diligencia que aquelles dois fizeram arrebatadamente, ou porque achou que não devia poupar esta occasião de me mortificar, e desgostar, tendo-me tomado amaversão, e receando que por minha via chegassem algum dia os seus feitos a Cazembe. Depois de ouvir o parecer de todos, disse a Fumo Anceva, que não tinha esperado, nem pensado, que o seu Rey faltasse com a sua palavra, porque jamais assim o praticavam os outros Mambos; e que emquanto á nossa resposta lha dariamos depois de fazer conferencia, e devida reflexão sobre o caso tão novo para nós. Não dei outra resposta, esperando que Cazembe, com a consideração de que faltando á sua palavra deslustraria o seu caracter, mudaria de pretenção de nos impedir a passagem facultada de Angola. José Rodrigues Caleja veio-me noticiar, que indo Pedro Xavier Velasco pelo meio dia antecedente fallar a Cazembe, fôra repellido pelos porteiros, que lhe fecharam a porta.

Dia 16.—Pelas dez horas da manhã veio a minha casa Sana Muropue, irmão do Rey, o qual, tomando assento fóra da casa, pedio-me que mandasse convocar os Muzungos para ouvirem o recado que trazia. Logo appareceram os Muzungos, e entre elles fazendo-se Caleja advinhão, disse que elle sabia o negocio que Sana Muropue trazia, e era de pedir os Mirambos destinados a Muropue, e Mueneputo, Regulos que ficavam pelos caminhos de Angola aos nossos Enviados, quando seguissem sua viagem, o que não se verificou. Assim que appareceram os Muzungos, disse Sana Muropue, que elle vinha mandado do sèu Rey certificar-nos o recado, que no dia antecedente havia mandado por Fumo Anceva, que tambem se achava presente, e na verdade tinha sido mandado pelo Cazembe, o qual, reflectindo bem na temeridade, e teima de querermos bravar todos os perigos, não

dava licença para a passagem de Angola, e que o faria para 1799
a outra vez quando tornassemos a ser mandados, pois achava duro, que distribuindo elle a Chibuy, Fumo Governador grande dos Muizas, que embaraçava os caminhos, e communicação de suas terras com a dos Muzungos, e mandando os seus vassallos ás nossas terras procurar fato, e vindo com elles os Muzungos com muitas fazendas ao seu Reino, houvessem de as extrahir para fóra delle; acabado este recado mandava Caleja dizer a Sana Muropue, que os Muzungos tambem não desejavam morrer para expor as suas vidas aos perigos que Cazembe ponderava, e assim lhe ficavam agradecidos. Embaracei logo o recado, e perguntando ao dito Caleja se este recado concordava com o que no dia 14 lhe havia dito em presença de Cazembe, e seus grandes, impuzlhe hum grande silencio, porque corrido de sua imprudencia, e cobardia, não só não teve que responder, mas até ficou mudado de côr, e não fallou mais. Consultei o voto de todos, que assentaram que deviamos estar conformes com o que Cazembe dizia. Não me agradou este parecer, mas para disfarçar, e ganhar tempo, foi preciso adoptal-o; porém como a brandura com que fallou Sana Morupue desse lugar de fazer patente a todos o mau comportamento de Fumo Anceva, que no dia antecedente para dar semelhante recado se tinha portado com huma insoffrivel arrogancia, antes de dar resposta ao proposto, fiz perguntar ao dito Sana Muropue, se era certo que Cazembe me tratava por hum homem de pouco juizo, como Fumo Anceva tinha dito na manhã do dia passado, e se igualmente era o que tinha dito a Fumo Anceva, que se os Muzungos fossem Muizas, havia mandar cortar a cabeça a todos, como o dito Fumo Anceva tinha dito ao Cafre de Gonçalo Caetano Pereira que servia de lingua, e naquella manhã o tinha hido procurar a meu mandado. Aqui tive de experimentar a cobardia, e murmuração de todos os que estavam convocados para ouvirem o recado, os quaes até chegaram a perguntar-me para que era aquella averiguação, e se eu pretendia tomar satisfação de Cazembe, ou de Fumo Anceva? Não me embaraçando com as suas criti-

1799 cas, mandei explicar, e dizer a Fumo Anceva o que tinha proposto perguntar, e elle negou tudo, attribuindo a novidade, e impostura, o que acabava de lhe perguntar. Depois desta diligencia, que deixou a todos em confusão de ver abatida a soberba daquelle Cafre, mandei dizer a Sana Muropue, que não tinha esperado que o seu Rey faltasse á sua palavra, quando semelhante procedimento era impraticavel, e estranhavel entre os mesmos Reys, Cafres que tem os seus Reinos nas visinhanças das suas terras; que sobre a passagem de Angola já não fallariamos mais, porque Cazembe assim o queria. Com este recado deu a sua embaixada por acabada, e se retirou. Na tarde deste dia dei principio a formalisar a inquirição, que pretendia perguntar ácerca do crime de Pedro Xavier Velasco.

Dia 17. — Tornou a vir Sana Muropue a minha casa pelas oito horas da manhã, e pedindo assembléa dos Muzungos, que logo mandei vir, disse que vinha outra vez mandado de Cazembe para nos dizer que como já não havia viagem para Angola, elle queria para si, e pedia os presentes que eram destinados a Muropue, e a Mueneputo, porque naquelle caso se faziam escusados. Pedi o voto dos meus subditos, que estavam possuidos de terror panico, porque sabendo que Cazembe havia de fazer esta requisição, receiavam que eu faltasse ao seu peditorio, e daqui agouravam tristes presagios, que até não deixavam dormir a alguns delles com medo de que seriam enxovalhados, e inteiramente roubados. Pedro Nolasco Vieira de Araujo, Pedro Xavier Velasco, e Antonio José da Cruz foram os unicos que se não mostraram assustados na assembléa. Todos disseram que deviam ser entregues a Cazembe os presentes que exigia, porque de outra sorte trataria mal a todos, e não deixaria de fazer grandes hostilidades. Como todos os votos eram uniformes, e á vista do estado em que as cousas estavam, qualquer resolução que eu tomasse em contrario não seria prudencia, antes huma perigosa indiscrição, assentei de exhibir o que se requeria; porém primeiro que tudo quiz saber a que titulo pretendia Cazembe aquelles presentes, se de divida, ou de

multa de algum crime; e assim fiz explicar a Sana Muropue, 1799
que logo respondeu que Cazembe não os pedia senão em boa amizade. Mandei-lhe dizer, que entregaria o que da parte de Cazembe pedia, mas que o havia de fazer nas suas mãos, e não nas de Fumo Anceva; porque tendo remettido por elle hum grande presente a Cazembe no Real nome de Sua Magestade, não sabiamos se o dito presente tinha sido entregue, e que fazendo primeiro conferencia do referido presente em presença de Cazembe, entregaria o que elle queria. Não se podia entregar aquelle presente a Fumo Anceva, porque já se sabia neste tempo que furtava á sua vontade de tudo quanto por sua via se remettia a Cazembe, e de tudo quanto Cazembe remettia por elle aos seus Buenozes, amigos, e correspondentes. Com o recado que dei a Sana Muropue fez-se Fumo Anceva de mil cores, ora negava que tivesse recebido o presente accusado, para evitar o exame, ora affirmava de ter posto tudo na presença de seu Amo. Sana Muropue, posto que conhecesse que o embaraço do Cafre era prova da sua má fé, comtudo ou por agradar a Cazembe, com quem o dito Fumo Anceva he muito acreditado, ou para o livrar da confusão em que se via, a qual tambem recahia em todos os Murondas, disse que elle havia de ter apresentado tudo ao Rey. Não obstante este dito de Sana Muropue insistimos no referido exame, e conferencia do presente remettido, e para este effeito foi deputado o Tenente Antonio José da Cruz, que tendo hido em companhia de Sana Muropue para esta diligencia, voltou sem ter podido conseguir audiencia de Cazembe. Tem este pobre Rey a fraqueza de se persuadir de que o seu Fumo Anceva he mal visto por zelar os seus interesses, e que tudo quanto se diz delle he falso, quando pelo contrario he este cafre o maior ladrão de todos os seus vassallos; comtudo assentou-se de entregar os presentes, que Cazembe pedia, posto que não se conseguisse a conferencia, e o exame do primeiro, de que se lavrou termo, em que todos assignaram. Na tarde deste dia dei principio á inquirição, que diz respeito ao crime de Pedro Xavier Velasco.

1799 *Dias 18, 19, 20 e 21.*—Houve tombocação baile de saltos que os outros Cafres destas bandas chamam penberação, entre o Principe Muenebutu, e seu cunhado Chibuiry de quem já tenho fallado no dia 20 de Janeiro. Cazembe assistiu a este acto com toda a grandeza do costume, porém com a prevenção de ter junto de si quatro Cafres armados, porque o Principe tombocava com o seu facão desembainhado, e devia tocar com o de seu pae, como entre elles se pratica em signal de honra, e obsequio: porém Cazembe não faz semelhante honra senão só a seu filho. A funcção se fez no terreiro da porta principal com concurso de muita gente, instrumentos, e da nossa tropa que Cazembe pediu, e de quem elle mesmo dirigia as descargas, pedindo-as quando lhe parecia. Fallou-se de que esta festa era para celebrar a alegria que todas as suas terras resentiam de fixar de huma vez o caminho de Angola para voltar toda a sua correspondencia para Tete, donde vem boas, e melhores cousas, como dizem; mas não se verificou esta noticia porque elle pretende conservar a correspondencia de sua Angola. Aqui me occorre fazer menção do tal Principe Muenebutu, e dos Morundas, e seus costumes. He o Principe Muenubutu alto, e bem parecido e proporcionado de membros: o seu aspecto he agradavel e elle quasi sempre alegre, e risonho: não cuida senão em se divertir; e a sua pouca idade de alguns vinte annos não lhe permitte outra cousa mais. Pelo contrario Cazembe inculca gravidade, e infunde respeito, he tambem alto e proporcionado de membros. A sua idade será de alguns cincoenta annos. Como tem muitas mulheres, maior grandeza entre os Cafres, cada anno gera regularmente dois até tres, ou quatro filhos. He muito generoso não só com os estrangeiros, e Muzungos, quando contra elles não está prevenido, aos quaes quasi todos os dias galanteava com muitos, differentes mimos de comestivèis, e regularmente com alguns escravos, marfim, ou barra de cobre, á proporção dos brindes, que lhe faziam de fato, ou contas, que estimam muito, e da affeição que lhes tomava; mas tambem com os seus vassallos aos quaes de vez em quando reparte escravos, e

algumas peças de fato. He inclinado á severidade, porque 1799
quasi de ordinario os seus castigos são de pena capital, ou pelo menos de cortamento de mãos: e he barbaro, pois em todas as luas novas envia hum Cafre ao seu medico para o matar, e com o seu sangue coração, e alguma parte das entranhas preparar os seus remedios para cuja composição sempre entra azeite. Estes remedios depois de preparados acommodam-se em pontas de differentes animaes, e até em dentes miudos de marfim, os quaes são tapados com rolhas de pau, ou de pannos, e repartidos por varios lugares de sua casa, pelo terreiro interior, e pendurados pelas portas. Sem ter alguma destas pontas ao pé de si, jámais falla a pessoa alguma com receio de que o enfeiticem. Faz suas assembléas com os seus grandes, que convida para beber Pombe, bebida fermentada feita de milho miudo, e tambem de outros legumes com mistura delle, ou sem mistura, segundo o gosto de cada hum. Estas assembléas começam pelo tempo da lua cheia, e duram até ao fim della. O espaço que duram são duas horas, e mais, e começam pela huma hora da tarde, ou mais cedo. Os assistentes tem a liberdade de beber quanto quizerem, porém é preciso conservar o que beberem, porque se succeder lançar fóra dentro da assembléa, logo aquelle miseravel a quem isto succeder, é punido com morte. Sendo Cazembe achacado de superstições como é o resto de todos os Cafres dos sertões, comtudo não é tanto como os outros. Não visita pessoalmente pessoa alguma, e nem sae fóra de sua casa a passeio. Tem o caracter de vaidoso, porém não obstante, os seus o fazem inconstante. Os Murundas, gente vinda dos sertões Occidentaes da Africa haverão mais de sessenta annos como dizem, e estabelecidos nas terras dos Vaciras, que elles conquistaram com armas, são da mesma nação com Cazembe com quem seguem os mesmos ritos, e costumes. Pelo ordinario são altos, bem pretos, bem formados de membros, e bem parecidos, não limam os dentes, e nem usam de pintura alguma pelo corpo, fazendo incisões: a sua vestimenta é um panno que lhes cobre da cintura até aos joelhos, e como este panno é seguro pelo cinto de couro da largura de

1799 quatro seis até dez dedos, sempre fica levantado pela dianteira de modo que deixa ver os joelhos. A maior gala desta gente é a sua vestimenta, que chamam Muconzo, elles a preparam e fazem de qualquer droga, mas quer seja de lã, quer seja de algodão, e neste caso deve ser preta. Para este fim cortam qualquer peça para tomarem algumas cinco braças e meia, ou menos de cumprido, que são precisas para o Muconzo; se a peça não tiver aquelle cumprimento, acrescentam-lhe outro pedaço, que seja do mesmo lote; a largura deste panno preparado é de dois palmos e meio, de sorte que se a droga tiver maior largura tiram-na, para lhe deixar a referida de dois palmos e meio; todo este panno é rematado com borda postiça, que lhe acrescentam de todas as partes. Esta borda é feita de tres tiras de outra differente droga, cada uma da largura de quatro dedos: a côr das ditas tiras ou é vermelha, e então a do meio é branca ou é amarella, sendo a do meio encarnada ou branca. Emfim, diversificam estas tiras, como lhes parece, tendo sempre o cuidado de procurarem côres diversas da do panno, ou droga principal. Quando vestem o seu Muconzo, cobrem com elle a cintura e pernas, rematando com grande volume de pregas postiças pela dianteira do corpo: quanto maior for o volume, tanto mais rico e grandioso se reputa o Muconzo. Para ornamento dos braços usam de enfiadas de contas finas a modo de pulseiras. Os pés cobrem com buzios enfiados, ou com pedras de côres, ou velorio, ou finalmente com missanga. Sobre o penteado usam de uma carapuça coberta de plumas, as quaes são de exquisitas aves; tambem sobre o penteado, que se compõe de muitas tranças grandes, e pequenas, fazem barradellas de certo barro que depois de secco tem muita presença com sandalo muido de que usam os mouros, e gentios; porém esta barradella é só na moleira: outros esfregam o corpo da cintura para cima até aos cabellos, com certo vermelhão, que ha bastante por aquellas partes. Este é o modo com que apparecem vestidos de galla. A vestimenta ordinaria é de um panno pequeno ordinario de comprimento de huma braça e meia, ou duas, com a borda es-

treita de huma só tira, ou sem borda. Outros vestem pannos 1799
feitos de casca de pau ao uso dos Muizas, ou de algodão sem borda, e finalmente de maxilas de gondo, conforme cada qual tem e póde. As femeas vestem por maior galla como o ordinario dos machos, quanto ao feitio do panno, que é callamanha, ou outra droga semelhante. Usam de varios enfiados de pedras, velorio, e missanga. Cobrem os pés do mesmo modo que os homens, porém não com tantos buzios, ou velorios como elles. O seu penteado é differente ao daquelles, porque cortando todos os cabellos da cabeça deixam uma pequena porção no meio, a qual crescendo com o tempo deixa-lhes logar de fazer o seu diadema: servindo outros cabellos, que a este tempo estiverem crescidos, para fazer differentes ordens de pequenas tranças. O seu vestido ordinario é bem miseravel, por ser de hum panno bem pequeno. Estas mulheres, alem de que podem ser vendidas pelos maridos, labutam uma vida como de escravas, porque nellas é que recae todo o peso do trabalho, e economia domestica. Os Mosundas como outros povos deste paiz não tem religião alguma. Conhecem a existencia do Soberano artifice do universo, que chamam Reza, mas o consideram como tyranno porque permitte a morte dos homens. Tem muita veneração pelos seus Azimos, defuntos, aos quaes consultam em todos os successos de suas guerras e felicidades. Os Cafres que são empregados em serviço das casas, em que foi sepultado algum Rey, tem muitos privilegios. Estas sepulturas são feitas em casas, que se chamam Massanzas. A estes Azimos fazem offerecer cousas de comer, como massas, comer feito de farinha de mandioca, ou outra farinha, que nos sertões da America chamam Angú, quissave, qualquer iguaria de carne, ou peixe, ou de ervas, e Pombe, bebida de milho, como tenho dito. O que o Oraculo lhes diz tem como coisa de grande veneração. Usam de circumcizão, que mandam fazer aos seus filhos, nos quatorze até dezoito annos de idade e de poligamia, que olham como especie de grandeza; causando-lhes grande novidade, que os Muzungos não tenham nas suas terras cada hum senão huma só mulher. Os seus ca-

1799 samentos não são acompanhados de ceremonias de qualidade alguma. O macho, que quer casar, vae pedir a femea, ainda sendo muito pequena a seu pae ou áquelle de quem ella depende, e com elle ajusta a quantia de fato que ha de dar, a qual quando muito chega a doze pannos: depois deste ajuste, que se chama revoracção, e entrega do fato, que se faz quando o pretendente póde, assenta-se o dia da tradicção, e passagem da noiva para a casa do marido, que se faz pela maneira seguinte. Vae a noiva carretada a cavallo de um cafre, acompanhada de suas parentas e amigas, e ao som do toque de tambor: assim que chegam junto da casa do noivo, tudo fica parado para mandar recado ao dito, de que trazem a sua mulher; e feita esta diligencia, ahi mesmo principiam a tocar e bailar até que o noivo lhes manda algum velorio: depois desta exhibição apenas dão dois passos logo ficam parados, esperando outra; e assim o pobre Cafre este dia não só acaba de dar tudo quanto tem em casa, mas até é obrigado a ir tomar emprestimo para lhe certificar, que não tem mais para dar. Vendo emfim que lhes não dão mais cousa alguma, fazem contemplação ao que tem recebido, levam mais perto, e entregam a noiva á mulher grande, e suas companheiras, e se retiram cada hum para as suas casas, ficando ella a chorar. Nunca se faz esta entrega senão quando a noiva tem chegado ao estado mulheril: antes deste tempo vive sempre em casa de seus paes, ou daquelles de quem depende. Como os Cafres tem a liberdade de ter quantas mulheres podêrem revorar ou comprar, por que até escravas tomam para mulher, costumam escolher huma, que chamam mulher grande, a qual entre todas as outras é mais estimada, e respeitada. Chama-se mulher grande, porque lhe toca arrecadar e conservar com cuidado o vestuario do marido e sobretudo os seus remedios, e applicar-lhos quando delles tem precisão. Nunca vae á guerra, á caça ou viagem, e dependencia propria de importancia, sem fazer uso dos ditos remedios. Os seus enterros são feitos com pompa, segundo o caracter, e grandeza do fallecido: esta pompa consiste no grande acompanhamento com que o cadaver é conduzido á

sepultura, e na grande quantidade de comer, e de pombe 1799
que se gasta, e no concurso de muita gente que está cantando, e bailando ao som de concerto de tambores. Se o fallecido é Mambo, Rey, ha de ir á sepultura com tudo quanto possuia, mesmo até com escravos para o servirem, e mulheres para o seu regalo, e por todas as suas terras permitte-se liberdade para roubos, que neste tempo chamam Cleirero, nojo que dura alguns dez até quinze dias, e mais. Os crimes mais abominados entre estes cafres são os da feiticeria, adulterio e furto, que se possa provar, ficando o réo convencido: o primeiro como mais feio de todos é punido com pena de morte sempre; o adulterio algumas vezes o é tambem; pelo ordinario porém castiga-se com cortamento de mãos, de orelhas, e membros genitaes. Com as femeas regularmente são neste caso menos justiceiros ainda que alguns são taes que não se satisfazem senão com a morte. No delicto de furto cortam ao ladrão as orelhas e mãos; com todo este rigor ha naquelles paizes grande numero destes infelizes mutilados. As terras são muito ferteis e capazes de produzir tudo quanto de lá quizerem colher. Ha muita qualidade de mantimentos, porém o de Mandioca é o seu sustento usual: della fazem massa, fazem pombe com pequena mistura de milho, e finalmente della assada, cozida, ou mesmo crua, fazem uso e comem: a farinha de Mandioca para massa se faz com facilidade, pilando em pilões a mesma mandioca, que para este effeito preparam desta sorte; assim que a colhem tiram-lhe ambas as cascas, e mettem-na de infusão em algum riacho, onde fica de curtimento tres dias, e no quarto, em que está quasi corrupta tiram-na da agua, e a põem a secar ao sol no tempo de verão, e no inverno ao fogo, que accendem debaixo de tarimbas, destinadas para este serviço. Póde-se dizer, que estes cafres colhem e semeiam a sua mandioca em todo o tempo do anno, porém a colheita é quando se sentem sem mantimentos em suas casas; mas não colhem tudo senão pouco, e sufficiente para alguns dias, e ao mesmo tempo no logar do mantimento tirado enterram algumas asteas, que lhe servem de sementeira. As chuvas são abundantes, e regulares. Não ha muita

1799 copia de fructas: porém ha grande quantidade de bananas, de differentes qualidades. De viveres a abundancia é só de gallinhas, posto que hajam cabras, que são poucas. A caça, e peixe são bastantes; mas não sabem salgal-o, e para o conservar assam-no ao fogo, e fumo com que fica incapaz para o nosso uso. Ha vaccas de grande sabor, porém só o Rey é que as tem em determinados sitios para ostentação da sua grandeza; mas não come carne dellas, dizendo que são Fumos como elle, e nem bebe o leite, porque não o sabem ordenhar, e as vaccas são bravias. Aqui se conhece que elles admittem a transmigração das almas. Com esta preoccupação manda vaccas de presente aos seus hospedes, quando lhes morrem, ou algum escandalisado dellas, por lhe fazer damno na sua seara de milho (porque estas vaccas de Cazembe pastam de noite, e de dia dormem) mata alguma; então reparte ás suas mulheres, e vassallos, que não as considerando nesta occasião Fumos grandes, como Cazembe diz, comem sem o menor escrupulo: o couro da vacca serve-lhe para o seu cinto, e o de outras rezes para as suas vestimentas: o sangue de vacca entra na preparação dos seus remedios, e por esta razão não mandaram aos Muzungos vaccas vivas, mas sim mortas e esfoladas. Os generos de negocio podem ser muitos; mas presentemente se conhecem dois, que são marfim e escravos. Um dente de marfim de pezo de uma arroba até arroba e meia, compra-se por duas, ou tres peças de fato, e alguns dez cauris. Reputam por peça hum pedaço de fato que tem duas braças, ou braça e meia de cumprimento. O dente de duas e meia arrobas, até tres, custa cinco ou seis peças com pouco cauri, ou velorio. Tambem apparece cobre em barra, que se vende a quatro pannos de fato, ou a quarenta ou cincoenta cauris. As barras pequenas regularmente custam um panno de missanga. As pedras verdes brutas de differentes grandezas se vendem barato: porém estes dois generos são estrangeiros.

Dia 22.—Veio Sana Murupúe receber os presentes que eram destinados a Muropúe e Muneputo, e no adjunto de 17

do corrente se tinha promettido entregar, e com effeito lhe foram entregues na presença de todos os Muzungos. 1799

Dia 23.—Tendo eu no dia antecedente determinado ao Tenente Antonio José da Cruz, então Commandante da tropa, que castigasse a certo soldado com cincoenta pranchadas, não só não executou o castigo como devia, mas ainda mandou-me dar parte falsa de ter executado aquella ordem.

Dias 24, 25, 26, 27, 28 e Março 1.—Requereu-me a tropa por insinuação dos seus Officiaes, adiantamento de tres mezes de soldos, que logo mandei dar com a resposta do Recebedor.

Dias 2, 3 e 4.—Concedi a Pedro Xavier Velasco licença para voltar para Tete, não porque principalmente attendesse ao seu requerimento, mas porque quiz evitar o desgosto de toda a expedição com Cazembe, com quem se diz ter feito o ajuste de partir para Tete com antecipação de todos. José Rodrigues Caleja com a noticia desta licença quiz ter parte e inspecção nesta dependencia para o que, excedendo os limites de pratico dos mattos e de Recebedor, dirigiu-me um bilhete em que por certo modo queria-se fazer accessor da commandancia; e como eu não fiz caso das suas fingidas razões, entrou a desgostar-se de mim, e ensaiar-se para tomar despique commigo.

Dia 5.—Effectuou-se a repartição da terra semeada de Mandioca, que Cazembe tinha mandado offerecer aos Muzungos no dia 27 de Janeiro, e por descuido os mesmos Muzungos não tinham logo mandado os seus Checundas para ver e receber a porção da repartição.

Dias 6, 7, 8 e 9.—Havendo grandes murmurações sobre a entrada da expedição nas terras de Cazembe donde não podia saír logo que chegou, assim porque tinha feito a sua entrada naquelle Paiz no principio de Janeiro, como porque toda a gente precisava de larga convalescença, á vista dos incommodos que tinham passado na trabalhosa jornada da ida, e das molestias que padecia proprias da estação e do Paiz, e indicios de querer José Rodrigues Caleja dispor os animos de alguns que estivesssem ainda indifferentes para os mal-

1799 quistar commigo, publicando que eu tinha sido causa da demora da expedição, e por conseguinte das enfermidades que todos padeciam; mandei convocar um adjunto de todos os Muzungos; e propondo nelle as razões que tinham havido para logo que a expedição chegou á Côrte de Cazembe, tomar a resolução de ahi invernar, as quaes ninguem ignorava, determinei que cada qual separadamente dissesse o que julgava daquella estada da expedição, se se podia ter evitado e como. Depois desta diligencia, que não custou pouco, porque a maior parte delles não sabia o que haviam de dizer ou lhe convinha, disse ao Escrivão, que arrecadando comsigo o papel dos ditos de todos, formasse segundo elle um termo, e o fizesse assignar por aquelles que tinham assistido ao adjunto, pois era tarde quando o adjunto se despediu, e o Escrivão não era habil, e prompto para lavrar por si só o dito termo sem depender de outrem. Aproveitando-se desta occasião foi ter com Caleja que o tinha por seu partidista; e com elle concertou de viciar o voto que havia dado no adjunto, e com effeito o viciou, assim como de Vasco Joaquim Pires. como consta do adulterado papel que querem chamar termo daquelle adjunto, não o sendo. No acto do adjunto, fui desattendido pelo Capitão João da Cunha Pereira; e querendo-o castigar ali mesmo, não se quiz dar por preso; antes, acrescentando palavras de ameaços, deixou ver que nem á ordem do Exmo Senhor Capitão General de Moçambique se deixaria prender, assim como tinha feito o Tenente Manuel dos Santos e Silva, deixando-se depôr de Recebedor: como a minha auctoridade não tinha todo o vigor, nada obrei a seu respeito. Perguntando a Gonçalo Caetano Pereira, primeiro pratico dos mattos, como poderia eu colher a Chinhimba e Mossindassaro para averiguar a falta que houve nas cargas, que ambos tinham recebido, pertencentes á Fazenda Real, e deviam conduzir por sua gente, e entregar na Côrte de Cazembe, respondeu-me em presença de varios, que para fazer vir aquelles dois Cafres para dar conta, era preciso haver beneplacito de Cazembe de quem eram vassallos; achando a sua resposta rasoavel, determinei-lhe que fizesse a diligen-

cia de tomar venia a Cazembe, e pedir o seu concurso 1799
para ajuntar na minha presença aquelles seus vassallos; e o dito Gonçalo Caetano Pereira ficou acceitando esta commissão com promptidão e boa vontade.

Dia 10.— O Tenente Antonio José da Cruz, a quem ordenei passasse attestação sobre a desobediencia do Capitão João da Cunha Pereira, que não tinha querido sujeitar-se á prizão no dia antecedente, deu com effeito a sua attestação desmentindo todo o succedido, e negando a verdade.

Dias 11, 12, 13 e 14.—Gonçalo Caetano Pereira, com quem no dia 9 tinha eu assentado mandar pedir licença a Cazembe para ajuntar os dois Muizas Mossindanssaro e Chinhimba para darem conta das cargas, que faltavam pertencentes á Fazenda Real, sendo avisado para não demorar esta diligencia, insinuado por José Rodrigues Caleja negou-se a ella desculpando-se com o seu Cafre Inharugue que não queria ir ao Cazembe com o meu recado, e o mais é que embaraçando esta averiguação ensaiam e intentam pôr sobre mim a responsabilidade daquellas faltas, como se eu tivesse de fazer o impossivel de conseguir tudo, tomando-me elles o caminho assim para com o Rey como para com aquelles dois Cafres, que induziram para não comparecer a qualquer chamamento meu que se dirigisse áquella averiguação: emfim fazendo os esforços que podia, para enviar outra pessoa ao Rey para lhe pedir a referida licença, que differiu para o dia seguinte.

Dia 15.—Tornando a mandar ao Cazembe o portador, que tinha voltado no dia antecedente, por despachar, hoje respondeu que elle havia por bem que eu mandasse chamar aquelles dois Cafres referidos no dia passado, e fizessem a averiguação que pretendia. Munido com esta faculdade, mandei logo chamar os ditos dois Cafres, que não quizeram vir. Dei parte ao Rey, do succedido, pedindo de novo que mandasse pelo seu Enviado conduzir os ditos Cafres á minha presença: prometteu-me de o fazer; porém não vi cumprimento desta promessa, com o que fiquei inteiramente persuadido, e certificado de que havia neste negocio intrigas urdidas por Caleja, que a titulo de beneficiar a D. Francisca Josepha de

1799 Moura e Menezes, de Tete, com cuja sobrinha era casado o Governador Lacerda (porque as fazendas da dita D. Francisca estavam entregues ao Governador, e por conseguinte embaraçadas pelo seu fallecimento com o seu espolio), tinha feito occultar, e sonegar pelo Mossindassaro alguns seis mutores de fato, mutora he carga, ou embrulho de alguns cem, ou cento e cincoenta pannos e dois quissapos de velorio pertencentes áquelle espolio, para ao depois fazer entrega a Candeone, captivo da sobredita D. Francisca, para o reduzir a marfim, ser sciente o Procurador do Governador, a cuja arrecadação pertencia o dito fato e velorio, tomando por pretexto a noticia de que elle dito Caleja havia inventado, e espalhado por inimizade e inveja de que o dito Procurador queria appropriar-se dos bens do dito espolio. Esta cautella de Caleja era em todo o sentido muito prejudicial, porque com o dito sonego ficava insinuado e animando não só aquelle Cafre a occultar tambem outros seis mutores de fato pertencentes á Fazenda Real, que faltaram e importaram em novecentos e doze pannos, mas tambem auctorisando a Chinimba, outro Cafre conductor do fato pertencente á mesma Fazenda Real, a ficar com tres muteros delle, que importaram em quatrocentos e cincoenta e seis pannos, tres quisapos de velorio, dois ditos de missanga e um de cauri: com effeito ficou com o referido fato, velorio, missanga e cauris.

Dias 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27 e 28.— Pela solicitação de José Rodrigues Caleja, que sempre me estava dizendo convinha mandar despedir de Cazembe com antecipação para lhe dar tempo sufficiente de ficar prompto quando chegasse a occasião da partida da expedição e não nos demorar; determinei a elle mesmo, porque os mais estavam doentes, que levando fato necessario, de bocca, pois que hia em nome de toda a expedição, fosse fazer aquella diligencia, e ao mesmo tempo lhe recommendei que fallasse tambem ácerca daquelles Cafres, e do fato de que não tinham dado conta. Partiu logo com este recado, e foi ter com Cazembe, que o recebeu com agrado, e respondeu emquanto ao ponto principal de dependencia, que ficava sciente da pretensão da

expedição que desejava recolher-se para Tete, e que elle 1799
mesmo não ignorava que vinha chegando o tempo e estação propria para semelhante jornada, porque o inverno estava acabado; emquanto aos dois Cafres e falta do fato, diziam elles que os Muzungos tinham deixado passar muito tempo sem fallar nelle, e que finalmente tinham entregue tudo, e que não se lhes tinha dado de vestir. A primeira parte deste segundo recado de Cazembe não podia saír de um Cafre, tendo elles como coisa certa que qualquer Milando nunca morre nem se corrompe, e por isso entre elles passa por tradicção de geração em geração como herança, e se cobra quando ha occasião; donde fiquei entendendo eu que Cazembe tal não tinha dito, ou tinha sido instruido pelo mesmo Caleja para assim o dizer. Não se tratou logo esta dependencia: porque ficando Mossindanssaro atrazado, tinham-me dito que não convinha perguntar a Chinimba aquella falta até não chegar outro; porque de outra sorte pondo-se de intelligencia com Cazembe, poderia deixar de apparecer, e inteiramente occultar-se.

Dias 29 e 30.— Com a esperança de que dando de vestir aos ditos cafres poderia conseguir ajuntal-os á minha presença, descobrir e haver ao menos parte dos effeitos occultados e com a consideração de que a despeza do vestuario que pretendiam era pouca, mandei lhes dar o que pediam.

Dia 31.— Enviou me Cazembe a cadeira que se tinha dado no Mirambo, pedindo que a mandasse forrar de cherri; e logo lhe fiz satisfazer.

Abril 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7.— Succedeu um incendio casual na barraca de palha onde se recolhiam os meus escravos, dos quaes morreram oito queimados. Muitos da expedição estimaram e applaudiram o successo, e entre elles um José Thomás Gomes da Silveira, expressamente disse, que melhor seria se o incendio tivesse sido nas minhas casas. Refiro este e outros casos que parecem não terem relação com o serviço de Sua Magestade, assim para cumprir o que nas Instrucções me é ordenado como para dar a conhecer o caracter e indole dos membros da expedição.

1799 *Dias 8 e 9.*—Prohibiu Cazembe aos Muzungos de lhe fallarem, para evitar as suas impertinencias, pois já tinham principiado a intrigal-o, o que elle levou muito a mal, estranhando que não viessem unidos.

Dia 10.—José Rodrigues Caleja antagonista antigo, e desafecto ao Tenente Manuel dos Santos Silva, é só seu apparente amigo em occasiões de querer ultrajar-me, vindo de o visitar, porque se achava muito enfermo, certificou-me de que lhe ouvíra dizer, que antes queria morrer do que viver; e que se soubesse remedio, havia de o tomar para não viver mais.

Dias 11 e 12.—Tive indicios de que o crime de Pedro Xavier Velasco era imputação, e examinando com circumspecção achei que algumas testemunhas eram intimidadas, e algumas attestações de que fallei extorquidas por José Rodrigues Caleja, que mettendo sustos e terror ao Tenente José Vicente Pereira Salema, o tinham obrigado a passar a sua falsa, como o dito Tenente confessou já arrependido. Tambem vim a saber, que o Capitão João da Cunha Pereira, assim que tinha acabado de dar o seu depoimento, e jurado contra o dito Pedro Xavier Velasco, fôra a sua casa dizer-lhe, que eu desejava beber o sangue a este dito Pedro Xavier, e por isso estava formalisando papeis contra elle, e que tendo-lhe sido preciso depor, e jurar nos ditos papeis, nem o seu depoimento, e nem o de outros seus collegas, dizia cousa por onde lhe podesse vir mal.

Dia 13.—Tive noticia de que José Rodrigues Caleja, sabendo, e tendo antecipada noticia do adjunto de 9 de Março, tinha convocado em casa de Gonçalo Caetano o conselho dos seus partidistas, João da Cunha Pereira, Antonio José da Cruz, José Thomás Gomes da Silva, Manuel dos Santos e Silva, José Vicente Pereira Salema, Gonçalo Caetano Pereira e Vasco Joaquim Pires, e nelle se ajustou com os seus sequazes de me ultrajar no mesmo acto do adjunto, primeiro com palavras, e depois com acções no fundamento de que por doentes não assistiriam ao dito adjunto Pedro Nolasco Vieira de Araujo, e Pedro Xavier Velasco, unicos que não eram da

liga e que não tendo eu pessoa com quem podesse testemunhar 1799
o que me fizessem, podiam injuriar e ultrajar-me a seu salvo; porém o seu projecto não teve todo o effeito, porque vindo inesperadamente Pedro Nolasco Vieira de Araujo ao adjunto, não poderam encher as suas medidas. Todo este successo foi descoberto pelo Tenente Salema, a quem como medroso fazem representar o papel que querem.

Dias 14 e 15.— Appareceu-me bem cedo José Rodrigues Caleja, que tinha o costume de me tomar inutilmente tempo de manha e de tarde, a noticiar-me, que estavam a chegar patamares de Tete com ordem para fazer recolher a tropa, que se fazia necessaria para a defeza do Porto de Quillimane, que se achava ameaçado da invasão dos Francezes, e por isso na maior consternação.

Dia 16.— Requereu-me José Rodrigues Caleja um adjunto para nelle se determinar o modo com que se haviam de vender os effeitos pertencentes a Sua Magestade que existiam na recebedoria; e respondi que tinha razões para não convocar mais adjunto. Com esta resposta logo se despediu, e me requereu por escripto licença para vender os ditos effeitos, allegando o prejuizo, que havia de resultar á Fazenda Real, tornando-os a levar para Tete. Ha vista de tanto empenho, mandei logo proceder á avaliação do costume.

Dia 17.— Como pela arbitração dos louvados ficaram os effeitos da recebedoria, referidos no dia antecedente, avaliados em dobrado valor do que haviam custado em Tete, e o recebedor requereu, com outras impertinentes allegações, licença para os vender, determinei que fossem vendidos por aquelles mesmos preços quando não podessem achar outros mais vantajosos.

Dias 18 e 19.— Mandei eu comprimentar a Cazembe, com quem neste tempo tratava grande amizade: mandou-me dizer, que desejava ver-me.

Dia 20.— Respondendo ao recado de Cazembe, mandado hontem, enviei dizer-lhe que não tardaria em dar satisfação com a minha visita pessoal.

Dia 21.— Como José Rodrigues Caleja esperava tomar

1799 vingança de mim, pelo não ter consultado quando concedi licença a Pedro Xavier Velasco para se recolher a Tette, e por que conheceu que eu já lhe não podia servir de instrumento para tomar os seus despiques com o dito Pedro Xavier, procurou desgostar-me por todos os modos que podia; e trazia este ponto tão estudado, que até do appareute zelo que mostrava em cousas do Real Serviço, tomava occasião para pôr em execução o que a sua depravada conducta lhe suggeria. Por este motivo principiou a atanazar-me com repetidos requerimentos, e em um delles requereu que mandasse eu passar em segredo, e ás escondidas, para fóra do reino, e dominios de Cazembe, o fato que se destinava, e era preciso para as despezas da expedição no seu regresso, porque de outra sorte corria risco de ser descoberto, e tomado por Cazembe, e que de nenhuma sorte consentia que sahisse fóra das suas terras o fato que uma vez tinha entrado nellas. Eu bem conhecia este falso zelo: porém, temendo a sua grande malicia, assentei de andar com este homem prevenido; e assim determinei a elle mesmo, e a Gonçalo Caetano Pereira, que, como Praticos dos mattos arbitrassem o fato que seria preciso para aquellas despezas, e declarassem o logar para onde com segurança podia ser conduzido. Arbitraram o fato, e não quizeram declarar o sitio para onde devia ser remettido, dizendo que tanto como elles eu conhecia os sitios daquelles sertões, pois tinhamos passado por elles ao mesmo tempo. Não ha certamente disparate como este: eu vinha por Capellão, e elles por praticos dos mattos: e queriam que como elles tivesse o conhecimento dos sertões.

Dias 22 e 23.—Ordenando de novo aos dois praticos dos mattos, atraz referidos, que declarassem o sitio em que devia ficar o fato arrecado, não o queriam fazer.

Dia 24.—Pedi a Cazembe audiencia para o dia seguinte, e logo ma concedeu, acrescentando que destinaria pessoa de sua casa para me conduzir; porque Fumo Anceva, querendo ver aos Muzungos inteiramente dependentes, não queria que fallassem a Cazembe sem sua intervenção, e sem por elle serem conduzidos. Como a resposta de Cazembe me chegasse

estando presente José Rodrigues Caleja, logo lhe communiquei que no dia seguinte havia de ir encontrar-me com Cazembe; mas elle, que não gostou, porque fazendo a mesma diligencia não tinha podido conseguir a audiencia que pedia, e não obstante, dissimulando a sua inveja e raiva, pediu-me que tratasse tambem com efficacia sobre a retirada da expedição, que dependia de Cazembe; pois sem estar continuamente fazendo lembrança poderia por acaso ficar em esquecimento, e a nossa demora ser ainda maior de que o tempo podesse permittir. 1799

Dia 25.—Fui para casa de Cazembe, e depois de alguma espera fui introduzido onde elle estava: logo o mandei comprimentar, e elle recebeu com agrado o comprimento, e respondeu a elle muito concisamente, como é costume no paiz: passado o intervallo do comprimento mandei-lhe explicar que já era chegado o tempo de pensar sobre a nossa recolhida para Tete, e que eu lhe pedia encarecidamente mandasse dar providencias para nos despedir com brevidade. Respondeu que era a minha proposta e peditorio do seu agrado, e que bem via, que se approximava o tempo da nossa retirada. Mandei-lhe dizer mais, que tendo com a minha chegada a Tete de dar aos meus superiores conta da minha commissão, não sabia o que havia de responder sobre a prohibição que elle nos tinha feito do caminho de Angola. Respondeu que podia eu deixar nas suas terras duas pessoas da comitiva, para depois da retirada da Expedição passarem para Angola. Fumo Anceva, que se achava presente, não achando ser do seu agrado a proposição de seu amo, quiz torcer o recado, como com effeito fez; porque só elle é que ordinariamente serve para saber a vontade e ordens de Cazembe. Disse-me pois, que era gosto do seu Rey, que todos os Muzungos deixassem na partida cada qual um ou dois Checundas. Como conheci que estes Checundas eram requeridos para ficarem em penhor da nossa futura correspondencia, e de nenhum modo os Muzungos podiam resolver-se a perder os seus Cafres, principalmente fazendo-lhes grande falta na circumstancia em que estavam de se acharem alguns doentes,

1799 e outros mal convalescidos, mandei explicar e dizer, que quando chegaram a Tete os seus vassallos, Catara e Chinimba, inculcando a sua amisade, os Muzungos não haviam procurado refens, antes com toda a confiança, e maior promptidão, tinham saído de suas terras, para o ir procurar; por cujo motivo era escusado usar similhante cautella com elles. Cazembe, que viu o fogo com que eu fallava, e entendia o meu modo de exprimir na lingua cafreal do Sena, com que eu me explicava ao soldado, que me servia de lingoa, logo acudiu, dizendo que não pedia gente para ficar de penhor, mas sómente duas pessoas para a viagem de Angola. Uma não esperada permissão, quasi em vesperas da partida, á falta dos presentes de Muropúe e Mueneputo, dos effeitos vendidos, e ultimamente de todos os soccorros da parte da recebedoria, pozeram-me em uma tal confusão, que não pude logo resolver-me a continuar a fallar sobre o mesmo proposto objecto: Comtudo, esperando alguma occorrencia com que me podesse desembaraçar, disse que elle mesmo tinha pedido, e recebido os presentes destinados a Muropúe e Mueneputo, e a recebedoria estava exhaurida sem ter meios com que fornecer para a despeza da enviatura: assim não sabia o que havia de responder. Acudiu logo Cazembe, dizendo que elle tomava por sua conta os presentes de Muropúe, e Mueneputo, e que bastava que eu providenciasse a subsistencia, e despezas dos que ficassem para fazer aquella viagem. Emfim respondi, e disse que pensaria melhor sobre o ponto. Tratou-se depois sobre as pedras de cores, que queria lhe déssem os Muzungos, pois que sabia que ainda tinham cousas boas. Contentei-o como pude, e acabei a minha visita, experimentando muita preoccupação ácerca da viagem de Angola. Á minha recolhida logo acudiu José Rodrigues Caleja para saber o successo da minha visita; e participando-lhe a licença, que Cazembe dava para a passagem de dois enviados para Angola, achei que não era do seu agrado, porque não tinha havido nesta diligencia a sua intervenção: e não podendo ocultar a sua malignidade, disse-me que se eu tivesse dito a Cazembe que havia de mandar para Angola a Pedro Xa-

vier Velasco, bem depressa elle fecharia o caminho com nova 1799
prohibição; e como não me achou de humor a dar-lhe lugar para os seus discursos, entrou a representar difficuldades, que não me assustaram, e mais que tudo procurava saber quem havia de ser o enviado, para o desviar no caso que fosse pessoa de sua maior amizade.

Dia 26.—Tendo havido entre Pedro Nolasco Vieira de Araujo e Pedro Xavier Velasco motivos de queixa contra José Rodrigues Caleja, descobrindo aquelles a este os seus sentimentos, appareceu logo em minha casa Caleja com o escripto, que havia recebido, a mostrar-m'o, e a insultar-me, tendo-me por auctor das noticias de que os dois queixosos se mostravam sabedores, como se o segredo tratado entre nove pessoas de differentes caracteres, podesse estar livre de fazer naufragio, principalmente entrando nos seus conventiculos o Capitão João da Cunha Pereira, e José Vicente Pereira Salema, que não têem outro prestimo senão de levar e trazer novidades do que entre si tratam. Eu o soffri ainda nesta occasião, para evitar um declarado, e escandaloso rompimento, que da sua parte não tardou. Desde este dia não cessou de maquinar quanta maldade póde escogitar para me desgostar, ultrajar, e arruinar, se lhe fosse possivel. O primeiro assalto que me quiz dar foi pela responsabilidade dos effeitos, que estavam na recebedoria, porque os queria entregar a Cazembe, para totalmente frustrar a enviatura d'Angola, e verificar os mal concebidos sustos e perigos, que allegou para vender parte dos effeitos pertencentes á arrecadação da recebedoria. Procurou pois a Fumo Anceva, com quem tratou esta dependencia.

Dia 27.—Appareceu Fumo Anceva, dizendo que Cazembe mandava embaraçar a retirada de Pedro Nolasco Vieira de Araujo, o qual, vendo que se não effectuava a sua ida para Angola, pertendia retirar-se para Tete, para se ver livre da companhia de tão maos homens; mas ainda não tinha obtido minha licença. Respondi, que Pedro Nolasco não partia para Tete, como elle suppunha, porque não tinha licença minha. Á vista desta resposta não teve lugar de propor as mais pro-

1799 posições, que trazia estudadas; porém deixou claramente ver, que era induzido; porque, tomando grande parte nos interesses da expedição, fazia reparo da retirada de Pedro Xavier Velasco, contra cujos interesses não se podia oppôr em razão da grande amizade, que professava com elle. Assim que conheci donde vinham similhantes impertinencias, procurei despedir logo a enfadonha embaixada do tal Fumo Anceva. O projecto de Caleja em embaraçar a ida dos dois Pedros, foi de ter lugar de prevenir antes da chegada delles todos aquelles, que entendeu lhe podiam ser uteis, acreditando quantas mentiras quizesse noticiar-lhes; porque não ha duvida que toda a novidade, que primeiro chega, é sempre acreditada, e triumpha da verdade retardada, posto que seja mentira. Não satisfeito de ter embaraçado a partida de Pedro Nolasco, foi o mesmo Caleja acompanhado do Tenente Antonio José da Cruz encontrar-se com Cazembe, para o intrigar comigo e com o dito Pedro Nolasco; porém Cazembe, que aborrecia muito ao dito Caleja, pelo seu genio revoltoso, negou-lhe a entrada, e mandou-lh'o dizer pelo Fumo Anceva. É preciso ser um Muzungo muito máo para ser aborrecido dos cafres. Disseram a Fumo Anceva, que Pedro Nolasco tinha conservado muitas fazendas finas, e pedras pintadas, para as ir commutar com os Muizas, quando saísse do Reino e dominio de seu amo Cazembe; e que de tal modo as havia escondido, que sómente dando busca em todas as suas caixas as podiam descobrir, e que á proporção o tinham feito tambem os outros Muzungos. Cazembe, ainda que muito generoso, comtudo deixou-se persuadir das suggestões de Fumo Anceva, e me mandou por elle mesmo fazer sabedor deste successo, e da pertensão em que estava de dar busca áquelle Muzungo, e aos mais, ou o mesmo Fumo Anceva fingiu, como muitas vezes tem feito, recado de seu amo emquanto á busca. Logo mandei chamar a Pedro Nolasco para ouvir o recado, a que elle respondeu, desculpando-se como podia; porém, como não podia evitar a busca, sujeitou-se a ella. A de outros Muzungos indeterminadamente nomeados de nenhuma sorte consenti, porque sabia, que toda a malicia se

dirigia sobre a casa da recebedoria, para que tendo Fumo 1799
Anceva entrada nella tomasse para o seu Rey tudo quanto achasse. Aqui se póde ver a perversidade daquelle homem em querer fazer entrega do unico remedio da conservação das vidas de todos.

Dias 28, 29 e 30.—José Thomáz Gomes da Silva, homem de um caracter desigual, prompto, e facil em sujeitar-se a qualquer vileza, e ao mesmo tempo ufano, e altivo com as prerogativas do seu bom nascimento, foi escolhido pela assembléa dos partidistas para me trazer o recado do pesar, que todos elles tinham ácerca de tudo quanto tinham obrado; porque não ignoravam que chegando os seus feitos a Tete, ou Moçambique, haviam de ser estranhados, e que me pediam que lhes perdoasse, e queimasse toda a papelada. Á vista de um similhante modo de pedir, depois de me terem offendido tão gravemente, pareceu-me devia mostrar uma apparente dureza para os obrigar a dar algum passo mais ácerca desta pertensão: por isso respondi que não podia queimar os papeis da inquirição atinente ao crime arguido a Pedro Xavier Velasco, porque depois de ter experiencia da inconstancia de todos elles, e da sua ingratidão, não queria expor-me ao perigo de ser denunciado por elles mesmos de ter queimado os ditos papeis. Com esta resposta não ficou o Commissario desanimado; antes, esperando ganhar-me com o tempo, disse-me que havia de voltar para receber outra resposta mais favoravel. Para tirar-me dos embaraços com que me ameaçava a perversidade de Caleja, mandei arrecadar, e trazer para minha caza o fato preciso para as despezas da expedição no seu regresso, diminuindo cem pannos á vista da arbitração que os louvados haviam feito, e assim mesmo mandei municiar, com fato, velorio, e calaiam para quatro mezes, todos aquelles que tinham vencimento, e desta sorte ficou a recebedoria alliviada, e os effeitos della seguros em mão dos particulares. Quando o Cabo Paulo da Silva com o meu recibo foi receber o fato destinado para as despezas da expedição, proferiu José Rodrigues Caleja ameaços sobre a enviatura d'Angola, dizendo, que pois eu já o não queria con-

1799 sultar, havia de ver como se effectuava; o que bem deixa ver o animo, e intento de opposição.

Março 1 e 2. — Estando eu celebrando Missa, e tendo chegado ao *Introito*, o Tenente Antonio José da Cruz, e Vasco Joaquim Pires, das cazas do dito Tenente, que eram contiguas ao lugar onde eu sacrificava, por desfeita a mim, e não sei se tambem, por desprezo ao Sacrificio, soltaram um descante de Canção profana e deshonesta, em voz alta que, causando-me perturbação, não me permittia proseguir para diante. Com bastante receio de não ser talvez obedecido, mandei dizer aos cantarinos, que se calassem, porque doutra sorte não poderia continuar com a Missa. Desde este dia assentaram os do partido a não ouvir Missa, a não se desobrigarem na Quaresma, e não fazer acto algum publico de religião, e de christão, o que guardaram á risca; e o mais é que, desculpando-se cada qual como queria da sua irreligião, José Vicente Pereira Salema, que me deveu o cuidado de lhe dar as lições de boa educação de ler, escrever, e contar, quando eu era Prior em Sena, descaradamente disse, se eu era Padre ou sacerdote, para elle se confessar comigo.

Apresentou Pedro Nolasco as caixas á busca, com que o tinham prevenido, e entregou neste acto algum canotilho grosso, e outras cousas mais, que Fumo Anceva pediu para seu amo. Catara, que acompanhava Fumo Anceva, vendo-me ter ido assistir áquelle acto por peditorio de Pedro Nolasco Vieira, que procurou sempre fazer publico, para o poder a todo o tempo justificar, visto aquelles effeitos pertencerem ao espolio do Governador, requereu-me igual busca em minha caza, que eu dissimulei, e disfarcei. Logo despedi portador a Cazembe, dizendo-lhe que tudo quanto eu tinha, e me restava de fato, e velorio, era reservado para elle, como o teria observado; que eu o brindava com algum pequeno presente de quinze em quinze dias, e para mim se fazia escusada a diligencia, que Catara me requereu em seu nome. Mandou-me dizer que tal cousa não tinha determinado a Catara, e que nem delle se servia para enviado. Com este recado ficou desvanecida aquella diligencia de Catara, que sem duvi-

da era dirigida para o apanhamento de duzentos pannos das 1799
despezas da expedição que estavam arrecadados comigo. Pelas 11 horas do dia remetteu-me o Tenente Antonio José da Cruz, Escrivão da recebedoria, a folha do municiamento, para assignar; e porque notei, que tendo fallecido a José Rodrigues Caleja um dos dez Cafres, não devia vir na folha o mesmo numero de dez Cafres, com que elle sempre recebeu o municiamento de seus escravos, desde que partiu de Tette para esta viagem, e disto mesmo fez por escripto aviso ao dito Tenente Escrivão. Assentou elle com Caleja de me mandar um bilhete insultante, que dizia: =Sr. Padre: José Rodrigues Caleja bem sabe que lhe morreu um Cafre, e é muito capaz de pagar a Sua Magestade o que lhe ficar devendo, e não tem receio de ter nome de trapaceiro, e de embrulhador, como V. M.cê, que traz toda esta expedição embrulhada, depois de ser o principal objecto de se perder a viagem d'Angola.» Este escripto foi feito pelo Tenente, com letra fingida, e o entregou a Vasco Joaquim Pires, como o mais atrevido, para me remetter pelo seu captivo, que foi despedido das casas do mesmo Tenente. Estudadamente foi incluida no bilhete a calumnia de ser eu causa de se perder a viagem de Angola, para me fazer intimidado, e obrigar a não produzir em publico o dito escripto. Depois desta passagem do escripto requeri Cabo d'ordens, que antes havia escusado, para poupar incommodo aos soldados nos mattos, para ao menos servir de testemunha das indignidades, que praticavam comigo.

Dia 3. — Tive o primeiro Cabo d'ordens, que serviu para testemunhar o desaforo de José Rodrigues Caleja, que, não tendo neste dia outra lembrança, teve a de mandar ao seu captivo Maximua, que entrando no pateo de minha caza, travou razões, e maltratou ao meu captivo barbeiro.

Dia 4. — Vendo eu que no estado em que a recebedoria se achava, só Manoel Caetano Pereira era o que podia fazer a viagem d'Angola, para aproveitar da licença ultimamente concedida pelo Cazembe, porque elle, pelo seu modo de viver, não carecia maior despeza, sendo o seu passadio com

1799 pequena differença, como o dos Cafres, e tendo proprios escravos que o não haviam de desamparar, nomeei este sujeito para ser o enviado d'Angola, com assignação de quatrocentos pannos de fato, e velorio para as suas despezas do caminho da ida, e lhe mandei a este respeito um Officio, que me recambiou dizendo, que não entendia de escriptos. Tornei a remetter-lh'o; dizendo que era do servico de Sua Magestade, e com este recado recebeu o Officio para me enviar uma resposta, em que com as maiores razões, que eu já tinha ponderado, procurava desculpar-se, por inducção de José Rodrigues Caleja.

Dia 5. — Como se não podia effectuar a ida do dito Caetano Manuel Pereira com os soccorros que pedia, mandei-lhe dizer, que me tornasse a ordem, em que lhe mandava entregar quatrocentos pannos; ao que me respondeu que em lhe tornando eu a sua carta, que servia de resposta ao meu Officio, tambem voltaria aquella ordem. Deixei-o ficar com o Officio, pensando em mandar aviso ao Recebedor, que não executasse aquella ordem. Para não perder a occasião da licença, que inesperadamente Cazembe concedia, mandei ao Tenente Antonio José da Cruz, então commandante da tropa, que escolhendo dois soldados bons, e capazes para ir para Angola depois da partida da expedição, os encaminhasse á minha presença, para os nomear para aquella viagem: e elle tão pouco apreço fez da minha ordem, e do serviço, a que se destinava, que positivamente escolhia soldados doentes, e os mandava á minha presença, para que eu os recambiasse, o que assim aconteceu; de sorte que, escolhendo eu um que conhecia, muito differente daquelles, que tinham sido remettidos pelo Tenente, deixei a este o cuidado de procurar outro. Mandou-me finalmente o soldado Caetano da Costa, que nomeei para aquella viagem, porque era capaz, e se achava bom, e a ambos mandei dar pela recebedoria duzentos pannos em fato, e velorio.

Dia 6. — Partiu Pedro Xavier Velasco da Mussassa para seguir sua viagem de Tete. José Rodrigues Caleja neste mesmo dia ajustou com alguns cafres captivos de D. Francisca Jo-

sefa de Moura e Menezes, vindos para o serviço da expedição, 1799
para que partissem da Mussassa com algum fato, e fossem comprar marfim, e escravos nas terras dos Muizas; tudo para induzir outros a fugirem, e desertarem de Mussassa, e desta sorte fazer verificar os receios que não havia, e elle tinha ponderado para impedir a viagem de Pedro Xavier Velasco.

Dias 7 e 8. — Pela madrugada deitaram no pateo das minhas casas um bilhete difamatorio bem indecente, por cujo motivo o não produzo aqui. Elle pelas expressões dá a conhecer, que foi ditado pelo Capitão João da Cunha Pereira, e pela escripta, ainda que disfarçada a letra, mostra que foi escripto pelo Tenente Antonio José da Cruz, que não só tem esta habilidade, mas ainda de furtar os assignados, e rubricas.

Dias 9 e 10. — Depois de ter nomeado para a viagem d'Angola aos soldados Paulo da Silva, e Caetano da Costa, mandei-lhes dar pelo Recebedor soldos adiantados de tres mezes, que me requereram, tendo-os soccorrido com duzentos pannos para as suas despezas até chegar á Capital daquelle Estado. Os Membros da expedição, vendo que padeciam falta de viveres, uns porque na verdade não achavam, e outros porque pela sua má economia, não tinham já com que os comprar, quando os houvessem, dirigiram-me o seu requerimento pelo qual me pediam lhes mandasse repartir alguma polvora, e chumbo da recebedoria, para fazerem as suas caçadas, e com o producto della remediar as faltas, que padeciam. Mandei responder ao Recebedor sobre o contexto do requerimento, para me não apartar da formalidade do costume, e elle não disse cousa alguma, que viesse a proposito.

Dias 11, 12 e 13. — Querendo dar providencias á falta de viveres, requerida no dia 10 do corrente, mandei repartir por todos um barril de polvora, e dois saccos de chumbo de munição. Enviou-nos dizer Cazembe, que passados poucos dias queria mudar de habitação, e passar para outro sitio, e que os Muzungos se pozessem promptos para o acompanhar, porque lá os queria todos. Com este recado logo mandei

1799 correr aviso por todos os Muzungos, fazendo-lhes saber a determinação, e vontade de Cazembe: entre elles só Caleja respondeu, que não havia sahir do lugar onde se achava, se não para ir para Tete.

Dias 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26 e 27.— Mandou Cazembe pedir uma barraca de Travatam, que era a maior de todas quantas haviam na expedição, para elle tambem ficar tendo caza de panno, como elles chamam ás barracas; e para o satisfazer mandei entregar a barraca.

Diae 28, 29, 30 e 31.—Pelas 8 horas da manhã mandou Cazembe dizer que no dia seguinte se mudassem os Muzungos para o lugar que tinha escolhido para a sua nova residencia, e que elle ficaria, seguindo aos Muzungos passados alguns dias. Teimou José Rodrigues Caleja em não querer ir; porém Cazembe que o soube, logo lhe fez saber, que podia partir para Tete, quando quizesse, porque a sua correspondencia com D. Francisca Josefa de Moura e Menezes, de quem se intitulava filho, ficaria entregue ao seu Cafre Candione.

Junho 1.—Partiu toda a expedição acompanhada de Fumo Anceva pelas 8 horas da manhã, para Móvo, logar aprazado, e só se deixou ficar o Capitão João da Cunha, e Vasco Joaquim Pires, sem me fazerem sabedor da causa que tinham para não executar a ordem que lhes tinha sido passada para esta partida, e sem obterem minha licença para se demorarem no sitio da Mussassa antiga, e para deixar de acompanhar a tropa, como o dito Capitão devia. Depois da minha partida chegou o recado de Cazembe, pedindo parte da tropa para o ficar acompanhando; e como não havia quem respondesse a esta requisição, não teve resposta. José Thomáz Gomes da Silva, não achando Cafres para a sua maxila, porque José Rodrigues Caleja, e o Tenente Antonio José da Cruz, aquelle Recebedor, a este Escrivão, arrogando a si a authoridade de dispor de todos os Cafres, pertencentes ao serviço da expedição, tinham-os destinado para carregar as cargas, e maxilas delles; e para as cargas da recebedoria, com toda a animosidade, e desaforo, mandou-me dizer por um meu

captivo, que pois fazendo-lhe falta tinha eu tido gente para 1799
conduzir o meu marfim, ficasse entendendo, que elle havia levar o mesmo caminho, que levaram os meus Cafres queimados, e mortos no dia 7 de Abril.

Dia 2. — Querendo eu mandar chamar a José Thomáz para lhe estranhar o seu recado, foi elle o primeiro em me vir procurar para tomar satisfação sobre a falta de Cafrés que havia experimentado no dia antecedente. Depois de lhe ter dado toda a attenção, e certificado de que o marfim que dizia já não era meu, porque o havia dado em pagamento do espolio do defunto Governador, por isso tinha sido conduzido pelo Procurador do dito Governador, e que eu tambem tinha padecido como elle a falta de Cafres, para a minha carruagem, fiz-lhe ver o excesso a que se tinha conduzido com o recado que me tinha enviado, e finalmente lhe fiz ver que para a outra vez castigaria os seus atrevimentos como pessoa particular, já que reputava a minha authoridade sem vigor.

Dia 3. — Houve desordem, e pancadaria entre os soldados, e Cafres Muizas, por occasião de algumas razões que a preta de um soldado teve com os Muizas pertencentes aos Muizas vassallos de Cazembe; e os Cafres de D. Francisca Josefa de Moura e Menezes tambem se viram embarulhados na pendencia, que cresceu até chegar a fazer dar algumas pancadas ao chinhimba Muiza, muito respeitado entre os seus, e reputado grande, ainda que vassallo de Cazembe. Queira Deus que estas pancadas não sejam para o diante fomento para alguma desordem, e dissabor? A toda a pressa mandei marchar um Official para apartar a bulha; porém não se achando o commandante da tropa, que tinha ido para o seu divertimento, e não querendo vir nenhum dos dois Officiaes, que se achavam, por espirito de desafio, e atrevidamente mandou-me dizer Caleja, que bastava eu, que me achava perto, para apartar a bulha, sem haver precisão de nenhum Official.

Dia 4. — Mandou-me Fumo Anceva dizer que o seu Rey chegava no dia seguinte, e pedia tropa. Como sei que o gosto

1799 de Cazembe é de ouvir descargas, que nesta occasião de sua passagem para a sua nova habitação são proprias, mandei ao Recebedor dar um frasco de polvora, e respondi a Fumo Anceva, que mandaria a tropa acompanhar ao seu Rey, quando chegasse na distancia conveniente. Determinei ao Commandante da tropa o obsequio que havia de fazer a Cazembe na sua passagem.

Dia 5. — Requereu-me o Commandante da tropa mais polvora, e mandei-lhe dar logo outro frasco, com o qual, e outro antecedente foi procurar a Cazembe na sua povoação, ou Côrte antiga, excedendo a ordem que havia recebido. Ainda não veiu Cazembe n'este dia.

Dias 6, 7, 8 e 9. — Sahiu Cazembe da sua Côrte antiga, para ver a nova que fundou nas margens do rio Móvo por julgar doentio o sitio da residencia antiga, e ter-lhe inculcado o seu Medico esta mudança. Veio acompanhado de suas mulheres, que o precediam perto, e da tropa, e chegou ao seu novo palacio pelo meio dia. Logo que o mandei comprimentar, e significar que o queria ver. Recebeu com muito agrado o recado, o presente, que lhe mandei, e ficou de me determinar o dia em que me havia encontrar com elle.

Dias 10 e 11. — Recebeu o Tenente Antonio José da Cruz o presente de pombe da mulher de Cazembe, e festejou-se esta correspondencia com tiros.

Dia 12. — Pelas 3 horas da tarde sahiram a passeio os Tenentes Antonio José da Cruz, e José Vicente Pereira Salema, e se dirigiram ás casas de Cazembe; e ahi, abrindo as folhas do recinto, estiveram revistando as mulheres de Cazembe, dizendo hum para o outro qual era boa, e melhor, e cada hum delles escolhia para si. Ficaram tão distrahidos nesta diligencia, que sendo presentidos dos domesticos de Cazembe, foram tambem sabidos delle que não só levou a mal esta liberdade, mas tambem por esta occasião entrou a acclarar as suspeitas, que havia do mesmo Tenente pertender uma de suas mulheres, quando estando elle na sua antiga habitação tinha ido lançar ao vento papagaio de papel. Picou-se Cazembe daquelle procedimento, que olhou

como grande insulto; e por cujo motivo querendo mandar 1799
desafiar ao Tenente, para saber o rigor da sua colera, ficou embaraçado por sua mãe.

Dia 13. — Mandou Cazembe recados de admoestação, queixa, e ameaços dirigidos a mim como Commandante; mas foram recebidos por Gonçalo Caetano. Para me occultar o succedido, e a consternação que se tinha espalhado para toda a Mussassa, deputaram a José Thomás, e me enviaram por elle outro recado fingido, em que diziam que Cazembe estava queixoso do procedimento dos soldados, e dos Cheundas, por que não respeitando as cousas, que se remettiam a elle, dellas mesmo tomavam pelo caminho o que queriam; e que Gonçalo Caetano, que tinha recebido o recado, não podendo vir ter comigo por doente, para m'o dizer, mandava a elle com o dito recado, lembrando-me que para satisfazer a Cazembe seria conveniente mandar prohibir aquelles roubos a som de caixa. Neste tempo ignorava eu o verdadeiro recado do Cazembe que era = «Tinha sido grande o atrevimento dos Muzungos em querer lançar as suas vistas, e pensamentos nas suas mulheres, quando nas suas terras havia muitas, e daquellas mesmas lhes tinha remettido as melhores; que ficassem sabendo, que elle era como um leão, que levava comsigo, por onde passava, a ruina e devastação, e que não lhe custava muito a mostrar verificado o que dizia» por isso despedia a José Thomás, dizendo-lhe que não havendo esperanças de tirar fructo do toque da caixa, cada Muzungo fizesse uma rigorosa prohibição aos seus Checundas, e os Officiaes aos seus soldados, ácerca dos accusados roubos, mostrando-lhes o perigo a que se expunham insultando a Cazembe, a quem se devia guardar toda a attenção, não só em reconhecimento de tantos favores que toda a expedição tinha recebido delle, mas tambem em contemplação de ser um Rey Poderoso, em cujas terras nos achavamos, e de quem dependiamos, para ter boa passagem até ao tempo da nossa retirada.

Dias 14, 15 e 16. — Mandando-me Cazembe visitar depois de receber o comprimento, e responder a elle, perguntei ao enviado por que motivo o seu amo não me concedia

1799 licença para o ir ver? Respondeu-me, que esperava lhe viessem os seus portadores com varios effeitos, que tinham ido conduzir, e que em tendo com que me presentear, quando o fosse visitar, me faria aviso para o ir procurar. Disse ao enviado, que sendo eu seu amigo, se fazia escusado usar similhante procedimento: tornou a replicar, dizendo que todavia era preciso, porque não convinha ao seu Rey despedir-me vazio, fosse eu seu grande amigo.

Dias 17, 18 e 19.—Fiz lembrar a Cazembe a licença que lhe tinha pedido para o ver; e respondeu, que no dia seguinte me mandaria buscar.

Dias 20, 21, 22 e 23.—Tive entrada com Cazembe, que neste dia me fallou servindo-se apenas de um seu domestico, por interprete. Recebeu-me com agrado, e carinho. Depois dos comprimentos, e de outras conversações de ceremonia, querendo eu fallar-lhe na nossa retirada, preveniu-me elle mesmo, fallando primeiro ácerca deste objecto, e dizendo-me que com brevidade nos queria despedir. Mostrei-lhe os soldados, que ficavam para ir para Angola, viu-os, e tratou-os com signaes de agrado, promettendo-me que os havia de fazer conduzir para o seu destino. Destinou-me neste dia um domestico seu pequeno para me acompanhar a Moçambique, e voltar depois de aprender a mainato, ou lavandeiro, porque nas suas terras não sabiam lavar roupa, e nem o tinham visto, e com a nossa estada no seu paiz ficaram aprendendo a lavar maxilas de gondo, certa qualidade de fazenda, muito grossa de algodão, que os Cafres de Sena, e poucos de Tete, tecem toscamente em teares de pau, a fazer uso de agua para se lavarem a miudo, e a servir-se de pouco azeite para suas unturas. São estas unturas feitas pela cabeça, e corpo, signal de aceio, e gala. Finalmente depois de me encarecer, que desejava muito a nossa correspondencia, e que por isso havia de pôr grande cuidado em franquear a nossa communicação, tendo sempre pelos caminhos bastante gente e portadores, uns que estivessem marchando para Tete, e outros que estivessem voltando por toda a Estação do anno, despediu-me com mostras de maior satisfação.

Dias 24, 25, 26, 27 e 28.—Pelo captivo de Catara tive certeza de que os dois dentes de marfim, apresentados na embaixada, que se tinha dado em Tete em nome de Cazembe no anno de 1789, haviam sido destinados por Cazembe para compra de pedras, e outras cousas do seu uso. Os Cabos da tropa, instruidos, e animados pelos seus Officiaes, que certamente tinham conspirado consumir-me com desgostos, e desassocegos, vieram requerer-me seus soldos, quando elles podiam passar sem gastal-os, nem para este fim precisar delles e todos sabiam o estado da recebedoria, que conservava sómente 100 pannos em fato, e 50 em velorio, para as despezas das comedorias dos escravos, que Cazembe houvesse de dar no Mirambo de Sua Magestade. Não obstante o aperto em que me punham, respondi que não tendo com que promptamente os soccorrer, ficaria pensando se havia remedio para os consolar. 1799

Dias 29 e 30.—O conselho do partido em que tenho fallado, deputou a José Thomás Gomes da Silva, para me fazer saber, que queriam partir para Tete com brevidade, e que Caleja desejava saber a minha determinação ácerca de cinco corjas de fato, que restavam na recebedoria. Perguntei ao deputado se vinha requerer licença; e como respondesse que não, disse-lhe que faria saber a Cazembe a sua enviada, e recado; e sobre a pergunta de Caleja não dei resposta, porque achei que era pulha. Cazembe, a quem logo fiz saber o projecto dos Muzungos, mandou-me dizer que elle não se descuidava sobre a nossa partida e que tinha dado as ordens precisas, e que logo cuidaria em nos despedir.

Julho 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10.—Vieram em chusma todos os socios do partido dizer-me que queriam retirar-se, porque Cazembe não acabava de os despedir, e os hia demorando com promessas, que pareciam empalhação: disse-lhes que eu tinha feito a este respeito bastantes diligencias, e que Cazembe havia promettido despedir com brevidade toda a expedição, e que elles não ignoravam os passos que Cazembe havia dado. mandando xireros, para fazer recolher os xireros, que ha muito tempo tinha despedido para cobrar as pensões

1799 annuaes de suas terras. Instaram sobre a sua partida dizendo, que tinham ouvido (certamente os seus captivos, gente indigna de todo o credito), que o projecto do Cazembe era de os fazer demorar mais um anno. Não sei como estes homens se deixaram persuadir de tal, pois não ignoravam pelos seus feitos, que já eram hospedes pesados aos vassallos de Cazembe, e até delle mesmo desafeiçoados. Não ponho duvida haver da parte de Cazembe dissimulação, e intento de fazer demorar a todos, até constar-lhe que não tinhamos mais fato, e velorio, mas deviam neste caso imputar a culpa a si, pois tinham ido delatar a Pedro Nolasco, e a mim, dizendo que eu conservava ainda muito fato, e elle bastante canotilho, e velorio. Prometti despedir logo portador a Cazembe para lhe fazer sciente do que passava. Com esta promessa todos se despediram, e eu fiquei de mandar o recado por um meu domestico. Não o tinha acabado de explicar ao meu portador, quando o Capitão João da Cunha Pereira, voltando sobre os seus passos com o Tenente José Vicente Pereira Salema, veiu dizer-me da parte de todos, que no dia seguinte queriam seguir a sua viagem para Tete. Respondi-lhes que, como não pediam licença, podiam fazer o que quizessem, porque havia muito tempo que eu conhecia a minha auctoridade sem vigor, e por isso me considerava como se não fôra Commandante. Foi o meu portador ao Cazembe, e deu-lhe o recado, que eu tinha mandado ácerca da pretensão dos Muzungos, ao que elle respondeu que bem podiam partir os Muzungos, que não quizessem esperar, já que não queriam demorar-se mais um pouco de tempo, que elle pedia, e assim elle ficaria despedindo os que restassem, porque o seu projecto, e vontade em os demorar, era para despedil-os contentes, pois queria que em chegando ás suas terras não dissessem mal delle, antes fizessem animar aos mais para voltarem para ellas. Fiz saber a resposta de Cazembe aos Muzungos, que ficaram alguma cousa socegados, tomando alguns a resolução de não partir senão commigo; porém João da Cunha Pereira, levado do seu orgulhoso genio, quiz effectuar a sua partida, induzindo a tropa para o acompanhar; como viu que

a tropa não queria mover-se, entregou-lhe todo o municiamento de caminho; que vendo eu o desmazelo dos soldados tinha determinado ao dito o tivesse bem arrecadado comsigo para lho distribuir quando precisasse a jornada da retirada, e assim expoz aquelles pobres homens a ficarem padecendo pelo caminho depois de gastarem antes de tempo o unico subsidio do mantimento. 1799

Dia 11.—Com effeito partiu João da Cunha Pereira, largando a tropa, e o seu aquartelamento, e fazendo-se por isso desertor. Teve Cazembe noticia desta partida, e logo no mesmo ponto remetteu-me o Mirambo para Sua Magestade, dizendo que como grato aos obsequios que tinha recebido da Sua Real Grandeza, em reconhecimento a elles enviava aquelle presente; e que pois tinha nesta parte cumprido com o seu dever, eu tambem podia retirar-me, pois se dava por despedido de mim, e que a abertura do caminho de Angola seria para outra vez quando para lá voltassemos. Mandei convocar os Muzungos, que ficaram admirados com o Mirambo que viram, o qual antes de ser remettido tinha causado grande expectação á vista do empenho, e brios em que Cazembe estava influido; e na verdade havia de ser grande se não fosse o indiscreto procedimento do Capitão, que nem do mesmo Cazembe se despediu. Mandei receber o Mirambo com animo socegado, e entretanto que estava pensando o que havia de dizer, fizeram explicar a Fumo Anceva, conductor do dito Mirambo, que faltavam outros correspondentes aos presentes, que eram destinados a Muropúe, e Muneputo, e Cazembe tinha levado para si. Determinei a José Rodrigues Caleja que comprasse couros, e fizesse prisões para trinta escravos, que vinham no Mirambo, e para outros quatro, que estavam entregues a elle, da receita de Manuel dos Santos e Silva, e que a todos fizesse guardar pelos soldados, que deviam estar de sentinella. Acudiu logo dizendo que tal não faria porque tinha assentado de repartir os escravos pelos soldados para elles os guardarem, e vigiarem ficando cada um delles obrigado a pagar tres corjas de fato por cada escravo que faltasse. Perguntei como poderiam os soldados por esta fórma

1799 dar conta daquella escravatura quando não tinham podido segurar os seus proprios que sabiamos tinham fugido em grande numero? Nada respondeu a esta objecção, e eu deixei-o obrar á sua vontade, porque estava certo de que não me havia obedecer; ou se fosse constrangido a obedecer, faria fugir todos os escravos para me fazer responsavel. Partiu Fumo Anceva com o recado que lhe deram, e José Rodrigues Caleja ficou arrecadando os effeitos do Mirambo, de que mandei fazer uma relação, em que o dito Caleja não quiz assignar, assignando todos quantos estavam presentes.

Dia 12. — Veio Fumo Anceva pelas oito horas da manhã com outro Mirambo, dizendo que Cazembe remettia mais aquelle Mirambo pelos presentes destinados a Muropúe, e Mueneputo, que este tinha recebido. Entretanto que eu mandava receber o dito Mirambo, já cada hum mandava dizer o que lhe parecia ácerca da pequenez delle, e do outro antecedente; de sorte que se eu não acudisse logo, representando-lhe, que os seus ditos, alem de não servirem para augmentar os Mirambos, que na consideração daquelles Cafres, e do seu Rey estavam exhibidos, punham-me em perigo de me desmandar com Cazembe, e de não conseguir a enviatura de dois soldados para Angola; tudo ficaria desordenado, porque o recado era forte, e já se principiava a dar. Acudio logo Caleja dizendo, que tal enviatura não se effectuava, porque os soldados destinados para ella pretendiam voltar para Tete sobre os passos da Expedição, logo que ella voltasse. Perguntei pois a Caleja, como sabendo elle tão estranha novidade, não me tinha dado parte della, ao mesmo tempo que não ignorava que aquella enviatura era o unico serviço, que poderiamos fazer em desempenho da nossa commissão, não tendo podido dar mais passos ácerca do mais que era ordenado nas Instrucções deixadas pelo Governador fallecido. Corrido de vergonha, e de se ver convencido, ou de impostor, ou dar indicios de ser elle o que tornava inuteis todas as diligencias, que se applicavam a respeito da enviatura, não fallou mais. Como eu estava certo de que o soldado Paulo da Silva não era capaz do que se arguia aos Enviados, pro-

puz averiguar o caso a respeito de Caetano da Costa, outro 1799
Enviado. Emfim recebeu Caleja o Mirambo, repugnando assignar a relação delle, e Fumo Anceva se despedio, queixando-se de não se lhe ter dado o seu urné, premio que se dá aos portadores que conduzem mimos.

Dia 13.—Ordenei que viesse á minha presença o soldado Caetano da Costa, o qual, perguntado ácerca da tenção que fazia de se recolher a Tete, como dizia Caleja, respondeu que era impostura o que a seu respeito se dizia, e que elle estava prompto, e desejava subir a huma rigorosa averiguação sobre o caso imputado. Escusei a averiguação, porque conheci, e achei que não havia quem quizesse assistir a ella. Pela combinação de varias passagens referidas neste Diario se póde colligir se Calleja era opposto á conclusão da enviatura para Angola.

Dia 14.—Como os escravos dos dois Mirambos não eram bastantes para conduzir as cargas de Sua Magestade, e eu ficava sem Cafres para a minha Maxila, mandei dizer ao Tenente Antonio José da Cruz, que sabia e tratava de todos os Cafres pertencentes á Repartição do serviço da Expedição (á excepção dos de D. Francisca Josefa de Moura e Menezes, que eu tinha mandado reservar para as cargas de sua senhora, e para as do espolio do Governador, attendendo ao grande numero de escravatura, que a dita D. Francisca tinha dado para o serviço da Expedição, e aos prejuizos que por este motivo padeceu, o que servio de fomento para o Recebedor me fazer a mais viva guerra, porque daquella maneira eu lhe servia de obstaculo para os seus despiques com Pedro Nolasco, que tinha ao seu cargo as dependencias da sobredita D. Francisca, e a conducção daquelle espolio; pois queria Caleja que Pedro Nolasco não tivesse carregador para aquellas cargas), que destinasse para minha carruagem vinte Cafres, e désse os que fossem precisos ao Tenente Manoel dos Santos e Silva, e a José Thomás Gomes da Silva, porque nem elles, nem eu tinhamos sido conduzidos pelos Cafres proprios, mas sim pelos da Expedição. Deram-se Cafres ao Tenente Manoel dos Santos e Silva, e a José Thomás;

1799 e eu, por auctoridade de Caleja, não tive nem hum só, e fiquei sentenciado, ou a fazer toda a jornada de 270 legoas a pé, ou a tirar a Pedro Nolasco dez Cafres, que desde Tete trouxe destinados para a sua carruagem.

Dias 15 e 16.—Mandou Cazembe pedir polvora, remettendo de bôca hum escravo. Como todos sabiamos, que hum de tres barris della desde Tete vinha com o destino de ser offerecido a Cazembe, o que o Governador Lacerda não cumprio porque o barril tinha ficado atrás, e antes de chegar tinha elle fallecido; promptamente mandei entregar e remetter hum barril de polvora. Logo remetteu Cazembe outro escravo de bôca, dizendo que ficava entregue do barril. Nesta occasião declarou-me Fumo Anceva, que seu amo requeria dois soldados para ficarem escoltando as suas remessas, que depois do inverno deviam ser conduzidas para Tete, e não deixou de dar indicios de ser induzido para fazer aquella requesição.

Dia 17.—Veio Caleja com o seu sequito ao lugar da minha residencia a chamar-me, para que com elle, e os mais fosse já ao Cazembe que nos queria despedir. Respondi dizendo, que não tinha recebido recado do chamamento para hir ao Cazembe, e que fosse elle, pois que tinha tido aviso. Replicou, dizendo, que Fumo Anceva lho tinha dito, tornei a responder-lhe, fazendo ver que o mesmo Fumo Anceva me podia ter trazido, ou mandado por alguma pessoa sua se fosse certo, que Cazembe assim o havia determinado, e que podiam elles hir sem a minha companhia; ateimou dizendo, que a minha hida era de indispensavel precisão, porque se tratava de fallar sobre dois soldados, que deviam ficar, e Cazembe pedia para escoltar as suas remessas. Perguntei-lhe se a elle tocava a determinação dos soldados, quer fosse para hir a Angola, quer fosse para escoltar as remessas de Cazembe! Disse-me que pois não queria hir com elle, protestando pelos prejuizos que podiam resultar á Fazenda Real pela demora. Respondi que não acceitava o protesto, porque daquella sorte não se faziam protestos, e de mais que lhe lembrava, que eu era seu superior. Disse-me, que

me não reconhecia por tal, porque não era meu subdito, 1799
pois não percebia soldos de Sua Magestade, que elle não quiz acceitar desde Tete, onde lhe foram arbitrados, para não vir fazer mais serviço a Sua Magestade, e oppor-se a tudo quanto respeitava a execução do Real Serviço, e isto ainda em vida de Lacerda. Nesta passagem conheci claramente que a requisição de dois soldados, feita pelo Fumo Anceva no dia 16 do corrente era producto das intrigas do dito Caleja. O seu intento ácerca dos ditos dois soldados era para ter occasião de me criminar, quando eu me resolvesse a deixal-os, attribuindo neste caso a minha determinação ao meu particular interesse, na parte que podia ter nas remessas de Cazembe, ou para ver frustrada a enviatura de dois soldados, Paulo da Silva, e Caetano da Costa, quando eu faltasse, porque Cazembe queixou-se de não ser servido na sua ultima pretenção, ficasse tendo lugar de trocar o destino dos ditos soldados, fazendo-os recolher para Tete com as suas remessas, o que he factivel, e póde succeder, mas não sem intervenção da instrucção de algum Muzungo; porque os Cafres nunca se lembram de alterar nem substituir as determinações de seus correspondentes, e nem usar de substituição. Não podendo soffrer mais ao dito Caleja, pensei seriamente em castigal-o assim, para reprimir o seu orgulho, como para fazer conter os mais com o exemplo do seu castigo; e para este fim, achando que só prendendo-o no Real Nome de Sua Magestade poderia encontral-o obediente, e que para dar hum semelhante passo me auctorisava a razão de ser Commandante da Expedição de Sua Magestade, e a circumstancia de estar nos sertões precisado de castigar os rebeldes a bem do Real Serviço, sem esperanças de ser soccorrido do proprio General, e menos do de Angola, passei a ordem do teor seguinte: «Por serem já muitos os despotismos com que José Rodrigues Caleja se tem declarado desobediente, e sem nenhuma subordinação a mim como Commandante desta Expedição de Sua Magestade, chegando até ao ponto de me fazer huma declarada guerra de opposições, e desenvolturas, estas á minha auctoridade,

1799 e pessoa, e aquellas ás Reaes Ordens de Sua Magestade, a fim de que totalmente ellas fiquem sem a menor execução, e considerando na importantissima dependencia, e diligencia ordenada pela mesma Soberana Senhora, que para o dito se deliberou a mandar com avultados dispendios esta Expedição até este interior de Africa, e seguiria ainda ávante se não fôra a maior infelicidade, e mais sensivel origem de ser hum dos membros della o mesmo José Rodrigues Caleja, que até tem chegado a formar hum corpo de partido, para com elle se oppor com mais vigor ás Regias intenções de Sua Magestade; e devendo chegar á Real Presença da mesma Magestade os enormes crimes de hum tão mau vassallo, como he o dito José Rodrigues Caleja, que já no anno de 1788 foi causa, e motor de se não conseguir na Manica outra importantissima diligencia ordenada por Sua Magestade, e incumbida ao Secretario do Estado de Moçambique, o naturalista Manoel Galvão da Silva, de que não teve nenhum castigo, porque a malicia occultou a verdade, e escureceu a inconfidencia; como Commandante que sou desta Expedição de Sua Magestade, prendi no Real Nome da mesma Soberana Senhora a José Rodrigues Caleja, por cabeça de motim, e rebelde á Real Corôa. Pelo que o Tenente do destacamento da Villa de Quilimane, Manoel dos Santos e Silva, lhe intime a referida ordem de prisão, e de o ter assim executado passe ao pé desta huma competente certidão, para com esta subir á Real Presença». A qual ordem ainda não mandei intimar por esperar que talvez se mude com os ameaços, que lhe mandei fazer.

Dias 18 e 19. — Como nada aproveitou a diligencia, que pratiquei para tornar obediente a José Rodrigues Caleja, mandei-lhe intimar a ordem, de que fiz menção, no dia 17 do corrente, acrescentando-lhe a data do presente dia; porém tal foi a sua obstinação, que não se deu á prisão, dizendo, que mostrando-lhe eu provadas as culpas, de que o arguia, e em que eu mesmo me achava incurso, se daria á prisão, como certificou o Tenente Manoel dos Santos e Silva. Não se deu á prisão, porque confiado nas suas intrigas, en-

tendeu que lhe seria facil ficar impune desta desobediencia, 1799
e acrescentou á sua resposta as palavras *que o Commandante* se achava *incurso* para na mesma ordem dar principio ás ditas suas intrigas, intimando-me, e obrigando-me a não manifestar nem á ordem, nem a certidão do Official, que a tinha hido executar. Á vista deste procedimento não me restando providencia que dar ácerca de tudo, quanto este homem intentasse, ou quizesse fazer, deixei-o entregue á sua obstinação. Neste mesmo dia o Tenente Antonio José da Cruz, Commandante da tropa, por occasião de eu ter mandado com toda a pressa dois soldados, porque moravam juntos, á minha Mussassa, e elle Official distante assistir á entrega, que esperava José Rodrigues Caleja faria dos effeitos pertencentes á Recebedoria, de que o mandava suspender á ordem de S. Ex.ª, entendendo não se negaria á dita prisão, passou a ordenar a toda a tropa, que não executasse qualquer ordem minha, que não fosse immediatamente distribuida por elle. Com que nos mattos onde não havia, e nem podia haver serviço regular, e elle Official andava quasi sempre distrahido nos seus divertimentos, doente para não se dar por prompto para o servico, e são para continuar os seus passeios; como com semelhante prohibição poderia eu haver-me se fosse preciso servir-me da tropa para hum caso repentino, faltando copia de Official, como succedeu no dia 3 de Junho? Desde este dia nunca pude passar as noites com socego, obrigando-me a fermentação que lavrava na Mussassa a estar prevenido, e dormir com armas carregadas junto de mim.

Dia 20. — Partiram com minha licença, que concedi só por enfraquecer o corpo do partido de José Rodrigues Caleja, o Tenente Manoel dos Santos e Silva, e José Thomás Gomes da Silva, para ficarem esperando por mim, e pela expedição nas terras dos Maraves, e cada hum levou hum zuarte da copia de 200 pannos, destinados para as despezas futuras da Expedição, com a obrigação de fazer desconto no municiamento que vencessem.

Dia 21. — Foi a tropa despedir-se de Cazembe, e elle en-

1799 tregou ao Tenente Commandante da tropa Antonio José da Cruz huma hytanda, tamborete, forrada com pelle de tigre, dizendo que o offerecia a Sua Magestade. Recebeu a todos com apparente agrado, deram as descargas do costume, e se retiraram.

Dia 22.—Partio a tropa com minha licença, porque sendo ella encarregada dos escravos de Sua Magestade que estavam distribuidos a dois, tres, e quatro por cada soldado, estando a ponto de retirar-se José Rodrigues Caleja sem minha licença, como fez, e não havendo quem fosse obrigado a responder pelos mesmos escravos, e pelas cargas, que elles deviam conduzir, ficando o fato, e velorio das suas comedorias em poder do dito Caleja, de nenhuma sorte podia negar a licença, que com os seus Officiaes me tinha requerido sem faltar á segurança do marfim, e outros effeitos pertencentes á Fazenda Real, que o dito José Rodrigues Caleja, devia conduzir para Tete, e expol-os ao perigo de serem roubados pelo caminho. Com a retirada de Caleja concebi grandes esperanças de trabalhar com successo ácerca da enviatura de Angola, que ficou embargada com o recado que Fumo Anceva deu no dia 11 do corrente. Fui despedir-me de Cazembe, que me tinha concedido audiencia para este dia. Sendo delle bem recebido, tive lugar de fallar sobre os dois soldados, que ficavam para fazer a viagem de Angola, e prometteu-me de os fazer conduzir áquelle reino, posto que primeiro se fizesse desentendido; esta difficuldade logo se venceu, porque seu irmão Sana Muropúe, o que me servia de lingua na falta de Fumo Anceva, ainda não era vindo, e finalmente, porque já era partido o oppositor de todas as minhas operações, José Rodrigues Caleja. Fallou-me sobre a promessa, que eu lhe tinha feito de remetter de Moçambique varias galanterias, que chamava cousas boas, e com promptidão lhe ratifiquei a minha promessa. Da sua parte prometteu-me abrir o caminho de suas terras para Moçambique, para effeito de se communicar commigo. Destinou-me para este fim o seu mercador Clunhimba, tirando-o de Gonçalo Caetano Pereira, de quem era Murué enviado. Final-

mente, vendo que me queria despedir para se recolher, disse-lhe que no Real nome de Sua Magestade agradecia o bom agasalho, que tinha dado a toda a Expedição, e que da minha parte, como seu amigo lhe rendia graças pelos obsequios, que me tinha feito. Ficou muito satisfeito com os meus comprimentos, que applaudio bastante tempo com os seus grandes que se achavam presentes, talvez por ver o presente, que eu levava por despedida. Recebeu com satisfação o meu presente de bôca, e acabou a visita com mutuas protestações de amizade. Deu Cazembe assembléa de pombe aos seus grandes, que estava interceptada havia dias, e mandou tocar tambores, e marimbas, para significar a alegria, que tinha de se ver livre de Caleja, e seus companheiros, de que na verdade estava pouco satisfeito. Gonçalo Caetano Pereira, seu filho Manoel Caetano Pereira, e Vasco Joaquim Pires, requereram licença para se recolherem, o que logo lhes concedi. 1799

Dia 23. — Partiram Gonçalo Caetano Pereira, Manoel Caetano Pereira, e Vasco Joaquim Pires, para seguir a sua viagem a Tete.

Dias 24, 25 e 26. — Parti com Pedro Nolasco Vieira de Araujo para Chungu, lugar da antiga Côrte de Cazembe, a buscar os ossos do defunto Governador, em que Cazembe facilmente conveio contra o costume dos mais cafres, e para dahi mesmo continuarmos a nossa derrota para Tete. Faltando-me cafres para a minha carruagem, porque negaram-se-me os da Expedição, pedi a Pedro Nolasco nove de conta da escravatura de D. Francisca, com ajuste de fazer conduzir as cargas correspondentes a elles pelos meus cafres burros, que vinham em gargalheiras. Por cumulo de trabalho, e incommodo conduzi tambem pelos meus cafres o fato das despezas da Expedição, que conservei commigo, para obrigar a tropa a esperar-me pelo caminho. Chegámos a Chungu pelas duas horas da tarde, desenterrámos os ossos, e nos demorámos para seguir a viagem no dia seguinte.

Dia 27. — Sahimos de Chungu, e nos dirigimos á nova povoação de Sana Muropúe, para ahi esperarmos a Fumo

1799 Anceva, que nos devia comboiar, até sahirmos dos dominios de Cazembe.

Dia 28. — Chegou Fumo Anceva, e veio juntar-se commigo; porém como ainda faltavam varios cafres dos que nos deviam acompanhar, tivemos ainda de esperar por elles.

Dia 29. — Partimos da povoação de Sana Muropúe para o lugar dos Outerinhos com Fumo Anceva, que achou aquelle sitio melhor para esta espera. Chegámos aos Outerinhos pelas tres horas da tarde. Nesta jornada passámos pela povoação de hum cafre Murunda, onde a tropa principiou a fazer hostilidades, roubando gallinhas. Os da povoação, posto que tomassem armas, e quizessem desaffrontar-se, comtudo em contemplação a Cazembe, que sempre tinha tratado bem aos Muzungos, soffreram de sangue frio esta violencia.

Dias 30 e 31, 1, 2 e 3 de Agosto. — Como tardavam os cafres, que esperavamos, partimos do sitio de Outerinhos, para a povoação de Muenepanda para ahi os esperarmos ainda.

Dias 4, 5 e 6. — Chegámos ao sitio de Muenepanda, onde estava Mussassado abarracado nos mattos, fazendo caçada ao seu modo, que he abrir estreitas covas no chão, e cobril-as de palhas, para que nella caiam os descuidados animaes. Tambem fazem caçada de corso, onde matam as rezes a tiros de flexas, zagaias, e lanças. Nós tambem fizemos a nossa Mussassa nos mattos, distante da de Muenepanda.

Dia 7. — Mandou-nos comprimentar Muenepanda, e dizer que estimava muito a nossa chegada á sua terra, porque tinha recebido ordem de Cazembe seu Rey, e Amo, para nos enviar refrescos, e mantimentos, o que pontualmente queria executar, e que a passarmos por outro caminho precisaria despachar-nos portadores com os ditos refrescos.

Dias 8 e 9. — Remetteu-nos algum mantimento, carne fresca, e sêca, batatas, e pombe, e nos convidou para a sua Mussassa; recebemos o presente, e agradecemos.

Dia 10. — Como eu já não tinha fato de sobejo, que levar de bocca, mas apenas o necessario para as minhas despezas, escusei a minha hida com concertadas desculpas, e só o

meu companheiro Pedro Nolasco Vieira de Araujo, foi ao Camado. 1799

Dias 11 e 12.—Posto que ainda faltavam varios cafres dos que nos deviam acompanhar a Tette, uns conduzindo marfim, e outros para lá receber as correspondencias das amizades dos seus amos, comtudo para fugir os tres dias de mattos despovoados, que haviamos encontrar até chegar ao primeiro povoado, onde deviamos fazer mantimento, partimos da terra de Muenepanda, de quem nos despedimos por enviados. Fumo Anceva ficou neste sitio para nos encontrar a diante.

Dias 13, 14 e 15.—Pelas nove horas da manhã encontrâmos um cafre de Gonçalo Caetano Pereira, que fazia viagem só, e este nos noticiou de que por causa da desordem, que Caleja tinha feito na povoação de Muilachiutu, havia elle sido roubado com os seus companheiros, de que tinha sido desviado para fugir da perseguição dos Muizas, que tendo ferido um cafre da sua comitiva, o pretendiam matar a elle.

Dias 16, 17 e 18.—Depois de cinco dias de bem puchada marcha chegámos pelas novas horas da manhã á povoação de Muilachiutu, onde tivemos tambem a noticia da desordem de Caleja, e da corrida que os cafres lhe deram. Aqui nos demorámos um dia e meio para comprar mantimentos.

Dia 19.—Chegaram os Muizas, que Fumo Anceva tinha adiantado com toda a pressa para nos dizer, que o fossemos esperar na povoação de Chipaco, onde nos mandava dar mantimentos, porque no sitio onde estavamos os não poderiamos achar em quantidade que nos podesse bastar, como experimentámos.

Dia 20.—Partimos para a povoação de Chiranda a procurar mantimento, que já nos faltava, e chegámos a ella pelo meio dia.

Dias 21, 22 e 23.—Gastámos dois dias para procurarmos mantimentos, que comprámos bastante, porém muito caro, e partimos para Chiliamono.

Dia 24.—Chegámos á povoação de Chiliamono, que encontrámos pelo caminbo, indo receber a Fumo Anceva. Neste

1799 sitio comprámos pouco mantimento por não haver abundancia delle, e a fome principiava a penetrar na nossa Mussassa com força.

Dias 25 e 26.—Partimos do sitio de Chiliamono, e fomos ao de Chipaco que tem povoação grande, onde Fumo Anceva nos enviou dizer que o esperassemos. Ahi achámos a Gonçalo Caetano Pereira, que nos estava esperando com a sua comitiva para se incorporar comnosco. Mandei logo visitar a Fumo Anceva com um pequeno presente com que não se mostrou satisfeito; mas eu já não podia fazer-me grandioso. Veiu Gonçalo Caetano visitar-me, e deu noticia dos successos de Caleja, que ficam referidos, e da corrida que tambem deram a elle Gonçalo Caetano.

Dias 27 e 28.—Para me livrar do cuidado de carregar os duzentos pannos das despezas da expedição mandei-os entregar a Gonçalo Caetano Pereira, ordenando-lhe, que fosse fazendo as despezas que occorressem, e que sustentasse tambem os soldados, que tinham sido desamparados pelo Official commandante da tropa, e deixados nos mattos á discripção. Recebeu a ordem e fato, de que passou clareza, e recibo.

Dia 29.—Por Gonçalo Caetano Pereira, e Vasco Joaquim Pires, soube que José Rodrigues Caleja levava marcha tão arrebatada, que não se embaraçava com a convalescença dos escravos de Sua Magestade; e que quando algum delles não estava capaz de seguir a jornada, logo lhe mandava cortar a cabeça, para o não deixar vivo. Como os Muizas andam quasi sempre bebados, por este tempo o Fumo, que é o maior bebedor de todos elles, não se embaraçou de me mandar perguntar porque não sahia da sua povoação, pois que me tinha demorado nella. Respondi que bem sabia ser aquella terra de Cazembe, e que como amigo delle estava ahi comprando mantimento, e me havia demorar o tempo, que fosse preciso para esta diligencia, e para esperar Fumo Anceva, que o mesmo Cazembe tinha determinado nos comboyasse até ao Rio Zambeze. Dei semelhante recado, porque os Muizas são atrevidos, atraiçoados, e timidos, que logo ficam abatidos,

quando são tratados com desprezo, e rigor. São finalmente taes, que estiveram afogando ao seu Fumo ha bem poucos dias. 1799

Dias 30, 31 e Setembro 1.—Tendo noticia de que Fumo Anceva era chegado á povoação de Chirando, mas que os Muizas rebelados não o tinham querido receber, nem permittir-lhe passar a diante, despedi portadores para lhe dizer que viesse logo: porque sendo a sua demora grande, nos queriamos despedir delle, e seguir a nossa jornada ávante sem o seu comboio, e que não tivesse receio dos Muizas porque nós o defenderiamos delles, assim que chegasse a incorporar-se comnosco, pois podia fazer a sua jornada pelos mattos, evitando povoados.

Dias 2, 3, 4 e 5.—Gastaram os nossos portadores quatro dias para esta diligencia, e no fim delles voltaram com a resposta de Fumo Anceva, que se dava por despedido, porque não podia mover-se do sitio onde estava, pois tinha dado parte de tudo a seu amo, e ahi devia esperar as suas ordens. Não quiz passar adiante sem o fazer saber a Fumo Anceva para o não escandalisar, e ao seu Rey, e o bom exito da passagem dos dois enviados pedia esta contemplação.

Dias 6 e 7.— Partimos do sitio de Chipaco para diante e fizemos logo parada na primeira povoação, por se ter aggravado a enfermidade de Pedro Nolasco.

Dias 8 e 9.—Gonçalo Caetano, não se querendo demorar mais, partiu com a sua comitiva, pertendendo ficar-nos esperando no Zambeze.

Dias 10, 11, 12, 13, 14, 15 e 16.—Com algum allivio de Pedro Nolasco partimos para diante em demanda do sitio de Munglué, onde pretendemos demorar alguns dias para fazer mantimento, e tomar alguma convalescença.

Dia 17.—Estando para partir do sitio onde tinhamos pousado a noite, vieram os Muizas da povoação estorvar a nossa viagem, querendo que nos demorassemos um dia para lhes comprar mantimento, que estava custando o duplo do preço com que no mesmo sitio o comprámos, quando para ir ás terras do Cazembe; e como não estivessemos pelo que di-

1799 ziam ameaçaram-nos com guerra. Respondi com resolução, que estavamos promptos para a guerra, e para a paz; e que se com effeito queriam dar guerra, viessem já com ella, porque nós tinhamos pressa, e não queriamos demorar-nos na sua terra. Com esta resposta ficou desvanecido o seu intento, que era de nos intimidar; assim continuámos a nossa marcha.

Dia 18.—Pelas onze horas do dia chegámos ás margens do Rio Luculo, que não se podia vadear, por ter tomado muita agua, procurámos almadias para o nosso transporte, e os cafres do paiz se puzeram a pedir alto preço para a nossa passagem: por mais que lhe quizessemos persuadir, que não tinhamos mais fato do que aquelle que offereciamos, não nos quizeram dar credito, affirmando que eu e meu companheiro eramos os unicos que tinhamos muito fato, porque posto que Gonçalo Caetano tivesse passado com muito marfim, comtudo não o consideravam senão como mercador, commissario do defunto Governador, como Caleja, e outros Muzungos, que passaram, lhes tinham certificado. Á vista da prevenção dos cafres, e maquinação daquelle mau homem, não houve outro remedio senão contental-os á sua satisfação, pois não se descuidavam de nos pedir de quando em quando mais alguma cousa.

Dia 19.—Partimos para o Rio Zambeze; e não podendo tambem vadear nem passar a carruagem como da outra vez tinhamos feito, procurámos ajustar com os cafres as almadias, que estavam promptas para o nosso transporte; porém foi preciso soffrer muito para vir ao ajuste; pois tendo chegado ao rio pelas 10 horas, não o principiámos a passar senão pelas tres horas da tarde, depois de termos dado todo o fato que nos restava, cobre, calaim, velorio, manilhas de cobre e marfim; o que não obstante de quando em quando repugnavam passar a gente, e cargas, pedindo nova paga, ora por cada pessoa, e ora por cada vez que transportavam gente, ou carga. Durou esta impertinencia muito tempo, com que vieram a ficar algumas cargas, e parte da gente desta banda, e outros da outra banda do rio, fazendo lhes esta in-

voluntaria divisão muita conta para o seu intento. Pela alta noite os que tinham ficado da outra banda do Rio, foram acommettidos de ladrões, que queriam furtar gente; porém logo se retiraram assim que conheceram que os nossos estavam persentidos, e lhes deram corrida. 1799

Dia 20.—Com algum velorio mais que se deu acabaram de transportar, as cargas, e gente, que tinha ficado da outra banda do rio, e logo partimos para o sitio onde se achava Gonçalo Caetano com a sua comitiva.

Dia 21.—Querendo fazer mantimento neste sitio achámos os Muizas taes que ora vinham com milandos, e ora com outras impertinencias, de sorte que se fizeram insoffriveis; alguns foram de voto, que partissemos daquelle logar para outro qualquer; porém assentaram todos, que passassemos a noite ahi.

Dia 22.—Continuámos a jornada para diante e formei tenção de pousar ao pé de uma pequena povoação: neste sitio falleceu Vasco Joaquim Pires, que não carecia da missa; posto que estava doente, sua morte não foi presentida, e por conseguinte não foi sacramentado. Póde-se dizer sem affectar o miraculoso, que permittiu Deus por seus altos Juizos, que na hora da morte ficasse privado dos Sacramentos da Igreja, e dos seus soccorros, da mesma fórma que em vida despresava os seus Mysterios, como deixo referido no dia 4 de Fevereiro. Para evitar milandos foi sepultado nos mattos com todo o segredo.

Dias 23 e 24.—Chegámos á povoação de Monglué para onde nos dirigiamos com maior empenho, desde o dia 16 do corrente.

Dias 25, 26, 27 e 28.—Gastámos estes dias para dar descanço á gente que vinha muito estropeada, para comprarmos mantimento, e para nos refrescarmos com o uso do leite de vaccas que achámos em abundância.—Tomámos o leite ora cortado, e ora liquido aquecido ao fogo sem assucar, porque havia muito tempo, que estavam acabadas todas as provisões mesmo nas terras de Cazembe. Comprámos algum mantimento muito caro, até nisto pareciam os Muizas terem dado as mãos

1799 uns aos outros, e passado palavra para nos fazer perecer de necessidade, e fome, pois sabiam que tinhamos muita gente; e marfim que não podiam ver sem grande displacencia, e não só porque os cafres são ordinariamente muito invejosos, mas tambem porque sendo antes da nossa hida aos sertões o giro delles o negocio das terras de Cazembe, olhavam-nos como seus rivaes pois lhes tiravamos aquelle commercio. Aqui principiou a contribuição de chipata direito de passagem para cujo pagamento Gonçalo Caetano deu uma preta pequena, por não ter fato, que já tinha gasto todo.

Dia 29.—Partimos do sitio de Munglué demandando o de Masungure, para ahi fazer novas provisões de mantimento.

Dia 30 e Outubro 1.—Chegámos a huma povoação dos Muizas por onde deviamos passar, e elles principiaram a insultar-nos tomando á força das mãos dos nossos cafres aquillo que com brevidade podiam roubar, e com que logo podiam fugir. Aqui tiraram duas enchadas, e uma faca grande, obra dos Murundas. Pedimos a satisfação que era a restituição das cousas roubadas, que não nos deram, porque quasi todos estavam bebados. Sahimos daquelle logar, e fomos passar a noite pouco distante da povoação, porque já era tarde. Ahi determinámos comprar mantimento áquelles mesmos, que nos tinham offendido, porque a falta delle era grande.

Dia 2.—Não appareceu a copia de mantimento que precisavamos, e o pouco que tinha vindo estava caro no ultimo ponto. Entretanto que estavamos suspirando pelo dia seguinte para passarmos a outra parte, chegou Condua, irmão de Chinimba, o qual, estranhando o procedimento dos que nos tinham insultado, prometteu-nos fazer restituir o roubo na manhão seguinte, porque já era tarde para o fazer no mesmo dia.

Dia 3.—Saimos daquelle sitio, e partimos para diante bem faltos de mantimento: Gonçalo Caetano que tinha ficado atraz recebeu as enchadas roubadas, mas não a faca. Depois de termos andado pouco, encontrámos uma povoação onde nos tiraram outras duas enchadas, um dente de marfim, e fe-

riram um cafre Checunda com flexa envenenada (assim usam 1799
os Muizas, e este veneno é tão activo, que de qualquer parte que esteja a ferida se espalha porto do o corpo, em poucos dias causa a morte, se com diligencia não se tira a flexa, e se não se applica certo contraveneno, que em semelhantes jornadas os cafres acautellados costumam levar comsigo. A vista do sangue que corria da ferida do nosso Checunda ficaram os outros divididos em differentes sentimentos: uns desejavam tomar uma prompta vingança, e outros tomados de medo não desejavam senão verem-se livres do perigo, que a sua imaginação lhes pintava, e assim houve uma grande confusão, que desordenou a marcha. Acudi a ver o que era, e logo se ajuntaram os Muizas armados com os seus arcos, e flexas fazendo contra nós as suas pontarias, para nos intimidar. Perguntaram os nossos pela causa, e motivo do insulto, responderam resolutos, que o tinham feito, porque assim o tinham querido, porque passavamos pelas suas terras, e que se quizessemos guerra não tinhamos mais do que dar principio a ella, pois que elles estavam promptos. Disseram os nossos, que elles faziam a sua jornada em paz, mas que se os quizessem acommetter estavam promptos para se defenderem. Logo os Muizas deram principio a atirar torrões de terra dura em lugar de pedras: os nossos correspondiam com a mesma resolução, e entretanto fugiram todas as mulheres da povoação, ficando alguns homens capazes para a empreza. A nossa gente de carruagens estava toda junta na distancia de uns cincoenta passos, e ahi depozeram as cargas, para ver o fim da funcção que entrou a ser vigorosa. Neste tempo que eu estava entretendo este jogo de pedradas, esperando por Gonçalo Caetano, que ficava ainda atrazado, um Muiza, com grande empenho e diligencia, me quiz ferir com alguns torrões, que atirou successivamente; e parecendo-me que já não devia esperar mais, disparei contra elle um tiro de espingarda, que não pude empregar. Pedro Nolasco, que estava perto, acudiu com outro tiro, que tambem não se empregou. Gonçalo Caetano, que estava atraz e por cuja causa não marchavamos ávante, desprezando os Muizas, porque

1799 então indubitavelmente se teria perdido não tendo passagem, com marcha apressada veiu correndo ao echo dos tiros, e de huma confusa gritaria que se ouvia de longe; e tendo encontrado uma chusma de Muizas, que lhe queriam tomar o caminho, metteu a sua arma á cara, com que ficaram alguma cousa espavoridos; porém como estivessem dando saltos, e Gonçalo Caetano não quiz fazer fogo, um seu cafre teve logar de disparar o bacamarte, que trazia prompto, e de ferir mortalmente pelas costas um Muiza, que depois se soube ser filho do Fumo daquella povoação: com este susto fugiram os Muizas, e deram caminho a Gonçalo Caetano, que veiu ajuntar-se comnosco. Fomos tomar deliberação sobre o procedimento, que deviamos ter, pois que estavamos certos, que já não poderiamos proseguir mais a nossa jornada com socego pelas terras dos Muizas, porque são bem unidos nos seus sentimentos, e interesses. Appareceram neste tempo dois Muizas fazendo signal de que vinham fallar-nos, e pedindo que os não maltratassemos. Com a promessa que se lhe fez de os não offender chegaram perto, e disseram que vinham pedir remedio para tirar os zagalotes que o filho do Fumo, tinha recebido na occasião de ser ferido com tiro de bacamarte. Perguntámos pelo motivo, que tinham tido de nos insultar, quando faziamos a nossa viagem em paz, e sem maltratar pessoa alguma. Desculparam-se com a bebedeira que reinava na sua povoação, o que não nos parecendo sufficiente desculpa, dissemos, que se o filho de seu Fumo estava ferido, tambem dos nossos Checundas, estavam dois que logo foram conduzidos, e apresentados; e assim não queriamos dar remedio, para se tirar o que tinha entrado pelo corpo, como elles se explicavam. Não ficaram contentes deste recado; porém com elle se retiraram: como os outros que estavam longe faziam ameaços vendo que os seus não tinham sido bem deferidos, acudiram os nossos Checundas, e os seis soldados, que estavam na nossa comitiva, dando corrida aos Muizas até á sua povoação, onde outro Checunda ficou ferido. Este successo deu logar para haver novo choque, e os nossos Checundas fazerem pequeno saque na povoação que já tinha bem

pouca gente. Eu e Pedro Nolasco queriamos acudir pessoalmente para tomar o mantimento da povoação, e depois deitar-lhe fogo, pois era o mais vantajoso conselho que podiamos tomar, porque com semelhante procedimento mettiamos terror a todos os Muizas, e ficavamos recobrando o respeito do nome de Muzungos que Caleja tinha perdido; porém Gonçalo Caetano Pereira nos embaraçou, e de nenhuma sorte quiz consentir, e convir no que pretendiamos fazer. Partimos daquelle logar para outro mais visinho onde havia agua, para dar descanço á gente, e de tarde continuar a viagem. Gonçalo Caetano procurou um Muiza da povoação de Mucunjure, que é dono daquellas terras, e por elle lhe mandou dar parte do succedido remettendo de bocca um pequeno dente de marfim. Depois que jantámos, partimos para diante com a marcha do costume, mas com cautella de fazer adiantar alguns espingardeiros na vanguarda. Tinhamos feito bem pequena jornada, quando sentimos uma confusão pela dianteira, e ficando tudo parado fui correndo a ver o que era, e achei que Manuel Caetano Pereira, que caminhava adiante com soldados, tinha sido atraiçoadamente ferido de um Muiza que se tinha posto de embuscada no caminho. Acudiram os espingardeiros, mas com infelicidade, porque as espingardas não feriram fogo, e ajudados destas circumstancias fizeram os Muizas embuscados a sua retirada a salvo. Curou-se o ferido, que não se achou em perigo, porque encontrando a flexa com os ossos não pôde entrar pela carne, e introduzir o seu veneno. O cafre de Gonçalo Caefano, que tinha empregado tambem o tiro do bacamarte de que tinha ficado ferido na palma da mão direita, e incapaz para fazer outro tiro, mais animoso, e judicioso de todos, era de voto que voltassemos, e arrazassemos a povoação daquelles Muizas, o que eu tambem approvava; porém Gonçalo Caetano, que contava muito com bastante razão, que tinha de ver o filho ferido para abrandar e aplacar a Mucunjure, não conveiu nesta parte; e assim, seguido o seu parecer por necessidade, porque elle era o mais bem obedecido em razão de ter muita escravatura, continuámos a jornada, e chegámos ao logar do 1799

1799 Daro sem mais novidade. Logo recebemos portador de Mucunjure, que em resposta mandou dizer a Gonçalo Caetano, que sempre era mal feito termos ferido o filho do Fumo, posto que os da povoação tambem tivessem obrado mal em nos maltratar: Gonçalo Caetano disse ao Enviado que os Muizas nos tinham insultado e acommettido, sem terem recebido de nós motivo algum para semelhante procedimento, e que por fim tambem tinham ferido a seu filho, e com este novo recado remetteu de Chipata um dente de marfim que Mucunjure achou ser pouco; comtudo enviou dizer que no dia seguinte ouviria aos Muzungos, e quando lhes achasse razão mandaria castigar os Muizas daquella povoação. Remetteu-se-lhe outro dente, que tambem não chegou á sua conta, por isso mandou-se-lhe uma barra de cobre, com que se mostrou satisfeito, mandando dizer que pela manhã mandaria pessoa conduzir os Muzungos a um determinado sitio onde lhe podesse ficar mais perto para comprar mantimento á sua vontade: emquanto tudo isto se passava já era meia noite. Outro Cafre de Gonçalo Caetano, que tinha sido mandado ao Fumo, por algumas palavras, que ouviu, e pelo apparato, que viu, teve grandes suspeitas de que intentavam dar-nos guerra, e o communicou a seu amo, que influido na idéa que tem de que todos os Cafres o respeitam e reputam como um grande dos Muzungos, e capacitado do que se lhe tinha dito da parte do Fumo, não só não acreditou aos seus Cafres, mas nem por graça, e despreso do mesmo Cafre, me quiz participar aquellas suspeitas, que eu teria averiguado, e examinado com toda a circumspecção.

Dia 4. — Tudo se poz cedo prompto para a marcha, e ficámos esperando pelo portador promettido até ás sete horas da manhã. Vendo que elle não apparecia, e o sol hia aquecendo, partimos do lugar onde estavamos, para hir procurar a visinhança do lugar onde esperavamos comprar mantimento, que já faltava para este dia. Não suspeitando mal do Fumo, contavamos de encontrar no caminho o seu portador, que com effeito faltou, para executar a promettida entrega, e traição que nos havia preparado. Andámos, e

dahi a pouco appareceram quatro cafres, dizendo eram man- 1799
dados pelo Fumo para nos conduzir; e em quanto davam este fingido recado, sahiram da emboscada humas mangas de Muizas, que acommettendo o nosso corpo, onde viram que não havia espingardas, pegaram em huma vergalheira de negros, e a foram levando pelos mattos, não se lhes dando que elles deixassem as nossas cargas no campo, donde as tinham tirado. Como estes Muizas vinham tocando o seu tambor de guerra, isto bastou para todos os nossos Checundas ficarem intimidados; não se via na nossa gente senão confusão, e consternação; porém não durando muito o seu embaraço, logo se desembaraçaram para nos furtar toda a roupa, que traziamos em quitundos, canastras de certo pau raspado, e adelgaçado para mais commodidade. Eu fiquei perdendo nesta occasião todo o meu aceio, e tudo aquillo, que podia servir para comprar mantimento, e só pude salvar hum quitundo com algumas camisas, que elles, ou por esquecimento, ou por me terem presentido encaminhar para onde estavam fazendo esta ladroeira, ainda não tinham tocado. Comtudo não se me dando da perca, que acabavam de fazer-me, fui acudir, a ver se podia salvar, e segurar os meus papeis; mas vendo que todos estavam espalhados pelo campo, fiquei possuido da maior desconsolação, e desgosto; e assim, não me lembrando já nem o perigo, nem a morte, occupei-me em ajuntar os papeis, que encontrava, e podia haver. Aqui perdi a ordem de prisão, a que Caleja não obedeceu, e a certidão, que Manoel dos Santos e Silva havia passado ao pé della. Assim que acabei de ajuntar os papeis que achei, appareceram os meus cafres, que até então não tinha visto; e ouvindo delles os roubos que os Muizas tinham feito de tres pessoas, que haviam tirado da gargalheira, cortando-a, porque era de couro; recommendei-lhes, que me guardassem com cuidado os meus papeis, e os quitundos em que estavam. Neste tempo Gonçalo Caetano Pereira appareceu, e me disse que se hia embora para os mattos a procurar caminho de hir para Aroanga, porque considerava os caminhos tirados por todas as terras dos Muizas; e que para hir

1799 livre, e desembaraçado, deixava todo o seu marfim, que poderia importar 600 arrobas, levando comsigo sómente o que fosse de pouco peso, e necessario para as despezas da jornada. Para o animar perguntei-lhe se queria sem combate largar o seu cabedal. Respondeu-me que sim, e que já o fazia, porque por todas as partes não se viam se não Muizas, que se ajuntavam para nos cercar, e que feito o cerco não achariamos nem tempo, nem lugar para sahir delle, e assim necessariamente pereceriamos; e que eu me desembaraçasse logo, e me retirasse, senão queria ficar envolvido na ruina. Procurei logo a Pedro Nolasco Vieira de Araujo, para lhe communicar a resolução de Gonçalo Caetano, e dizer-lhe que pois era preciso retirar daquelle sitio, deixando nelle tudo, cuidasse em se aviar, e desembaraçar com promptidão. Como Pedro Nolasco, querendo salvar tudo quanto estava a seu cargo, não acabava de se resolver a huma determinada cousa; e eu, que estava discorrendo pelo campo, não visse mais a Gonçalo Caetano, nem a seu filho, que já tinham partido, tornei a procural-o, para lhe dizer que acabasse com o que tinha de fazer, porque estavamos sós naquelle lugar, e Gonçalo Caetano se tinha ausentado dalli com seu filho. Desembaraçou-se Pedro Nolasco como pôde, e retirámo-nos, deixando muito marfim para despojo aos Muizas, os bahus, caixas, e outras cousas, para o saque dos nossos escravos, que não desgostaram da funcção, porque servio-lhes para abandonar as suas cargas. Depois de termos marchado alguns cincoenta passos, lembrou-me o archivo da Secretaria, que tinha recommendado ao cuidado de Pedro Nolasco, que o conduzia pelos cafres de D. Francisca; e porque não me dava noticias delle, voltei logo sobre os meus passos ao lugar onde ficava tudo, acompanhado sómente de minha espingarda, e da minha pistola; logo descobri o bahú do archivo meio arrombado pelos cafres, que não achando nelle senão papeis, e livros, tinham deixado ao desamparo, tomando sómente hum livro pequeno, que tinha capa de seda encarnada. Mandei acabar de arrombar o bahú pelo soldado Antonio Francisco Delgado, que ainda se achava naquelle lugar; e

tomando delle hum livro grande, recommendei ao dito sol- 1799
dado, que arrecadasse os mais com todos os papeis, para me entregar onde podesse haver occasião de os receber, e me fui ajuntar a Pedro Nolasco, que me ficou esperando no sitio onde o tinha deixado. Partimos dahi para hir adiante pelo caminho, que Gonçalo Pereira, e seu filho, tinham tomado; depois de termos andado alguns dez passos, ouvimos dizer, que vinham os Muizas em nosso seguimento, o que nos obrigou a apertar a marcha; porém, encontrando hum pequeno rio, que dava agoa até á cintura, tive a pena de me ver abandonado, não querendo nem hum só Cafre, de tantos quantos estavam passando o rio, carregar-me, e pôrme da outra banda. Emfim por muitos rogos vieram dois, que depois de me terem tomado, atiraram commigo dentro da agoa, e fizeram molhar a espingarda, que nunca largava da mão. Estando no meio do rio, chegaram os Muizas, e entraram a fazer os seus tiros de flexas; e certamente me teriam maltratado, ou talvez morto, se hum Cafre de Pedro Xavier Nolasco, chamado Canhae, que por doente não tinha podido acompanhar a seu amo, não os fizesse fugir com hum bem empregado tiro de espingarda, com que ferio hum Muiza. No primeiro assalto, e neste, nenhum da nossa comitiva ficou ferido, ficando dos Muizas algumas pessoas, que seriam dezeseis, assim de tiros de armas, como de flexas; e ainda que os Muizas se tinham retirado, continuámos a nossa jornada com marcha bem arrebatada. Passámos por onde se via huma pequena povoação, e os Muizas deste lugar, não ignorando o nosso successo, deitaram fogo á palha para nos embaraçar a passagem, que conseguimos a todo o risco, apagando o fogo. Até ás quatro horas da tarde continuou este genero de guerra, que successivamente renovaram os Muizas das povoações, que ficavam por onde passavamos, posto que estivessem arredadas do caminho, e cobertas de mattos, e palhas. Avistámos huma povoação, que não estava muito distante, e que deixava ver que não tinha gente. Como careciamos de mantimento, e não podiamos de nenhuma sorte remediar esta falta, fizemos pausa defronte da povoa-

1799 ção, e despedimos hum soldado, e alguns Cafres, para hirem examinar, e ver se havia nella mantimento, e vir-nos avisar para o hirmos tomar todo, e ao depois ficar largando fogo; porém o soldado, encontrando pombe, não se occupou senão em embebedar-se, ficando os Cafres fazendo suas provisões particulares, em enhabudos, bolsas de couro de pequenas rezes esfoladas; assim que deram a funcção de pombe por acabada, deitaram fogo ao mantimento, que havia bastante, e á povoação, só por evitar a demora, que havia de haver em o recolher, e para se aproveitarem do tempo, de continuar a marcha: tão espavoridos estavam todos os nossos Cafres. O Cafre dono da povoação, que estava de longe vendo, e observando tudo, não podendo soffrer, que lhe queimassem os seus mantimentos, e povoação, fez ameaços de nos vir acommetter de noite onde quer que repousassemos. Comtudo continuámos a marchar até pôr-se o sol, porque o empenho dos Cafres era só de se ausentarem com maior promptidão das terras dos Muizas, onde se não consideravam seguros, e livres de todos os assaltos. Gonçalo Caetano, mettido na sua carruagem, não fazia senão hir avançando, e quando fazia pausa era sómente para dar descanço aos Cafres, que o conduziam, mas apenas nos via chegar, logo mandava continuar a marcha, sem attender a que eu, e Pedro Nolasco, andavamos a pé, por terem os Cafres deixado de proposito as cannas das nossas maxilas no sitio, e campo do insulto, para nos não carregarem, e de que já não podiamos com semelhante marcha. Alimpámos com fogo o lugar onde deviamos passar a noite, e deram-se as ordens necessarias para os Cafres fazerem as suas vigias. Passei este dia sem jantar, porque o cozinheiro, para se fazer ligeiro, e prompto para a fugida, tinha deitado fóra aquillo que trazia cozinhado, e não podendo soffrer mais a fome, mandei cozer para a ceia hum pouco de feijão, que trazia para semente, e que tinha escapado do saque dos Cafres, em hum pequeno atado de guardanapo. Todos se deitaram a dormir, e entregando-se a hum largo somno, desprezaram inteiramente a recommendada vigia, e assim o Muiza da povoação queimada teve

lugar de nos vir surprehender pela alta noite; e como não 1799
achasse resistencia, lançou á sua vontade quantas flexas quiz, de sorte que ferio seis pessoas. Assim que se soube a vinda, e perseguição dos Muizas, tudo ficou logo acordado, e cheio de nova confusão, e medo; elles da sua parte se retiraram, depois que sentiram tiros de espingarda, posto que não fizeram emprego, porque o escuro da noite nada deixava ver, e se contentaram de nos dizer que nos haviam de tomar todos os caminhos para nos acabar de matar.

Dia 5. — Continuámos a jornada com huma violenta marcha, porque os nossos Cafres, ainda medrosos do que de noite haviam passado, e para nos obrigar a andar mais, fingiam a cada passo vinda dos Muizas, que não appareciam; desta sorte nem para hum pequeno descanço, e nem para jantar nos davam lugar. Succedia esta desordem dos Cafres, porque Gonçalo Caetano era inteiramente governado pelos seus. Neste dia tive de fazer a pé a maior parte da marcha, não querendo os Cafres carregar-me; e quando por mandado de Pedro Nolasco, de quem dependiam os meus maxileiros, pegaram da maxila, logo a bem poucos passos largaram-me com a maxila, e por cansados se hiam embora, largando tambem a minha carruagem, que mais de huma vez mandei arrecadar. Taes estavam os Cafrés Checundas, que de quando em quando nos ameaçavam largar, e desamparar nos mattos.

Dia 6. — Sendo já grande a falta de mantimento, determinámos mandar alguns Cafres espiar onde havia povoação para tomar provisões; porém elles atemorisados não quizeram fazer esta diligencia, que era em beneficio de todos; e emfim vendo-nos obrigados a fazer o que diziam, e propunham, partimos para diante sem saber com que nos haviamos sustentar, e os escravos burros. Apenas tinhamos feito huma pequena descida, quando huma nova confusão veio causar novo susto, e desordenar a marcha. Perguntando o motivo, todos responderam que era porque de todos os lados estavam cercados de inimigos. Passando a examinar o que diziam, achámos que eram alguns vinte Cafres de huma povoação,

1799 que não podémos descobrir, os quaes, receiando que lhes fossemos tomar mantimento, e queimar a povoação, procuravam divertir-nos deste intento, obrigando-nos com gritos que faziam, e com o toque do seu tambor, que não faltou, a ausentarmo-nos delles com toda a pressa. Como estavam no alto de huma serra, fizeram signal de nos querer seguir; porém escandalisados de hum tiro, que maltratou hum delles, assentaram de nos deixar passar á nossa vontade. De nenhuma sorte queriam os Cafres persuadir-se de que os Muizas nos tinham medo, e que tudo quanto faziam era para nos obrigar a ausentar logo para lhes não fazer hostilidades, tomando o seu mantimento, e queimando as suas povoações. Adoeceu Gonçalo Caetano com grandes febres, que me causaram bastante susto, porque se succedesse morrer dellas, seus Cafres haviam tomar a sua morte por mau agouro, e infallivelmente nos haviam de desamparar com os mais Checundas, que não haviam pôr duvida em seguir o seu exemplo. Hoje passei sem jantar, porque não dava logar para isso, e sem ceiar, porque, posto que tivesse huma pouca de farinha torrada de mandioca, que me tinha dado Pedro Nolasco, e que podia servir para huma só comida, comtudo vendo que os Cafres não me queriam carregar, precisava almoçar no dia seguinte para me refazer de forças para a jornada, julguei acertado reservar a farinha para me alimentar della immediatamente antes da marcha, o que não foi desacertado porque assim pude vencer a viagem, que foi comprida, e arrebatada, posto que me custasse muito passar a noite. Com a fugida de hum escravo, que trazia huma canastra, acabei de perder o resto da roupa, que tinha ficado, sendo reduzido a ficar só com o que trazia no corpo, e com hum lençol, godrim, e fronhas.

Dia 7. — Marchámos sem novidade, mas com grande pressa, procurando alguma grande povoação em que podessemos comprar mantimento. O matto era tão esteril, que nem fructos agrestes tinha. Havia indicios de ter muita caça, porém os Cafres não queriam caçar, desejando antes passar fome, do que ter aquelle pequeno trabalho. São na verdade

bem vis, e indignos os Cafres de Tete nos mattos. Pedro Nolasco sustentou-me hoje, repartindo commigo o seu jantar, e ceia. Para alliviar hum Cafre, que blasphemava com a carga de hum burro, permitti que o desmanchasse, e assim fiquei tendo por cama huma lona, porque já pensava em desmanchar o godrim. Os Cafres da minha maxila deitaram-me hoje em terra para ver se deste modo me obrigavam a escusal-os inteiramente. 1799

Dia 8. — Continuámos a jornada com algum animo, por termos sahido dos mattos desconhecidos, e entrado nos que trilhámos quando faziamos viagem para as terras de Cazembe. Muita escravatura fugio para hir procurar de comer, porque julgavam que infallivelmente nós pereceriamos por falta de mantimento, e outra ficou abandonada pelo caminho, por não ter forças para andar. Pelo meio dia chegámos á mussassa de hum Cafre caçador de elephantes; e procurando alguma carne para comprar, não achámos cousa alguma, tendo os mesmos nossos Cafres, que vinham adiante, comprado ás escondidas com o roubo, que nos tinham feito no dia 4 do corrente, o pouco mantimento que havia. Tambem neste dia sustentou-me Pedro Nolasco, não tendo eu absolutamente cousa alguma. Toda a jornada andei a pé com indisivel trabalho.

Dia 9. — Antes que nos pozessemos de marcha despedi tres Cafres por differentes partes com pedaços de chita do godrim, que no dia antecedente tinha desmanchado, para comprar mantimento; usei desta prevenção para evitar outro acontecimento semelhante ao da jornada passada, em que os Cafres que hiam adiante compraram ás escondidas todo o mantimento para si, deixando os outros na total falta delles. Emfim com muito custo partimos para diante, porque a falta de forças fazia pesada a nossa jornada, a mim principalmente, que com grande trabalho a fiz a pé. Chegámos ás margens do rio Aroangoa, e descobrimos vestigios de haver povoações dos Mutumbucas; mandámos varios Cafres em procura de mantimento, que elles sempre compravam para si, affirmando-nos sempre que o não havia. Para me livrar

1799 deste engano passei para a outra banda do rio, e a troco de huma pequena preta comprei hum quitundo de amendoim em casca (certa especie de amendoa, que tambem ha no Brazil), outro quitundo mais pequeno com milho em massarocas, e hum quissero (certa qualidade de vasilha tecida de paus adelgaçados, como fallei de canastras, que chamam quitundos, de milho moido). Com esta compra voltei contente para os meus companheiros, com os quaes reparti pequena parte della. O meu jantar, porque fiz a compra tarde, foi amendoin cru, que pude mendigar, e posto que Gonçalo Caetano, por ceremonia, e por eu me ter achado presente, me offereceu o seu, comtudo não lho acceitei para não lhe fazer falta.

Dia 10. — Partimos para diante mais animados, por hirmos em demanda do sitio onde deviamos passar o rio, para sahirmos inteiramente das terras dos Muizas, cuja lembrança nos era bem ingrata; porém apenas chegámos a elle, que tivemos noticia de que certo Regulo das terras dos Mutumbucas, chamado Mazavanba, nos estava esperando para roubar, e da mesma sorte Mucanda mais adiante. Estas novas obrigaram-nos a tomar a cautela de hir descendo o rio até chegar á altura do paiz dos Sengas, para ahi atravessarmos a passar o Aroanga, e continuarmos em direitura a nossa jornada para Tete, e este arbitrio não se tomou senão quando concordaram os Cafres, que foram chamados a conselho. Alguns eram de accordo que nos ausentassemos do lugar em que estavamos com a maior brevidade; mas como era tarde ficou a viagem para o dia seguinte.

Dia 11. — Bem cedo partimos para diante fugindo ao novo perigo, que nos parecia estar imminente, e proximo, e por isso nos fazia apressar ainda mais a marcha. Fugiram varios escravos pela grande confusão da marcha, e alguns delles levaram os dentes de marfim, que conduziam. Fui carregado em maxila pelas grandes diligencias de Pedro Nolasco, que se compadeceu muito de me ver as plantas dos pés feridas.

Dias 12 e 13. — Já a fome apertava muito, e os Cafres a cada passo nos promettiam deserção, quando a Providencia

permittio encontrassemos na nossa jornada huma bufala morta ao pé do caminho, e ferida de pouco tempo. De nenhuma sorte quiz inculcar por milagroso, ou mysterioso o encontro da bufala, porque sei que a Providencia continuamente está dirigindo as creaturas para o fim que intenta, pelos caminhos que não podemos penetrar. Recorri a ella para fazer ver a alegria que tivemos com tão bom successo da presente jornada. Mandámos os Cafres que a cortassem, porém elles não quizeram, com o receio de ficarem em Milando com o caçador, e para nos desviar do intento de ficar com a tal bufala, instavam-nos a que continuassemos a viagem; teimámos em querer comprar a rez, e neste tempo appareceu o caçador, com quem a ajustámos, e comprámos a troco de huma preta. Comprada a bufala fizemos della repartições, e com a sua carne pôde a gente mitigar de alguma sorte o rigor da fome. 1799

Dia 14. — Como tinhamos carne, e faltavam legumes partimos para diante procurando alguma povoação onde podessemos comprar mantimento. Depois da marcha de meia hora, encontrámos huma; e ahi, querendo fazer a compra, que desejavamos, sahio hum Cafre, dizendo que na outra banda do rio havia muito mantimento, e que lá he que o deviamos procurar, porque elles na sua povoação não o tinham de venda; finalmente que se quizessemos elle serviria de guia para ensinar, e mostrar o sitio onde o havia. Acceitámos o offerecimento do Cafre, que logo despedimos com os nossos Checundas para ver a paragem inculcada, e saber os preços, para nos vir noticiar. Entretanto fomos com toda a comitiva procurar abrigo, e lugar para a pousada nos mattos, que a palhoça, e pequenos arvoredos faziam nas margens do rio muito distante daquella povoação. Pelas cinco horas da tarde voltaram os nossos Cafres, dizendo que tinham achado bastante mantimento, por cuja venda os seus donos queriam escravos, e marfim. Ficámos animados, e contentes com tão boa nova, e para o dia seguinte reservámos as nossas compras.

Dia 15. — Gonçalo Caetano, e Pedro Nolasco mandaram

1799 dois dentes de marfim, eu por os não ter mandei dois escravos, com que logo se fez a compra, ficando os dentes rejeitados, por ter raxa. Não me pôde vir logo o mantimento comprado, porque ainda não estava batido, e os Checundas não cuidavam senão nas suas compras, por cujo motivo ficou a sua conducção para quando ficasse batido. Como eu sentisse hir-se-me acabando o pouco mantimento que tinha, e receiasse maior demora ao que estava comprado, mandei-o comprar tambem a outra parte a troco de outro escravo, e de quantos trapos tinha. Aqui desmanchei hum unico lençol que restava, para o fazer em tiras.

Dia 16. — Chegou o mantimento comprado; mas, porque era pouco (succedendo esta falta pelo furto, que os compradores faziam), mandou-se comprar outro. Por este mesmo tempo appareceram varias carnes sêcas de elephantes, bufalas, e outras rezes, que comprámos a troco de escravos.

Dias 17 e 18. — Como os Cafres compradores tinham voltado com mantimento, sahimos do sitio de Palhoça, e continuámos a nossa jornada sem novidade.

Dia 19. — Estando para partir do sitio em que passámos a noite, appareceram dois Cafres caçadores gritando, e dizendo, que a nossa gente lhes tinha furtado as suas mezinhas, e tabaco, e que se lhes não tornassem o furto haviam de maltratar, e ferir a todos. Com estas palavras de ameaços aquelles dois Cafres fizeram parar a marcha da comitiva de algumas trezentas pessoas. Contentámos os Cafres queixosos, pois não havia outro remedio, e continuámos a nossa jornada procurando hum sitio commodo, e proprio, onde podessemos fazer novas provisões de mantimento.

Dia 20. — Pelas dez horas e meia da noite passaram perto da nossa mussassa tres leões, que com medonho concerto dos seus bramidos puzeram tudo na maior consternação; posto que nos presentissem, comtudo guardaram-nos a immunidade da hospitalidade, deixando-nos em paz, e foram cevar a sua braveza, e ferocidade em huma mussassa de caçadores, onde tomaram, e levaram hum Cafre.

Dias 21, 22 e 23. — Depois de termos comprado manti-

mento continuámos a seguir a nossa viagem para diante, e 1799
pelo meio dia atravessámos o rio, não querendo os Cafres hir procurar a altura da terra dos Sengas, que já achavam ser distante.

Dia 24. — Pelas nove horas da manhã encontrámos hum pequeno rebanho de elephantes, o qual dividindo-se, livremente nos deixou desembaraçada a passagem.

Dias 25, 26 e 27. — Novamente sentimos precisão de comprar mais mantimento; e assim aqui resolvemos tomar tudo por ter Gonçalo Caetano encontrado no Fumo da povoação hum seu conhecido.

Dias 28, 29 e 30. — Tendo já todos os Cafres noticias da nossa jornada, não faziam senão estudar quantos modos podiam excogitar para nos roubar, e para este fim qualquer ridiculo Fumo nos pedia tambem sua chipata, quando ella he devida aos Fumos grandes, e Rey; mas como a sua requisição era acompanhada de ameaços, ficava sendo forçoso contental-os, porque a nossa gente estava inteiramente abatida de animo.

Dias 31, e 1 de Novembro. — Passando por huma povoação, hum Cafre do paiz tomando por pretexto, que ficando com a nossa chegada espantado o seu gado, e que pelo mesmo motivo hum boi tinha quebrado huma perna, pegou em hum dente de marfim, e fazendo delle tomadia, o foi esconder; Gonçalo Caetano, a quem pertencia o dente, queixou-se ao Fumo, que logo prometteu fazel-o entregar.

Dias 2 e 3. — Como o dente não se entregava, e alem disto na noite passada tinham furtado outro, assentámos que a promessa do Fumo era dissimulação, e que talvez tinha intelligencia, e parte nos ditos furtos, e assim não quizemos esperar mais pela justiça do Fumo, que instava pela nossa demora, porque não queriamos perder outro dente á noite, e partimos para diante.

Dias 4, 5, 6 e 7. — Pelas onze horas do dia chegámos ao Bar, lugar donde se tira ouro, de José Victor de Sousa e Vasconcellos, hum dos moradores de Tete, que ahi encontrámos; e nos deu boa hospedagem, e noticiou a che-

1799 gada da parte da expedição em que foi Caleja, e seus sequazes.

Dia 8. — Partimos do Bar de José Victor, e fomos continuando a nossa jornada para Marenga.

Dias 9, 10, 11, 12 e 13. — Chegámos a Marenga, onde Gonçalo Caetano tem a sua habitação, e Bar; aqui nos demorámos para dar convalescença á gente, e fazer novas provisões de mantimento.

Dias 14, 15, 16, 17 e 18. — Sahimos pelas oito horas da manhã do sitio de Marenga para Tete, e pelo caminho não se acharam mantimentos, que antigamente havia com abundancia, e barateza.

Dias 19, 20, 21 e 22. — Despedi-me de Pedro Nolasco, que logo partio para Tete; e parti com Gonçalo Caetano para Bamba; ahi jantei, e fiquei esperando pela noite para entrar na Villa de Tete, onde me custava apparecer de dia sem o aceio decente a hum ecclesiastico. Entrei emfim na Villa pelas seis horas da noite, e encontrei varios amigos, que estimaram a minha chegada, a qual já não esperavam, porque José Rodrigues Caleja, alem de me ter desacreditado, e pintado como objecto da indignação publica, tinha dado certeza de que eu não voltaria mais, persuadido certamente de que as desordens que veio fazendo pelo caminho seriam bastantes para me fazer perder. — Francisco João Pinto.

Carta de Pedro Xavier Nolasco

(Annaes Maritimos, 5.ª serie, pag. 479.)

1805 Novembro 14 Illmo e Exmo Sr. — Respeitoso Senhor. Já tive a honra de por duas vias, e em diversas occasiões, chegar á respeitavel presença de V. Ex.ª, e nestas a particular distincção de participar, pondo em vista a V. Ex.ª toda a digressão que fiz na companhia do Governador fallecido o Dr. Francisco José

de Lacerda e Almeida, na nova descoberta do interior de Africa Oriental, a fim de franquear a correspondencia de Angola para esse Reino de Portugal, diligencia esta a que elle vinha mandado pela nossa Soberana, e com efficacia recommendado por V. Ex.ª Igualmente acompanhava o quanto sempre me tenho esmerado com zelo, actividade, e honra no Real Serviço, e com singularidade na referida descoberta. Só assim, confiado tão sómente na bondade de V. Ex.ª, merecerei eu a particular dita de que V. Ex.ª os apresentasse a Sua Alteza, para que vendo, e conhecendo os meritos do meu zelo como Senhor que sabe premiar, e animar aos seus fieis vassallos, fosse servido por sua grandeza, e por graça fazer-me sensivel com mostras de alguma prova dos meus pequenos serviços. 1805 Novembro 14

Mas, Ex.mo Senhor, fazem hoje quatro annos que não tenho sequer noticia alguma daquelles papeis, e nem tão pouco sei se mereceram a felicidade de chegarem á benigna vista de V. Ex.ª, o que bastantemente me tem esmorecido, e inteiramente desanimado. Comtudo pensando que talvez por minha sorte teriam levado total descaminho por naufragio, ou pelo pouco disvelo daquelles a quem encarreguei a a direcção delles a V. Ex.ª, me delibero novamente, valendo-me das copias de todos elles tiradas em publica fórma, para que V. Ex.ª se digne de contemplar-me no bom exito delles a que se dirigem. Vejo-me por outra parte obrigado a noticiar a V. Ex.ª, que tendo naquella occasião segundo a nossa digressão chegado até o Reino do Rey Cazembe, como consta pelos ditos documentos, veio-me noticia no mez de Outubro do presente anno pelos proprios daquelle Reino, de como era fallecido o Rey Cazembe, e que o filho, deste que succedeu no Reino, mandava-me dizer, que muito queria, e desejava anciosamente a nossa correspondencia, e em prova deste seu sentir, me obsequiou com seu mimo, e pela certeza que os mesmos proprios me deram, que igualmente tinha mandado na Villa de Tete presente a Sua Alteza, e a alguns individuos; donde, levado de huma actividade no Real Serviço de Sua Alteza, devo dizer a V. Ex.ª que perde

1805 Novembro 14 muito o Erario do mesmo Senhor na falta desta communicação, pois aquelles caminhos que se descobriram naquella occasião já hoje quasi se acham fechados por falta de frequencia; e assim nada mais me resta a dizer a V. Ex.ª do que, estribado na summa bondade, e incomparavel rectidão, se sirva pôr em mim a vista mais piedosa, esteando-me com poderosa mão da magna protecção de V. Ex.ª em favorecerme naquillo que V. Ex.ª melhor entender concernente á minha supplica, graça esta pela qual jamais terei expressões de poder dar cabal prova do meu reconhecido animo.

Eu sou com aquelle respeito, que submissamente tributo á Pessoa de V. Ex.ª, que guarde Deos muitos annos. — De V. Ex.ª todo obediente criado. — Pedro Xavier Velasco. — Quilimane, 14 de Novembro de 1805.

Officio do Capitão General de Angola para Antonio de Araujo de Azevedo

(Annaes Maritimos, 3.ª serie, pag. 278.)

1815 Janeiro 25 Ill.mo e Ex.mo Sr. — Tenho a satisfação de levar á respeitavel presença de V. Ex.ª a carta do Governador dos Rios de Senna, vinda por terra, em virtude da descoberta da communicação das duas Costas Oriental e Occidental de Africa, com as copias da carta que me foi dirigida pelo Tenente Coronel Francisco Honorato da Costa, Director da Feira de Mucary, a cujas fadigas e trabalhos se deve esta descoberta, e os Roteiros das jornadas e mais noticias tendentes ao mesmo objecto, e vão embarcados os Escravos Pombeiros Pedro João Baptista, e Amaro Jose, do sobredito Director, na fragata *Principe D. Pedro,* a entregar nessa Secretaria de Estado, a fim de que elles de viva voz possam exhibir algumas outras noticias a V. Ex.ª O sobredito Tenente Coronel, por intervenção minha, supplica a Sua Alteza Real a remuneração dos seus serviços, de que se faz merecedor.

Deus guarde a V. Ex.ª S. Paulo de Assumpção de Loanda 25 de Janeiro de 1815. — Ill.mo e Ex.mo Sr. Antonio de Araujo de Azevedo. — José de Oliveira Barbosa. 1815 Janeiro 25

Officio do Governador de Tete para o Ministro da Marinha

(Annaes Maritimos, 3.ª serie, pag. 163.)

Ill.mo e Ex.mo Sr. — Tendo Sua Alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor determinado, no anno de 1799, ver se conseguia a abertura do caminho da sua capital de Angola para estes Rios de Senna, a fim de que os seus povos, tanto de Africa Occidental como da Oriental, podessem girar com o seu commercio com mais vantajosos lucros, do que até agora o podiam fazer; assim como tambem poderem circular as noticias de uma Costa a outra com mais brevidade, do que se podessem fazer pelos navios, e tendo encarregado a dita abertura por este lado Oriental, ao Governador que foi destes Rios Francisco José de Lacerda, e pelo lado Occidental ao Ex.mo D. Fernando de Noronha, Capitão General de Angola, encarregando este ao Tenente Coronel Commandante e Director da Feira de Cassange, Francisco Honorato da Costa, succedeu que desta parte Oriental fallecou o dito Governador Lacerda no sitio de Cazembe, tendo feito o seu descobrimento até o sitio donde falleceu, e da outra parte Occidental, com effeito conseguiram os Escravos do dito Tenente Coronel acima mencionado, a dita abertura até o Cazembe; cujos Escravos têem estado ha quatro annos no dito sitio, sem que tivessem meios de se conduzirem a esta Villa para darem as referidas noticias, e vendo eu que esta Villa se achava um pouco destituida de commercio por má intelligencia que tem havido com alguns Regulos que a cercam; e querendo eu de alguma fórma ampliar esta falta chamei ao Quartel da minha residencia em Maio de 1810 a Gonçalo 1811 Maio 20

1811 Maio 20 Caetano Pereira, homem muito antigo e muito pratico d'estes sertões, e tratando com elle sobre o augmento que desejava que esta Capitania tivesse no seu commercio, lhe pedi me descobrisse algum logar para onde pudesse com vantagem communicar: este me respondeu, que antigamente vinham a esta Villa negociar os vassallos do Rey de Cazembe, e que desde o tempo em que intentamos a abertura do caminho nunca mais aqui tinham vindo, e que ignorava o motivo; uns diziam ser pelas desordens que os nossos fizeram no dito Cazembe, depois da morte do Governador Lacerda, e outros diziam era porque aquella Nação andava em guerra desde esse tempo com a Nação Muizes, e pedindo eu ao dito Gonçalo Caetano Pereira me désse tres Escravos seus para eu mandar de Embaixada ao dito Rey Cazembe, para ver se movia aquella Nação a tornar outra vez a esta Villa com o seu commercio como dantes faziam, este me facultou os seus Escravos, cujos mandei de Enviados ao dito Rey Cazembe, e vendo este lá chegar os ditos Escravos tomou a deliberação de me mandar uma Embaixada composta de um grande, e cincoenta homens seus vassallos, na qual me manda dizer que no seu Reino existiam ha quatro annos aquellas duas pessoas que tinham vindo da parte de Angola, cujos mandava entregar; os quaes chegaram a esta Villa em 2 de Fevereiro do presente anno, trazendo-me uma carta de seu amo, cuja carta tenho a honra de remetter a V. Ex.ª a copia, e perguntando eu aos sobreditos, se queriam voltar voluntariamente pelo mesmo caminho por onde tinham vindo, me responderam que sim, porem que era preciso eu dar-lhes as providencias necessarias para o sobredito transporte, aos quaes mandei dar setecentos pannos do valor de 250 réis fortes cada um, e dando de tudo parte ao meu Capitão General, assim como tambem saber saber delle se a Real Junta daquella Capital me levava em conta a sobredita despeza, e quando não a pagaria dos meus soldos, de cujo officio ainda não coube no tempo receber resposta.

Eu deveria fazer alguma ponderação a V. Ex.ª sobre este descobrimento, porque não acho maior intelligencia nos di-

tos descobridores, porem ao mesmo tempo conheço segundo a sua capacidade fizeram muito, e como estes agora tornam pelo mesmo caminho vão insinuados por mim o modo como devem fazer a sua derrota, e as averiguações que devem fazer, a intelligencia em que acham aquelles Regulos, se com effeito nos deixaram passar francamente por aquelles caminhos, e quaes são os mimos que lhes deveremos offerecer, de tudo vão industriados por mim, e estes promettem dar um exacto cumprimento aos referidos objectos com todas as clarezas necessarias, entregando ao Exmo Capitão General de Angola tudo quanto acharem tendente á dita abertura; o que tudo participo a V. Ex.ª para que V. Ex.ª se sirva de o pôr na presença de Sua Alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor. 1811 Maio 20

Tenho tambem a honra de remetter a V. Ex.ª a Derrota que me offereceram os descobridores, a qual é N.º 1, assim como tambem um papel das perguntas que fiz aos referidos, o qual é N.º 2, e a carta que me dirigiu o Tenente Coronel amo dos referidos descobridores, a qual é N.º 3.

A Illma e Exma Pessoa de V. Ex.ª Deus guarde por muitos annos. Quartel da residencia da Villa de Tette, 20 de Maio de 1811. — Illmo e Exmo Sr. Conde das Galvêas, do Conselho de Sua Alteza Real, Ministro e Secretario dos Negocios da Marinha e Dominios Ultramarinos. — Constantino Pereira de Azevedo, Governador dos Rios de Senna.

Carta do Tenente Coronel Francisco Honorato da Costa ao Governador de Senna e Tete

(Annaes Maritimos, 3.ª serie, pag. 238.)

Illmo Sr. — O Serenissimo Principe Regente Nosso Senhor recommendou muito ao Illmo e Exmo Sr. D. Fernando Antonio de Noronha, actual Governador e Capitão General deste 1804 Novembro 11

1804 Novembro 11 Estado e Reino de Angola, de que depende esta Feira de Cassanje, a indagação e conhecimento da communicação dessa Costa Oriental com esta Occidental da Africa, e S. Ex.ª me ordenou de ver se podia penetrar até ao Cazembe, onde consta que morrera o Ill.mo Lacerda digno antecessor de V. S.ª e me insinuou de escrever esta a V. S.ª para communicar a V. S.ª este importantissimo objecto tão interessante a toda a Nação, e tão appetecido de Sua Alteza Real, a quem todos os seus fieis vassallos com a maior consideração á porfia ambicionam fazer serviços, e concorrer para a gloria de tão adoravel Senhor Nosso Soberano.

A importancia desta communicação me moveu a despachar todos os meus Escravos a esta grave diligencia, apesar de ficar delles desacompanhado tão internado no Sertão, e longe da Capital de Angola, e pelos quaes meus Escravos será esta entregue a V. S.ª tendo neste negocio trabalhado desde 1797 para conseguir do Sucilo Bamba, Cambambi, Camaçaca, e Mujumbo, Acalunga, Potentado e Senhor de todo o Songo, passagem para dentro do Sertão, por manejar e a todos em geral o Potentado Jaga Caçange, Senhor do territorio em que se acha esta Feira, e por tal causa me voltei a descobrir o caminho de communicar-me com V. S.ª pelo sobredito Potentado Senhor de todo o Songo com a despeza que me foi indispensavel fazer com elle, ainda assim lhe encubri o interesse principal d'este negocio, com propor-lhe a tristeza em que vivia pelo desconhecimento da existencia de um meu irmão, que havendo tomado differente rumo no mar davam noticia de haver viajado por terra para Senna, e de lá viera a Cazembe onde fallecera; que se assim tinha ou não acontecido o ignorava, que quando fosse o que se dizia tiraria dahi o cuidado, e depois de lamentar sua perda, me consolaria como nos é forçoso nesta vida, e passaria a tomar conhecimento donde parava sua herança, e quem havia succedido nos seus direitos. E com esta phrase consegui elle permittir-me passagem por suas terras, e mandar dellas os meus Escravos acompanhados dos seus, ou vassallos, para um territorio appelidado Louvar, em que domina o Potentado Lui-

nhame que com elle se corresponde, e trata amizade, e quem me avisou haver agora mandado pedir uma filha para sua mulher, por mais estreitar os vinculos da amizade com os do parentesco, e para então mandar pedir áquelle seu amigo (ao presente Sogro, que se diz estar ao Occidente do rio Luambeje, que creio corre para a costa Oriental, o que ainda ignoro, e que é parente do Cazembe, e deve segundo se diz sujeição ao Cazembe) para se encarregar de fazer então pelos seus Povos acompanhar com segurança, em paz e a salvo os meus portadores ao Cazembe, ao qual escrevo com as rogativas de fazer chegar aos pés de V. S.ª os meus portadores com esta minha carta, para conseguir um inteiro conhecimento do exito do dito meu irmão, e de quem houver succedido nos seus direitos, segundo a phrase que me pareceu melhor adoptar; pois pessoas que têem sido mandadas ouvir na Côrte tem proposto de se proceder nestas averiguações com toda a cautela, e com o maior segredo possivel, para que não seja estorvado em razão da prevenção dos pretos contra os brancos, presumindo que elles nunca obram senão a seu proveito contra o delles, e que nos brancos não póde haver acção indifferente sincera, e somente encaminhada a seu proveito, e prejuizo delles, e tambem outra grande razão da competencia e ciume das Nações pretas de quererem aproveitar-se de suas superioridades de situação, e de poder para fazerem de sua dependencia as outras Nações de inferioridades de poder e situação, zelado que ellas vinham a gosar dos mesmos beneficios para se não subtrahirem do jugo em que se achem, repartido com ellas da sua mão de algumas cousas com o acréscimo que bem lhes pareçam, impedindo que as obtenham das mesmas primeiras mãos de que as alcançam, e de que estão na posse de distribuir-lhas. V. S.ª se digne acreditar-me da profunda veneração que professo á sua illustrissima pessoa, e honrar-me com a sua de mim muito appetecida correspondencia para conseguir-se este cobiçado descobrimento em desempenho das Reaes recommendações feitas ao Ill.mo e Ex.mo Sr. Governador e Capitão General de Angola, que por insinuação e recommendação do

1806 Novembro 11

1804 Novembro 11 mesmo Ex.mo Sr. me delibero a procurar as de V. S.ª a este respeito.

Beijo cordialissimamente, e com toda a consideração as mãos de V. S.ª, que Deos guarde por muitos e muito felizes annos: Feira de Casanje em Carmo de Quriquibe, 11 de Novembro de 1804. — Ill.mo Sr. Governador de Senna e Tete. — De V. S.ª muito reverente Servo. — Francisco Honorato da Costa, Director da Feira do Casange.

Derrota dos Descobridores Pedro João Baptista e Anastacio Francisco na sua viagem dos sertões de Angola para o Cazembe, e d'aqui para Villa de Tete

(Annaes Maritimos, 3.ª serie, pag. 165 e 228.)

1806 Em Nome de Deus Amen.

Derrota que eu Pedro João Baptista faço na minha viagem do Muropue para o Rey Cazembe Caquinata, por ordem do Ill.mo e Ex.mo Sr. Capitão General do Reino de Angola, da abertura do caminho para a costa oriental de Africa, dos rios de Senna, e a encarregado ao Sr. Tenente Coronel Francisco Honorato da Costa, Director da Feira de Casangue, com 2:000$000 réis de fazendas para despender com Reganos do caminho para a bem de poder conceder-nos licença da dita abertura do caminho até em Tete.

1.º

Domingo 22 de Maio do dito anno sahimos do sitio grande do Muropue, e na casa do seu filho que estavamos agasalhados de nome da terra Capendo hianva, e como seu posto entre elles Soano Mutopo do Muropue, no qual levantamos ás seis horas da manhã passamos hum rio chamado Ingeba de 4 braças de largura, e o segundo rio Luiza, que ambos vão desembocar no rio Lunhua, e durante a viagem, viemos para

o sitio do Guia, que nos dava dito Muropue para nos transportar em Cazembe de nome da terra Cutaqua seja, ao qual guia pagamos 10 chuabos, e hum copo de Bixega, chegamos ao dito sitio ás Ave Marias, encontramos com bastante gente que vão do mesmo sitio do Muropue a trazerem farinha de mandioca para seus Senhores, andamos com o sol ás costas. 1806

2.º

Quarta feira 8 de Junho sahimos do sitio do Guia, em que levantamos ás sete horas da manhã passámos tres riachos correntes de pequenas larguras, que ignoramos os nomes, os quaes vão desembocar no rio Zuiza, e viemos para hum sitio do preto chamado Caquiza Muegi, escravo de Muropue e ao pé de hum riacho que elles bebem agua, e nos mandou agasalhar nas casas do mesmo, ao qual demos 2 chuabos, chegámos ao meio dia não encontrámos com ninguem, e nem tratamos cousa alguma, andamos com o sol da mesma fórma.

3.º

Quinta feira 9 do dito mez sahimos do sitio do Caquiza Muegi, levantamos ás 2 horas da manhã passamos cinco riachos pequenos, e durante a marcha viemos pousar no sitio do Quilolo do Muropue, chamado Muene Cahuenda, e ao qual demos de prezente 6 chuabos, e dois copos brancos retorcidos de bôca de sino, chegamos no referido pouso ás quatro horas da tarde, e fabricamos ao pé do rio que elles bebem agua chamado Izabuigi, de pequena largura, e já andamos com o sol lado esquerdo, não encontramos com ninguem.

4.º

Sexta feira 10 sahimos do sitio de Muene Cahuenda, levantamos de madrugada passamos quatro riachos que ignoramos os nomes, e continuando mos a viagem passamos hum rio de 3 braças de largura chamado Mue-me, e viemos para o pouso dezerto, e ao pé do rio chamado Canahia pela bandalá, e vai desembocar no mesmo rio Mue-me, onde achamos casas já feitas dos viajantes da terra chamada Canoguesa,

1806 que vinham trazer tributos a seu Muropue, chegamos ás tres horas da tarde, andamos com o sol da mesma fórma, e encontramos com dez pretos que tinham hido comprar sal na salina.

5.º

Sabbado 11 sahimos do pouso deserto, que levantamos ás cinco horas da manhã, passamos tres rios de pequenas larguras, caudelosos no passar, e viemos para outro deserto, e ao pé do rio de pequena largura chamado Quipungo, ficando-nos o sitio de huns pretos povos de Muropue em pouca distancia, os quaes não fallamos nada com elles, chegamos no dito pouso ao meio dia, não encontramos com ninguem, andamos com o sol lado esquerdo, e dahi mesmo fizemos parada para procurarmos mantimentos de sustento.

6.º

Domingo 12 sahimos do pouso deserto do qual levantamos ao cantar do gallo, passamos tres rios de pequenas larguras, que vão desembocar no rio chamado Calalimo, e cujos rios ignoramos os nomes, e viemos para outro pouso deserto de mattos fechados de animaes ferozes, e ao pé do mesmo rio Calalimo, o qual poderá ter pouco mais ou menos 10 braças de largura, chegando-mos no dito pouso ao meio dia com pequena chuva, não encontramos com ninguem.

7.º

Segunda feira 13 sahimos do deserto ás duas horas da manhã, passamos onze rios de pequenas larguras, e vindomos subindo com o rio que acima dito Calalimo, e durante a viagem viemos para o pouso deserto ao pé de hum rio chamado Camu sangagila, pela banda de lá do dito rio, chegamos no mesmo pouso ás Ave Marias, e pernoitámos fóra assim mesmo em tempo de chuva, andamos com o sol lado esquerdo.

8.º

Terça feira 14 sahimos do pouso deserto, e ao pé do rio Camusangagela em que levantamos ás oito horas da manhã,

passamos cinco riachos correntes, e durante a viagem viemos para o sitio de hum preto chamado Muene Cassa, e ao pé de hum riacho, que ignoramos o nome pela banda de lá, o qual preto tratamos com elle a nossa viagem, que vamos para Cazembe mandados por Muropue, e ficando-nos sempre o sitio muito afastado do nosso pouso, e demos de presente hum espelho pequeno e um chuabo de serafina encarnada, chegamos ás tres horas da tarde, andamos com o sol da mesma fórma. 1806

9.º

Quarta feira 15 sahimos do sitio de Muene Cassa, em que levantamos ás sete horas da manhã passamos os rios de pequenas larguras, e durante a viagem viemos para o pouso direito ao pé ainda do rio Calalimo, chegamos no dito pouso ás duas horas da tarde e não encontramos com ninguem, andamos com o sol da mesma fórma.

10.º

Quinta feira 16 sahimos do deserto, e levantamos em alvorada, passamos tres rios correntes de pontes de pequenas larguras, e viemos para outro pouso deserto, e ao pé de hum rio pequeno chegamos ao meio dia, fabricamos ao pé do mesmo rio, e atraz de nós vinham gentes de Soana Mulopo, mandados pelo dito Senhor a comprarem sal, não encontramos com ninguem.

11.º

Sexta feira 17 sahimos do pouso que acima dito levantamos ás cinco horas da manhã, passamos hum rio corrente a pé, chamado Roando, de 2 braças de largura, que vai desembocar no rio Lunheca, e durante a marcha passamos outro rio de pequena largura chamado Rova, que terá pouco mais ou menos 13 braças de largura, o qual tambem desemboca no Lunheca, e ficando-nos o sitio muito longe de hum preto chamado Fumo Ahilombe do Muropue, no qual não tivemos perturbação nenhuma, chegamos ao meio dia e fabricamos ao pé do dito rio, não encontramos com ninguem.

1806 12.º

Sabbado 18 sahimos do sitio do Fumo Ahilombe, que levantamos ás cinco horas da manhã, passamos seis riachos de pequenas larguras, os quaes vão desembocar no rio Rova, e durante a viagem viemos para o pouso deserto ao pé do rio chamado Cazale, pela banda de lá, que terá pouco mais ou menos 20 braças de largura, o qual nos deu agua na sintura, e vai desembocar no rio Lunheca, e chegamos ao dito perto das Ave Marias, encontramos com bastante gente carregados de peixe sêco, a hirem vender ao sitio do Muropue, andamos com o sol lado esquerdo, e não vimos cousa alguma.

13.º

Domingo 19 sahimos do pouso deserto que acima dito, levantamos ás seis horas da manhã, não passamos rio nenhum, e continuando nós a nossa viagem, viemos para o sitio do Luilolo do Muropue, chamado Caponco Bumba Ajala, e fallamos com elle a nossa viagem que vamos por mandado do seu Muropue para a terra do Cazembe, e respondeu que estava bom, e logo nos mandou dar de comer por parte do mesmo seu Sr. Muropue, e demos de presente para elle quatro xuabos, e hum espelho, chegamos no dito sitio ás quatro horas da tarde, e ao pé de hum rio chamado Muncuzu, e não encontramos com ninguem.

14.º

Segunda feira 20 sahimos do sitio do Capomo, no qual levantamos ás duas horas da manhã, passamos hum riacho, e durante a marcha passamos hum rio chamado Caginregi, em Canoa, e fazendo-nos passar os pilotos do Quilolo Muene Mene, que he Senhor do mesmo porto, e terá o dito rio pouco mais ou menos 14 braças de largura, e vai desembocar no Lunheca, e viemos para o sitio do mesmo Quilolo Muene Mene, e tratamos com elle a nossa viagem, que vamos para Cazembe mandados por Muropue, tambem respondeu que estava muito bonito, e que o caminho estava bem aberto, e demos para o mesmo hum muzenzo de cem bagos de pedras

azues, e cinco xuabos de serafina sortidos, e mais quarenta 1806
bagos de outras pedras brancas, e para os pilotos dois xuabos de fazenda da India, e fizemos o nosso cerco afastado do sitio, a fim de fugirmos dos ladrões que furtam de noute, chegamos ás tres horas da tarde, não encontramos com ninguem, e ahi mesmo fizemos parada seis dias para procurarmos mantimentos para seguirmos com elle para diante.

15.º

Terça feira 5 de Julho sahimos do sitio de Muene Mene, levantamos ao primeiro cantar do gallo, passamos quatro rios de pequenas larguras, que vão desembocar no rio Cagenrige, e viemos para o sitio do preto conhecido do nosso guia, chamado Soana Ganga, e fallamos com elle a nossa viagem, que vamos para Cazembe, chegamos ás duas horas da tarde não encontramos com ninguem, e não tratamos nada com elle de presente, andamos com o sol lado esquerdo.

16.º

Quarta feira 6 do dito mez sahimos do sitio do Soana Ganga, levantamos ás sete horas da manhã, passamos dois rios correntes de pequenas larguras, que vão desembocar no mesmo rio Cagenrige, e viemos para o sitio de Quilolo, da mãe de Muropue, chamado Lunconguchа, e o Quilolo chama-se Muene Camatanga, fallamos com elle a nossa viagem, que vamos dirigidos ao Cazembe, o qual nos respondeu, que podia hir quantas quizerem viajar, ao qual demos de presente cinco xuabos e hum espelho pequeno, e mais cincoenta bagos de pedras de leite, chegamos no dito ao meio dia, andamos com o sol da mesma fórma, não encontramos com ninguem.

17.º

Quinta feira 7 sahimos do sitio do Muene Camatanga, e que levantamos ás seis horas da manhã, passamos tres riachos, que vão desembocar no mesmo rio Caginrige, e durante a viagem viemos para o sitio do Quilolo do mesmo que acima dito chamado Muene Casamba, onde nos mandou dirigir o

1806 mesmo Camatanga para seu vassallo nos soccorrer com mantimentos necessarios para nosso transporte para Cazembe por ordem de Muropue, que tinha trazido o guia, e dahi do mesmo sitio invernamos hum mez para nos preparar dito mantimento de ficar sêca a farinha que mandava pôr na agua, não encontramos com ninguem, e para o mesmo demos dois chuabos de fazenda de lã.

18.º

Sexta feira 9 de Agosto sahimos do Muene Casamba, levantamos ás tres horas da manhã, passamos outra vez o rio Cagiringe, e durante a marcha passamos mais outro rio de pequena largura, que ignoramos o nome, que tambem vai desembocar no mesmo rio Cagiringe, e viemos para o pouso deserto, e ao pé de outro rio de pequena largura, chegamos no dito pouso ás quatro horas da tarde, e fabricamos o nosso cerco com chuva e não encontramos com ninguem.

19.º

Sabbado 10 sahimos do pouso deserto que levantamos ás cinco horas e meia da manhã, passamos hum rio corrente de pequena largura de pedras que ignoramos o nome, e viemos para outro deserto chamado Canpueje e ao pé do riacho corrente, onde achamos casas já feitas dos viajantes Arúndas, chegamos ás duas horas da tarde, e não vimos nada.

20.º

Domingo 11 sahimos do pouso deserto, e que levantamos ás duas horas da manhã, passamos tres rios de pequenas larguras, e durante a viagem viemos para outro pouso deserto e ao pé de hum riacho, que ignoramos o nome, chegamos no dito pouso ás quatro horas da tarde, não encontramos com ninguem.

21.º

Segunda feira 12 sahimos do deserto, que levantamos ás seis horas da manhã, passamos hum rio corrente de pequena largura chamado Maconde, e durante a marcha viemos para

outro deserto chamado Luncaja, e ficando-nos o sitio de Quilolo chamado Anbulita Quisosa, o qual não fallamos com elle a nossa viagem, chegamos no dito ao meio dia, não encontramos com ninguem, andamos com o sol lado esquerdo. 1806

22.º

Terça feira 13 sahimos do sitio e pouso deserto, levantamos ás cinco horas da manhã, não passamos rio e viemos ao sitio do filho do Quilolo Cutaganda, e ao pé do rio chamado Reu, fallamos com elle a nossa viagem, que vamos para Cazembe, e demos de presente ao dito Quilolo dois chuabos de serafina azul, e duzentos cauris, chegamos no mesmo sitio ás tres horas da tarde, andamos com o sol da mesma fórma.

23.º

Quarta feira 14 sahimos do filho de Cutaganda, e que levantamos ás sete horas da manhã, passamos o rio Reu a pé, que terá pouco mais ou menos 20 braças de largura, e viemos para o pouso deserto, e ao pé de hum riacho que ignoramos o nome, chegamos ás duas horas da tarde, não encontramos com ninguem.

24.º

Quinta feira 15 sahimos do pouso deserto, levantamos ás seis horas da menhã, passamos tres rios de pequenas larguras, que vão desembocar no rio Reu acima dito, e viemos para outro deserto, e ao pé de hum rio chamado Qusbela, que tambem vai desembocar no mesmo rio Reu, e ficando-nos o sitio do preto chamado Muconcota maior de Muropue muito longe, e assim mesmo veio ao nosso pouso para que lhe dessemos alguma cousa de presente, e demos sete chuabos de serafina de varias qualidades, chegamos ás tres horas da tarde, andamos com o sol da mesma fórma, não encontramos com ninguem.

25.º

Sexta feira 16 sahimos do pouso deserto no qual levantamos ás cinco horas da manhã, passamos quatro rios de pequenas larguras, que vão desembocar no rio Qusbela, e du-

1806 rante a viagem viemos para o deserto, e ao pé do riacho corrente chamado Capaca Melemo, chegamos no dito deserto ao meio dia sem chuva, e vindo em nossa companhia huns pretos para hirem comprar sal na salina, não encontramos com ninguem.

26.º

Sabbado 17 sahimos do deserto e ao pé do riacho Capaca Melemo, levantamos ás seis horas da manhã, passamos quatro rios de pequenas larguras a pé, e continuando-nos a viagem, passamos mais hum rio chamado Ropoeja a pé, que terá pouco mais ou menos 30 braças de largura, e vai desembocar no rio chamado Lubilaje, e viemos para outro deserto, e ao pé do mesmo rio Lubilaje pela banda de lá, chegamos no mesmo pouso ás tres horas da tarde sem chuva, andamos com o sol da mesma fórma, não encontramos com ninguem.

27.º

Domingo 18 fizemos parada no sitio de hum preto chamado Quiabela Mucanda, o qual ficava ao pé do rio Ropoeja que acima dito, nos impedio a viagem para que nos désse alguma cousa, porque era potentado do Muropue, e alem disso nos dar de comer por parte do mesmo Muropue, e nos trouxe para bem nos largar, huma corça morta, e tres quicapos de farinha de mandioca verde, para nosso sustento, e demos de presente dez chuabos, e hum espelho pequeno, nos respondeu, que podemos seguir a nossa viagem, e na falta de não darmos alguma cousa a elle, tinha outro exemplo para nos fazer, que tirar-nos as fazendas á força de armas.

28.º

Quinta feira 31 de Agosto sahimos do sitio do Quiabela Mucanda, que levantamos ao cantar do galo, passamos dois riachos correntes, que vão desembocar no mesmo rio Rapueja, e durante a marcha viemos para o pouso deserto chamado Cancaco, e ao pé de hum riacho pela banda de lá, chegamos no mesmo pouso ao meio dia, sem perturbação de qualquer Regano como acima dito, andamos com o sol lado esquerdo, não encontramos com ninguem.

29.º

Sexta feira 1.º de Setembro parada por estar doente o guia, que estava com a mão inchada por pancadas do seu escravo do mesmo guia. 1806

Sabbado 2 do dito mez sahimos do pouso deserto, levantamos ás duas horas da manhã, passamos hum rio chamado Quipaca Anguengua, de pequena largura, e durante a viagem viemos para outro deserto, e ao pé de hum rio chamado Rupele, de 4 braças de largura, que vai desembocar no rio Lubile, chegamos ás tres horas da tarde, andamos com o sol da mesma fórma, não encontramos com ninguem.

30.º

Domingo 3 sahimos do pouso deserto, do qual levantamos ás cinco horas da manhã, não passamos rio, e viemos para outro deserto, e ao pé de hum rio chamado Branco, por ter areia branca, e vai desembocar no rio Lububuri, de pequena largura a pé, chegamos no dito pouso deserto ao meio dia, fabricamos nosso cerco pela banda de lá do mesmo rio, e não encontramos ninguem.

31.º

Segunda feira 4 sahimos do deserto, levantamos ás sete horas da manhã não passamos rio nenhum, e durante a marcha viemos para outro deserto, e ao pé do mesmo rio Lububure, o qual não passamos, chegamos ás duas horas da tarde, andamos com o sol da mesma fórma, e não encontramos com ninguem.

32.º

Terça feira 5 sahimos do pouso deserto em que levantamos, e ao pé do rio Lububuri ás seis horas da manhã, não passamos rio nenhum, e viemos para o rio Lububuri, o qual passamos a pé, que nos deu agua na cintura, que terá pouco mais ou menos 40 braças de largura e de pedras por dentro, onde achamos gente, escravos do potentado chamado Cha Muginga Mucenda, e a mesma gente fallavam a lingua inclinada á da povoação do Cazembe, chegamos no mesmo sitio

1806 ás duas horas da tarde, e não tratamos nada da nossa pertenção, e fabricamos nossas barracas ao pé do mesmo rio, pela banda de lá, e afastado do sitio, não encontramos com ninguem.

33.º

Quarta feira 6 sahimos ao pé do rio Lububuri, levantamos ás sete horas da manhã, não passamos rio, e durante a viagem viemos para o sitio do mesmo Cha Mugenga Mucenda, tratamos com elle a nossa pertenção, que vamos para o Rey Cazembe, a procurarmos a hum branco irmão de ElRey, que viajára por mar, e se acha nas terras do mesmo Rey Cazembe, por ser este mesmo potentado maior do mesmo Cazembe, que rende a obediencia em duas partes de Muropue, e Cazembe, por o ter deixado o mesmo Cazembe para cultivar todas as qualidades de mantimentos para soccorrer todos os viajantes, que do Muropue vem para Cazembe a tomar tributos, que elles chamam Mulambo, assim como os que do mesmo Cazembe vem para o Muropue a hirem trazer tributos mandados por o mesmo Cazembe ao seu Rey Muropue, e no dia que chegamos nos deu de presente hum murondo de poube, e ser deste sitio do Cha Muginga Mucenda, fim das terras do Muropue pela banda de lá, e pela banda cá já são terras pertencentes ao Cazembe, ao qual demos de presente dez chuabos, e dois espelhos pequenos, e nos respondeu, que elle de sua parte nos preparava mantimentos, para seguirmos com elle para Cazembe, porque no meio do caminho até chegar na salina não ha de comer, e dahi mesmo fizemos parada seis dias a fim de termos mantimentos de sobrecelente, chegamos no mesmo sitio ao meio dia, fabricamos afastado do mesmo sitio, e ao pé de hum rio chamado Camonqueje pela banda de lá, não encontramos com ninguem.

34.º

Quinta feira 7 sahimos do sitio do Cha Muginga Mucenda, e levantamos ás seis horas da manhã, trespaçamos tres pousos, e não passamos rio, e durante a marcha viemos para o pouso deserto, chamado Musula Aponpue, chegamos no dito

pouso ás duas horas da tarde, fabricamos nossas barracas ao 1806
nascente do mesmo rio Lubury, andamos com o sol lado esquerdo, e depois das fabricas feitas nos achou no dito pouso escravos do mesmo Cha Muginga Mucenda, vindos da salina com sal, andamos com o sol da mesma fórma, e não encontramos ninguem.

35.º

Sexta feira 8 sahimos do pouso deserto Musula Aponpue, levantamos ás cinco horas da manhã, passamos hum rio corrente de pequena largura, chamado filho do rio Lunfupa, e durante a viagem passamos o dito rio Lunfupa, que nos deu agua na cintura, o qual poderá ter pouco mais ou menos 15 braças de largura, e vai desembocar no rio Luaba, chegamos no dito ao meio dia, não vimos nada de perturbação, e fabricamos nossas barracas ao pé do mesmo rio pela banda dè lá, não encontramos com ninguem.

36.º

Sabbado 9 sahimos do pouso deserto e ao pé do rio Lunfupa, em que levantamos ás duas horas da manhã, passamos hum rio corrente de pequena largura, que ignoramos o nome, e viemos para outro pouso deserto ao pé de huma varje grande chamada Quebonda, e com riacho pequeno ao pé da mesma varja, onde achamos pretos caçadores com sua carne que tinha frexado, e a hirem por mesmo caminho á salina comprarem sal, e não nos participaram de donde vieram, não encontramos ninguem.

37.º

Domingo 10 sahimos do pé da varja Quibonda, levantamos ao primeiro cantar do galo, e a qual varja gastou no passar até o meio dia, e durante a viagem viemos para o pouso deserto em cima do outeiro chamado Inpume, e ao pé do rio Camoa, de 2 braças de largura, e vai desembocar no Lualaba, chegamos no dito pouso ás tres horas da tarde e fabricamos nossas barracas, e em cima do mesmo outeiro pela banda de lá sem chuva, encontramos com huns pretos do Cha Muginga Mucenda vindos na salina, e nos deram noticia

1806 que o potentado Quebule Parente do Cazembe Governador da salina estava com saude.

38.º

Segunda feira 11 sahimos do pouso deserto e em cima do outeiro Inpume, do qual levantamos ás cinco horas da manhã, não passamos rio, e durante a marcha viemos para outro pouso deserto, e ao pé do riacho chamado Catomta, e o pouso chamado tambem Muary Agoia, e sendo as terras do Cazembe, e já andamos com o sol á cara, chegamos no mesmo pouso ao meio dia, encontramos com pretos que vinham da salina, e não vimos cousa alguma.

39.º

Terça feira 12 sahimos do pouso deserto Catomta, levantamos ás seis horas da manhã, passamos hum riacho corrente, de pequena largura, e durante a viagem viemos para outro pouso deserto, e ao pé do rio corrente de 2 braças de largura chamado Huita Amatete, que vai desembocar no rio Lualaba, e no dito pouso deserto achamos muito longe hum sitio de hum preto chamado Muire, potentado de Cazembe, o qual veio ao nosso pouso ás Ave Marias, e fallamos com elle a nossa viagem, que vamos dirigidos ao Rey Cazembe, mandados por Muropue, elle respondeu, que o mesmo Cazembe estava com saude, e mais seu parente, potentado Queburi, Senhor da salina, não nos offereceu nada de mantimentos, chegamos no pouso ás tres horas da tarde sem chuva, andamos com o sol á cara, não encontramos com ninguem, e não vimos raridade de qualidade.

40.º

Quarta feira 13 sahimos do sitio de Muire, levantamos ás cinco horas da manhã, passamos hum riacho chamado Mulonga Ancula, de pequena largura, que vai desembocár no Lualaba, e ao levantarmos do mesmo, obrigou-nos o dito Muire, que dessemos alguma cousa, e demos hum chuabo de fazenda da India, e vinte bagos de missanga de Canádo, e

foi se embora contente, e continuando a nossa viagem viemos para o pouso deserto chamado Luiana Acananga, e ao pé de hum riacho corrente chamado filho do mesmo rio Abulonga Ancula, e chegamos no dito pouso ás duas horas da tarde, andamos com o sol da mesma fórma, encontramos com bastante gente compradores de sal a hirem para o Muropue, fabricamos o cerco no pé do mesmo riacho, o que acima dito sem chuva, e não encontramos com ninguem. 1806

41.º

Quinta feira 14 sahimos do pouso deserto Luiana Acananga, levantamos ás quatro horas da manhã, e durante a viagem passamos hum riacho de pequena largura do nascente, chamado Luigila, o qual riacho e que fez huma varja grande onde foi desembocar no rio Lualaba, e nesta mesma onde elles tiram o sal, o qual sal cortam a palha que dentro da mesma varja está, e vão queimando a mesma palha, e depois de queimada botam a cinza em humas panellas pequenas que elles fazem, e vão cuzinhando agua luada, e fazem huma medida de huma panellasinha pequena, todos em gèral he onde medem o dito sal para venderem, que vem a ser dez panellinhas vale hum chuabo, e viemos para o pé da mesma varja, chegamos ás tres horas da tarde, andamos com o sol da mesma fórma, fabricamos nossas barracas ao pé pela banda de lá sem chuva, e não encontramos com ninguem, e não vimos raridade de qualidade.

42.º

Sexta feira 15 parada por estar doente o guia.

Sabbado 16 sahimos do pé da varja, de onde levantamos ás sete horas da manhã, e vindo nós descendo com a outra varja, e não passamos rio, e durante a viagem viemos ao pé da dita varja, chegamos no dito pouso ao meio dia, entramos nas casas já feitas dos compradores de sal, não encontramos com ninguem, e ficando-nos muito distante o rio Lualaba, onde ficava o potentado Quibury, pela banda de lá do mesmo rio, e não tratamos nada com seus Maiores, que estavam pela banda de lá, e nem vimos nada de novidade.

43.º

1806 Domingo 17 sahimos ao pé da varja, levantamos ás cinco horas da manhã, vindo nós descendo a mesma varja, não passamos rio, e durante a marcha passamos em canôa o tal rio Lualaba, que terá pouco mais ou menos 50 e tantas braças de largura, e vai desembocar no rio Lunheca, e viemos para outro grande do mesmo potentado Quibury do Cazembe, e mandou dar parte pelo guia da nossa chegada, e nos mandou agasalhar ao pé dos seus muros, sem fallarmos nada com elle, chegamos no dito sitio ao meio dia sem chuva, andamos com o sol á cara, não encontramos com ninguem.

44.º

Segunda feira 18 parada do dito sitio do potentado Quibury, e sendo as seis horas do dia nos mandou chamar e tratamos com elle a nossa pertenção, que viemos de Angola mandados por ElRey seu amigo, que elles chamam Mueneputo, ter com seu Superior Rey Cazembe, assim como tambem sermos despachados por Muropue, e com ordem para o dito Rey Cazembe, nos tratar sem malicia, e hirmos a procurar o irmão do mesmo ElRey que viajára por mar, e se acha nas terras do mesmo Rey Cazembe, e conceder-nos licença de hirmos para a villa de Tete para vermos se lá está, e para o que o Muropue nos entregou este seu guia Cutaqua-seja para dar o recado que o mesmo Muropue manda dizer, ao mesmo Rey Cazembe, e praticamos deste modo por conhecermos todos os Reganos não deixar passar viajante com fazendas para as terras de outrem, que se não estar o viajante no seu sitio para com elle fazer negocio e entrar a miudo a decipar-lhe as fazendas com modo e geito de ladroeiras, e crimes fingidos, e respondeu o potentado Quibury, que em Cazembe se achavam brancos que vem dahi negociar, e que a terra onde sahiram os ditos brancos não sabia, e tem por noticia de se achar hum branco Soldado, que tinha deixado os ditos brancos, e que com o mesmo Rey Cazembe á vista melhor tratarão com elle, e nos

deu de presente duas mãos de carne do matto fresca, e para 1806
tratarmos tudo isto, estivemos com elle empatados oito dias, e demos de presente vinte chuabos, cem pedras de leite, hum espelho pequeno, e huma arma portugueza, e nos deixou seguirmos a viagem.

45.º

Terça feira 19 sahimos do sitio do potentado Quibury, parente do Cazembe, do qual levantamos ás sete horas da manhã, não passamos rio, vindo nós descendo com o mesmo rio Lualaba, e durante a viagem viemos para o pouso deserto, e ao pé de hum riacho chamado Chafim, o qual vai desembocar no dito Lualaba, chegamos no dito pouso ao meio dia, andamos com o sol á cara, fabricamos ao pé do mesmo riacho pela banda de cá, encontramos com bastantes animaes communs, e não vimos mais raridade de qualidade.

46.º

Quarta feira 20 sahimos do pouso deserto, e ao pé do riacho Chafim, em que levantamos ás cinco horas da manhã, passamos o mesmo riacho Chafim, e durante a marcha viemos para outro pouso deserto, e ao pé de hum riacho chamado Bacasacala, chegamos no dito pouso ás duas horas da tarde sem chuva, fabricamos o nosso cerco ao nascente do mesmo riacho, andamos com o sol da mesma fórma, e não encontramos com ninguem.

47.º

Quinta feira 21 sahimos do pouso deserto, e ao pé do riacho Bacasala, levantamos ás seis horas da manhã, passamos hum riacho corrente de pequena largura, e viemos para o cimo de hum outeiro, e sitio dos Escravos, do potentado Quibury, chegamos no mesmo pouso ás duas horas da tarde, fabricamos o nosso cerco, ao pé de hum riacho pequeno pela banda de lá sem chuva, não encontramos ninguem.

48.º

Sexta feira 22 sahimos do sitio dos Escravos de Quibury, no qual levantamos ás cinco horas de manhã, passamos tres

1806 riachos de pequena largura, que ignoramos os nomes, e durante a viagem viemos para o sitio do Maior do Quibury chamado Camungo, o qual não achamos no sitio, e sómente achamos seus filhos por ter hido o dito preto á caça, e nos mandou entrar nas casas os mesmos filhos, e demos de presente aos ditos filhos dois xuabos de fazenda da India, e fallamos com elles a nossa viagem, que vamos para Cazembe á nossa dependencia, chegamos no mesmo sitio ao meio dia sem chuva, andamos com o sol á cara, não encontramos com ninguem.

49.º

Sabbado 23 sahimos do sitio do preto Camungo, levantamos á alvorada, passamos hum riacho pequeno e viemos para o pouso deserto, e ao principiarmos as fabricas cahiu a chuva e com ella mesmo fizemos o nosso cerco, e ao pé de hum riacho corrente e pequeno que ignoramos o nome, chegamos no dito pouso ás duas horas da tarde, andamos com o sol da mesma fórma, e sendo meia noite vieram ao nosso pouso dois liões berrando, os quaes nos fizeram perder o somno toda a noite, e com ajuda de Deus não fizeram damno, não encontramos com ninguem, e não vimos nada de raridade.

50.º

Domingo 24 sahimos do pouso deserto, levantamos ás cinco horas e meia da manhã, passamos tres rios de pequenas larguras, e viemos para outro pouso deserto, e ficandonos a meia legua o sitio do potentado Anpala, chegamos no dito pouso ás duas horas da tarde, fabricamos ao pé de hum rio chamado Ancula, pela banda de cá, sem chuva, encontramos com pretos negociantes de sal, que hiam procurar mantimentos no sitio do dito potentado Anpala, andamos com sol da mesma fórma.

51.º

Segunda feira 25 sahimos do pé do rio Ancula, em que levantamos ao cantar do gallo, vindo nós subindo com o mesmo rio Ancula, passamos hum riacho de pequena largura,

e durante a marcha viemos para outro pouso deserto, e ao 1806
pé do dito rio Ancula, pela banda de cá, e entramos no cerco dos Caçadores, chegamos ao meio dia sem chuva, e andamos com o sol á cara, não encontramos com ninguem.

52.º

Terça feira 26 sahimos do rio Ancula, levantamos ás seis horas da manhã, passamos dois rios de pequenas larguras, que ignoramos os nomes, e durante a viagem viemos para o sitio de hum preto chamado filho do potentado Pande de nome Muana Auta o qual não fallamos com elle por ter hido para o sitio de Pay, e nos mandaram entrar nas casas dos povos do mesmo potentado Pande, chegamos ao meio dia, e ao pé de hum rio chamado Rilomba, e demos de presente dois xuabos, e cem cauris, e sendo á tarde fui á caça e matei hum viado a tiro, e os escravos do nosso guia apanharam huma bufra morta, que tinha matado o lião, não encontramos com ninguem.

53.º

Quarta feira 27 sahimos do sitio chamado Muana Anta, levantamos ás duas horas da manhã, passamos hum riacho chamado Quimane, e durante a viagem, viemos para o sitio do potentado chamado Pande, o qual não avistamos com elle no dia que chegamos, e sómente mandou hospedar o guia, que vinhamos com hum garrafão de bebida chamada ponbe, e trazendo recado o portador delle dito, que estava occupado com portadores do Rey Cazembe, e que com mais socego nos avistava com elle, chegamos no dito sitio ás duas horas da tarde, fabricamos nosso cerco ao pé de hum rio chamado Murucuxy pela banda de lá, andamos com o sol á cara, não encontramos com ninguem.

54.º

Quinta feira 28 parados, causado pelo dito potentado, assim como tambem sexta feira, sabbado e domingo, para tratarmos com elle a nossa viagem por ser Maior do Rey Cazembe, que viemos dirigidos ao Muropue para o Rey Cazembe, nos despachar com seu guia que achar capaz para nos levar

1806 para a villa de Tete, a entregarmos huma carta para o Ill.mo Sr. Governador da dita villa, mandado por ElRey, que elles nomeam Mueneputo, e demos de presente vinte chuabos de boa qualidade de fazenda de lã, e elle nos offereceu dois quicapos de milho muido e trinta postas de carne de bufra seca, e respondeu que podiamos seguir a nossa viagem, e hir tratar a nossa pertenção.

55.º

Segunda feira 1.º de Outubro, sahimos do sitio do potentado Pande, levantamos ás seis horas da manhã passamos dois riachos de pequenas larguras, e durante a viagem viemos para o sitio de hum preto chamado Cahiumbo Camara, o qual não fallamos com elle no dia da chegada, e só vieram ao nosso pouso dois pretos, que nos vinham ver, e não demos nada de presente, chegamos ao mesmo ás duas horas da tarde, e não tivemos perseguição de davidas, entramos nas casas dos viajantes que vão a Cazembe, andamos com o sol á cara, e não encontramos ninguem.

56.º

Terça feira 2 de Ontubro sahimos do sitio do preto Cahiumbo Camara, levantamos ao cantar do galo, passamos hum rio que tinhamos prenoitado, e durante a viagem viemos para o pouso deserto chamado Quidano, e ao pé de hum rio que ignoramos o nome, chegamos no dito ao meio dia, fabricamos o nosso cerco com chuva pela banda de cá, não encontramos com ninguem, e passando huma varja grande achamos bastantes zebras a pastarem na dita varja, e quando nos viram fugiram.

57.º

Quarta feira 3 sahimos do pouso deserto Quidano, e levantamos ás duas horas da manhã, passamos hum rio de pequena largura, e durante a viagem viemos para o sitio antigo de hum preto chamado Luncongi já despovoado, chegamos no mesmo pouso ás quatro horas da tarde sem chuva, fabricamos o nosso cerco ao pé do riacho pequeno, que ignora-

mos o nome, andamos com o sol á cara, e não encontramos 1806
com ninguem.

58.º

Quinta feira 4 sahimos do sitio despovoado do Lunconge, levantamos ás sete horas da manhã, não passamos rio, e durante a viagem viemos para o sitio novo do mesmo potentado Lunçongi, pela banda de lá de hum rio chamado Luvire, o qual passamos em canôa, que poderá ter pouco mais ou menos 12 braças de largura, e vai desembocar no rio Luapula, e entramos nas casas do mesmo sitio, fallamos com o dito preto Luncongi a nossa viagem, que vamos para Cazembe, e demos de presente hum chuabo, e respondeu, que o Rey Cazembe estava com saude, e que elle ficava prompto para procurar de comer para o guia que nos trouxe, e com isto invernamos hum dia, sexta feira, e trouxe vinte e quatro postas de carne fresca para o dito guia, e para nós outras vinte postas de carne, e dizendo que no seu sitio se achava faminto de fome.

59.º

Sexta feira 5 sahimos do sitio de Lunconge, e levantamos ás seis horas da manhã, passamos dois rios que ignoramos os nomes, os quaes vão desembocar no rio Luvire, e durante a marcha viemos para o pouso deserto, e ao pé do mesmo rio Luvire, vindo nos descendo com o dito rio chegamos no mesmo pouso ás tres horas da tarde, fabricamos o nosso cerco com bastante chuva, andamos com o sol á cara, não encontramos com ninguem.

60.º

Sabbado 6 sahimos do pouso deserto, e que levantamos ao cantar do gallo, sem chuva, não passamos rio durante a viagem, viemos para o sitio do menor potentado chamado Muene Majamo Amuaxi, fallamos com elle a nossa viagem, que vamos para o Rey Cazembe, e não demos nada de presente, chegamos no dito sitio ás duas horas da tarde, fabricamos nossas barracas ao pé do rio chamado Mussumbe pela banda de lá, não encontramos com ninguem, e não vimos raridade de qualidade.

61.º

1806 Domingo 7 sahimos do sitio do preto Muene Majano, e levantamos ás sete horas da manhã, não passamos rio e viemos para o sitio do potentado chamado Muaxy, fallamos com elle a nossa viagem, que somos dirigidos ao Rey Cazembe por ordem do Muropue, e respondeu, que o herdeiro do Estado de Cazembe estava com saude, e que elle de sua parte nos hospedava por parte do mesmo Rey Cazembe, e invernamos hum dia para nos dar mantimentos, chegamos no dito sitio ao meio dia e nos mandou entrar nas casas de seus escravos, andamos com o sol á cara, não encontramos com ninguem, e demos de presente sete chuabos e hum espelho pequeno, e elle nos deu cinco quicapos de milho muido, e sessenta postas de carne, e nos disse que sigam a sua viagem.

62.º

Segunda feira 8 sahimos do sitio do potentado Muaxy, levantamos ás cinco horas da manhã, passamos hum riaxo de pequena largura que ignoramos o nome, e durante a viagem viemos para o pouso deserto, e ao pé de hum rio de pequena largura de pedra por dentro, que ignoramos o nome, chegamos no dito deserto ás quatro horas da tarde sem chuva, fabricamos o nosso cerco ao pé do mesmo rio pela banda de cá, encontramos com tres pretos que hiam comprar sal no sitio de Muaxy que acima dito, e terem vindo da côrte do Rey Cazembe, andamos com o sol á cara, e não vimos nada de raridade.

63.º

Terça feira 9 sahimos do pouso deserto, em que levantamos ás duas horas da manhã, passamos cinco riachos que ignoramos os nomes, e vindo nós subindo hum outeiro chamado Cunde Iraga, e durante a viagem, passamos hum rio chamado Cavulancango, e levantamos ás seis horas da manhã, digo Cavulancango o qual poderá ter pouco mais ou menos 7 braças de largura, que nos deu agua na cintura ao passar, e vai desembocar no rio Luapula, chegamos no dito pouso ao meio dia, fabricamos o nosso cerco ao pé do mesmo

rio pela banda de lá, encontramos com seis pretos escravos do Cazembe, que hiam para o sitio do Muaxy, não tratamos nada com elles, andamos com o sol da mesma fórma. 1806

64 °

Quarta feira 10 sahimos de ao pé do rio Cavulancango, levantamos ás seis horas da manhã, não passamos rio, subindo o mesmo outeiro Conde Irugo, e durante a marcha viemos para outro pouso deserto, e ao pé de hum rio de pequena largura chamado filho de Cavulancango, em cima do mesmo outeiro, chegamos no dito pouso ás duas horas da tarde sem chuva, e entramos no cerco dos viajantes pela banda de lá do mesmo rio, andamos com o sol da mesma fórma.

65.°

Quinta feira 11 sahimos do pouso deserto, e em cima do outeiro, levantamos ás duas horas da manhã, passamos dois riachos correntes, e durante a marcha viemos para outro deserto em cima do mesmo outeiro, chegamos ás seis horas da tarde com chuva, fabricamos o nosso cerco, não encontramos com ninguem.

66.°

Sexta feira 12 sahimos de cima do outeiro, levantamos ás sete horas da manhã, passamos sete riachos de pequenas larguras e desembocam no rio Luapala, e viemos para outro deserto, ao pé de hum rio de pequena largura, onde achamos cerco feito, não encontramos com ninguem, andamos com o sol á cara.

67.°

Sabbado 13 sahimos do pouso deserto, levantamos ás duas horas da manhã, passamos dois riachos, e a bom andar passamos hum rio chamado Lutipuca, de 5 braças de largura, e vai desembocar no Luapula, e durante a viagem viemos para hum sitio do Maior de Cazembe chamado Sôta, e o qual não achamos no sitio por ter hido levar tributo ao Cazembe, chegamos ás duas horas da tarde sem chuva, não encontramos com ninguem, e não tratamos nada de davidas.

68.º

1806 Domingo 14 sahimos do sitio do Sôta, levantamos de madrugada, passamos segunda vez o rio Lutipoca a pé, e durante a viagem viemos para o pouso deserto, ao pé de hum riacho que ignoramos o nome, chegamos ao meio dia no dito pouso, e já andamos com o sol ao lado direito, não encontramos com ninguem.

69.º

Segunda feira 15 sahimos do pouso deserto, do qual levantamos ás cinco horas da manhã, não passamos rio, e durante a viagem viemos para outro deserto e ao pé do rio Lutipuca, o qual viemos descendo com elle dito rio, chegamos no mesmo ao meio dia sem chuva, andamos com o sol ao lado direito, não encontramos com ninguem, e não vimos raridade.

70.º

Terça feira 16 sahimos do pouso deserto levantamos ás seis horas da manhã, não passamos rio, e durante a viagem viemos para o sitio de hum potentado menor de Cazembe chamado Munxaqueta, fallamos com elle a nossa viagem, que vamos ter com o Rey Cazembe, e nos mandou agasalhar nas casas dos seus povos, e chegamos no mesmo sitio ás duas horas da tarde, demos de presente quatro chuabos de serafina, e nos respondeu que estimou o seu presente, e nos ensinou o caminho, e não tratamos mais nada.

71.º

Quarta feira 17 sahimos do sitio do Munxaqueta, e levantamos ao cantar do gallo, vindo nós passando huma grandiosa varja com pequena agua, a qual podera ter pouco mais ou menos 10 leguas de comprimento, e cheia de animaes azebras, bufras, viados, corsas, e mais outros animaes que não sabemos os nomes, e viemos para o sitio de outro potentado chamado Muaxies, e com seu irmão tambem chamado Quiocola, fallamos com elles a nossa viagem, que vamos dirigidos ao Rey Cazembe, chegamos no mesmo sitio ás quatro horas da tarde, e demos de presente aos dois potentados doze

chuabos, e responderam que o Rey Cazembe se achava com saude, não encontramos com ninguem, e andamos com o sol da mesma fórma. 1806

72.º

Quinta feira 18 sahimos do sitio do Munxaqueta, levantamos ás cinco horas da manhã, sem chuva, cortamos a dita varja ao poente della, passamos em canôa o rio Luapula, e demos aos pilotos dois chuabos de fazenda de lã, e viemos para o sitio de hum preto chamado Tambo Aquilala, fallamos com elle a nossa viagem, que viemos do Muropue ter com o Rey Cazembe, e tratarmos nossas dependencias, chegamos no dito sitio ás quatro horas da tarde, e fabricamos ao pé do mesmo sitio, o mesmo rio Luapula, poderá ter pouco mais ou menos 57 braças de largura, o qual não sabemos onde vai desembocar, não encontramos com ninguem.

73.º

Sexta feira 19 sahimos do sitio do Tambo Aquilala, levantamos á seis horas da manhã, não passamos rio, e descendo com o mesmo rio Luapula, viemos para o sitio da irmã do mesmo Cazembe chamada Pemba, ao pé do mesmo rio, e logo nos mandou agasalhar nas casas dos seus povos, e no mesmo dia da chegada não fallamos com ella, chegamos no mesmo sitio ás duas horas da tarde, não encontramos com ninguem.

74.º

Sabbado 20 parada no dito sitio da irmã do Cazembe, por ordem della mesma, e sendo as duas horas da manhã nos mandou chamar, e fomos dentro dos seus muros, e nos perguntou de donde vinhamos, respondemos, que viemos de Angola, e chegamos na côrte de Muropue, o qual nos entregou este nosso guia, para virmos ter com o Rey Cazembe vosso irmão, para nos conceder licença de hirmos á villa de Tite, a qual respondeu, que estava muito bonito o seu Muropue mandar brancos ter com seu irmão, o que nunca fizeram os antepassados Muropues, e que era grande fortuna do herdeiro do Estado de Cazembe seu irmão, e nos offereceu

1806 huma cabra grande, quarenta peixes frescos, e duas garrafas de bebida chamada pombe, e seis quiçapos de farinha de mandioca sêca, e demos de presente trinta e dois chuabos, hum copo azul, hum Mozenzo de cem pedras brancas, respondeu, que ficava obrigada da sua dadiva, e invernamos para a dita mandar dar parte ao Rey Cazembe da nossa chegada, como se fosse obrigação della, apparecendo algum viajante mandar participar ao irmão, e com isto estivemos á espera seis dias no sitio della, e vieram os portadores em busca de nós.

75.º

Sabbado 27 sahimos do sitio da irmã do Cazembe, levantamos ás sete horas da manhã sem chuva, vindo nós descendo com o rio Luapula, passamos hum rio de duas braças de largura, que ignoramos o nome, e vai desembocar no mesmo Luapula, e durante a viagem viemos para o sitio de hum preto chamado Murumbo, chegamos no dito sitio ao meio dia, não encontramos com ninguem, andamos com o sol ao lado direito, e entramos nas casas dos do sitio, e não vimos nada de raridade.

76.º

Domingo 28 sahimos do sitio do Murumbo, levantamos ás duas horas da manhã, e vindo nós descendo com o rio acima dito ao lado esquerdo, passamos dois rios Lufubo e Capueje, que vão desembocar no mesmo rio, e durante a viagem viemos para o sitio de hum preto chamado Gando, e ao pé de hum rio chamado Gona, no qual sitio não tratamos nada de dadivas, chegamos ás seis horas da tarde, andamos com o sol da mesma fórma.

77.º

Segunda feira 29 sahimos do sitio do Gando, e ao pé do rio Gona, levantamos ás cinco horas da manhã passamos dois rios Belenje, e outro ignoramos o nome, e durante a viagem viemos para o sitio de hum preto chamado Canpungue, e chegamos no dito sitio ás tres horas de tarde, encontramos com bastante gente do Rey Cazembe carregados de lenha, e demos de presente ao dito preto Canpungue hum chuabo de

Zuarte, e nos disse, que sigam a viagem que o Cazembe estava á espera de nós. 1806

78.º

Terça feira 30 sahimos do sitio do preto Canpungue, levantamos ás sete horas da manhã sem chuva, não passamos rio, e durante a viagem viemos para o sitio de hum preto chamado Luiagamára do Cazembe, chegamos no mesmo sitio ás quatro horas da tarde, entramos nas casas dos mesmos, e ao pé de hum rio chamado Canengua, de pequena largura, que vai desembocar no rio chamado Mouva, que se acha situado o mesmo Rey Cazembe, e não demos nada de presente ao dono do sitio, e dahi mesmo fizemos parada a mandarmos dar parte da nossa chegada hum dia, e fazendo-nos hum pouco de tempo, veio o portador do mesmo Rey Cazembe, e trazendo-nos de hospedagem, quatro Murondos de bebida chamada ponbe, e cem postas de carne fresca, juntamente com farinha de mandioca para nossa alimentação, e alem disso com recado, que o Rey Cazembe nos mandava por ora parar no mesmo sitio, e que elle mesmo nos mandava recolher com mais vagar. Amanhecendo-nos logo sendo as duas horas da manhã nos mandou chamar por seu Maior, e com ordem para que em chegando ao pé dos muros dos seus Maiores, atirassemos tiros que podessemos atirar, que era para signal de nós viajantes chegarmos á sua côrte, e nos mandou agasalhar em casa do seu Porteiro das suas portas, chamado Fumo Aquibery, e nesse dia não tratamos nada sobre a nossa viagem, que senão elle dito Rey Cazembe nos mandar mantimentos de farinha, peixe, carne fresca, e pombos, cabras, e comeres já feitos para a nossa gente, e com grande alegria nos ver, e sendo manhã nos mandou chamar, que viessemos dizer o que nos traz; e o achamos assentado na sua rua publica onde costuma dar suas sentenças a seus povos, e com todos os seus Potentados Maiores dos seus Concelhos, elle todo vestido de seus panos de seda, velludo, missanga de varias qualidades nos braços e pés, rodeado do seu povo, e com todos os seus instrumentos de grandeza, de barbaridade, e mandou dizer, que fallasse o guia, com

1806 que viemos do seu Muropue: Fallou o guia, que ahi lhe trago brancos de ElRey, que elles chamam Mueneputo, vir communicar com vós Rey Cazembe, e os tratar bem sem malicia, executando os desejos que elles vem encarregados, conceder vós Rey Cazembe licença juntamente com seu Protector, que vós achar capaz para os levar á villa de Tete a entregar huma carta ao Illmo Sr. Governador da dita villa, recommendados com esta ordem de donde vieram, que he Angola, e nisto tambem manda recommendar bastantemente o seu Muropue, fazer todo o necessario para despachar os ditos viajantes onde desejam, e tornar a mandar-lhos, para o dito Muropue os mandar de donde vieram. Respondeu o Rey Cazembe, que estimava muito e não pouco o seu Muropue mandar-lhe viajantes, que vieram longe, e que ha muito tempo elle tambem anda com intentos de abrir o caminho de Sena, assim como ficar tão alegre de ver viajantes de Muropue, o que nunca fizeram os antepassados Muropues, e que hade executar tudo que for no possivel e não só dar guia, que senão elle mesmo pessoalmente levantar para o arraial de guerra, e hir combatendo os salteadores ladrões, que no caminho se acham, que impedem o caminho para os viajantes, que querem vir communicar com elle Rey Cazembe, tinhamos partido com o mesmo Rey Cazembe até a hum sitio dos seus Pouvos, que ficava cousa de meia legua do referido Rey com bastante guerra para nos vir fazer passar no dito caminho, e depois houve perturbação dos seus povos não quererem guerriar, e ficou a deligencia frustrada, e voltamos com elle para o sitio contra a sua vontade, e entrou a mandar botar fóra os Potentados, e outros a cortarem as orelhas, e outros foram pagando cabeças e manilhas, e no segundo mez nos entregou o seu mais Potentado, chamado Muenepanda, para nos vir trazer com mais Pouvos, e chegando nós a hum pouso deserto chamado Quipire, voltou para traz, e dizendo que a villa de Tete era muito longe, e a guerra que elle dito Muenepanda levava para combater os Potentados, que no caminho se achavam era pouca, e que não se quer metter em risco, e voltamos com elle, e fazendo meio mez nos appareceu

o preto de Gonçalo Caetano Pereira, de nome Nharugue, partimos com elle até que chegamos nesta villa de Tete. O dito Rey Cazembe, he hum preto muito tinto e rapagão, barba razarena, olhos vermelhos, muito conversario com brancos negociadores, que na sua côrte vem negociar, cousa de semente, farinha de mandioca, milho curro, milho moido, feijão, canas bastante, peixe que pescam seus Pouvos no rio, que ao pé delle está, chamado Muova, as pontas de marfim, vem da outra banda do rio Luapula, que vem tributar seus Pouvos, e as pedras verdes vem da terra chamada Catanga, vem negociadores Muizas á nação, a comprar marfim a troco de fazenda, e outra nação chamada Tungalágazas, que trazem captivos, e manilhas de latão, cauris, e azeite de palma, e alguma fazenda que dito Rey Cazembe tem, vem do Cola terra de Muropue, e missanga grossa vistosa no dito territorio bastante sal, que tiram na mesma terra, e tem tambem outra qualidade de sal de pedras, que vem em tributos da salina, que está no caminho da terra do Mulopue, chamada Luigila, onde se acha hum seu potentado e parente, chamado Quibery, a tomar sentido na dita salina, assim como mandar tributos ao seu Muropue do mesmo sal, e fazenda que elle compra aos viajantes que do Muropue vem. Não assentei os dias de inverno que passamos no caminho, procedido de molestias, e não vi mais nada na côrte do Rey Cazembe, que me esquecesse a escrever, senão o que está declarado. 1806

Derrota que eu Pedro João Baptista faço na minha viagem do Cazembe para a Villa de Tete. 1810

1.º

Pouso Casocoma e sitio do nosso Cazembe do caminho que com elle viemos do nome da terra Catara no qual dia que sahimos no sitio do mesmo Rey Cazembe, e levantámos ás sete horas da manhã, passámos um rio chamado Lunde de pequena largura o qual vae desembocar no outro rio Mouva que ao pé está situado o mesmo Cazembe andamos com o Sol a cara não encontramos com ninguem.

2.º

1810 Pouso saimos no sitio do Catara Canso-comma levantámos ás duas horas da manhã, passámos hum riacho, e durante a viagem viemos para o sitio de um preto chamado Quihono, Escravo da Filha do Cazembe, chamado Quitende, e entrámos nas casas dos mesmos; e dahi mesmo fizemos parada a esperarmos a gente do Cazembe do Caminho que ficavam atraz tres dias de inverno causado por ditos, não encontramos com ninguem, e não vimos cousa alguma.

3.º

Pouso sahimos no sitio do Quihono em que levantámos ás cinco horas da manhã, não passámos rio, e durante a viagem viemos para o pouso deserto, e ao pé de hum rio chamado Capaco, de pequena largura, e tendomos trespassado outro rio chamado Bengeli de 4 braças de largura, e vai desembocar no rio chamado Mouva que assim dito encontrámos com dois pretos carregados de peixe secco que hiam para o sitio grande do mesmo Cazembe, e não vimos mais nada.

4.º

Pouso sahimos no pouso deserto, levantámos ás oito horas da manhã, não passámos rio, e durante a viagem viemos para o sitio já despovoado de um preto chamado Muiro ao pé do mesmo rio que viemos descendo, que acima dito chegámos no dito sitio ás quatro horas da tarde, andámos com o Sol a cara e entrámos nas casas velhas dos mesmos do sitio, e invernámos no mesmo sitio hum dia causado de uma ponta de marfim de Catara.

5.º

Pouso sahimos no sitio despovoado do Muiro, no qual levantámos ás duas horas da manhã, e durante a viagem passámos um rio chamado Luena, que terá pouco mais ou menos 17 braças de largura, e o qual vae desembocar no rio chamado Carucuige, e chegámos no pouso deserto e ao pé do mesmo Luena fabricámos nosso cerco não encontrámos com ninguem.

6.º

Pouso sahimos no deserto e ao pé do rio Benlengi, digo Luena, e levantámos ao primeiro cantar de galo e viemos para outro deserto chamado Muchito Agumbo; chegámos no dito pouso ás duas horas da tarde, andámos com o Sol da mesma fórma, não encontrámos. 1840

7.º

Pouso sahimos no pouso deserto Muchito Agumbo, e levantámos ás sete horas da manhã; passámos tres riachos de pequenas larguras, e durante a viagem viemos para o sitio de um preto chamado Cangueli e terras de um Potentado do Cazembe, chamado Muenepanda, chegámos no dito ás tres horas da tarde, e ao pé de hum rio de pequena largura que ignoramos o nome, que vae desembocar no rio chamado Panpaje, e dahi fizemos parada por ordem do mesmo Rey Cazembe para mandar alguma cousa de Cumer ao Catara.

8.º

Pouso sahimos no sitio do preto Canguelle, no qual levantámos a madrugada sem chuva, e durante a marcha viemos para o pouso deserto, e ao pé de hum rio de pequena largura chamado Muangi, pela banda de lá chegamos no referido ao meio dia, andámos com o Sol a cara, não encontrámos.

9.º

Pouso sahimos no pouso deserto e ao pé do rio Muange levantámos ás quatro horas da manhã, passámos dois riachos que ignoramos os nomes, e durante a viagem viemos para outro deserto, e ao pé de hum rio de pequena largura chamado Camicomba, chegámos no mesmo ás duas horas da tarde. Fabricámos nosso cerco ao pé do mesmo rio, não encontrámos com ninguem, andámos com o Sol da mesma fórma.

10.º

Pouso sahimos do pé do rio Camicomba. Levantámos ás seis hóras da manhã, não passámos rio, e durante a viagem

1810 viemos para outro deserto, e ao pé de um riacho corrente chamado Caquietatume, chegámos ás tres horas da tarde no dito pouso, e fizemos parada dois dias á espera do marfim do Cazembe, não encontrámos com ninguem.

11.º

Pouso sahimos no deserto e ao pé do rio Caquila levantámos ao cantar de galo, passámos hum rio chamado Lufunbo, de 3 braças de largura, e durante a viagem viemos para outro deserto, e ao pé de hum rio que ignoramos o nome, e chegámos no dito ás quatro horas da tarde, fabricamos nossas barracas ao pé do mesmo riacho, que viemos descendo com elle pela banda de lá, sem chuva, não encontrámos com ninguem.

11.º

Pouso sahimos no pouso deserto em que levantámos ás seis horas da manhã; não passámos rio, e durante a marcha viemos para o pouso deserto chamado Luipire; chegámos no mesmo pouso ás Ave Marias, sem chuva, e entrámos nas casas já feitas dos viajantes de Muizas, não encontrámos com ninguem.

13.º

Pouso sahimos no pouso deserto Luipiri, levantámos em alvorâda, passámos sete riachos pequenos que ignoramos os nomes, e durante a viagem viemos para a povoação de hum Potentado chamado Luibue, fallecido, que o Cazembe tinha matado nas guerras, e no sitio de hum Potentado chamado Muiro Aquito parente do mesmo fallecido Luibue; chegámos no dito sitio ás duas horas da tarde, fallámos com elle a nossa viagem, que vamos para a Villa de Tete, e fizemos parada por elle nos hospedar, e deu o Cazembe do caminho dois quiapos de milho, e duas gallinhas, e nos disse que podemos seguir a nossa viagem que o caminho está aberto, e deu o Catara de presente cinco pedras azues, e não tratámos mais nada com elle.

14.º

Pouso sahimos no sitio do Potentado Muiro Aquito, em que

levantámos ás duas horas da manhã; passámos tres riachos 1810
que ignoramos os nomes, e durante a viagem viemos para o sitio de hum Potentado chamado Luiama Cabanba, de alcunha Sapue, e chegámos ao meio dia, fabricámos ao pé que elles bebem a agua pela banda de cá, e veiu visitar-nos, e não trazendo nada de hospedagem.

15.º

Pouso sahimos no sitio do Sapue, levantámos ás cinco horas da manhã, passámos cinco riachos, e durante a viagem viemos para o proprio sitio do Potentado Luiana, chegámos no dito ao meio dia, fallámos com elle a nossa viagem que vamos para a Villa de Tete, e elle respondeu que estava bom; fabricámos ao pé de hum rio chamado Lucuetue, e fizemos parada para comprarmos alguma cousa de comer assim como dito Potentado Luiana entregar as cabeças fugidas de varias pessoas na viagem a traçada do Catara por ordem do Rey Cazembe e não os entregou, e desculpando que estavam nas suas terras de outros seus subordinados Parentes que longe está delle.

16.º

Pouso sahimos do sitio do Luiana ás oito horas da manhã sem chuva, e durante a viagem viemos para o sitio de hum preto chamado Lupapa, chegámos no dito ás duas horas da tarde, fabricámos nosso cerco, ao pé de hum rio chamado Rungo, andámos com o Sol da mesma fórma, não encontrámos com ninguem, e não tratámos nada com elle, e andamos em meia viagem nos tomaram para que desse alguma cousa ao dito Lupupa, e demos hum caputem, e foram-se embora.

17.º

Pouso sahimos no sitio do preto Lupupa que levantámos ás cinco horas da manhã, não passámos rio, e durante a viagem viemos para o sitio dos Pouvos de que acima dito de nome da terra Camango, o qual fallámos com elle que vamos na companhia do preto de Gonsalo Caetano para Tete o qual não demos nada, chegámos no dito sitio perto das Ave Ma-

1810 rias fabricámos ao pé do mesmo sitio, e ao pé de hum rio de pequena largura que ignoramos o nome, sem chuva, andámos com o Sol a cara.

18.º

Pouso sahimos do sitio do Camango, e que levantámos ás seis horas da manhã, passámos hum rio chamado Lunbanzenge a pé que nos deu agoa na cintura, e durante a viagem viemos para o sitio de hum preto chamado Cacomba, pela banda de cá do mesmo rio que passámos, e chegámos ao meio dia fabricámos ao pé do mesmo sitio do tal preto, e fizemos parada a esperarmos por Catara que ficava a traz; não encontrámos com ninguem.

19.º

Pouso sahimos no sitio do Mobengi, levantámos ás seis horas da manhã, passámos o rio Hiabenge a pé, durante a viagem viemos para de hum preto chamado Quiota, o qual veiu no nosso pouso visitar-nos abaixo do seu interesse para darmos alguma cousa, chamada Luipata, o qual não demos nada digo: Pouso sahimos no sitio do Cazembe em que levantámos ás cinco horas da manhã, passámos hum riacho, e viemos para o sitio do Potentado chamado Mubengi Acalams, fallámos com elle a nossa viagem que vamos para Tete, e demos de presente cem bagos de pedras e leite, e hum sacco de sal; chegámos no mesmo sitio ao meio dia, e a principiarmos as fabricas nos mandou de hospedagem huma cabra e dois alqueires de milho, e invernamos hum dia á espera do mesmo Catara, não encontrámos com ninguem.

20.º

Pouso sahimos no sitio do Mobengi, levantámos ás seis horas da manhã, passámos o rio Heabengi a pé, e durante a viagem viemos para de hum preto chamado Luiota o qual veiu no nosso pouso visitar-nos abaixo do seu interesse para dar-mos alguma cousa, chamada Luipata, o qual não demos nada; chegámos no dito sitio perto das Ave Marias não encontrámos com ninguem, andámos com o Sol a cara.

21.º

Pouso sahimos do sitio do Luiota e levantámos ás duas horas da manhã, sem chuva; passámos tres riachos que ignoramos os nomes, e durante a viagem, viemos para o sitio de hum preto chamado Manzabanba o qual tratámos a nossa viagem para Tete, que elles chamam Nhunque, o qual deu Cazembe do Caminho hum bicho e elle deu de hospedagem dois alqueires de milho. Chegámos no mesmo sitio ás quatro horas da tarde, andámos com o Sol a cara, e não encontrámos com ninguem. 1810

22.º

Pouso sahimos no sitio do Muazabanba, levantámos em alvorada sem chuva; passámos tres riachos que ignoramos os nomes, e durante a viagem viemos para outro sitio do Potentado chamado Capeco, e ficando-nos o sitio do dito Barbaro em pouca distancia, o qual tambem demos de presente dois saccos de sal, os quaes os tomou contra a sua vontade, e querendo facto, chegámos no dito sitio ás tres horas da tarde, e ahi fabricámos ao pé de hum rio de pequena largura que ignoramos o nome, andámos com o Sol da mesma fórma, e não encontrámos com ninguem.

23.º

Pouso sahimos no sitio do Capeco Calubunda, levantámos ás seis horas da manhã, passámos dois riachos, e durante a viagem, e dahi deixámos as terras baixas, digo, e dahi deixámos as terras baixas que estavamos andando, e viemos subindo oiteiros de pedras, e viemos para o pouso deserto, e ao pé de um riacho, chegámos ás quatro horas da tarde, andámos com o Sol a cara, não encontrámos com ninguem.

24.º

Pouso sahimos no deserto, levantámos ás sete horas da manhã, passámos dois rios de pequenas larguras, chamados Benzi, e outro Macala, e viemos para o sitio dos pouvos do Potentado chamado Meceba, não fallámos nada cousa de dadivas com elles, chegámos no dito sitio ás quatro horas da

1810 tarde, fabricámos ao pé de hum riacho chamado Ca Meguigo, andámos com o Sol a cara não encontrámos com ninguem.

25.º

Pouso sahimos dos pouvos do Muceba, levantámos em alvorada, passámos dois riachos, e durante a viagem viemos para outro sitio da Principal Mulher do mesmo Muceba a qual não achámos no sitio, e só os seus filhos, e fallámos com elles a nossa viagem que vamos para Tete, e pedindo-nos o Luipata, e nós respondemos que não trouxemos fazendas para darmos Luipata, não desceram, ficando contra nós, chegámos no mesmo sitio ás quatro horas da tarde, fabricámos nosso cerco ao pé de hum rio que elles bebem agua que ignoramos, não encontramos com ninguem.

26.º

Pouso sahimos no sitio da principal mulher, no qual levantámos ás seis horas da manhã, passámos um rio chamado Huombia, e viemos para o sitio do Escravo do mesmo Mueceba, chamado Luinhiba do Cazembe, viemos com elle, chegámos ao meio dia, sem chuva, e desse sitio o Catara hum bicho de Luipata ao dito preto para hir levar ao Muceba, Senhor das Terras, encontrámos com dois pretos pouvos do dito Muceba, e não vimos nada de perturbação.

27.º

Pouso sahimos do sitio de Luinhiba e levantámos ás seis horas da manhã. Passámos um rio chamado Quibanga, e durante a viagem viemos para o sitio grande do mesmo Muceba tratamos com elle a nossa viagem que vamos para Tete, e demos de presente hum Caputim, e o Cazembe do Caminho deu tambem uma negra, chegámos no dito sitio ás tres horas da tarde, fabricámos ao pé do rio que elles bebem agoa, não encontrámos com ninguem.

28.º

Pouso sahimos no sitio do Potentado Muceba e levantámos

ás oito horas da manhã, passámos um rio chamado Luvira, 1810
e viemos continuando a nossa viagem até que anoiteceu, e dormimos num pouso deserto ao pé de hum riacho que ignoramos o nome.

29.º

Pouso sahimos no pouso deserto em que levantámos a madrugada, passámos dois sitios chamados Calembe, e outro Capelebanda, e viemos para outro sitio de hum preto chamado Muaza Muranga, chegámos Ave Marias, fabricámos ao pé de hum rio chamado Roanga Pequeno, e não tratámos nada com elles, andámos com o Sol a cara, e não encontrámos com ninguem.

30.º

Pouso sahimos do sitio do Muaza Muranga em que levantámos ao primeiro cantar de galo; não passámos rio, e durante a viagem viemos para o rio Aruangoa, e o passámos a pé, o qual me diz ter 30 braças de largura, chegámos ao meio dia, entrámos nas casas já feitas dos viajantes de Tete, e fazendo-mos hum pouco de tempo nos achou no dito pouso bastantes pretos carregados de seus tabacos, a hirem para a banda de lá, não encontrámos com ninguem, andámos com o Sol da mesma fórma.

31.º

Pouso sahimos do rio Aruangoa, levantámos a madrugada e vindo-mos descendo com o mesmo rio, e durante a viagem viemos para o sitio de hum preto chamado Capangara com bastante chuva, chegámos no dito sitio ás quatro horas da tarde, e fabricámos nosso cerco ao pé de hum rio chamado Rubinha, de pequena largura, andámos já com o Sol lado esquerdo não encontrámos com ninguem.

32.º

Pouso sahimos no sitio do Cupangara, levantámos ás oito horas da manhã, não passámos rio, e viemos para o Potentado chamado Muaza Banba, fallámos com elle a nossa viagem que vamos para Tete, e deu o Cazembe do Caminho Ca-

1810 taro hum bicho, e nós dois chuabos de serafina encarnada; chegámos no dito sitio ao meio dia, sem chuva, fabricámos nosso cerco ao pé do rio que elles bebem agoa, chamado Matize, não encontrámos com ninguem, andámos com o Sol lado esquerdo.

33.º

Pouso sahimos no sitio do Muazabanba, levantámos ás cinco horas da manhã, passámos hum rio chamado Lucingi, de pequena largura, e viemos para o sitio de huns pretos que ignoramos; chegámos ás tres horas da tarde, não encontrámos com ninguem, andámos com o Sol da mesma fórma.

34.º

Pouso sahimos no sitio dos pretos que acima dito levantámos ás seis horas da manhã, passámos dois riachos pequenos que ignoramos os nomes, e viemos para o sitio de hum preto chamado Quiceres Quiamorilo; chegámos no dito sitio ás duas horas da manhã, sem chuva, fabricámos ao pé de um riacho corrente que ignoramos o nome, encontramos com pretos carregados de tabaco, andámos com o Sol da mesma fórma.

35.º

Pouso sahimos do sitio Quiceres Quiamorilo, levantámos ás seis horas da manhã, passámos um rio, e durante a viagem viemos para o sitio da povoação do Capelema de dois pretos, hum se chama Capanga, e outro Quicuta, não fallámos nada com elles e fabricámos ao pé do rio chamado Camba de pequena largura, que elles bebem agoa; andámos da mesma fórma, não encontrámos com ninguem.

36

Pouso sahimos no sitio Capangara, em que levantámos a madrugada, passámos um rio que ignoramos o nome, e durante a viagem viemos para o sitio do Potentado Capalemena, o qual não achámos no sitio e ter hido as suas casas, e só achámos a principal Mulher, e mais seus Filhos, e logo com suas demandas de Luipata, e deu o Cazembe hum bicho;

chegamos no mesmo sitio ao meio dia, e fabricámos ao pé de hum rio chamado Lucunzie, de pequena largura, andámos com o Sol lado esquerdo, não encontrámos com ninguem. 1810

37.º

Pouso sahimos do sitio do Capelemena, levantámos ás onze horas da manhã, não passámos rio, e viemos para o sitio do mesmo que acima dito da sua Irmã, chegámos no dito sitio quasi Ave Marias, não tratámos nada com elle, e não encontrámos com ninguem, fabricámos ao pé de hum riacho pequeno.

38

Pouso sahimos no sitio da Irmã do Capelemena, levantámos ás sete horas da manhã, e vindo-mos descendo com o rio Lucunzie, e durante a viagem viemos para a povoação do Potentado chamado Mocanga Caronga, e sitio do preto chamado Quitanga Quiamuombe, chegámos no mesmo sitio ao meio dia, sem chuva, fabricámos ao pé do mesmo sitio, não encontrámos com ninguem.

39.º

Pouso sahimos no sitio do Quitanga, levantámos ao cantar de galo, não passámos rio, e durante a viagem viemos para outro sitio dos pouvos do mesmo Mocanda, fallámos com elles a nossa viagem que vamos para Tete, e não demos nada a elles; chegámos ás tres horas da tarde, andámos com o Sol da mesma fórma, não encontrámos com ninguem.

40.º

Pouso sahimos dos povos do Mucanda, e levantámos ás duas horas da manhã, e trespassámos o sitio grande do mesmo Mocanda, e durante a viagem viemos para outro sitio dos pouvos do mesmo que acima dito chegámos no dito sitio ás quatro horas da tarde, sem chuva; andámos da mesma fórma, e não encontrámos, e não tratámos nada com ditos pretos sobre dadivas.

1810

41.º

Pouso sahimos do sitio dos que acima dito, levantámos ás seis horas da manhã, passámos um rio que ignoramos o nome, e durante a viagem viemos para o sitio chamado Ponda, chegámos ás sete horas da tarde, fabricámos ao pé de hum rio de pequena largura, chamado Luca, andámos com o Sol lado esquerdo, não encontrámos com ninguem.

42.º

Pouso sahimos no sitio de Ponda, que levantámos ás sete horas da manhã, passámos hum riacho que ignoro o nome, e durante a viagem viemos para o sitio dos pouvos do Potentado chamado Gurula, o qual o sitio delle trespassámos, chegámos no dito sitio ao meio dia com chovisco, fabricámos ao pé de hum riacho, não encontrámos com ninguem.

43.º

Pouso sahimos dos povos do Gurula, e levantámos ás cinco horas da manhã, passámos hum rio chamado Bue, e continuando-mos a marcha passámos tres rios de pequenas larguras, e viemos para o sitio do preto chamado Luiangue, chegámos ás tres horas da tarde, fabricámos com bastante chuva, e ao pé do rio chamado Daramenca, andámos com o Sol da mesma fórma, não encontrámos com ninguem.

44.º

Pouso sahimos no sitio do Luiangue, levantámos a madrugada, passámos um outeiro chamado Inamirombe, fim das terras do Potentado Mucanga Caronga, e viemos para o sitio de hum preto chamado Cairaire, chegámos ás 2 horas da tarde, não fallámos nada com elles a nossa viagem, e não encontrámos com ninguem.

45.º

Pouso sahimos do sitio do Caraire, levantámos ás seis horas da manhã, passámos hum rio de pequena largura, e durante a viagem viemos para o sitio chamado Capata, chegámos no mesmo ás quatro horas da tarde, com chuva, e nos

deram os do sitio casas para accommodarmos por não fazermos nosso cerco, andámos com o Sol lado esquerdo, não encontrámos com ninguem. 1810

46.º

Pouso sahimos do sitio chamado Capata, levantámos ás seis horas da manhã, sem chuva, passámos cinco riachos pequenos que ignoramos os nomes, e trespassámos o sitio antigo do Gonsalo Caetano, e durante a viagem viemos para outro sitio antigo despovoado, chegámos ao meio dia com chuva, e fabricámos ao pé de hum riacho que ignoramos o nome, não encontrámos com ninguem, e não vimos nada de raridade.

47.º

Pouso sahimos no sitio antigo em que levantámos ás duas horas da manhã, passámos hum rio chamado Quiamuombo Pequeno, e durante a viagem viemos em hum deserto, e fabricámos ao pé de hum riacho que ignoramos o nome, chegámos no dito pouso ao meio dia, sem chuva, encontrámos com quatro pretos carregados de milho, andámos com o Sol da mesma fórma.

48.º

Pouso sahimos no pouso deserto, levantámos ás duas horas da manhã, passámos um rio de 4 braças de largura, que ignoramos o nome, e viemos para outro deserto, chegámos no mesmo ás cinco horas da tarde, e fabricámos ao pé de hum riacho que ignoramos o nome, não encontrámos com ninguem.

49.º

Pouso sahimos no deserto em que levantámos ás seis horas da manhã, passámos hum rio de 3 braças de largura, que ignoramos o nome, e durante a viagem viemos para o sitio de hum preto que ignoro o nome, chegámos ás duas horas da tarde, e fabricámos com chuva, e ao pé das Lovras do dito preto andámos com o Sol lado esquerdo, e não vimos raridade de qualidade.

50.º

Pouso sahimos no sitio do preto que acima dito levantámos

1810 ás duas horas da manhã, passámos tres rios de pequenas larguras que ignoramos os nomes, e durante a viagem viemos para o sitio de dois pretos chamados Catetua, e outro Catiza, chegámos ás duas horas da tarde com chuva, andámos com o Sol da mesma fórma, não encontrámos com ninguem.

51.º

Pouso sahimos no sitio do Catetua, levantámos ás duas horas da manhã, passámos tres rios de 3 braças de largura, cada hum, e viemos para o sitio de D. Francisca, chamado Maxinga, chegámos no mesmo ás tres horas da tarde, sem chuva, e entrámos nas casas dos mesmos pretos, andámos da mesma fórma, não encontrámos com ninguem.

52.º

Pouso sahimos em Maxinga, e levantámos ás seis horas da manhã sem chuva, passámos hum rio a pé que nos deu agua nos peitos, que ignoramos o nome; e durante a marcha viemos para o sitio de huns pretos que ignoramos os nomes, chegámos ao meio dia, não encontrámos com ninguem, e entrando nas casas dos mesmos do sitio.

53.º

Pouso sahimos no sitio dos pretos que acima dito levantámos ás seis horas da manhã, passámos um rio que ignoramos o nome, e viemos para o sitio do Gonsalo Caetano chamado Musoro Anhata, onde o não achámos, e sómente achámos o Sogro do mesmo Gonçalo de nome Pascoal Domingos o qual nos mandou entrar nas casas dos Escravos do referido que acima dito, chegámos ás duas horas da tarde, sem chuva, não encontrámos com ninguem.

54.º

Pouso sahimos do Musoro Anhata, em que levantámos ás onze horas do dia, passámos dois riachos pequenos que ignoramos os nomes, e durante a marcha viemos para o sitio do Manoel Caetano, o qual achámos em casa, e nos deu agaza-

lho, chegando ás tres horas da tarde com chuva, não encontrámos com ninguem. 1810

55.º

Pouso sahimos do sitio de Manoel Caetano, levantámos ás duas horas da manhã, passámos dois riachos, e viemos para o sitio do mesmo Gonçalo Caetano Pereira, chegámos ao meio dia, encontrámos com huns pretos mandados por dito, entrámos nas casas dos seus Cafres mandado por elle, e invernámos no dito sitio vinte dias a descançarmos, andámos com o Sol da mesma fórma.

56.º

Pouso sahimos no sitio de Gonçalo Caetano Pereira, em que levantámos a madrugada, passámos hum rio de pequena largura que ignoramos o nome, e durante a viagem, viemos para o sitio de hum Soldado chamado Macoco, chegámos ás quatro horas da tarde, encontrámos com bastante gente.

57.º

Pouso sahimos no sitio do Soldado Macoco em que levantámos ás sete horas da manhã, não passámos rio, e durante a viagem viemos ao pé do rio Zambeze, e o passámos em canôa até nesta Villa que chegámos no dia sabbado 2 de Fevereiro de 1811.

Perguntas que o Governador de Tete fez aos descobridores

(Annaes Maritimos, 3.ª serie, pag. 336.)

Chamando ao Quartel da minha residencia os dois homens descobridores do caminho de Angola para esta Villa lhes fiz as perguntas seguintes:

Perguntei-lhe como se chamavam, respondeu-me um que se chamava Pedro João Baptista, e que o seu camarada Anastacio Francisco. Perguntando-se-lhe de donde vinham, e por ordem de quem vinham, responderam que vinham dos ser-

1810 tões de Angola, por ordem do Exmo D. Fernando de Noronha, Capitão General de Angola, o qual encarregou a meu amo o Tenente Coronel Francisco Honorato da Costa, Commandante da Feira de Cassange, para que este nos mandasse no descobrimento daquella Capital Occidental, até esta Costa Oriental, de cujo amo trazia uma carta ao Governador destes Rios.

Sendo perguntados quando sahiram dos sertões de Angola, responderam que partiram do sitio chamado a Feira de Cassange nos ultimos de Novembro de 1802, porém que encontrando oito dias de viagem uma resistencia de que o não deixaram passar no sitio do Potentado Bonba, em cujo sitio se demoraram até o anno de 1805, sem que podessem hir para diante, nem tornar para traz a avisarem ao seu amo donde tinham sahido para este os soccorrer com fazendas para o dito Potentado o deixar passar livremente, porém logo que pode dar a referida parte a seu amo este os soccorreu com fazendas para os deixarem passar, e que continuando o seu caminho foi dar ás terras de outro Potentado, por nome Moxico, em cuja digressão gastaram vinte dias, aonde no dito sitio lhes quizeram fazer guerra, e tomar-lhes as fazendas que levavam porque antecedente á sua chegada tinha lá hido um negociante da mesma Feira ao dito sitio, e tomado fiado certo numero de Escravos, e certa porção de cera, e alguns dentes de marfim, e não tinha ainda hido pagar ao dito Regulo; porém dizem que o satisfizeram com certa porção de fato, e os deixou passar livremente, e seguindo a sua viagem donde foi ao sitio Catende, pequeno Regulo já sujeito ao grande Moropo em que gastaram do sitio antecedente oito dias, e deste seguindo a sua viagem foram ao sitio Chaanbuje distante do antecedente tres dias, e deste foram á povoação Luibaca, distante da antecedente quatro dias, e que deste foram a outro sitio chamado Banga em que gastaram dois dias, e que deste foram ao sitio da Mãi de Moropo chamado Leconqueixa em que gastaram dois dias, e que deste foram á Côrte do grande Moropo, e que d'este sitio é que principiou a fazer a sua derrota até esta Villa de Tete, a qual me entregou.

Perguntando-lhes se n'esta digressão desde que tinham 1810
sahido dos sertões de Angola até chegar ao Moropo se tinha achado por aquelles caminhos mantimentos, e agoa, me responderam que tudo tinham achado pagando elles com o seu fato.

Perguntando-lhes se desde que sahiram do sitio Moxico até Moropo, assim como do dito até o Cazembe, e depois até esta Villa se tinham encontrado alguns salteadores que lhes quizessem roubar a fazenda que levava, me responderam que não, antes tinha achado em muitos sitios muita caridade.

Perguntando quando tinham chegado ao Cazembe, e porque motivos não continuaram a sua digressão a esta Villa, responderam que chegaram no anno de 1806, e que não achando ali recurso algum para se transportarem a esta Villa por causa do Rey do Cazembe andar em guerra com o Rey dos Muizes, caminho por onde elles deviam passar, se demoraram no dito Cazembe até o fim do anno de 1810 donde passaram então para esta Villa.

Perguntando-lhes com que hospitalidade os tinha tratado o Rey de Cazembe, responderam que em todos os quatro annos lhes tinha assistido com todo o necessario, tanto para vestir como comer, sem que neste tempo padecessem necessidade alguma.

Perguntando-se-lhes se queriam tornar voluntariamente pelo mesmo caminho, ou se queriam hir por mar os mandaria pôr em Moçambique para darem as referidas noticias a seu amo, me responderam que queriam hir pelo mesmo caminho para poderem fazer uma derrota seguida com mais individuação que aquelle que me apresentaram, porém que para este fim os soccorresse eu de fazendas de Sua Alteza Real para poderem sustentar-se pelos referidos caminhos, e pagarem alguns salvos conductos dos Regulos por onde passassem, assim como tambem comprarem alguns escravos para lhes servir de companhia, e para no caso de algum delles adoecer os poderem levar ás costas.

EM NOME DE DEUS AMEN

Lembrança da partida do Muata-Yanvo para a terra do Cazembe Caquinhata, e do que passamos com os Quilolos, que no dito caminho se acham afim da mesma dependencia do Estado e Reino de Angola, e o mais que fui vendo nos ditos territorios até na mesma terra do Cazembe chegámos por mysterio da Virgem Nossa Senhora, e da custosa saída do mesmo Pumbo para a Villa de Tete a levarmos huma carta para o Ill.mo Sr. Governador da dita Villa, mandada por meu Senhor Tenente Coronel Francisco Honorato da Costa, Director da Terra de Mucary, e para levantarmos do mesmo Pumbo do Cazembe nos appareceu hum pombeiro do Sr. Capitão Mór Gonçalo Caetano Pereira de nome da terra Marungue com fazendas a comprar marfim, cabeças e pedras verdes, com o qual Marungue levantámos do sitio Cazembe onde estavamos empatados quatro annos tendo voltado do mesmo caminho para Tete duas vezes, e no anno de 1810 he que partimos para a villa de Tete.

(Annaes Maritimos, 3.ª serie, pag. 426.)

1810 Domingo 22 de maio do mesmo anno partimos da Mufumba do Muata Yanvo, e viemos para o sitio do Cacoata que nos levou de nome Cutaquacexe; e estivemos parados nesse mesmo sitio dezeseis dias causado de elle fazer seus ritos, e no dia terça feira sete de julho levantámos e viemos passando Quilolos e Povos do mesmo Muata Yanvo até a hum sitio do Quilolo de nome da terra Chamuginga Musenda, o qual rende a obediencia em duas partes do Muata Yanvo e Cazembe, por que quando despachou o antepassado Muata Yanvo e Cazembe para Conquistar as terras em que se acha dito Cazembe, deixou este Quilolo Chamuginga Mussenda ao pé do Rio Luburi para receber todos os que vem do Muata Yanvo, assim como do mesmo Cazembe em tirar toda a qualidade de mantimentos para soecorrer todos os que vem do Muata Yanvo e Cazembe a este sitio he o fim das terras do Muata Yanvo pela

banda de lá e passando dito Rio Luburi pela banda de lá são 1810
povos do Cazembe, que rendem a obediencia ao Quilolo do Cazembe Quibi, que estava na varja da salina chamada Quigila, que presentemente falleceu no mesmo sitio do Chamuginga Mussenda he aonde todos os viajantes compram mantimentos de farinha para hir comprar o Sal, e mucongos de pannos de palha, e algum quizo de fazenda e Cerames, e quando sahimos do tal sitio do Chamuginga Mussenda viemos subindo outros de descidas, e subidas vimos em cima de ditos oiteiros pedrinhas que parece verdade, e aonde cavam o cobre, e no meio desta mesma terra he que fazem as barras e ha dois patrões das Senzalas, o primeiro fica ao pé da estrada que passamos de nome da terra Muiro, e outro chamado Cambembe esses he que são os Mestres Ferreiros que mandam fazer as barras por seus filhos e macotas delles mesmos, e tributam ditas barras ao Quiburi, ou a seu herdeiro para esse Senhor da Salina as mandar ao Muata Yanvo, ou a quem o mesmo Muata Yanvo as mandar buscar, estes dois patrões eram seus proprios Senhores de suas terras e suas Minas, que deixaram seus antepassados e foram combatidos por Cazembe para elles hoje estarem na obediencia do Muata Yanvo e Cazembe, que os foi conquistando o fallecido Quilolo Senhor da Salina Quiburi he parente do Cazembe pela materna, que o tinha mandado vir Governar na Salina, e ter o cuidado de mandar Tributos de Sal, e fazendas do Muata Yanvo, e receber hospedes que do Muata Yanvo vem dirigidos ao mesmo Cazembe manda o mulambo por seu Cacoata para o Muata Yanvo vem ter com o mesmo Senhor da Salina para pôr em cima do mesmo Mulambo Mucongos de fazendas e missangas Sal, e mais outras cousas que elles compram com os negociadores do Sal, e entrega ao Cacoata para vir trazer ao Muata Yanvo.

A Salina quigila fica ao pé do Rio Lualaba pela banda de cá, e na banda de lá do dito Rio he aonde está estabelecido o Senhor da Salina, e na mesma terra não ha mantimentos de farinhas de mandioca, e a que apparece he comprada com os que vem do Muata Yanvo, e somente ha no dito Pumbo milho

1810 miudo e feijão grosso, milho grosso e Lucu que elles chamam Caixai, e esses mesmos mantimentos vem de sitios retirados, e para alcançar algum bocado milho ou qualquer mantimento he muito custoso e he necessario ter missanga de boa qualidade ou qualquer outra couza que elles estimam, não cultivam semente de farinha por regimento do costume da mesma terra os antepassados Senhores da mesma terra não trabalharem tal mantimento, e ficaram nesse costume geral no dito Pumbo não ha couza alguma que possam vestir, e vestem cascas de Mussamba entre homens e mulheres, compram o panno de palha com os já acima ditos a troco de sal, isto sendo no tempo que não ha chuvas, e em tempo de chuvas que não vem negociadores de Sal estão perplexos, e elles tambem já não tiram o Sal por se encher a mesma, varja de agua, para fazerem o dito Sal cortam a palha e a queimam, depois de queimada côam a cinza com agua e vão botando nas panellas pequenas que elles fazem e vão cozinhando e por mesmo Sal elles tiram suas riquezas pannos de fazenda de lã e fazenda da India, missanga e pannos de palha, assim como tambem os Ferreiros das barras farinha para comerem, e outros mantimentos que valha pois desde a terra dos Ferreiros, e da Salina até a outra banda do Rio Lualaba onde está o Senhor da Salina e mais Quilolos, que na estrada do Caminho para Cazembe estão não ha bastantes Mantimentos de segurança para os viajantes senão milho miudo, e assim mesmo custoso quando he tempo de culturas não tendo gente de sobreexcedente para carregar mantimentos que chegue até ao Rio Luabala de farinha e feijão e o mais necessario estão em risco de perder a vida com a fome.

Tendo passado o Rio Luarula na outra banda de lá chegámos em hum sitio da Irmã do Cazembe de nome Pemba, que nos recebeu com muita estimação dita Senhora, e com grande admiração de nos ver e da vontade do Muata Yanvo mandar Brancos, que elles chamam mugungos ter com seu Irmão Cazembe, o que nunca fizeram os antepassados Muata Yanvos, e que era grande fortuna do herdeiro do Cazembe seu Irmão, e que nunca tiveram noticia de ver Brancos que vem do

Muata Yanvo para a terra do Cazembe, e no dia quarta feira 1810
quinze de Dezembro nos mandou chamar, e nos deu noticia, que estando vivo o seu Pai Cazembe Hunga vinha grande numero de Brancos com muita fazenda na companhia do sr. Governador, e pedia ao Cazembe licença para o deixar passar para o Muata Yanvo, e do Muata Yanvo para a Feira de Cassange, e o Cazembe fallecido não lhe concedeu licença, e Deus foi servido morrer na mesma terra do Cazembe, e voltaram os Senhores moradores e Soldados, que na Companhia d'elle dito Governador vinham, e que estava com saude o mesmo Cazembe, e na mesma mussumba se achava hum Soldado com Cartas para hir para Angola; e logo mandou dar parte a seu Irmão Cazembe da nossa chegada, assim como ser sua obrigação de dar parte de qualquer viajante, que vai ter com Cazembe primeiramente antes daquelle viajante apparecer na presença delle dito Cazembe, e nos fez muito obsequio de darnos comer, e offerecemos á dita Senhora um copo azul retrocido, hum muzengo de almandrilha, dois beirames de missanga côr de chumbo, e estivemos ali parados cinco dias a esperarmos os portadores della, e no dia Sabbado 16 nos appareceu os portadores do Cazembe a virmos buscar, trazendo para nosso alimento uma cabra, cinco motetes de farinha, um motete de peixe fresco juntamente com huma preta com sua cria, e com recado do dito Cazembe, que estimava muito a nossa chegada, e que de signal de amor nos offerecia essa preta, e com alegria do seu Senhor Muata Yanvo mandar-lhe brancos de Mueneputo, que nunca vieram na sua terra, assim tambem ao Cacoata que nos trouxe lhe mandou dar de comer, e invernamos com os ditos portadores, hum dia, e no outro dia partimos com elles. Domingo 31 de Dezembro de 1806 chegámos na mussumba do Rio Cazembe ás seis horas da tarde, no qual dia não nos avistámos com elle, e sómente nos mandou agazalhar em Casa do seu Quiolo Quiota, e no dia segunda feira 1 de Janeiro de 1807 nos mandou chamar, e fomos e avistámonos com elle, e nada tratámos sobre da nossa pretensão, e só fallou o Guia que nos levou, que ahi lhe trago portadores do Mueneputo por ordem do seu Rey

1810 Muata Yanvo, e que vieram procurar hum branco Irmão do mesmo Muneputo, que dizem se achar em vossas terras e os trate bem sem malicia, e entregou dito Cacoata o presente que o Muata Yanvo mandou dar ao mesmo Cazembe; e nada mais fallou o Cacoata, respondeu o mesmo Cazembe que estimava muito o meu Senhor Muata Yanvo enviar-me portadores do Mueneputo, o que era grande fortuna sua, e retirámo-nos para nossas casas, depois da retirada nos mandou chamar em particularmente sem o Cacoata ouvir, e nos disse que elle estava já ha muito tempo percebendo da nossa pertensão, e que com mais vagar trataremos o desejo do seu amigo Muenemuto, e que para signal de nós chegarmos na terra delle Cazembe, que atirassemos os tiros que podessemos atirar, que para elle era huma alegria muito grande, e atirámos tres tiros, e elle tambem dentro de seus muros mandou atirar hum tiro, e no dia quarta feira, 3 do dito mez, mandou seus dois Quilolos de nomes da terra Quiota mutemba, e outro Quitambo Quiamaungo dizer-nos, que em particular tratassemos sobre o que nos trouxe, e entregassemos a sua offerta que seu amigo Mueneputo lhe mandava dar.

Entregámos a sua offerta, que consistia em dois quic.os de sarafina verde, e dois quic.os de sarafina amarella, dois ditos singelos de durante encarnado, dois espelhos pequenos de papel dourado, e huma arma portugueza, dois copos azues, o que entregamos aos portadores e fallamos que alli está o Saguate ou presente, que seu amigo Mueneputo lhe manda offerecer, e nos mandou ter com vós mesmo Rey Cazembe como sempre deseja cultivar com vós Rey Cazembe huma boa correspondencia reciprocamente util para proveito de vós mesmos de nos dar seus portadores, e Cacoata seguro para nos levar no Caminho para Senna, visto não se achar aqui o Irmão do seu amigo Mueneputo quer e deseja a boa amizade com vós Rey Cazembe aqui lhe trago a vossa Carta, que o mesmo Mueneputo lhe manda amigavelmente para a mandardes ler, e ouvir o que lhe manda rogar sobre da pretensão do Caminho para Senna, a qual Carta recebeu á vista de

seus povos, e guardou, e respondeu que elle sabia a honra 1810
de todos os homens brancos, e que com vagar mandaria ler dita Carta, e no dia quinta feira 4 do mesmo mez nos mandou chamar, e na sua porta da rua achámos hum Branco Soldado filho de Quilimane de nome Paulo de Santiago e Silva, e tres pretos dos Senhores moradores de Tete, e Senna a esperarmos para nos receberem por ordem do mesmo Cazembe, e quando nos viram nos receberam com muita alegria de apparecer gente de Angola, e para o fim da dependencia do serviço Real estava elle dito Soldado empatado dois annos a pedir o caminho para Angola, e nunca se lhe concedeu licença de passar para diante.

Respondeu o Cazembe, que estimava muito o saguate que que lhe mandava o seu amigo Mueneputo, e que ficava prompto para executar todas as vontades do seu amigo Mueneputo, e do quê elle deseja e que não só dar Guia, que senão elle mesmo pessoalmente nos levar até no Rio Aruangua por se acharem no caminho inimigos, e salteadores que costumam sequestrar os brancos de Tete e Senna, que a terra delle Cazembe querem vir communicar e fazer seus negocios, e que tambem ficava certificado serem todos os brancos filhos do Mueneputo porque nesta sua terra tinha vindo o proprio Governador de Senna, acompanhado do seu Regimento de Soldados e Officiaes e moradores de dita Villa de Tete, e pedindo a fallecido seu Pai Cazembe Hunga Anmomga licença para trespassar e ver no Muatayanvo a fim de ver se chegava a avançar a Angola, não quiz dito Cazembo Hunga conceder-lhe licença, e que elle filho herdeiro do dito Estado executara tudo que no possivel for, e quando vimos o elle estar prompto para nos dar o Caminho para Senna fomos saguatearmos mais para ficar mais contente dois copos azues, dois muz.os de coral moda de Pipa, dois muz.os de romalha branca, dois ditos de Bumbango, tres ditos de Queta Calongo, um quiz.o de sarafina preta, dois Espelhos pequenos de papel dourado, e fallámos com elle que o seu Amigo Mueneputo lhe tinha mandado saguatear com hum bom panno berne e boas pedras, porém o seu Rey Muatayanvo tudo tomou; respondeu

1810 que não importava, e que elle fazendo os desejos do Senhor comera a maior quantia.

No dia terça feira 20 de Abril levantámos para o Arraial de Guerras com o mesmo Cazembe para nos levar no Rio acima dito Arnangoa, por haver Caminho empatado sem estar aberto, que algum viajante passasse procedido dos seus costumes geraes entre todos os Regulos Gentios não deixarem passar viajante algum na sua povoação com fazendas a hir para outro pumbo, que senão o viajante estar no seu sitio para fazer com elle negocio, estando no Arraial de Guerra houve entre elles huma perturbação muito grande, de que vinha para tomar o Estado do Cazembe o seu Irmão mais velho de nome da terra Capaca, que o Pay fallecido Cazembe Hunga tinha deitado fóra para a terra chamada Cassange, e da traição que os povos do mesmo Cazembe, que presentemente Reina no Estado de Cazembe, e entrou a examinar quem era o auctor desta perturbação, e se desculparam huns com a Mãi, e a Mãi a desculpar-se com os Quilolos, e se mandou deitar da terra fóra para outras terras o seu Primo Quibanba Quilolo maior, e lhe mandou cortar as mãos e as orelhas, e outros Quilolos foram pagando fazendas e o mais que elle quiz lhes pedir, e voltou do Caminho para Senna e foi para a Terra chamada Tanga Guerrear, e nos deixou entregues a seu Ticara que ficava em seu logar e mais sua Irmã Cananga para nos tratar, e soccorrer-nos com todo o necessario que precisassemos.

Demorou-se na mesma Guerra dois mezes e meio e nos achou, e com elle fizemos mais outros dois mezes, e dizendo-lhe que como não ha caminho para Senna nos deixe voltar para o Muatayanvo nunca respondendo, e mandou ajuntar Guerra na outra banda do Rio Luapula, e quando hiamos tratar com elle sobre da nossa viagem para nos deixar vir para o Muatayanvo nos entra a enganar com dadivas de Garapas e Carnes, e em alguns dias nos não apparecia a fugir da nossa perseguição, e com aquillo estivemos parados sem dali nos podermos retirar para alguma das partes nem para Tete, e nem para o Muatayanvo, e quando elle via que o nosso

aperto era muito tirou para ser Cazembe do Caminho o seu 1810
Quilolo mais velho de todos de nome da terra Muenepanda, e com seu parente Soana Mulopo de nome Tambo feito nuariagita do mesmo Muenepanda, mais dois Quilolos seus Cunhados de nomes da terra Chabanza mutemba; e outro Quilembe e mais outros Quilolos para nos fazer passar para Tete com o qual munepanda levantámos, e com mais pessoas acima ditas, e com detenças no Caminho a fazerem seus Ditos e adivinhações sobre do mesmo Caminho se podiam avançar ou não, e chegando no sitio do Quilolo do mesmo Cazembe onde faziamos dois dias de invernada a esperarmos por dito Cazembe do Caminho Munepanda, nos vieram achar huns portadores de dois Apotentados Quiana e Quebue com hum boi a mandar voltar o Muenepanda com a sua Guerra a deixar vir o chabanza com Marfim, e o mais que levava para hirem comprar as fazendas do Cazembe em Tete, e que o Caminho estava bem aberto, e com todo este engano continuando a nossa viagem, e passando o Rio Lupulo tambem encontrámos com outros portadores a fazer voltar o muenepanda com dois Bois, e com as mesmas palavras falsas estar aberto o caminho de Senna, e que ninguem havia que o impedisse, e todas as vezes podem vir e hir continuando a sua viagem aonde desejam, recebidos os dois Bois dito Muenepanda logo no segundo dia, e no pouso em que estavamos chamado Quipuri mandou ajuntar todo o marfim, e apresentando os portadores do dito Quianna este revogou para diante dizendo, que o Caminho estava aberto, não executando as ordens do seu superior Cazembe de nos levar até ao Rio Arnangoa como lhe ordenava recebendo particularmente algumas offertas, que os mesmos Apotentados acima ditos lhe mandaram para não vir em Guerras nas terras dos sobreditos, e ficou dito Muenepanda no mesmo pouso Quipiri, e levantámos com chabanza mutemba, e com todo o marfim do mesmo Cazembe, Cabeças, pedras verdes, barras de Cobre, pelles de Onças; e chegámos ao sitio do mesmo Apotentado Quiana Catanba onde ficámos parados meio mez sem dali nos retirarmos, e elle dito Quianna a enganar-nos que esperassemos que a plaque as

1810 aguas nos Rios cheios para seguirmos a nossa viagem, o que era engano para esperarmos os seus parentes, que vinham para combatermos, e nos tirar tudo do Cazembe os quaes ladrões he que tem seus Irmãos, que o Cazembe matou nas Guerras quando tinha hido na Terra Tanga, e encontrou com esses taes Huzas a voltarem da Terra do Cassongo grande com seus marfins, com que hiam comprar fazendas, neste mesmo sitio do Potentado ficaram todas as cabeças e pedras verdes, que os mesmos do sitio escondiam quando elles nos viam querermos levantar a fugir deste mesmo sitio do Quiana por obra da Virgem Soberana termos tido aviso por outro Potentado de nome da terra Quirando, que mandou dizer ao Cazembe do Caminho chabanza, que elle Quirando era amigo do Rey Cazembe, e que o Quiana mandava vir Guerra da outra banda do Rio Hianbigi para vir matal-o, e que se retirasse desse sitio do Quiana, e dali nos retirámos com muitos prejuizos da perdição das Cabeças, e mais generos que o Cazembe tinha mandado para se lhe comprarem fazendas em Tete, e com ajuda de Nossa Senhora da Conceição ninguem morreu, e sómente bouveram furtos, e voltámos para a mussumba do Rey Cazembe segunda vez a marcharmos de dia e de noite para a dita Guerra nos não alcançar com tanto desgosto e prejuizos, e achámos o Quilolo Muenepanda bem socegado no seu sitio, e o Cazembe muito enfadado contra dito Muenepanda e mais Quilolo, e fazendo dias veiu por obra de misericordia apparecer-nos o pombeiro do Sr. Capitão Mór Gonçalo Caetano Pereira com fazendas a vir comprar marfim, Cabeças, mandado por dito Senhor, e com huma Carta para o Soldado Paulo Santiago arrecadar os pombeiros do mesmo Sr. Gonçalo Caetano, que alli estauam empatados por não haver passagem, com o qual pombeiro levantámos para a Villa de Tete com o Cacoata do Cazembe de nome da terra Catára mirimba, e mais pessoas com marfim, Cabeças, pedras verdes, e barras de Cobre para hir comprar fazendas, e nos entregar ao Sr. Governador.

O negocio da terra do Cazembe é marfim e escravos, pedras verdes, e barras de cobre, que vendem aos viajantes de Tete

e Senna, e pretos da nação Huizas que estão na Estrada do Caminho para Tete, esses Huizas he que são os primeiros viajantes que antigamente negociavam com Cazembe sem ainda em Cazembe ter apparecido pombeiro do Sr. Gonçalo Caetano, que elles chamam Mucazambo a qualquer pombeiro fiel que responde por tudo sendo elle Gonçalo Caetano o primeiro negociador, que descubriu a terra do Cazembe, e esses taes Huizas he que dantes hiam para Tete a comprarem a fazenda da India, e tangas que elles chamam maxilas, nome que tambem dão ás nossas Tipoias, e algum quiz.º de sarafina, boas chitas, e pratos para presente do mesmo Cazembe, e o mais que se appetece, algumas tangas são feitas pelos mesmos Huizas dão os Senhores viajantes de Tete e Senna por cada huma Cabeça, que compram na mesma terra do Cazembe neste tempo presente cinco lençoes sendo peça da India, e se he marfim seis ou sete lençoes, e mais titeias em cima em cada dente de marfim grande por os mesmos do Cazembe reconhecerem, que o marfim tem mais valor em Tete e não a Cabeça. Quando partimos nos entregou na presença dos seus Quilolos para o Senhor seu amigo dez Cabeças, huma pedra verde grande, e tirou dois covados de panno berne dizendo-nos que a pedra verde he o seu Nome Cazembe, e o panno berne he olheiro que nomeiam Calama juntamente com a sua Carta da resposta da que tinhamos trazido para elle mesmo Cazembe, e para nós seus portadores nos deu cinco Cabeças, quatro muleques, e huma preta para mim Pedro, e para o meu parceiro Anastacio outras cinco Cabeças, dois muleques e duas mulecas, e huma preta, e para comprarmos comida do seu sitio para o Muatayanvo nos deu seiscentos sambos, trezentos para mim, e outros trezentos para o Anastacio, e pedi-lhe se acaso havia xifres de Abada, logo os mandou buscar e mos entregou duas pontinhas de Abada, e nos quatro annos em que estavamos empatados alli do seu sitio trabalhando a nossa pretensão de nos deixar vir para o Muatayanvo, visto não haver Caminho para Senna, nos dava duas Cabeças uma para mim, e outra para o meu Companheiro para nos suspender termos paciencia, e com toda a diligencia possivel haver abrir-se o 1810

1810 Caminho dos Rios de Senna, que estava fechado havia tres, e elle dito Cazembe nos deixar fazer os gastos do seu amigo Mueneputo, assim como tambem executar as ordens do seu Rey Muatayanvo.

Na volta de Tete para Cazembe nos demorámos nove mezes por causa delle Cazembe ajuntar mulanbo por seus Quilolos a Mãi, Irmãs e Irmãos, e preparar o Cazembe do Caminho para levar dito mulambo, e traxer-nos na presença do Muatgyanvo, e não nos deixar logo dito Cazembe por sua ambição da fazenda voltar com algum retalho de fazenda para o Muatayanvo, e como assim o praticou sahirmos da terra delle tão perplexos não ter algum beirame de fazenda, e nem missanga e buzio para comprar mantimentos no Caminho com sambos, que elle nos deu e partimos com seu Cacoata de nome da terra Munhage no tempo de tanta falta de mantimentos, e com prejuizos de fugas e mortandades pelo Caminho causado das fomes e detenças que dito Cazembe fazia, e não tinhamos outro remedio nem o podiamos deixar, e adiantarmonos para Muatayanvo para o não desgostar, assim como tambem a recommendação do Sr. Governador dos Rios de Senna, se o Cazembe nos desse seu Embaixador para nos levar ao Muatayanvo, que o tratassemos bem com todo o amor com a paz e socego no caminho do serviço Geral, que estamos trabalhando porque poderá S. Ex.ª mandar alguem para aqui neste Tete com alguma Carta do Serviço Geral. Deseja dito Cazembe muita amizade com Senhor todos os mezes e annos mandar seus Cacoatas com Cabeças, e o mais necessario para Casa do Senhor a hir e vir a gente delle juntamente com nós, e que em dois annos que Deus for servido não mandar o contrario espera do Senhor mandar recompensar o seu trabalho, que elle fez de nos fazer chegar á Villa de Tette caminho que custou muito abrir e passar agora aberto está, e neste tempo presente não despachou seu Cacoata, por que espera do Senhor mandar seus portadores, e ter com elle para em tão vir o seu Cacoata delle Cazembe com nossa Companhia para o Senhor, o Rey Cazembe tem Bules de Chá, Chicaras, Tijellas, Garrafões, Colheres e Garfos de prata, e pratos de loiça

de Lisboa, Chapéos finos, fivellas de sapatos, dinheiro de oiro 1810
em doblas inteiras, e meias doblas, muita cortezia de Christandade tirar Chapéo dar bons dias e boas noites, e boas tardes, tem todos os trastes de homem branco, que ali ficaram do fallecido Sr. Governador Lacerda, e de outros mais brancos moradores da mesma villa, que na Companhia do Sr. Governador vinham, por não terem gente de poder transportar os trastes para Tete dos referidos moradores, pela fugida dito da gente do Sr. Governador com a perturbação do fallecimento do mesmo Senhor, que alli veiu com seus 1:000 cruzados em fazendas da Real Corôa, para abertura do Caminho para Angola alem do da sua Conta, e do da Conta dos Senhores de Tete e mais Povoações, e ainda hoje se lembram de terem para isto supprido com quanto tinham em suas casas por falta de quem conduzisse de Cazembe para os Rios de Senna muitos trastes os venderam aquelles mesmos Senhores moradores, e sómente quem não teve prejuizo foi o Sr. Gonçalo Caetano Pereira, que tinha sua gente com seu filho Sr. Alferes de Milicia Manoel Caetano Pereira tambem fez transportar alguns trastes e a Cadeirinha do Sr. Governador.

Dito Cazembe he Poderoso na sua Côrte, he Senhor de muita gente, o seu sitio he hum pouco menor ao do Seu Rey Muatayanuo, suas ordens são rijas e he temido de todos os Potentados grandes, que tambem são Senhores de suas terras, e esses o têem combatido e estão no seu dominio fóra outros Potentados Salteadores, que ficam na outra banda dos dois Rios Hianbege e Arnangoa no Caminho para Tete, que ainda não tem lá hido, porém anda com esses intentos de hir combatelos, e principalmente quando na sua Côrte não apparecem viajantes para fazer com elles negocio manda ajuntar Cabeças, e marfim com seus Embaixadores a hirem tomar noticia dos taes Potentados, que no Caminho se acham e impidam a vinda aos negociantes de Tete para a sua Terra, e quem for o Potentado que não deixar passar os viajantes para a Terra delle logo cuida em preparar Guerra para vir nestes Pumbos, e entram os ditos Potentados a mandar tributos de Gado ao mesmo Cazembe debaixo de engano que somos seus

1810 vassallos, e alguns Potentados pequenos entram a fugir para outras terras longe.

A terra do Cazembe he baixa e muito fria, e de molestias de dor de olhos, todos os mezes e annos tem mantimentos de farinha, milho miudo, milho grosso, feijão grosso, feijão fradinho, feijão redondo chamado misso a Cabandi, Massango que elles chamam inpondo e Caxai chamado Lucu, fructas Bananas, Cannas, batatas, Inhames abobras, amendois e muito peixe nos Rios Luapula e Mouva que ao pé delle está, tem suas tres Salinas, Sal de Cabombo, Sal de Muagi, Sal de Carucuige, alem da Salina Quigila que está para cá do Muatayanvo, viveres, Bois que vem tributar os acima ditos, e alguns Bois manda elle comprar com os Huizas por Cabeças, Gado miudo, Cabras, e não tem ovelhas nem porcos, e tem no tempo presente porcos vindos da terra chamada Tanga, e tambem pediu porcos á Ill.ma Sr.a D. Francisca, e ao Sr. Capitão Mór Gonçalo Caetano, que lhos mandaram na nossa Companhia na volta da Ville de Tete. O Cazembe era escravo do filho do Muatayanvo de nome da terra Mutanda, que antigamente estava Senhor da Salina, a Governar por ordem do Muatayanvo Muncanza que lhe tinha dado o Governo, e era este Mutanda Senhor da Nação Acosa, que estava denominando, e depois partiu este dito Mutanda para as Guerras e deixou para fazer suas vezes em seu logar o seu Quilolo Escravo Quinhata para mandar tributos de Sal, e o mais necessario a seu Pai Muatayanvo comprado com o Sal, e entrou este dito Quinhata a mandar mulambo mais avultado, muconzos e beirames, missangas, panellas de Sal grandes, e mais outras cousas de muita estimação do Muatayanvo, o que não fazia o filho Mutanda das Guerras, ajuntou as Cabeças que trouxe das mesmas Guerras, e mais outras couzas de grandeza delles, e mandou tambem preparar o Sal para pôr em cima das Cabeças, e ajuntou o mulambo e o levaram a seu Pai Muatayanvo a mandar participar-lhe as noticias de suas Guerras a que foi, e que elle Mutanda não podia hir agora aos pés do seu Pai a render a obediencia por que se achava doente dos pés, chegando os portadores do referido filho Mutanda e entregando

o mulambo entrou seu Pai Muatayanvo Muncanza a repugnar 1810
o mulambo dizendo, que lhe mandava seu Escravo Quinhata era mais avultado e não do meu filho Mutanda, que me não tem amor e obediencia, e voltaram os portadores do Mutanda com o Mulamba ficou o Mutanda desgostoso do Pai voltar-lhe o mulambo, e acceitar os dizeres do seu Escravo Quinhata logo mandou prender o Quinhata, e o deitaram no Rio Mucuregi, e voltaram os portadores do Muatayanvo, e deram parte que o seu filho Mutanda mandou matar o Quinhata por causa delle mandar bom mulambo a vós Muatayanvo, logo sem demora o Muatayanvo mandou deitar fóra o filho do governo da Salina, e entregou o filho deste fallecido Quinhata de nome da terra Ganga Abilonda, e lhe deu o barro branco faca Escudo Zagaias e mais companheiros Quilolos para estar no seu dominio, e lhe ordenou que fosse Governar a Salina e conquistar todas as terras que podesse combater, e quando chegasse em alguma terra que achasse couzas boas ali mesmo parasse para a pouco e pouco a hires Conquistando, e ficou na terra Quixinga em que presente Reina mandando tributos a seus Senhores Muatayanvos por seus Embaixadores delle Cazembe com outros Cacoatas do Muatayanvo, que de lá vão buscar Cabeças, fazendas sambos Dolos que chamam pande, o que he hum marisco grande e red.º Saracas pannos de chitas, pratós pequenos e grandes buzios, alguma bacia de arame, zuartes, Borralhos, ha annos que elle Cazembe não vae para a presença do Muatayanvo por ordem do mesmo Muatayanvo, quando vieram os seus antepassados Cazembes a Conquistar as terras em que Reina para dali senão retirar por causa dos damnos das mesmas terras não tornarem a levantar Armas e matar os filhos e parentes do Cazembe, que ficassem em seu logar quando elle fosse ter com Muatayanvo, e ficou isto neste costume Geral nunca o Cazembe vir mais para Amussamba do Montayanvo, e sómente mandar-lhe Embaixadores com Mulambo, e tem ficado outros Cacoatas sem quererem tornar para o Muatayanvo, e esses ficam debaixo do dominio delle Cazembe, e se o Muatayanvo os procura elle Cazembe os rime mandando Cabeças em logar delles. Todas

1810 as Cabeças que trouxemos morreram á fome, e alguns fugidos estando no mesmo Pumbo do Cazembe por falta de prisões, que não tinhamos para os segurar, e estando-mos pela banda de cá do Rio Luburi com molestias da gente e mortandades pelo Caminho desde a Salina Quigila até ao referido Rio Luburi, e no dia quarta feira 11 de Fevereiro tivemos hum estrondo muito grande, e estivemos toda a noite com vigias por querer o Potentado Muene Samba Guerrear ao Cazembe do Caminho, e matar tambem a nós viajantes que com elle se achavam em sua companhia, porque o Muatayanvo lhe matara os portadores dos seus amigos Quinhama e Muchima, e lhe traziam fazendas para elle Muatayanvo digo Muene Samba, e com ajuda de Maria Santissima dali partimos sem nos succeder prejuizo por sua Divina Misericordia, e com estes prejuizos estivemos nesse Rio Luburi dois mezes a engordar a gente, que vinha magra e doente das fomes não podendo dar passo para andar assim como tambem nos mesmos. Não vimos mais nada no dito Territorio do Cazembe que me esquecesse apontar, e nem pelo Caminho haver outra noticia, ou perturbação que eu faltasse a escrever ainda mesmo estando doente hia fazendo os meus apontamentos. — Pedro João Batista.

EM NOME DE DEUS AMEN

Do que tratamos com o Illmo Sr. Governador da Costa Oriental da Africa dos Rios de Sena sobre da nossa chegada a dependencia do Estado e Reino de Angola, e da entrega da carta ao mesmo Sr. Governador mandada por meu Senhor Tenente Coronel Francisco Honorato da Costa, e Director da Feira de Mucari, e o mais que na dita Villa corre, e o negocio das fazendas, e as conquistas que são sujeitas ou subordinadas da mesma Villa, e o que fui reconhecendo no dito territorio, e as pessoas que nella assistem.

(Annaes Maritimos, 3.ª serie, pag. 493.)

Sabbado, 2 de fevereiro de 1811 chegámos na Villa de Tete ás quatro horas da tarde, e na companhia do Sr. Capitão Mór Gonçalo Caetano Pereira, para nos entregar na presença do Sr. Governador, e no mesmo dia que chegámos nos não avistámos com elle, e nos mandou o mesmo Sr. Gonçalo Caetano em huma caza de hum morador filho da terra que estava fóra da Villa, e elle dito Gonçalo Caetano em caza do seu Genro José Sebastião de Athaide, e tendo pernoitado no Caminho dois dias de partirmos do sitio do mesmo Sr. Gonçalo Caetano, e no dia domingo 3 nos mandou chamar o Sr. Governador por hum Soldado e fomos juntamente com o mesmo Gonçalo Caetano, e entreguei a Carta ao mesmo Sr. Governador, a qual não abriu na nossa presença, e nos disse que estava muito bom estar aberto o Caminho da Costa Occidental da Africa em Angola para os Rios de Senna por terra, e deu o recado o Embaixador do Cazembe, que com elle fomos chamado Catara Mirimba, que ahi lhe trago a V. S.ª esses portadores, que de Angola vieram a entregar o dito Embaixador o presente que o Cazembe mandava ao Sr. Governador, que consistia em dois dentes de marfim, e uma pedra grande verde, que não en- 1811

1811 tregou, e perguntando-me pelas derrotas da feira de Cassange para Muathahianvo, e de Muatianvo para o Rey Cazembe, e de Cazembe para a Villa de Tete as quaes derrotas logo pedi papel e me deu, e as trasladei com toda a declaração do que tratámos com Muatahianvo sobre da mesma dependencia nos deixar passar para diante, e nos dar o Guia que nos veio trazer em Cazembe, e os presentes que com o dito Muatahianvo fizemos; assim como tambem com seus Povos Potentados, que no Caminho se acham até ao Rey Cazembe, e da mesma fórma com Cazembe, e a tanta demora de voltarmos no Caminho duas vezes causado estarem os Potentados Huizas levantados contra o Cazembe, causado delle dito Cazembe ter matado seus filhos nas Guerras na volta do Caminho de Senna, depois de termos descançado vinte dias, e ficando por trasladar a derrota de Cassange para o Muatahianvo, por elle não me dar mais papel dizendo, que bastavam as noticias que eu lhe participava vocalmente de Cassange, ficava sciente de tudo, e que precisava sómente as duas derrotas do Muatahianvo para Cazembe, e do Cazembe para os Rios de Senna, e da entrega da Carta nos disse tambem que de nenhuma fórma nos póde supprir com todo o necessario para o nosso transporte para Angola, por que não póde fazer nada sem licença do Ex.mo Sr. General de Moçambique, e que o melhor era elle Sr. Governador nos despachar para Moçambique, ter com o Sr. General, para elle dar parte ao Rio de Janeiro ao nosso Senhor Principe Regente, para o dito General nos despachar com todos os preparos para meu transporte, porque quando desembolsou o antepassado Governador Antonio Norberto Barbosa de Villa de Boas provam com algumas pessoas do trabalho geral lhe foi pagar a Fazenda, que elle tirára da Feitoria de S. Ex.a em Moçambique, condemnando-o de distribuir fazendas geraes, de toda a fórma nada posso fazer sem licença de Moçambique, por causa do grande estrondo que tem havido de sahir fóra da Côrte do Nosso Senhor Principe Regente de escapar de ser apanhado por grande Bonaparte, esse he a Ruina e perturbação de estarem os Rios de Senna sem providencia, e nada poder

fazer, e não se saber quem virá neste Governo dos Rios de Senna se será Portuguezes, ou Inglezes, e por esta consternação lhe privava Senhorear nas couzas da Real Fazenda, e só sim o Governador José Francisco de Araujo Lacerda, fallecido em Cazembe, a quem Sua Alteza Real tinha encarregado essa dependencia da abertura da Costa Occidental da Africa em Angola por terra tinha ordens Regias, e teve todo provimento e não chegou a avançar a Angola, e Deus foi servido leval-o para si, e morreu no dito territorio do Cazembe, e em Goa estão já dois Governadores hum Inglez e outro Portuguez, e por noticias dos negociadores que de Moçambique vem para os Rios de Senna com fazendas a comprarem dinheiro, nome que dão a oiro em pó, e marfim virem tambem ditos ingleses tomar os Rios de Senna, e estarem dois Governadores o que valha a verdade delles. 1811

Alem dessa declaração que o Sr. Governador nos fez tambem nos perguntou se vestiamos fardas e mandando-me sentar na cadeira, e dizendo que o que fizemos não ha ninguem que póde atrever a fazel-o atravessar as terras da Costa Occidental da Africa, em Angola para a Costa Oriental dos Rios de Senna por terra, e sempre Sua Alteza Real a procurar quem podesse conseguir esta diligencia sem ter havido successo de se atreverem a fazer esta grave diligencia, e se perderam 6:000 cruzados que levava o Governador Lacerda sobre a mesma dependencia, respondi que não posso sentar-me na presença de V. S.ª, e póde ver na carta que trouxemos o que somos nos fallou o mesmo Sr. Governador que nós executámos a dependencia como os proprios Senhores executam as ordens de Sua Alteza Real, e muito mais sermos escravos termos toda a paciencia e lisura de executar a palavra e recommendação de seu Senhor merecemos sermos premiados da remuneração de tanto trabalho, que fizemos do S. R., e como em Angola he Governo sobre si, e tem os poderes serão soccorridos, e o mesmo seu Senhor Francisco Honorato da Costa Capitão desta diligencia não deixará de lhes reconhecer de executar, o que elle mandava de serviço Real, e

1811 tratando isto tudo na sua Residencia Publica, e na presença de dois Officiaes de Banda, e seu Ajudante Rodrigo José de Aboim, e Capitão de Milicia Camello José de Lemos, Gonçalo Caetano Pereira, José Sebastião de Athaide Escrivão do Judicial, e mais outros dois homens de que ignoro os nomes. Respondemos que não podemos hir para Moçambique por em Cazembe estar á espera de nós hum Guia, que nos dava o Rey Muatabianvo, assim como tambem estarmos fóra da patria perto de dez annos, que andámos nessa demora, e não sabemos se quem nos mandava he vivo ou morto.

Respondeu o Sr. Governador que não importava, porém que faria impossiveis de despezas para o nosso transporte para Angola, e por essa mesma circumstancia poderia por obrigação de Sua Alteza Real mandou-me com Soldado para casa do Illmo sr. Joaquim Correia Craveiro Sabarreiros para me sustentar e vestir, e mandou tambem o meu companheiro Anastacio Francisco com hum Soldado em casa da Illma Sr.ª D. Francisca Josepha de Moura e Menezes para o tratar no sustento e vestir; trataram-nos com toda a lisura do sustento dando-nos em dez ou doze dias um alqueire de milho miudo para sustento dos muleques, e pretas e o comer já feito, e para o nosso Jantar tanto na casa que eu estive, e muito mais na em que estava o companheiro Anastacio, dito Craveiro deu-me que vestir hum fraque de fustão branco e hum roupão de sarafina azul ferrete, com seus botões de Tambaque, dois pratos de loiça de Lisboa, um par de botas, e estando nas cazas dos referidos nos mandou chamar o Sr. Governador e nos deu huma peça de Zuzarte para fazermos Calças, e Cutoes, e o Cazembe do Caminho deu-lhes fazendas, e missangas finas para comprarem mantimentos no sitio do Sr. Gonçalo Caetano, e dita fazenda e missanga entregou ao mesmo Gonçalo Caetano em casa do seu genro José Sebastião de Athaide mandado por Sr. Governador com Sargento da Guarnição Luiz José Ferreira Lima para as entregar ao Cazembe do Caminho e comprarem o que elles quizerem, a qual fazenda não entregou o Sr. Gonçalo Caetano ao referido Cazembe do Caminho sómente os foi sustentando com man-

timentos dos seus Arimos. Depois de ter dado todas estas ordens, tambem fez huma relação de fazendas com os nomes dos Senhores moradores, e moradoras da mesma Villa, para que fizessem por obrigação de Sua Alteza Real cada hum dos Senhores e Senhoras dar quinze ou vinte pannos, e elle Sr. Governador da sua parte deu cento e trinta pannos para o nosso transporte para Angola, e trazermos com todo o cuidado as cartas do Ill.mo e Ex.mo Sr. General de Angola, assim como ao Sr. Director Francisco Honorato da Costa, e nas mesmas ordens, nos prometteu sómente dar-nos seiscentos pannos, a que respondemos que querendo V. S.a compadecer a despachar-nos para Angola, nos não chegavam os seiscentos pannos de fazenda deste Paiz, para uma viagem tão extensa com dadivas aos Potentados que no Caminho se acham, e as despezas de comprarmos mantimentos para o nosso sustento da Villa de Tete para Cazembe, e de Cazembe para o Muatahianvo, que elles nomeiam Muropue, e do Muatahianvo para Feira de Mucary; entrou a enfadar comnosco dizendo, que quando viemos de Cassange nada tinhamos trazido de fazenda para abertura do Caminho dos Rios de Senna, a que respondemos que o Sr. Tenente Coronel Francisco Honorato da Costa nos tinha despachado com tres contos de fazenda de lã de boa qualidade, fóra missanga de canudo, e pedras de varias qualidades; pannos Bernes, e Droguetes Castores Carmizins para contentamento dos Potentados Senhores de suas Terras para nos deixar passar, e dando nos esta declaração nos respondeu, que não façamos comparação com as fazendas que da Costa Occidental em Angola vem; e nos despachou sómente com quatrocentos sessenta e oito pannos, que elles chamam Xoabos fazenda da India bem avariada dado por ditos Senhores, e Senhoras, contra suas vontades, e dizendo ditos moradores que não tinham obrigação alguma de despenderem havendo fazendas de El-Rey na Feitoria, e entregando-se nós dita fazenda já enfardada em dois fardinhos que elles nomeiam Mutores, as quaes fazendas não presenceámos, e nem tão pouco termos relação dellas de reconhecermos o que recebiamos, e sómente se abriram ditas 1814

1811 fazendas na casa do Sr. Gonçalo Caetano por recommendação da Carta, que em nossa companhia vinha do Sr. Governador por hum soldado Domingos Sampaio, para que quando Sr. Gonçalo Caetano tomasse conta das ditas fazendas e dellas fazer entrega na partida, e com isto nos despachou indifferentemente faltos do que nos era mais preciso para o dito Caminho, não nos dando fazenda de estimação para os dois Potentados Cazembe e Muatahianvo, os quaes he que fizeram toda a força nesta dependencia para nós atravessarmos, e nem nos soccorreu com alguma Arma, e polvora para nossa defensa, e só com quatrocentos sessenta e oito pannos, e dez massos de missanga fina branca, azul, e preta comprada com as mesmas fazendas, e quatro saccos de Sal.

Com ajuda de Deus assim mesmo sem Armas, e Polvora partimos da Villa de Tete sexta feira 10 de Maio de 1811, sem tratarmos de mais nada sobre a mesma dependencia, reconhecendo o Estado em que se achava a mesma Villa, e não só a perturbação do Bonaparte, que se não tambem a desunião que na dita Villa ha de huns com os outros, e até com o mesmo Sr. Governador della levantarem-lhe falso testemunho, e se tem provado serem cauza de mortes de dois Governadores, o Illmo Sr. Governador Francisco de Araujo e Lacerda, que Deus foi servido levar para si em Cazembe, que vinha para a mesma dependencia da Abertura do Caminho de Tete para Angola; e morreu outro Sr. Governador Antonio Norberto Barbosa de Villas Boas Provão, que os ditos Senhores moradores e Officiaes e Soldados deixaram em hum dasamparo nas Guerras, e nas terras chamadas Caririra de hum Potentado Imperador de nome da terra Moanna Mutapa Amutua, que está a perseguir ao Governador da mesma Villa, e tem mais outro mais perto chamado Principe da terra de Tete de nome da terra changára, que está tambem a perseguir ao Sr. Governador, para que lhe renda vassallagem, de mandar a elle tributos como Senhor de suas terras todos os mezes.

As conquistas do Governo de Tete são quatro, Senna, Quilhimane, Zumbo e Marissa, e a terra Maravez na outra banda

do Rio Zambeze, em que assiste gente, em que estão Arimos dos Senhores moradores e moradoras da Villa, e ha outra terra ao poente do Rio Zambeze chamada Sofalla Territorio do Muana Mutapa, que está debaixo do Governo de Moçambique. 1811

O Negocio da Villa de Tete he marfim, oiro em pó chamado dinheiro, que vem comprar os Senhores Negociantes de Moçambique e Senna, e Quilhimane com fazendas da India, e não corre lá muito negocio de Cabeças, por não terem bom preço que faça conta ao vendedor, e que em outros tempos atrazados tinham outro valor e não no tempo presente, e dão por hum muleque de seis palmos ou mulecote huma peça de Zuarte de 8 braças, regulado por doze ou quatorze pannos, e huma peça de Samater branco de oito pannos a fazerem o numero de vinte e dois pannos que elles chamam corja, que dão por huma Cabeça, e sempre procuram os negociantes de Moçambique e Senna Quilhimane a gente que vem de Cazembe, por não fugirem tanto como a do Paiz das Conquistas de Tete.

A Villa de Tete he de pedras, e com as mesmas pedras da terra he que fabricam cazas barriadas de pedras e barro de hum andar, e algumas terreas cobertas de palha, e se acham sómente quatro casas de telha de D. Francisca intitulada Quibonda, Dona Paula Mascarenhas, Dona Philippa Antonia Irmã da Quibonda, e a Casa do Senhor Craveiro, e se tira das Ruas da mesma Villa Sal em tempo de Cassibo, e até onde existe a Fortaleza dos Soldados e Casa do Sr. Governador, e de todos os Senhores moradores e moradoras, e na outra banda de lá do Rio Zambeze he aonde estão os Arimos dos mesmos Senhores, e Senhoras de mantimentos de trigo, cevada, arroz, e até maçãs e marmellos, e milho miudo chamado maça Ambála, e milho grosso chamado mossa aquindelle, fructas de varias qualidades e canas de que fazem assucar, e gerebita, a terra he muito quente e de febres e de sezões.

Todos pela maior parte têem suas minas onde tiram o oiro em pó chamado dinheiro, e tambem ao pé dos Rios pequenos, que mandam procurar por sua gente na mesma banda

1814 de cá do Rio Zambeze, e todos os dias estão a hir e vir gente de cada um daquelles moradores e moradoras, a trazerem milho e trigo para fazerem o pão e o mais necessario e lenha, e o mesmo Rio Zambeze terá pouco mais ou menos 400 braças de largura, he caminho para Senna e Quilhimane descendo com o mesmo Rio abaixo.

No dito Pumbo não ha bastantes brancos Portuguezes, e se acham sómente o Ill.mo Sr. Joaquim Correia Craveiro Sabarreiros, Tenente Coronel de Milicias, o Sr. Dr. Phisico mór Mathias José Rebello filho de Loanda, Alexandre de Araujo Laceria Coutinho Pereira, Major da Praça, Leandro José de Aragão, Alferes da Guarnição, Miguel Joaquim, Alferes de Milicias, Joaquim da Costa, João da Guarda, Tenente de Milicias, Manoel Antonio, Capitão de Milicias, Vicente Antonio de Quadros, o chamado Antonio Virgolino de tal, Alferes da Guarnição, Caetano Benedicto Lobo, Tenente de Milicias, Camillo José de Lemos, Capitão de Milicias, Rodrigo José de Aboim, Ajudante e Capitão de Milicias, Christovão Franco, Capitão mór da terra Mixonga, Luiz José Ferreira Lima, Sargento da Guarnição, José Dias, Furriel da Guarnição.

Os Filhos da mesma Villa João Vicente da Cruz, Tenente da Guarnição, Ignacio Gomes dos Santos, Major de Milicias, Manoel José Cardoso, Capitão mór das Terras, Luiz Nunes, Capitão de Milicias, João Cardoso, Alferes da Guarnição, Miguel da Costa e Santa Maria, José Dias de Sousa, Dionizio Xavier da Costa, Alferes de Milicias, José Vicente de Aquino.

Senhoras do mesmo Paiz a Ill.ma Sr.a D. Francisca Josepha de Moura e Menezes, que tinha casado com dois Governadores da mesma Villa de Tete, Ill.ma Sr.a D. Paula Mascarenhas, D. Filippa Antonia de Moura e Menezes, D. Leonarda Octavianna dos Reis Moreira, D. Thomazia Rita de Moura e Menezes, D. Izabel Pereira de Araujo, D. Anna Sebastião de Sousa Bragança, D. Anna de Mello Botelho, D. Isabel Anna de Sousa Bragança, D. Rita de Araujo Lacerda, D. Maria da Costa, D. Anna da Costa.

Alem destas tem outra Nação chamada dos Canaris o Ill.mo José Pedro Diniz, Coronel de Milicias, Gonçalo Caetano

Pereira, José Sebastião de Athaide, Escrivão do Judicial, João Caetano de Andrade Soccorro, Tenente Coronel de Milicias, Domingos Antonio Salvador Collaço, Feitor da fazenda Real, João Salvador Collaço, e mais outras Pessoas de que ignoro os nomes, e ha outros tres brancos chamados Gentios que não professam a Lei Catholica e vestem roupa branca sempre todos os dias, e trazem na cabeça uma Trunfa encarnada, que não tiram da cabeça para fazerem alguma cortezia costumada, hum de nome Tacraus Narus Alfaete, o segundo Ferreiro e o terceiro Carpinteiro. 1811

No dia sabbado 24 de Maio de 1811 nos mandou o Sr. Ajudante Rodrigo José de Aboim para presenciarmos a fazenda que davam os Senhores moradores e moradoras debaixo de engano para fazer suas ladroeiras, e dizendo-nos Sr. Rodrigo juntamente com Luiz José Ferreira Lima, que ha de trocar por Zuarte algumas peças de Botira branco que estava mais vistoso, que o Sr. Craveiro, e a D. Francisca Quibonda, e D. Paula Mascarenhas deram que elles careciam respondemos, que recebendo dita fazenda na mão do Sr. Governador não teria duvida tomar duas peças sómente, porque esses mesmos pannos brancos nos servia de utilidade para dar o presente ao Cazembe, visto não nos dar o Sr. Governador algum panno de estimação para o dito Cazembe, que nos fez chegar aqui na Villa, com seu Cacuata para ficar contente e nos largar para Angola, responderam os ditos Senhores que sim.

E no dia segunda feira 25 do dito mez veiu um soldado a chamar-nos por ordem do dito Sr. Governador para hirmos ver a fazenda, e fomos com o meu Companheiro Anastacio, e o achámos no quarto do dito Rodrigo o Camillo José de Lemos, e Luiz José Ferreira Lima, e reparando na dita fazenda sem bolirmos nella achámos faltar ás peças que ahi estavam junto com a mais fazenda por duas peças logo o Luiz sahindo para fóra e dali entrou, perguntámos o tal Sr. Rodrigo com descomposturas comnosco, e dizendo que se tinhamos confiança examinar-lhe nos mandava comprar onde está o Sr. Honorato, e pegando-me a querer-me deitar pela ja-

1811 nella abaixo, e como não podia levantar-me entrou a dar-me pontapés, e com algazarra muito grande, e por ultimo nos deu a razão o Sr. Camillo dizendo-lhe que era muito culpado trocar as fazendas para o serviço Real, e accommodou-nos porque eu queria participar isto ao Sr. Governador, porque se achava de cama doente, e o companheiro Luiz com muito sento como era, que andava com o papel da relação em Casa dos moradores e moradoras, e serem ambos a origem desta troca a qual troca todos os Senhores e Senhoras acharam ter sido muito mau procedimento.

Nada mais tratámos, e nem vimos outra couza no dito Territorio de Tete, que me esquecesse a escrever só sim na minha ausencia o faltar de cumprir as ordens do meu Senhor Tenente Coronel Francisco Honorato da Costa sobre esta mesma dependencia do Estado, e Reino de Angola da abertura do Caminho para os Rios de Senna, e Deus Louvado para sempre partimos da dita Villa sem perturbação, que de nós procedesse de alguns furtos e mais outros crimes, que valha que se não paz e socego.— Pedro João Baptista. — (Assignado) Antonio Nogueira da Rocha.

Declaração de Francisco Honorato da Costa a favor dos seus Pombeiros, que executarem a viagem

(Annaes Maritimos, 3.ª serie, pag. 502.)

1814 Outubro 27 O Governador de Angola remette os officios do Governador dos Rios de Senna; vindos por terra em consequencia da descoberta da communicação das duas Costas Oriental e Occidental da Africa, feita pelos Pombeiros do Tenente Coronel Director da Feira de Mucary Francisco Honorato da Costa, a cujas diligencias e fadigas se deve o bom exito desta importante e desejada descoberta.

Aquelle Tenente Coronel requer a justa recompensa dos seus serviços, e da despeza que fez toda á sua custa com esta expedição, e da perda de escravos que sacrificou; cedendo

de todo o dominio nos existentes, para receberem de Sua Alteza Real as Mercês de que se fizerem dignos. Deseja igualmente poder remunerar aos Potentados Gentios, que o ajudaram. 1814 Outubro 27

A Pedro João Baptista encarrego de no Rio de Janeiro procurar ao Ill.mo Sr. Thesoureiro mór do Real Erario, Francisco Bento Maria Targini, e de certificar ao mesmo Senhor dos meus respeitos, e de pedir-lhe de da mesma parte interceder e encaminhar a interceder-se ao Principe Regente Nosso Senhor, á Rainha Nossa Senhora e ás mais Reaes Pessoas, e aos seus sabios e illustrados Ministros, para se conseguir a justa e devida remuneração do meu grande serviço, feito todo á minha custa, sem supprimento de pessoa alguma, nem de hum só real da Fazenda Real; antes com conhecida opposição dos que tem governado Ambaca, indignos do nome de vassallos Portuguezes; quando sem fructo tem a Fazenda Real perdido quanto tem dispendido, e gente com os que havia encarregado desta diligencia.

E como assim que nada conseguiram; se com os que vinham de Senna e Moçambique chegassem a Angola; nenhuma pessoa por mais pequena que fosse deixaria de ter alguma recompensa, da mesma sorte alem da minha particular recompensa que devo esperar, a devo tambem procurar dos meus escravos, que empreguei, de que alguns morreram, outros desertaram, e outros me ficaram acompanhando e assistindo em muitas molestias de que me tem custado a escapar, e que com o cuidado da applicação de remedios, e trato por elles applicado por mercê de Deus existo para remunerar aos existentes, e aos Potentados Gentios que me ajudaram, e poder com o incentivo da recompensa concorrer com igual zelo ao mais que convier do Real serviço; e cedo de todo o dominio nos existentes para lhe poderem recahir quaesquer graças, honras e mercês de que se fizerem dignos, e a Real Grandeza houver por bem conferir-lhes.

Feira de Mucary, Comarca do Reino de Angola, 27 de Outubro de 1814.—Francisco Honorato da Costa.

Decreto conferindo ao Tenente Coronel Francisco Honorato da Costa a graduação de Brigadeiro de Milicias

(Annaes Maritimos, 3.ª serie, pag. 505.)

1815 Maio 13 Querendo dar uma demonstração do muito que se fez digno da minha Rea lattenção o serviço, que acaba de prestar o Tenente Coronel Francisco Honorato da Costa, Director da Feira de Mucary, no Sertão do Reino de Angola, conseguindo á custa de sua propria fazenda e incansaveis diligencias, descobrir a correspondencia entre as duas Costas Occidental e Oriental da Africa: Hei por bem conferir-lhe a graduação de Brigadeiro de Milicias, para continuar ali nas mesmas importantes incumbencias de que se acha encarregado. O Conselho Supremo Militar o tenha assim entendido, e lhe faça expedir os despachos necessarios. Palacio do Rio de Janeiro, em 13 de Maio de 1815.— Com a Rubrica do Principe Regente.

Decreto conferindo o posto de Capitão da Companhia de Pedestres a Pedro João Baptista

(Annaes Maritimos, 3.ª serie, pag. 508.)

1815 Agosto 28 Havendo por Carta Regia da data de hoje mandado levantar uma companhia de Pedestres, para ser empregada na correspondencia que acaba de descobrir-se entre as duas Costas Occidental e Oriental da Africa: sou servido conferir o posto de Capitão desta companhia a Pedro João Baptista, que foi já empregado na primeira exploração: e attendendo ao serviço que nella prestou, hei outro sim por bem conceder-lhe no exercicio daquelle posto o soldo de 10$000 réis mensaes. O Conselho Supremo Militar o tenha assim enten-

dido, e lhe mande nesta conformidade expedir os despachos necessarios. Palacio do Rio de Janeiro a 28 de Agosto de 1815.—Com a Rubrica do Principe Regente. 1815 Agosto 28

Carta do Principe Regente ao Governador e Capitão General do Reino de Angola concedendo uma pensão vitalicia de 800$000 réis a Francisco Honorato da Costa

(Annaes Maritimos, 3.ª serie, pag. 503.)

José de Oliveira Barbosa, Governador e Capitão General do Reino de Angola, Amigo. Eu o Principe Regente vos envio muito saudar. Havendo subido á minha Real presença o vosso officio que acompanhou o resultado da exploração de que fôra encarregado Francisco Honorato da Costa, Director da Feira de Mucary, o qual mediante os mais constantes esforços, e consideravel dispendio de sua fazenda, havia finalmente conseguido verificar a correspondencia entre as duas Costas Occidental e Oriental da Africa, não podia um tão importante como gratuito serviço deixar de se fazer digno da minha particular attenção: e tendo em consequencia feito já algumas mercês ao referido Francisco Honorato da Costa, como já vos deve ser constante, sou igualmente servido conceder-lhe uma pensão vitalicia de 800$000 réis annuaes, que lhe serão regularmente pagos pela Junta da Administração da minha Real Fazenda desse Reino de Angola, ordenando que elle haja de permanecer, emquanto assim lhe convier, na direcção da referida Feira de Mucary, donde poderá melhor continuar as viagens que devem annualmente repetir-se daquelle ponto até Rios de Senna, para o que determino que ali se levante uma companhia de *Pedestres,* pela fórma que julgardes a proposito depois de haverdes ouvido em tal materia o voto do mencionado Francisco Honorato da Costa, o qual vos poderá melhor indicar, não sómente o numero de

1815 Agosto 28 gente de que se deve formar a pretendida companhia, mas os individuos que melhor poderão preencher os seus postos, advertindo-vos porém que o de Capitão se acha já por mim provido em Pedro João Baptista, em attenção aos serviços que fez na primeira expedição, e aos conhecimentos que nella adquiriu para poder proseguir agora melhor nas subsequentes viagens, cujas despezas se devem fazer de ora em diante por conta da minha Real Fazenda, emquanto eu não mandar o contrario. O que tudo me parece participar-vos para vossa intelligencia, e para que assim o façaes constar. Escripta no Palacio do Rio de Janeiro em 28 de Agosto de 1815. — Principe — Para José de Oliveira Barbosa.

Auto de juramento de vassalagem, obediencia, fidelidade, e ratificação, que fazem á Rainha Nossa Senhora Lacximinagi Zassavanta Ráo, Dessay da Provincia de Pernem, Vassuder Sinay, Dessay do Cassabé de Pernem, e Sarará Vissambor Sinay, Bragmane do referido Dessay Lasximinagi Zassavanta Ráo

(Arch. da India, livro 3.º de Pazes, fol. 7.)

1800 Agosto 17 Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1800, aos 17 do mez de Agosto do dito anno, na Villa de Pangim, no palacio da residencia do Ill.mo e Ex.mo Sr. Francisco Antonio da Veiga Cabral, do Conselho de Sua Magestade Fidelissima, Tenente General effectivo dos seus exercitos, Governador e Capitão General da India, estando o dito Senhor debaixo do seu docel na sala da audiencia, se apresentaram ao mesmo Senhor Lacximinagi Zassavanta Ráo, Dessay da Provincia de Pernem, Vassudeo Sinay, Dessay do Cassabé de Pernem, e Sazará Vissambor Sinay, Bragmane do referido Dessay Lacximinagi Zassavanta Rao, verdadeiramente arrependidos a protestar a sua sincera obediencia, total submissão, e perpetua fidelidade por si, e por todos os

seus dependentes, e pela sua descendencia, ratificando com o maior juramento do seu rito a vassallagem, e obediencia, que fazem á Rainha Fidelissima de Portugal Nossa Senhora, e aos seus Governadores e Capitães Generaes do Estado da India, tanto ao dito Illmo e Exmo Sr. Francisco Antonio da Veiga Cabral, que actualmente governa, como aos seus Ex.^mos Successores, e querem a este Magestoso Estado da India da Muita alta, e Muito poderosa Senhora Rainha de Portugal Nossa Senhora, e como vassallos de Sua Magestade ser admittidos benevolamente por S. Ex.ª a viverem debaixo da sua real protecção, e promettem, e se obrigam de sua livre, e boa vontade por si, por todos os seus dependentes, e pela sua descendencia a cumprir, e guardar inviolavelmente todas as obrigações de leaes vassallos, a qual obrigação fazem com o maior juramento do seu rito, que he o de pôrem as mãos solemnemente nas suas espadas, como o fizeram com effeito ao tempo de se pronunciarem estas palavras; em fé do que cumprirão tudo o que promettem, sob pena de que as mesmas suas espadas se tornem contra elles a qualquer tempo que faltarem ao promettido, o que desejam que Deos não permitta, porque a sua tenção, e firme vontade he de cumprirem sempre pontualmente tudo o que assim promettem, e ratificarão com o dito juramento. E logo o dito Illmo e Exmo Sr. Francisco Antonio da Veiga Cabral, Governador e Capitão General do Estado, benignamente houve por bem de os receber na protecção de Sua Magestade, admittindo-os a elles, aos seus dependentes com as suas familias, e toda a sua descendencia a lograrem o fôro de vassallos da Corôa de Portugal, observando elles o juramento, e fidelidade que promettem; de que para perpetuo testemunho se fez este auto, em que assignou o sobredito Illmo e Exmo Sr. Governador e Capitão General, e assignaram tambem os referidos Dessays, e Bragmane, e eu Martinho Xavier, Official da Secretaria do Estado, o escrevi. O Secretario José Caetano Pacheco Tavares o fez escrever. — Francisco Antonio da Veiga Cabral.

1800 Agosto 16

Assignaturas marathas de Lacximanagi Zassavanta Ráo,

1800 Agosto 17 Dessay da Provincia de Pernem; Vassudeo Sinay, Dessay do Cassabé de Pernem; Sazó Vissambor Sinay.

E servio de Interprete neste acto o Lingua do Estado Bouguná Camotim Vaga.

Auto de juramento de vassalagem, obediencia, fidelidade e ratificação, que fazem á Rainha Nossa Senhora Rogunata Porobo, filho de Gopalá Porobo Dessay de Parsem da Provincia de Pernem, e seu Bragmane Vitoba Sinay Parsencar.

(Arch. da India, livro 3.º de Pazes, fol. 9.)

1800 Agosto 18 Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1800, aos 18 do mez de Agosto do dito anno, na Villa de Pangim, no palacio da residencia do Illmo e Exmo Sr. Francisco Antonio da Veiga Cabral, do Conselho de Sua Magestade Fidelissima, Tenente General effectivo dos seus exercitos, Governador e Capitão General da India, estando o dito Senhor debaixo do seu docel na sala da audiencia, se apresentaram ao mesmo Senhor Rogunata Porobo, filho de Gopalá Porobo, Dessay de Parsem da Provincia de Pernem, e seu Bragmane Vitobá Sinay Parsencar, verdadeiramente arrependidos, a protestar a sua sincera obediencia, total submissão, e perpetua fidelidade por si, e por todos os seus dependentes, e pela sua descendencia, ratificando com o maior juramento do seu rito a vassallagem, e obediencia, que fazem á Rainha Fidelissima de Portugal Nossa Senhora, e aos seus Governadores, e Capitães Generaes do Estado da India, tanto ao dito Illmo e Exmo Sr. Francisco Antonio da Veiga Cabral, que actualmente governa, como aos seus Ex.^mos^ Successores, e querem ter a este Magestoso Estado da India da Muita alta, e muito poderosa Senhora Rainha de Portugal Nossa Senhora, e como vassallos de Sua Magestade ser admittidos benevolamente por S. Ex.ª a viverem debaixo da sua Real protecção, e promettem, e se obrigam de sua livre

e boa vontade por si, por todos os seus dependentes, e pela sua descendencia a cumprir, e guardar inviolavelmente todas as obrigações de leaes vassallos, a qual obrigação fazem com o maior juramento de seu rito, que he o de pôrem as mãos solemnemente nas suas espadas, como o fizeram com effeito ao tempo de se pronunciarem estas palavras, em fé do que cumprirão tudo o que promettem, sob pena de que as mesmas suas espadas se tornem contra elles a qualquer tempo que faltarem ao promettido, o que desejam que Deos não permitta, porque a sua tenção, e firme vontade he de cumprirem sempre pontualmente tudo o que assim promettem, e ratificarão com o dito juramento. E logo o dito Illmo e Exmo Sr. Francisco Antonio da Veiga Cabral, Governador e Capitão General do Estado, benignamente houve por bem de os receber na protecção de Sua Magestade, admittindo-os a elles, aos seus dependentes, com as suas familias, e toda a sua descendencia a lograrem o fôro de vassallos da Corôa de Portugal, observando elles o juramento, e fidelidade que promettem, de que para perpetuo testemunho se fez este auto, em que assignou o sobredito Illmo e Exmo Sr. Governador e Capitão General, e assignaram tambem os referidos Dessay, e Bragmane; e eu, Francisco Xavier de Albuquerque, Official da Secretaria do Estado o escrevi. O Secretario José Caetano Pacheco Tavares o fez escrever. — Francisco Antonio da Veiga Cabral.

1800 Agosto 18

Assignaturas marathas de Rogunata Porobu, Parxecar Dessay — Vitobá Sinay, Parxecar.

E servio de Interprete neste acto o Lingua do Estado, Bonguná Camotim Vaga.

Auto de juramento de vassalagem, obediencia, fidelidade, e ratificação, que que fazem á Rainha Nossa Senhora os Dessays e Narcornis da Provincia de Pernem abaixo declarados.

(Arch. da India, livro 3.º de Pazes, fol. 11.)

1800 Setembro 16 Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1800, aos 16 de Setembro do dito anno, na Villa de Pangim, no palacio da residencia do Ill.mo e Ex.mo Sr. Francisco Antonio da Veiga Cabral, do Conselho de Sua Magestade Fidelissima, Tenente General effectivo dos seus exercitos, Governador e Capitão General da India, estando o dito Senhor debaixo do seu docel na sala da audiencia, se apresentaram ao mesmo Senhor os Dessays do Cassabé Pernem Pundilica Vitú Porobu, Sambagi Dadú Naique, Bicó Madú Porobu, Chandró Rama Sanvol, o Dessay da Aldeia de Dargali Rama Custam Porobu, verdadeiramente arrependidos a ratificar a sua sincera obediencia, total submissão, perpetua fidelidade, e o juramento que prestaram no anno de 1788, como consta dos autos, que se acham na Secretaria do Estado; e os Dessays do Cassabé Pernem Essu Bapu Naique, Apa Siva Porobu, Roulu Goinda Porobu, Roulu Ananta Naique, Bicó Roulu Sinay, Sazo Rama Chandra Sinay, e Lacximina Esbá Naique; os Dessays da Aldeia Corgão Cala Porobu, Vixá Porobu, Mahadeo Custam Porobu, e Vassadeo Porobu; os Dessays da de Parsem Sadassiva Poddiar, e Ragobá Naique; o Dessay da de Mandrem Custangi Ari; os Dessays da de Dargali Ramagi Vitú Porobu, Tucó Quexe Porobu, Lacximina Naraena Porobu, e Essagi Rogunata; e os Narcarnys da mesma Provincia de Pernem Antagi Ramachandra, Rama Custam Vassadeo, Essagi Naraena, e Trimbaca Rudra igualmente se apresentaram a prestar o seu juramento de sincera obediencia, total submissão, e perpetua fidelidade por si, por todos os seus dependentes, e pela sua descendencia, ratificando com o maior juramento do seu rito a vassallagem, e

obediencia, que fazem á Rainha Fidelissima de Portugal Nossa Senhora, e aos seus Governadores, e Capitães Generaes do Estado da India, tanto ao dito Ill.mo e Ex.mo Sr. Francisco Antonio da Veiga Cabral, que actualmente governa, como aos seus Ex.mos Successores, e querem ter a este Magestoso Estado da India da Muito alta, e Muito poderosa Senhora Rainha de Portugal Nossa Senhora, e como vassallos de Sua Magestade ser admittidos benevolamente por S. Ex.a a viverem debaixo da sua real protecção, e promettem, e se obrigam de sua livre, e boa vontade por si, por todos os seus dependentes, e pela sua descendencia a cumprir, e guardar inviolavelmente todas as obrigações de leaes vassallos, a qual obrigação fazem com o maior juramento do seu rito, que he o de pôrem as mãos solemnemente nas suas espadas, como o fizeram com effeito ao tempo de se pronunciarem estas palavra; em fé do que cumprirão tudo o que promettem, sob pena de que as mesmas suas espadas se tornem contra elles a qualquer tempo que faltarem ao promettido, o que desejam que Deos não permitta, porque a sua tenção, e firme vontade he de cumprirem sempre pontualmente tudo o que assim promettem, e ratificarão com o dito juramento. E logo o dito Ill.mo e Ex.mo Sr. Francisco Antonio da Veiga Cabral, Governador e Capitão General do Estado, benignamente houve por bem de os receber na protecção de Sua Magestade, admittindo-os a elles, aos seus dependentes com as suas familias, e toda a sua descendencia a lograrem o fôro de vassallos da Corôa de Portugal, observando elles o juramento, e fidelidade que promettem, de que para perpetuo testemunho se fez este auto, em que assignou o sobredito Ill.mo e Ex.mo Sr. Governador e Capitão General, e assignaram tambem os referidos Dessays, e Narcornys; e eu, José Joaquim de Sá, Official da Secretaria do Estado, o escrevi. O Secretario José Caetano Pacheco Tavares o fez escrever. — Francisco Antonio da Veiga Cabral.

1800 Setembro 16

Assignaturas marathas de Pundalica Vitú Porobu, Dessay do Cassabé, Des Porobu da Provincia de Pernem — Essu Bassu Naique, Dessay do Cassabé — Sambagi Dadu Naique,

1800 Setembro 16 Dessay do Cassabé — Apá Sivé Porobu, Dessay do Cassabé — Roulú Govinda Porobu, Dessay do Cassabé — Roulú Ananta Naique, Dessay do Cassabé — Bicó Roulú Sinay, Dessay do Cassabé — Trimbaca Essu Sinay, Dessay do Cassabé — Sazo Ramachandra, Dessay do Cassabé — Bicó Madu Porobu, Dessay do Cassabé — Lacximana Essobá Naique, Dessay do Cassabé — Chandró Rama Sanvol, Dessay do Cassabé — Soireá Porobu — Narana Naique.

Corgão: — Calu Porobu, Dessay de Corgão — Visseá Porobu, Dessay de Corgão — Mahadagi Custam Porobu, Dessay de Corgão — Vassudeo Pandaranga, Dessay.

Parcem: — Sadassiva Podiar, Dessay de Parcem — Rogobá Naique, Dessay de Parcem — Antobá Naique, Dessay de Parcem.

Mandrem: — Bicagi Custã, Dessay — Custangi Ary, Dessay — Panduranga Custã, Dessay.

Dargali: — Rama Custam Porobu, Dessay — Ramagi Vitú Porobu, Dessay — Tucú Quessé Porobu, Dessay — Lacximana Narana Porobu, Dessay — Essagi Rogunata Porobu, Dessay.

Narcarnins: — Antagi Ramachandra — Ramacustam Vassudeo — Essagi Naraena — Trimbaca Rudra.

E no mesmo acto prestaram tambem juramento de vassalagem, obediencia, e fidelidade os Gancares abaixo assignados.

Gancares — Vimorá: — Rama Porobu, Gancar.

Paliem: — Custam Fotú Porobu, Gancar — Custam Mossu Porobu.

Alorna: — Vitú Chandra Porobu, Gancar.

Ibramapur: — Chondru Gaunço.

Chandel: — Rama Gaunço, Gancar — Chondru Gaunço.

Uguem: — Siva Malo — Calu Malo.

Cansarvordem: — Quemu Gancar Vadecar.

Varcanda: — Vitu Porobu, Gancar — Siva Porobu.

Torcem: — Chondru Porobu — Nagu Naique — Gué Xete.

Mopa: — Pandogi Naique — Ramagi Naique.

Chaporá: — Pilu Gancar — Sucadea Gancar.

E servio de Interprete neste acto o Lingua do Estado Bonguná Camotim Vaga.

Carta do Governador Francisco Antonio da Veiga Cabral ao Secretario d'Estado D. Rodrigo de Sousa Coutinho

(Arch. da India, livro das Monções, n.º 180, fol. 34.)

Illmo e Exmo Sr. — Passando a impaciencia o desejo, que eu tinha de recuperar a Provincia de Pernem, que o Sar Dessay Quema Saunto Bounsuló tinha sublevado depois de a offerecer ao Estado pelo beneficio, que eu lhe fiz, salvando-o do imminente risco de perder o seu dominio, e a sua propria pessoa na invasão do Rajá de Colapur, não só para castigo do mesmo Regulo ingrato, mas para verificar no rendimento do Estado aquelle fructo do meu trabalho; a prevenção indispensavel contra a ameaçada guerra dos Francezes, a inquietação dos outros vizinhos Asiaticos, a diminuição de gente no exercito do Estado, e a precisão mesmo de o conservar em respeito com as tropas britannicas do soccorro nesta Ilha de Goa, suspendiam todas as minhas resoluções a respeito daquella recuperação, obrigando-me a procurar outros meios, que não fossem movimento de tropas em numero proporcionado á satisfação daquelle objecto. 1801 Janeiro 22

As persuasões em que eu trabalhava para reconhecerem os moradores da Provincia de Pernem as vantagens da justiça, e humanidade do governo Portuguez em lugar das vexações, e continuos roubos do Bounsuló, se estabeleceram, e fortaleceram nos animos daquelles homens pelos insuperaveis tributos, que ultimamente lhe impoz, encarregando os seus mais chegados parentes do commando da tropa, com que mandou intimidar a Provincia para effeituar a cobrança; logo que isto me constou pelo offerecimento do principal Dessay de Arabó, e por muitos outros, ordenei ao Coronel Joaquim Vicente Godinho de Mira que mandasse o seu Sargento mór José dos Santos Callado com 400 homens escolhidos, e hum pequeno corpo de artilharia com duas peças de

1801 Janeiro 22 seis, e quatro morteiros de granadas em direitura ao Pagode principal de Pernem, aonde se tinha recolhido aquella tropa do Bounsuló, commandada pelos ditos seus parentes, receando já a desconsolação dos moradores da Provincia, e mandei ao mesmo tempo protegel-a pela parte que confina com a nossa de Bardez pelo dito Coronel Joaquim Vicente Godinho de Mira com outro corpo da sua mesma legião, que soccorresse o primeiro quando o pedisse o incidente.

As minhas ordens foram executadas tão pontualmente, que bloqueando o dito Sargento Mór o mesmo Pagode, sem mais perda que a de hum Porta-Bandeira morto, e cinco soldados feridos, fazendo-lhe repetidos tiros de artilharia, e lançando-lhe muitas granadas, capitularam os Bounsulós, e se renderam á discrição no dia 21 de Julho do anno proximo passado; logo vieram todos os Dessays, e Gancares principaes da Provincia jurar vassallagem aos meus pés na fórma do costume, e se unio a Provincia de Pernem aos dominios do Estado.

Ficaram prisioneiros os tres Cabos principaes Rama Saunto Tirodcar, Dondó Saunto, e Bagavanta Saunto, chegados parentes do Bounsuló, como fica dito, e da sua maior estimação, aos quaes tenho mandado conservar presos com humanidade na fortaleza da Agoada, como importantes refens para o ajuste da paz, que me tem pedido o Bounsuló, valendo-se de differentes protecções, e que eu ainda lhe não concedi, esperando tirar maiores vantagens do que elle me propõe no Tratado que ha de concluir esta negociação.

A Ill.ma e Ex.ma Pessoa de V. Ex.a guarde Deos muitos annos. Goa, 22 de Janeiro de 1801. — Ill.mo e Ex.mo Sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho. — Rubrica do Governador.

Extracto da Carta do Governador Francisco Antonio da Veiga Cabral ao Secretario d'Estado D. Rodrigo de Sousa Coutinho, de 2 de Maio de 1802

(Arch. da India, livro das Monções, n.º 182, fol. 16.)

O Bounsuló, meu pessimo, ainda que pequeno inimigo, está nas mesmas circumstancias que eu ponderava na monção passada, porque repete embaixadas, não admitto as suas proposições, não tem com que pagar o que deve, e eu não o castigo por ora, como elle tem merecido, porque a conjunctura ainda o não permitte. 1802 Maio 2

Carta do Governador Francisco Antonio da Veiga Cabral ao Secretario d'Estado Visconde de Anadia

Illmo e Exmo Sr. — Costumando eu informar ao nosso Augusto Soberano em todas as monções do estado das potencias visinhas, e havendo tratado já dos Inglezes, e dos Marathas, resta pouco que escrever, pois que só falta na qualidade de visinho confinante o Rajá Bounsuló, pobre, e cheio de medo do castigo, que merecem as suas antigas, e repetidas traições, de que eu me não esqueço para quando me considerar em circumstancias proporcionadas. 1803 Fevereiro 17

A Illma e Exma Pessoa de V. Ex.ª guarde Deos muitos annos. Goa, 17 de Fevereiro de 1803. — Illmo e Exmo Sr. Visconde de Anadia. — Rubrica do Governador.

Traducção da carta do Dominante de Punem Bagi Ráo Pradan, escripta ao Sar Subedar da jurisdicção de Baçaim Bagi Ráo Govinda, sobre se conservarem os usos dos christãos, menos matar vaccas.

(Arch. da India, livro 3.º de Pazes, fol. 15.)

1801 Julho 3 Ao merecedor da Real honra, e estimação Bagi Rao Govinda, Criado Bagi Rao Rogunata Pradan com devida venia envia esta, ficando de saude, e espero que me dê as suas noticias. O honrado Vital Rao Gorqui, Procurador do Estado Portuguez de Goa, representou neste governo na residencia de Punem, que desde que essa jurisdicção de Baçaim, passou do dominio Portuguez ao deste Sarcar, são administradas as igrejas, que se conservam nella do tempo antigo, pelos Padres, e seus discipulos dirigidos e punidos, conforme a sua religião pelos mesmos Padres, sem que por parte do Sarcar tenha havido embaraço algum; pedindo que se expedisse ordem para a conservação desta posse. Pelo que determino a V. m.cê por esta, que se os Padres matarem as vaccas, ponha inteira prohibição para que as não matem; quanto, porém, ao uso da religião instruido pelos Padres aos seus discipulos conserve a observancia praticada desde a antiguidade, consentindo que sejam punidos os que não forem á missa, como se tem feito, sem que V. m.cê os embarace, e assim o fique entendendo. Expedida a 22 do mez Moharamo (3 de julho). Não sou mais largo.

Traduzida a 22 de julho de 1801. S. E. — Assignado, Boguná Camotim Vaga, Lingua do Estado.

Texto maratha, fl. 16.

Memoria sobre o Real Padroado da Corôa de Portugal nas Missões do Reino de Tunkin; por Antonio Alvares, da Congregação do Oratorio de Lisboa

(Collecção dos meus Mss.)

Apenas os Portuguezes começaram a descobrir novas terras por meio de suas maravilhosas e afortunadas navegações, logo os Romanos Pontifices attendendo ao progresso da propagação do Evangelho, que os nossos prégavam nas novas terras que descobriam, e em que estava a Lei de Jesus Christo inteiramente ignorada, e ás grandes despezas e excessivos trabalhos indispensaveis naquella mesma pregação do Evangelho; e reconhecendo por isso mesmo os direitos, que Portugal tinha adquirido ao Padroado, nol-o concederam de todas as igrejas das mesmas terras descobertas, e que para o futuro descobrissemos, sem restricção alguma, como consta das muitas e repetidas Bullas, que existem na Torre do Tombo, e que em grande parte correm já impressas. 1802 Janeiro 21

Erigiram-se depois canonicamente, alem de outros, o Arcebispado de Goa, Primaz do Oriente, e os Bispados de Macau e Malaca, seus suffraganeos, por Bullas Apostolicas, que todos conhecem; ficando sempre estes tres Bispados do Real Padroado da Corôa de Portugal, do que ninguem jamais duvidou. Depois de erigidos estes Bispados, entraram em Tunkin pela cidade de Macau, e á custa da Fazenda Real, que sempre concorreu liberal com todas as despezas para o transporte e sustentação dos Missionarios nas Missões do Oriente, os primeiros Missionarios, que pregaram o Evangelho naquelle vastissimo Reino, e por misericordia de Deus correspondeu copioso fructo aos trabalhos destes primeiros Apostolicos Missionarios; e só por este facto, prescindindo de outras rasões, ficaram as Missões de Tunkim pertencendo de direito ao Real Padroado, sendo a Corôa quem fez taes e tão grandes despezas com os Missionarios, que as fundaram;

1802 Janeiro 21 como tambem ficaram ellas pertencendo por todos os direitos ás Dioceses dos Bispos visinhos, que no espiritual tanto se empenharam e trabalharam, assim o Bispo de Macau, como o de Malaca, e o mesmo Arcebispo Primaz, em ajudar, promover, conservar e governar aquella christandade. Porque sendo já grande, e na verdade excessivo o numero dos novos Christãos, foram estes governados já pelo Bispo de Macau, já pelo de Malaca, e algumas vezes pelo Primaz e Arcebispo de Goa, pelos seus Vigarios, Visitadores, etc., facto este incontestavel nas nossas historias e em particular na de Tunkin, e de que a mesma Propaganda e os oppositores ao Regio Padroado da Corôa de Portugal não duvidam, como abaixo se verá.

Do que se collige que os Christãos do Tunkin, logo desde o principio da sua conversão do paganismo, foram incontestavelmente reconhecidos por ovelhas já dos Bispos de Macau, já dos de Malaca, e o Reino de Tunkin como parte das suas respectivas Dioceses, reconhecendo igualmente os mesmos Christãos de Tunkin o Arcebispo de Goa, por seu Metropolitano e Primaz; e sendo este Arcebispado, e aquelles dois Bispados de Macau e Malaca do Padroado Real, fica evidentemente certo ser tambem do Real Padroado tudo o que se comprehendia nas Dioceses, e por conseguinte as Missões de Tunkin, que aquelles Bispos sempre governaram com auctoridade ordinaria.

Por tantos annos se conservaram as Missões de Tunkin na posse pacifica de se governarem pelos Delegados daquelles Bispos de Macau e Malaca, que em attenção ás circumstancias do tempo, ora hum, ora outro, lhes enviavam Vigarios da Vara e Visitadores, que as governassem. Succedeu, porém, que alguns Missionarios Francezes do Seminario das Missões estrangeiras de Paris, fundado por Luiz XIV, foram enviados clandestinamente pela Congregação da Propaganda a Sião, e daqui passaram á Cochinchina e Tunkin, a cuja entrada se opposeram vigorosamente os Jesuitas, principalmente os Portuguezes, defendendo o Padroado, direitos e privilegios da Corôa de Portugal; resistindo á entrada de

taes Propagandistas, que sem o consentimento dos Senhores Reys de Portugal, com attentado escandaloso intentaram entrar, e de facto entraram nas Missões de Tunkin do Real Padroado munidos de Breves e Bullas, sem que estas fossem jamais apresentadas aos Senhores Reys de Portugal, nem por elles mandadas examinar pelos seus Ministros, e por conseguinte sem obterem o Regio Beneplacito. 1802 Janeiro 21

Não foi esta a primeira vez, que os Missionarios Propagandistas attentaram contra os direitos do Real Padroado, e Soberania dos Senhores Reys de Portugal, já muito antes se tinham queixado á Côrte os Governadores, os Bispos e os mesmos Missionarios das violencias e injustiças dos Propagandistas, o que por vezes obrigou os Senhores Reys a queixarem-se de taes attentados aos Romanos Pontifices, mas estes ou não deram providencia alguma, ou a deram de modo, que nenhum effeito saudavel se conseguiu das filiaes representações dos Senhores Reys; pelo que se viram estes obrigados a procederem de facto contra taes Propagandistas, mandando depos de maduro exame, consultas repetidas, e esgotados todos os meios de prudencia e moderação, a todos os Reverendos Arcebispos e Bispos, e aos Governadores, que por todas as vias de direito e de facto resistissem á entrada dos Propagandistas, que furtiva e clandestinamente intentassem entrar nas Missões do Oriente pertencentes ao Real Padroado. Resistiram com pertinacia os Propagandistas a taes ordens, despresando não só os mandados dos Senhores Reys, e de seus Governadores e Ministros, mas até no espiritual perturbarão escandalosamente a paz e tranquilidade das mesmas Missões, attentando contra a auctoridade ordinaria dos Reverendos Bispos, que por si, e seus Ministros exercitavam sobre os novos Christãos a auctoridade ordinaria, que pela ordenação tinham recebido immediatamente de Deus.

Estes escandalosos procedimentos dos Propagandistas não só tem sido constantes e notorios no Oriente, mas igualmente em toda a Europa, e muito principalmente em Portugal; os quaes tem por muitas vezes dado causa a novas or-

1802 Janeiro 21

dens e instrucções sobre a materia; e na verdade são muito dignas de se verem as vigorosas e famosas instrucções, que o Senhor D. José, de gloriosa memoria, mandou em Fevereiro de 1770 a respeito de taes Propagandistas a todos os Reverendos Bispos, e Governadores das Indias, onde tambem se defende e prova o Real Padroado sobre as Igrejas do Oriente; e quem as quizer ver as achará na Secretaria de Estado, ou tambem na mão do Reverendo Arcebispo então de Goa, que ainda vive e se acha nesta Côrte.

No seculo XVII e reinado do Senhor D. Pedro II, foram ainda mais vivas as queixas, que chegaram á Côrte contra os Propagandistas em rasão da clandestina entrada em Tunkin daquelles Missionarios Francezes mandados pela Propaganda. Queixou-se ao Papa Sua Magestade e negando a Propaganda e seus Fautores o Real Padroado dos Senhores Reys de Portugal, não só em Tunkin, mas em outros reinos do Oriente, o nosso Embaixador em Roma tratou este negocio com todo o vigor, e muito vivamente se agitou a questão do Real Padroado, e em particular a respeito de Sião, Cochinchina e Tunkin.

O nosso Embaixador sustentou o Real Padroado por cinco rasões, que na Curia Romana eram de summo peso: 1.ª, as Bullas dos Papas davam aos Portuguezes as Indias Orientaes; 2.ª, as reiteradas prohibições dos Soberanos Pontifices de hir ás Indias sem que primeiro se tivesse obtido o expresso consentimento dos Senhores Reys de Portugal; 3.ª, a especial Bulla de Leão X, que concedeu aos Senhores Reys de Portugal o direito do Padroado em todas as Igrejas das Indias; 4.ª, a plena jurisdicção dos Bispos Portuguezes sobre todas as Indias; 5.ª, o costume immemorial em que estavam os Senhores Reys de Portugal de exercitarem os direitos do Padroado sobre todas as Igrejas das Indias.

Os Jesuitas naquelle tempo ajudaram em Roma aos nossos Embaixadores na defensa do Real Padroado; aquelles mesmos que em Tunkin, Cochinchina, Sião e mais reinos do Oriente, tinham já defendido o mesmo Real Padroado. Nesta defensa e resistencia, que por seu respeito fizeram então os

Jesuitas contra a Propaganda e seus Missionarios, foi em verdade justa e louvavel, e pouco importa agora para o caso em que estamos, que elles abuzassem para os seus particulares interesses e sabido systema do Padroado Real, porque taes abusos não podem prejudicar a causa dos Senhores Reys de Portugal que elles com justiça e rasão defendiam. E sobre estes abusos será talvez conveniente ver o que o Procurador da Corôa José de Seabra da Silva escreveu na famosa *Deducção Chronologica e Analytica*, porque nesta mesma obra se acharam argumentos fortissimos, que sem duvida provam o Real Padroado de Portugal em todas as Igrejas do Oriente; e os documentos a que ella se refere, e que deverão estar na Torre do Tombo, ainda o provarão mais convincentemente. 1802 Janeiro 21

Vejamos, porém, o que resultou das diligencias, que no seculo XVII fez em Roma o nosso Embaixador. Francezes e Italianos, todos os Propagandistas se poseram em campo contra o Real Padroado, mas a final elles mesmos, ainda que sem o quererem, deram provas a favor do Real Padroado, e nos seus requerimentos o reconheceram e confessaram.

Os Propagandistas Francezes reconhecendo que a christandade de Tunkin era governada pelos nossos Bispos de Macau e Malaca, requereram como remedio, que o Romano Pontifice subtrahisse da jurisdicção ordinaria daquelles Bispos os Christãos de Tunkin, Nankin e Cochinchina; o que parece incrivel em Francezes, mas o facto he certissimo e consta dos seus mesmos requerimentos, em hum destes pediram a Sua Santidade, que fizesse: 1.º, que os Senhores Reis de Portugal desistissem dos seus privilegios de Padroeiros; 2.º, que restringisse a jurisdicção ordinaria dos Reverendos Bispos de Macau e Malaca; 3.º, reconhecendo que pelo voto da universidade de Coimbra as Bullas de Roma em Portugal não tinham execução sem o Regio Beneplacito, pedem huma Bulla, que explicasse o direito do Real Padroado; 4.º, pedem que o Papa declarasse validas as confissões dos que confessassem sem a approvação dos Bispos de Macau e Malaca.

Isto sobeja para provar que elles mesmos os Propagandis-

1802 Janeiro 21 tas Francezes reconheceram então o Real Padroado em Tunkin, e que os Christãos deste reino eram ovelhas dos Bispos de Macau e Malaca, sobre que tinham jurisdicção ordinaria. Tanta he a força da verdade, que os seus mesmos inimigos, tarde, ou cedo, a vem a confessar, ainda contra a sua vontade!

Agitada pois esta questão em Roma por tantos annos, e vencida a teimosa opposição da Propaganda e seus defensores, o Santo Padre Alexandre VIII confirmou por hum seu Breve o Real Padroado dos Senhores Reys de Portugal na India, e o direito de nomear Bispos para todo o Oriente, sem restricção alguma; e por conseguinte para Tunkin, sobre que versava muito principalmente a questão. Os mesmos Missionarios Francezes Propagandistas confessaram então, e confessam ainda hoje, a verdade deste Breve, a que chamam *famoso indulto*, accusando, porém, o Papa de pouco instruido na materia, e por conseguinte dizendo ter sido obrepticio e subrepticio, e até houve quem lhe chamasse symoniaco; a tudo obriga a cega paixão dos homens.

Debalde pertenderam os Missionarios Francezes interessar contra este Breve de Alexandre VIII a Côrte de França, e por mais diligencias que para isso fizeram nada conseguiram. No Pontificado de Innocencio XII tentaram animosamente, que este Papa o revogasse, mas sómente o conseguiram em alguma parte, mas não a respeito de Tunkin e da China, de que então se queixaram, e ainda hoje se queixão amargamente.

Todos estes factos, e outros muitos, que por brevidade omitto, se podem ler na Prefacção Historica e Critica, que vem no principio do tomo 32 da nova collecção das obras do Dr. Antonio Arnaud, composta pelos Abbades Gouget e Bellegarde, principalmente da pag. 59 por diante, onde em particular se trata das Missões de Tunkin.

Ser o referido Breve de Alexandre VIII verdadeiro, depois de o confessarem os mesmos inimigos do Real Padroado, os Propagandistas, não admitte duvida. Em Roma deve estar registado, e deverá estar na Torre do Tombo, e no Armario

Jesuitico, que o Senhor Rey D. José mandou estabelecer, se por ventura se conserva ainda esta tão necessaria providencia. E no cartorio, ou archivo da antiga e extincta Junta das Missões, que se fazia em S. Roque, casa professa dos extintos Jesuitas, talvez o houvesse; mas como todos estes papeisc foram para o Erario, lá se poderia achar, se porventura se não desencaminhasse, como succedeu a outros muitos. 1802 Janeiro 21

He verdade que até ao fim do reinado do Senhor D. João V, os Senhores Reys de Portugal não nomearam Bispo particular para Tunkin, governando-se a sua christandade pelos Bispos de Macau e Malaca; o que poderia ser effeito da prepotencia dos denominados Jesuitas, que pelo seu sabido systema não queriam nas suas Missões Bispos, que não fossem dos seus. He, porém, certo, que o Senhor D. João V, e conjecturo que depois do anno de 1740, nomeou Bispo de Tunkin a Fr. Hilario de Jesus, Religioso Agostinho descalço.

Alem da tradicção consta isto: 1.º, de hum aviso, que por diligencias do Marquez de Ponte de Lima, então Presidente do Erario, se achou no resto dos papeis, que ainda existiam no Erario, pertencentes ao archivo da antiga Junta das Missões, o qual foi passado para a nomeação do Bispo proprio de Tunkin. Em segundo lugar do retrato do referido Bispo D. Fr. Hilario de Jesus, que está no ante-côro do convento de Setubal dos mesmos Padres Agostinhos descalços, onde está retratado com vestidos Episcopaes, e no letreiro se lhe chama Bispo de Tunkin, o que faz argumento de que fôra sagrado, porque aliaz o não retratariam com habitos Episcopaes. Porém, entre aquelles Padres não ha mais memorias, porque todas se queimaram no seu convento da Boa Hora de Lisboa, pelo terremoto de Novembro de 1755, onde talvez estaria a Bulla de confirmação e erecção do mesmo Bispado, o que em Roma se poderá saber facilmente, pois que a Bulla lá havia de ficar registada. O que he certo he, que elle não chegou a hir a Tunkin, e a causa não se sabe.

O Santo Padre Pio VI tambem reconheceu o Real Padroado em Tunkim, porque extincta a companhia denominada de Jesus, e verificada esta extincção no Oriente, a christandade

1802 Janeiro 21 de Tunkin, os das Missões Portuguezas, em que sempre se opposeram á entrada dos Propagandistas, enviaram dois naturaes como seus Enviados a pedirem Bispo, os quaes ainda vivem, e se chamam João Baptista Thieù, e Paulo do Rozario Cuyẽn, vieram estes na companhia de hum Jesuita Italiano, que andava nas Missões Portuguezas com os Jesuitas Portuguezes, e por Macau chegaram aqui e estiveram mezes hospedados nesta cidade em casa de Francisco Antonio Lodi, que ainda vive e he agora Administrador da Real Fabrica do Rapé, e póde elle com a sua familia attestar o facto. Mas o Jesuita, que entrara sem licença, e talvez por medo de que o conhecessem, em lugar de aconselhar aos Enviados que pedissem á Rainha Nossa Senhora que lhes nomeasse Bispo, os levou a Roma, onde o Santo Padre os recebeu benignamente, e os mandou ensinar no Collegio da Propaganda, e segundo elles dizem, contra o voto da mesma Propaganda.

Aprenderam as linguas Italiana e Latina e instruidos no que mais deviam saber, os mandou depois de quatro annos o Santo Padre ordenar de Sacerdotes; e a respeito de lhe dar Bispo, lhes dissé que viessem a Portugal, porque sendo Tunkin do Real Padroado de Sua Magestade Fidelissima só lhe pertencia confirmar o que Sua Magestade nomeasse. Cuidaram aquelles Enviados na sua jornada, porém, succedeu, segundo elles dizem e publicaram em Tunkin, que por engano dos Propagandistas embarcaram para França, e em França os embarcaram em hum navio, que hia para a Asia, cuidando elles que vinham para Portugal, engano que só conheceram quando se viram em Macau.

Foram estes dois Sacerdotes de Macau para Tunkin, onde contaram o succedido; e julgando aquelles bons christãos, que o Arcebispo de Goa actual, como Metropolitano e Primaz, lhes poderia dar o remedio, de que já tanto necessitavam contra as violencias dos Bispos Propagandistas, que intentavam introduzir-se nas Missões Portuguezas, mandaram a Goa dois Enviados Thomé Vicente, que ora se acha em Lisboa, na casa de Nossa Senhora das Necessidades, e Simão Xavier, que ora se acha em Macau. Chegaram a Goa e foram

muito bem recebidos do Reverendo Arcebispo, que os hospedou na sua mesma casa, e quando cuidava em lhes mandar obreiros dignos, e quem os visitasse, consolasse e governasse segundo o espirito do Evangelho, e conforme os Canones e Disciplina da Igreja, recebeu huma carta de hum Reverendo Bispo, seu suffraganeo, que o informava de que a christandade de Tunkin estava bem provida de Bispos, Padres, e mais Ministros necessarios, o que foi causa de que o Reverendo Arcebispo, por se julgar embaraçado por aquella informação nada fizesse do que intentára, e dizendo que recorressem a Sua Magestade Fidelissima, despediu os referidos dois Enviados, que despedidos sem fruto algum da sua missão, tornaram para Tunkin; mas antes de continuar na relação do que mais fizeram aquelles affligidos Christãos necessario he conhecer a razão daquella informação dada ao Reverendo Arcebispo de Goa. 1802 Janeiro 21

Apresentou-se ha annos hum Propagandista Francez, Presbytero secular chamado Jacob a hum dos Bispos do Padroado Real de Portugal (aquelle mesmo que informou o Arcebispo Primaz do Oriente) e suffraganeo de Goa, e lhe apresentou Demissorias, julga-se que da Propaganda; em razão das quaes o dito Reverendo Bispo, esquecido de que era Portuguez, e que como tal devia sustentar e defender os direitos do Real Padroado, e não lembrado tambem das muitas instrucções que no archivo da sua camara hão de existir a respeito dos Propagandistas, o sagrou clandestinamente em hum oratorio privado, e assim sagrado o mandou para Tunkin, onde este Bispo sagrou outro Propagandista Hespanhol, que fôra de Manilha, Religioso Dominicano, chamado Fr. Feliciano Alonso.

Estes dois Bispos Propaganditas, Sagrados por este modo clandestino e illegitimo, quizeram apoderar-se de todas as Missões de Tunkin; porém os Christãos das Missões Portuguezas, seguindo os exemplos dos seus antigos Padres, e muito principalmente do que lhe dera muito recentemente o ex-Jesuita Portuguez o Dr. Francisco Antonio, então Superior das Missões Portuguezas, se oppozeram a taes Bispos

1802 Janeiro 21 intrusos, e os não quizeram jamais reconhecer por seus legitimos e verdadeiros Superiores, por não terem sido nomeados, nem enviados por Sua Magestade Fidelissima e com seu expresso consentimento, antes clandestina e furtivamente se tinham introduzido n'aquellas Missões.

Desta resistencia se seguiram desordens lamentaveis nas Missões Portuguezas, effeito já sabido das violencias dos Propagandistas tantos annos ha. O que obrigou aquella Christandade a mandar a esta Côrte quatro Enviados, que são o Padre Filippe do Rosario, Presbytero Secular, e os tres catechistas José do Rozario, Thomé Vicente, e Francisco do Rozario, os quaes chegando á Cidade em que reside o Bispo que Sagrou o Propagandista, não lhes permittiu aquelle Reverendo Bispo, que viessem para o Reino, e os obrigou violentamente a retrocederem para Tunkin, dizendo-lhes que lá tinham Bispos e Padres, e com effeito tornaram para Tunkin, donde de novo partiram para a mesma Cidade, em que entrando incognitos, escaparam á vigilancia daquelle Bispo, e assim disfarçados se embarcaram em hum navio Inglez para a Europa. Os grandes trabalhos que estes quatro Enviados soffreram até chegarem a esta Côrte foram muito grandes, effeito do seu verdadeiro zêlo pelos Christãos de Tunkin, seus irmãos em Jesus Christo, mas referil-os agora não he desta Memoria.

Sabendo-se pois terem chegado a esta Cidade os quatro referidos Enviados, e que por ordem de Sua Alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor estavam hospedados na Casa de Nossa Senhora das Necessidades, e que vinham pedir a Sua Alteza Real Bispo e Padres para as Missões Portuguezas de Tunkin, logo nesta Côrte houve quem espalhasse, que aquellas Missões não eram do Real Padroado; se isto foi ignorancia ou interesse de defender a referida clandestina Sagração do Propagandista pelo Bispo suffraganeo de Goa, não sei, nem me importa examinal-o, o que sei he que em razão de taes rumores muitos se tem levado de semelhante erro, ou duvidando, ou negando o Real Padroado em Tunkin; e poderá ser que alguem tenha persuadido a mesma falsidade ao Emi-

nentissimo Nuncio, e que este julgando verdade o que he notoriamente falso escrevesse para a Curia, e de lá a Propaganda aproveitando-se desta, que julgaria muito opportuna occasião, para renovar a sua antiga pretensão para impugnar o Real Padroado desta Corôa em Tunkin, fizesse o officio de que logo se dirá alguma couza. 1802 Janeiro 21

Todos estes factos dos Enviados pela Christandade de Tunkin a Roma, a Goa, e a esta Côrte attestam, como outros muitos, os quatro Enviados que ora residem na Casa das Necessidades, e muitos delles se provam por documentos de que já elles têem apresentado alguns aos Ministros de Sua Alteza Real. E a Sagração clandestina do Propagandista feita pelo Bispo suffraganeo de Goa, quando haja quem a negue, se poderá provar com toda a authenticidade, mandando Sua Alteza Real que o seu Embaixador em Roma examine quem Sagrou aquelle Bispo Propagandista, pois que lá na Propaganda ha de estar o Instrumento Juridico daquella Sagração, feito pelo mesmo Bispo Sagrante, como he costume.

A defeza hoje do Real Padroado em Roma talvez seja mais difficultosa, porque os denominados Jesuitas até ao seu exterminio em Portugal sempre o defenderam, mas presentemente depois da sua total extincção, talvez tenham mudado de systema e pretendam hir para as Missões da Asia mandados pela Propaganda, para o que talvez sobejam muitas e bem fundadas conjecturas; porém isto melhor o saberá o ex-Jesuita Italiano, que ora reside nesta Côrte em casa do Em.mo Nuncio, de quem é Secretario de Legação, e que todos conhecemos, porque correspondendo-se com os seus antigos socios saberá delles melhor que ninguem o seu actual systema, e a não ser este muito diverso do que antigamente tiveram os Jesuitas, parece que o dito ex-Jesuita Secretario do Em.mo Nuncio, e o mesmo Em.mo tratariam com mais caridade e moderação os Enviados da Christandade de Tunkin, do que em verdade agora os tem tratado, como vou a dizer.

Fez um officio, ou Memoria o Em.mo Nuncio, igualmente com o seu Secretario, e se entregou na Secretaria de Estado, onde se dizem couzas, que me admira, que taes absur-

1802 Janeiro 21 dos se pozessem na presença dos Ministros de Sua Alteza Real.

Primeiro, chama desobedientes os Enviados dos Christãos das Missões Portuguezas de Tunkin; e a quem são estes bons Christãos desobedientes? O Em.mo Nuncio o diz «ás ordens dos Vigarios Apostolicos que ha n'aquelle Reino». Se lá os ha entram furtiva e clandestinamente, e entrando sem o expresso mandado e approvação dos Senhores Reys de Portugal, são Ministros intrusos na seara alheia, não são Prelados nem Superiores legitimos, e por conseguinte lhes não deviam, nem devem obedecer os Christãos; sendo por isso mesmo a sua chamada pelo Em.mo Nuncio desobediencia, verdadeira obediencia aos Canones, e disciplina da Igreja, que sómente manda obedecer aos Superiores Ecclesiasticos legitimos, e verdadeiros, e não aos furtivamente intrusos. Não só deram os Christãos de Tunkim, em não reconhecerem por seus Prelados legitimos aquelles intrusos Propagandistas, huma clara prova da sua sujeição aos Canones da Igreja, mas outrosim mostraram a sua fidelidade a Sua Magestade Fidelissima e a Sua Alteza Real em não reconhecerem por seus Superiores aquelles intrusos, que em Tunkin appareceram sem serem nomeados, nem mandados, nem approvados pela corôa de Portugal como Padroeira d'aquellas Missões.

Em segundo logar diz o Em.mo Nuncio, que os taes Apostolicos são condecorados com o caracter Episcopal, do que se não duvida supposta a clandestina sagração feita pelo Reverendo Bispo suffraganeo de Goa; mas que tem este caracter Episcopal com a desobediencia a taes Vigarios Apostolicos? Porventura porque são Bispos deixam por isso de serem intrusos? Só o poderá affirmar quem totalmente ignorar os Canones e Disciplina da Igreja. Na falta do Bispo proprio, são aquelles christãos de Tunkin sujeitos á jurisdicção ordinaria do Bispo mais vizinho, que he o de Macau, o que he indubitavel: logo foi hum attentado daquelles Propagandistas quererem sujeitar á sua jurisdição ovelhas, que tem outro Pastor legitimo e ordinario; e foi por isso canonica e muito justa e louvavel a resistencia que a taes Propagandis-

tas fizeram os Christãos das Missões Portuguezas de Tunkin, ainda quando succedesse que o Reverendo Bispo de Macau os tivesse mandado, porque n'este caso só poderiam governar, não como Vigarios Apostolicos, posto que condecorados com o caracter Episcopal, mas tão sómente como delegados Provisionaes, emquanto Sua Alteza Real lhes não nomeasse Bispo proprio, ou não determinasse alguma couza em contrario. Pelo que nem o serem Vigarios Apostolicos, nem o seu caracter Episcopal podem arguir nos Christãos de Tunkin desobediencia criminosa, mas sim resistencia canonica, justa e legitima por se terem elles furtiva e clandestinamente introduzido em Tunkin: o que sobeja sem que seja necessario lembrar, que contra a vontade das ovelhas n'este caso se lhes não deve dar por Pastor o que ellas por justas razões rejeitam e recusam: como de facto e de direito recusam agora aquelles christãos de Tunkim reconhecer por seus Prelados legitimos a taes Propagandistas. 1802 Janeiro 21

Em terceiro logar, diz o Em.mo Nuncio em sua queixa, que *os quatro Enviados da Christandade de Tunkin pretendem com requerimentos revoltosos, que Sua Alteza Real lhes nomeie hum Bispo.* Tendo sido reconhecido pelos Romanos Pontifices, e ultimamente pelo Santo Padre Pio VI o Real Padroado dos Senhores Reys de Portugal nas Igrejas do Oriente, e nomeadamente de Tunkim, não se podia esperar do Em.mo Nuncio se queixasse de que os Christãos de Tunkim recorram ao seu Real Padroeiro para lhes nomear Bispo e Padres, que os instruam e governem: mas quem sabe as exorbitantes pretensões da Curia, e a sua animosidade com que insistem nellas, não se admirará de hum tal arrojo, de que só em Portugal se poderiam allegar numerosos exemplos. He porém indesculpavel que a um requerimento tão canonico, legal e justo se atreva o Em.mo Nuncio a chamar-lhe *revoltoso,* quando a fallar a verdade a queixa do Em.mo he a que merece com rasão o nome de *revoltosa* emquanto attenta contra os incontestaveis Direitos do Real Padroado, e isto basta para conhecer a inconsideração, para não dizer outra cousa, com que o ex-Jesuita Secretario do Em.mo Nuncio escreveu expressão

1802 Janeiro 21 tão escandalosa em que não reparou, como devia, o mesmo Em.mo

Em quarto logar diz o Em.mo Nuncio que se deferindo Sua Alteza aos requerimentos dos Christãos de Tunkim lhes nomeasse Bispo proprio e legitimo, poderia isto gerar um schisma n'aquelle Reino. Esta ameaça he ja muito antiga na mesma Congregação da Propaganda, e em seus Propagandistas, com a qual em outro tempo aterravam os povos, mas hoje sabe-se que em taes casos sómente se poderiam em verdade chamar schismaticos aquelles Propagandistas, que sendo intrusos contrariam a Jurisdicção ordinaria dos Reverendos Bispos proprios e legitimos. Pelo que o schisma, que teme o Em.mo não o fará o Bispo, que Sua Alteza Real como Padroeiro, que he daquellas Missões nomear; mas quando o haja serão os culpados os Propagandistas se não reconhecerem o Bispo nomeado por Sua Alteza Real e confirmado por Sua Santidade, por Bispo proprio e legitimo de Tunkim.

Em quinto logar diz o Em.mo Nuncio para provar a sua ameaça, ou seu affectado receio de schisma futuro, que *em Tunkin já se acham outros Bispos in partibus, que em qualidade de Vigarios Apostolicos governam por Sua Santidade aquelles Christãos;* e porque se não tem em Roma nomeado Bispo de Tunkin, e sómente os mandam *in partibus?:* a razão parece ser o não quererem attentar por semelhante modo e directamente contra o Real Padroado da Corôa de Portugal, e por isso pela sua bem conhecida politica só manda a Propaganda Bispos *in partibus*. Porém por isso mesmo que seus Bispos *in partibus* não são Bispos proprios e legitimos de Tunquin. E qual he o direito porque sendo aquella Christandade sujeita agora á jurisdicção ordinaria do Reverendo Bispo de Macau a governam taes Bispos *in partibus?* Será perventura porque segundo diz o Em.mo *a governam por Sua Santidade?* Esta resposta neste tempo causará riso a todos os que sabem, que o Romano Pontifice não tem jurisdicção ordinaria e immediata nas Dioceses dos outros Bispos, e se elle a não tem não a póde dar, nem delegar a outros ainda que tenham a qualidade de Vigarios Apostolicos; porque es-

tes nada podem contra, ou em prejuizo da auctoridade ordinaria dos Bispos proprios e legitimos, sendo nullo tudo quanto contra ella obrarem. E quem ignora hoje que o Romano Pontifice como Primaz, sim tem a inspecção sobre todas as Igrejas, mas não tem sobre ellas jurisdicção alguma ordinaria e immediata; e obrar de facto contra o que cada hum dos Reverendos Bispos tem nas suas respectivas Dioceses, he claramente reprovado pelos Sagrados Canones. 1802 Janeiro 21

Pelo que devemos persuadir-nos com toda a certeza de que o Romano Pontifice ora reinante o Santo Padre Pio VII, não sabe que os Propagandistas obrem por semelhante modo, e que igualmente ignora taes queixas do seu Em.mo Nuncio. Os Propagandistas sim dirão em Tunkim que governavam por Sua Santidade, mas em verdade deviam dizer, que governavam segundo as instrucções da Propaganda; assim como o Em.mo Nuncio tem já dito que fizera o tal officio, ou Memoria porque a Propaganda assim lho encarregára: o que merece particular reflexão.

A Congregação da Propaganda he um Tribunal da Curia Romana, que não tem, nem póde ter jurisdicção alguma sobre toda a Igreja, e muito menos sobre a ordinaria dos Reverendos Bispos, que he por sua instituição não humana, mas Divina; e a auctoridade daquelle Tribunal, se a tem, é puramente humana, e em todo o sentido muito limitada; alem de que, os votos daquella a semelhantes Congregações são apenas consultivos. O que basta para conhecer a irregularidade com que procedeu o Em.mo Nuncio em dar hum officio, que elle diz ser da Propaganda aos Ministros de Estado de Sua Alteza Real, como se aquelle Tribunal podesse tratar negocios com alguma Côrte Soberana, como de igual a igual, a não ser por supplica, e supplica muito reverente e submissa, e não insultante, ameaçadora, e tal qual fica ponderado.

Em sexto e ultimo logar acrescenta o Em.mo *que o referido,* diz elle Nuncio, *por informação, que em Roma tem deste negocio a Sagrada Congregação da Propagação Fide.* Aqui não declara expressamente o Em.mo que fizera o officio por commissão da Propaganda, mas supposto tel-o dito em par-

1802 Janeiro 21 ticular devemos entender, que Sua Santidade nada sabe de tal officio. E a respeito das informações que em Roma tem a referida Congregação, só direi, que sendo ellas sómente dos mesmos Propagandistas nada valem; e constando aliás terem elles entrado sem approvação de Sua Alteza Real são intrusos, e como taes devem ser expellidos das missões de Tunkim, e nenhum credito merecem no que disserem, para se conservarem nas taes Missões Portuguezas e sustentarem a sua injusta introducção nas mesmas Missões, e a final desculparem o seu manifesto attentado contra os incontestaveis direitos do Real Padroado dos Senhores Reys destes Reinos. São réos de graves crimes e por isso não podem ser ouvidos com testemunhas no que respeita aos seus mesmos crimes.

Poderão agora os impugnadores do Real Padroado repetir a mesma objecção que já no seculo XVII fizeram em Roma os Missionarios Francezes. Que os Senhores Reis de Portugal não possuem em Tunkim hum palmo de terra: no que falsamente suppõem, que para haver semelhante direito, ou privilegio do Padroado, seja necessario dominio temporal no territorio, como então se lhes respondeu: nem a concessão dos Romanos Pontifices a Portugal dos Padroados das Igrejas de Africa, Asia e America foi sómente limitada áquellas terras que conquistassem, e de que conservassem o dominio; mas tambem das que só descobrissem, e ainda sem o senhorio dellas, de todas em que os Portuguezes annunciassem o Evangelho, e desta pregação se seguisse a conversão dos infieis; e isto em attenção ao zêlo que tinham na dilatação da Fé de Jesus Christo, e as despezas e trabalhos indispensaveis em taes descobertas; e tudo isto se verifica a nosso respeito em Tunkin: pelo que Alexandre VIII desprezando semelhante duvida, confirmou o Real Padroado nas Igrejas do Oriente, e por conseguinte na de Tunkim, de que em Roma se disputára vivamente.

Tambem de nada vale a duvida, que agora alguns repetem, de que em Tunkin não ha Igrejas estabelecidas, não ha Cathedral, não ha rendas, e que a haver Bispo este deverá ter congrua, etc. He verdade que em Tunkin não ha Cathe-

dral e Igrejas como em Portugal, mas ha muitas grandes e pequenas ao seu modo, de que grande numero serve de Parochias, e todas de nellas se administrarem os Sacramentos muito decentemente, e se celebrarem os officios Divinos; muito asseiadas, providas de ornamentos, vasos Sagrados, e mais alfaias, e bem servidas. Entre estas ha oitenta grandes e com residencias espaçosas annexas, com edificios amplos, e predios rusticos; nas quaes residencias assistem os Parochos, e mais Ministros do Altar, os Catechistas, e em cada huma sufficiente numero de moços, que são cuidadosamente instruidos na religião, de que depois se tiram os Catechistas e mais Ministros: todos sustentados e vestidos pelos Christãos, pois que vivem vida commum quasi como na primitiva. E o numero das Igrejas pequenas, a que chamam Oratorios, porque nellas não ha residencias, nem assistem com permanencia os Parochos, he ainda muito maior, e todas estão muito bem servidas, e se conservam com todo o asseio e decencia.

1802 Janeiro 21

He verdade que estas Igrejas não têem rendas, e bens como entre nós, mas os Christãos com suas offertas concorrem para ellas, e para o necessario de seus Padres e Catechistas e mais serventes com assás de liberalidade; vivem todos fartos, bem servidos e contentes. Porém alem daquellas offertas, ha tambem em Tunkin, como já disse, edificios e predios rusticos, que pertencem em particular ás suas Igrejas e seus Ministros; e porque os Christãos das Missões Portuguezas de Tunkin não quizeram entregar os referidos bens aos Propagandistas, estes em extremo se irritaram, e ameaçaram aquelles bons Christãos com censuras e interdictos, e talvez que esta resistencia na entrega dos bens temporaes fosse a primeira cauza e origem das desordens e escandalos entre Propagandistas e os Christãos de Tunkin. E como estes Christãos sómente pedem Bispo e Padres, e nada pedem para a sua sustentação em Tunkin, antes dizem que lá têem muito que comer e muito que lhes dar, não ha que fallar em congruas, nem em maiores despezas da Fazenda Real. Alem de que, presentemente quasi estão nas mesmas circumstancias das Missões Portuguezas de Tunkin as Christandades de Cran-

1802 Janeiro 21

ganor, Cochim, Malaca, Meliapor, Pekim e Nankim, e sem embargo disto os Senhores Reys de Portugal conservam sobre estas os seus direitos de Padroeiros, e como taes nomeiam seus Bispos, e os Romanos Pontifices reconhecendo o seu Real Padroado lhos confirmam.

E finalmente dizer-se que em Tunkin não póde haver Bispo, porque este não póde ter lá aquelle apparato externo, que os Reverendos Bispos costumam ter entre nós, ainda no governo espiritual de suas ovelhas, he manifesta ignorancia do que he proprio e essencial do Episcopado, e que tão religiosamente observaram os Santos Apostolos, e seus Santos successores nos primeiros seculos da Igreja; no que me não demoro mais, por não parecer o que disser, antes reprehensão dos abusos do nosso seculo, do que defensão da Christandade de Tunkin, e do Real Padroado dos Senhores Reys de Portugal sobre as mesmas Missões.

Portanto sendo certo o Real Padroado de Sua Alteza Real nas Missões Portuguezas de Tunkin, instruidas e governadas constantemente desde o seu principio até ao presente, por Prelados e Padres Portuguezes, que por Macau lhes foram sempre mandados pelos Senhores Reys de Portugal; havendo por bem Sua Alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor nomear Bispo proprio de Tunkin, este será sem duvida confirmado em Roma pelo Santo Padre Pio VII, apesar de toda e qualquer opposição, que a isso possam fazer a Propaganda e Propagandistas. E se na Curia se julgar necessario o erigir de novo por Bulla Apostolica a Christandade de Tunkin em Bispado particular, quando não esteja já erecto pela Bulla de confirmação do Bispo D. Fr. Hilario de Jesus, nomeado pelo Senhor D. João V, se poderá agora novamente erigir pela mesma Bulla de Confirmação; e erecto assim canonicamente, segundo o Direito moderno, deve Sua Santidade mandar effectivamente que os Vigarios Apostolicos, que furtiva e clandestinamente se tiverem introduzido em Tunkin, saiam em continente deste Reino, para que por este modo haja naquella Christandade a paz e tranquillidade, que tanto se requer para o bom governo espiritual dos mesmos Christãos.

Concluida esta Memoria tive a seguinte noticia. *No collegio Abbreviado de Ordinandos, Pregadores e Confessores, composto por Frei Antonio da Annunciação, da Congregação dos Agostinhos Descalços,* da Imprensa de Lisboa, de 1765, na pag. 679, entre os Bispados suffraganeos do Arcebispado de Goa, conta-se o Bispado de Tunkin. E na pag. 684 se diz o seguinte: *São nomeados os Bispos para Tunkin com este titulo pelos Reis de Portugal. O Rey D. João V nomeou para Bispo de Tunkin a D. Frei Hilario de Jesus, Religioso Agostinho Descalço da Congregação de Italia, e se lhe fizeram as diligencias na Nunciatura de Portugal por Aviso do Secretario de Estado Pedro da Motta, com data de 20 de Novembro de 1745, sendo Nuncio no mesmo Reino Monsenhor Tempi, depois Cardeal.* Este testemunho de hum escriptor, que já em 1745 estava na Congregação, tem toda a fé, e prova o exercicio do Real Padroado de Sua Magestade Fidelissima na Igreja de Tunkin, e a erecção do seu Bispado. Em 21 de Janeiro de 1802. 1802 Janeiro 21

Resposta que deu o Procurador da Corôa sobre o negocio de que trata a Memoria antecedente

(Collecção dos meus Mss.)

O Padre e Cathechistas enviados pela Christandade das Missões de Tunkim pedem a Vossa Alteza Real a nomeação de hum Bispo, que os livre das vexações, que lhes estão fazendo os Propagandistas, intrusos com offensa do Real Padroado. 1802 Abril 9

He certo que o Padroado de Vossa Alteza Real em Tunkim, e Direito privativo e exclusivo de mandar Missionarios ao dito Estado são incontestaveis por provas de Direito e Facto, como doutamente ja expozeram, entre outros, o Padre Simão Teixeira, e o Desembargador Manoel Rodrigues Leitão: pois alem de outras Bullas, ha expressa concessão do

1802 Abril 9 dito Padroado nas Bullas de erecção da Cathedral de Goa (em que se assignaram por limites todas as terras descobertas, e que se descobrissem do Cabo da Boa Esperança até á India, e de lá á China) e dos mais Bispados do Oriente, que se desmembraram de Goa: ficando pertencendo a Malaca e depois a Macau os dominios da China e Tunkin: e os Papas Martinho V, Eugenio IV e Xisto IV commetteram aos Senhores Reys destes Reinos a propagação da Fé em todas as ditas terras, com inhibição de Missionarios mandados por outra qualquer ordem.

Estes direitos foram sempre reconhecidos pela Sé Apostolica, não só nas terras de que Portugal está de posse, mas em todas as que se acham nos limites da sua demarcação, ainda que lhes tenham tirado, ou sejam occupadas por Principes infieis, de sorte que pedindo os Abexins em Roma hum Patriarcha para a Ethiopa, o Papa Paulo III os remetteu para o Senhor Rey D. João III, e com effeito Filippe II o nomeou com dois Coadjuctores, e todos foram confirmados.

Mandando a Congregação da Propaganda Missionarios Apostolicos á China, e outras terras o Senhor Rey D. Pedro II fez representar os seus direitos pelo Arcebispo de Braga D. Luiz de Sousa, e depois pelo douto Domingos Barreiros Leitão; e apesar do grande partido da dita Propaganda e do Seminario de Paris, que pediam a abolição dos privilegios concedidos aos seus antecessores, ou restricção ás terras, de que Portugal estivesse de posse, ficando isentos do Bispado de Macau os dominios da China, Tunkim e outros destinados para os Vigarios Apostolicos, obteve confirmação dos ditos direitos, e em 1690 a erecção dos Bispados de Pekim, e Nankim pelo Papa Alexandre VIII, ficando assim excluidos inteiramente os ditos Vigarios Apostolicos.

Insistindo porém a mesma Congregação em mandar Missionarios ao Oriente, lembrou-se o Senhor Rey D. João V de nomear Bispos para Tunkin e Cochinchina, e participando esta sua resolução ao Papa Benedicto XIV este, não só approvou e louvou com especiaes elogios, mas rendeu as graças a Deus e a Sua Magestade pelo Breve datado de 29 de

maio de 1745, e o dito Senhor Rey passou logo a estabelecer dotes para estes dois Bispados, e a nomear Bispos, sendo o de Tunkin hum religioso Agostinho Descalço por nome Frei Hilario de Jesus, fazendo-lhe os Processos costumados o Nuncio Tempi. 1802 Abril 9

O Senhor Rey D. José I, de gloriosa memoria, não foi menos zeloso dos Direitos do seu Padroado no Oriente; pois consta pelas Instrucções que mandou ao penultimo Arcebispo de Goa, que havia passado ordens para virem presos da India os Propagandistas, que por lá apparecessem, para os remetter a Roma debaixo de prisão; e escreveo ao Papa Clemente XIV, para que os fizesse castigar, e advertisse a Congregação da Propaganda de maneira, que della não tornassem a sahir Rescriptos manchados com as notas de ingratidão ás immensas despezas do Erario desta Corôa, e aos diluvios de sangue derramado pelos vassalos della em a propagação da Fé, e com as feias nodoas da violencia e da usurpação.

Ora sendo tão manifesto o Direito de Vossa Alteza Real para o provimento de Bispos e Missionarios para Tunkin, he muito justo que Vossa Alteza Real, á imitação dos seus augustos predecessores, defenda e sustente o mesmo Direito, e mande fazer todas as diligencias possiveis, para consolar os supplicantes e seus numerosos constituintes com a nomeação e confirmação de hum Bispo, que elles veem supplicar de tão longe, e com tantos trabalhos, em seu nome e de toda a christandade dos seus vastos paizes, que o querem manter de muito boa vontade, fazendo-os muito recommendaveis na presença de Vossa Alteza Real o amor, que tem á Nação Portugueza, e ao seu amabilissimo Soberano, para desarmar as intrigas, com que muito os tem infamado o Secretario da Nunciatura, que he Italiano e ex Jesuita.

Este he o meu parecer: Vossa Alteza Real mandará o que for servido.

Lisboa, 9 de Abril de 1802.— João Antonio Salter de Mendonça.

Termo de ratificação do juramento de fidelidade, que faz Rogunata Porobo, Dessay de Parcem, da Provincia de Pernem

(Arch. da India, livro 3.º de Pazes, fol. 17.)

1803 Março 31 Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1803 aos 31 do mez de Março do dito anno, no palacio da residencia do Ill.mo e Ex.mo Sr. Francisco Antonio da Veiga Cabral, do Conselho de Sua Alteza Real, Tenente General effectivo dos seus exercitos, e Governador e Capitão General da India, se apresentou ao mesmo Sr. Rogunata Porobo, filho de Gopalá Porobo, Dessay de Parcem, da provincia de Pernem, vindo de Godqueachi Vadi, onde se achava ausente, e disse que na conformidade do seguro que lhe foi concedido para se recolher ao Estado, verdadeiramente arrependido, queria ratificar o juramento de fidelidade prestado em 18 de agosto de 1800, promettendo cumprir, e guardar fielmente o dito juramento, e as obrigações de leal vassalo de Sua Alteza Real por si, por todos seus dependentes, e pela sua descendencia, o que com effeito se effectuou com as cerimonias do costume, de que para perpetuo testemunho se fez este Auto, em que assignou o sobredito Ill.mo e Ex.mo Sr. Governador e Capitão General, e assignou tambem o referido Dessay. E eu Martinho Xavier, Official da Secretaria do Estado, o escrevi. O Secretario, José Caetano Pacheco Tavares, o fez escrever.—Francisco Antonio da Veiga Cabral.—Assignado maratha do Dessay Rogunata Porobo Parucar.

E servio de intreprete neste acto Bonguná Camotim Voga, Lingoa do Estado, com o seu Ajudante Vassades Rumachander Voga.

Termo de ratificação do juramento de fidelidade, que faz Sidobá Ganabá Sinay Surie Ráo, Dessay de Bicholim

(Arch. da India, livro 3.º de Pazes, fol. 18.)

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1803, aos 14 de Julho do dito anno no palacio da residencia do Ill.mo e Ex.mo Sr. Francisco Antonio da Veiga Cabral da Camara Pimentel, do conselho de Sua Alteza Real, Tenente General effectivo dos seus exercitos, Governador e Capitão General da India, se apresentou ao mesmo Sr. Sidobá Ganabá Sinay Surie Rao, Dessay de Bicholim, vindo de Gontaqueachy Vadi, onde se achava ausente, e disse que na conformidade do seguro, que lhe foi concedido para se recolher ao Estado, verdadeiramente arrependido, queria ratificar o juramento de fidelidade prestado em o 1.º de setembro de 1781, promettendo cumprir, e guardar fielmente o dito juramento, e as obrigações de leal vassalo de Sua Alteza Real, per si, e por todos os seus dependentes, e pela sua descendencia, o que com effeito se effectuou com as cerimonias do costume. E sendo tambem presente no mencionado acto Balvanta Rao, unico filho do referido Sidobá Ganabá Sinai Surie Rao, prestou o mesmo juramento de fidelidade, promettendo guardar fielmente o dito juramento, e as obrigações de leal vassalo; de que para perpetuo testemunho se fez este auto, em que assignou o sobredito Ill.mo e Ex.mo Sr. Governador e Capitão General, e os referidos Sidobá Ganabá Sinai Surie Rao, e Balavanta Rao; e eu Martinho Xavier, Official da Secretaria do Estado, o escrevi. O Secretario, José Caetano Pacheco Tavares o fez escrever.—Francisco Antonio da Veiga Cabral. 1803 Julho 14

Assignado maratha de Sidobá Ganabá Sinai Suria Rao, Dessay da provincia de Bicholim.

Assignado maratha de Balavanta Rao, Dessay da provincia de Bicholim.

1803 Julho 14. E serviu de interprete neste acto Bouguná Camotim Vaga, Lingoa do Estado, com o seu Ajudante, Vassudeo Ramachandra Vaga.

Termo de juramento de fidelidade, que faz Madeu Laximina Porobo, Dessay do Cassabé da Provincia de Pernem

(Arch. da India, livro 3.º de Pazes, fol. 19.)

1803 Julho 21 Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1803 aos 21 de Julho do dito anno, no palacio da residencia do Ill.mo e Ex.mo Sr. Francisco Antonio da Veiga Cabral da Camara Pimentel, do Conselho de Sua Alteza Real, Tenente General effectivo dos seus exercitos, Governador e Capitão General da India, se apresentou ao mesmo Sr. Madeu Laximina Porobo, Dessay do Cassabé da provincia de Pernem, vindo de Vaddy, onde se achava ausente, e disse que na conformidade do seguro, que lhe foi concedido para se recolher ao Estado, verdadeiramente arrependido, queria prestar juramento de fidelidade, promettendo cumprir, e guardar fielmente o dito juramento, e as obrigações de leal vassalo de Sua Alteza Real por si, por todos os seus dependentes, e pela sua descendencia; o que com effeito se effectuou com as cerimonias do costume, de que para perpetuo testemunho se fez este termo, em que assignou o sobredito Ill.mo e Ex.mo Sr. Governador e Capitão General, e o referido Madeu Laximina Porobo; e eu Francisco Xavier de Albuquerque, Official da Secretaria do estado, o escrevi: O Secretario, José Caetano Pacheco Tavares o fez escrever.—Francisco Antonio da Veiga Cabral.

Assignado maratha de Madeu Lacximana Porobo, Dessay do Cassabé, Dessa Porobo.

Termo do juramento de fidelidade e ratificação, que fazem Custangi Porobo filho primogenito de Gopala Porobo, Dessay de Parxã, na Provincia de Pernem, Narana Porobo, seu irmão e Vitu Porobo, Dessay de Dargali, da mesma Provincia.

(Arch. da India, livro 3.º de Pazes, fol. 20.)

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1803 aos 21 de Julho do dito anno, no palacio da residencia do Ill.mo e Ex.mo Sr. Francisco Antonio da Veiga Cabral da Camara Pimentel, do Conselho de Sua Alteza Real, Tenente General effectivo dos seus exercitos, Governador e Capitão General da India, se apresentaram ao mesmo Sr. Custangi Porobo, filho primogenito de Gopalá Porobo, Dessay de Parxã, da provincia de Pernem, e Vitú Porobo, Dessay de Dargali, da mesma provincia, vindos de Vaddi, onde se achavam ausentes, e disse o primeiro que na conformidade do seguro, que lhe foi concedido para se recolher ao Estado, verdadeiramente arrependido, queria prestar juramento de fidelidade, promettendo cumprir, e guardar fielmente o dito juramento, e as obrigações de leal vassalo de Sua Alteza Real per si, por todos os seus dependentes, e pela sua descendencia; e o segundo que queria ratificar o juramento de fidelidade, que havia prestado em 4 de maio de 1788, promettendo cumprir, e guardar fielmente o dito juramento, e as obrigações de leal vassalo do mesmo augusto Senhor por si, por todos os seus dependentes, e pela sua descendencia; o que com effeito se effectuou com as cerimonias do costume, de que para perpetuo testemunho se fez este auto, em que assignou o sobredito Ill.mo e Ex.mo Sr. Governador e Capitão General, e os referidos Custangi Porobo, e Vitu Porobo; e eu Martinho Xavier, Official da Secretaria do Estado, o escrevi. 1803 Julho 21

E achando-se tambem presente neste mesmo acto Narana Porobo, irmão do Dessay Custangi Porobo, prestou o juramento de fidelidade com as formalidades do costume. O Se-

1803 Julho 21 cretario, José Caetano Pacheco Tavares, o fez escrever. — Francisco Antonio da Veiga Cabral.

Assignaturas marathas de Dessay Custangi Porobu, Parcecar Dessay.

Naraena Porobu, Parcecar Dessay.

Vitu Porobo, de Dargali.

E serviu de interprete neste acto Bouguná Camotim Vaga, Lingua do Estado, com o seu Ajudante Vassudeo Ramachandra Vaga.

Copia do segundo capitulo do officio da junta da real fazenda de 14 de Abril de 1804, attinente á divida do Sar Dessay Quema Saunto Bounsuló

(Arch. da India, livro 2.º de Pazes, *in principio*.)

1804 Abril 14 Quanto ao primeiro de 108:911 xerafins, procede do tributo annual de 4:000 xerafins, que o Sar Dessay Quema Saunto Bounsuló se obrigou a pagar á Real fazenda pelo artigo 9.º do Tratado de Paz, celebrado no anno de 1761, de que se fez assentamento nos livros competentes em virtude da participação do governo do Estado, de quem depende fazer verificar o respectivo pagamento; visto que pela má fé, com que sempre obrou este Regulo, raras vezes satisfez, sem ser por meios de hostilidades praticadas contra elle, para o obrigar ao cumprimento tanto daquelle como de outros artigos; e fazendo esta junta as precisas applicações, logo que recebeu a Provisão de V. Ex.ª para ver se conseguia o pagamento da sobredita quantia, lhe remetteu o governo do Estado as copias dos artigos 10.º e 12.º do Tratado celebrado com aquelle Regulo no anno de 1788, pelos quaes se lhe perdoou metade da quantia, que devia até aquelle tempo, e incluio outra metade no soccorro, que se lhe deu em dinheiro, e effeitos, ficando assim saldada a conta da sua divida até o fim do anno de 1787; e como se deduzio então o mesmo tributo

a 1:000 xerafins em cada anno, consiste agora o alcance, em que se acha o referido Regulo em 14:000 xerafins, segundo consta da conta corrente, que vae junta. Não he porém praticavel na actual conjunctura a arrecadação do dito alcance, por ter o mencionado Sar Dessay no anno de 1794 quebrantado o ultimo Tratado de 1788, e ficar suspensa por esse motivo a communicação entre elle e este Estado. 1804 Abril 14

Goa, 14 de Setembro de 1807.— José Filippe Pereira.

O Sar Dessay de Cudale Quema Saunto Bounsuló em conta corrente com a Real Fazenda

DEVE					HAVER
	Pelo tributo de 4:000 xerafins annuos, a que se obrigou pelo artigo 9.º do Tratado de 24 de Dezembro de 1761, ratificado em 14 de outubro de Outubro de 1878, a saber:		1788....	Pela metade da quantia liquidada, que lhe foi perdoada pelo artigo 12.º do Tratado de 29 de Janeiro de 1878	26:455-2-30
			»	Por outra dita, que foi incluida no soccorro de 100:000 xerafins, que se lhe deu na conformidade do dito Tratado.....	26:455-2-30
1774.....	Pelo resto d'este anno	911-0-00			
1775 até 1787.....	Pelo total de 13 annos	52:000-0-00			
		52:911-1-00			52:911-0-00

Nova conta

DEVE			HAVER
	Pelo tributo de 1:000 xerafins annuos, a que ficou reduzido o de 4:000 xerafins pelo artigo 10.º do mencionado Tratado de 29 de Janeiro de 1788.		
1788 até 1801.....	Pelo total de 14 annos	14:000-0-00	

Goa, 14 de setembro de 1807.—José Filippe Pereira.

Carta do Governador Francisco Antonio da Veiga Cabral ao Secretario d'Estado Visconde de Anadia

(Arch. da India, livro das Monções, n.º 184, fol. 75.)

Illmo e Exmo Sr.—Falleceu o Sar Dessay Quema Saunto Bounsuló, e não deixando filho nem filha das suas tres mulheres, deixou a primeira encarregada do governo dos seus dominios, que se acham na maior confusão, porque dois primos irmãos do fallecido, netos de seu avô, contendem entre si, tendo já perdido por esta discordia duas principaes fortalezas do Norte, que confinam com o Rajá de Colapur. Assim este, como os ditos dois pretendentes me tem escripto a respeito dos seus respectivos interesses, e eu tenho respondido a todos palliativamente sem me declarar protector de nenhum dos partidos, não sómente porque a critica conjunctura assim o pede, mas porque não deixa de ser util esta discordia, que os separa, e enfraquece. A Illma e Exma Pessoa de V. Ex.ª guarde Deus muitos annos. 1805 Março 21

Goa, a 21 de Março de 1805.— Illmo e Exmo Sr. Visconde de Anadia.— (Rubrica do Governador.)

Termo de ratificação do juramento de fidelidade, que faz o Sar Dessay de Sanquelim Satrogi Rane com seus filhos e irmãos

(Arch. da India, livro 3.º de Pazes, fol. 21.)

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1806 aos 15 de setembro do dito anno, na villa de Pangim, no palacio da residendia do Illmo e Exmo Sr. Francisco Antonio da Veiga Cabral da Camara Pimentel, Grão Cruz da Ordem de Aviz, do Conselho de Sua Alteza Real, Tenente Gene- 1806 Setembro 15

1806 Setembro 15

ral effectivo dos seus exercitos, Governador e Capitão General dos Estados da India, estando o dito Ex.mo Sr. debaixo do docel na sala da audiencia, se apresentou ao mesmo Sr. o Sar Dessay de Sanquelim Satrogi Rane com seus filhos Zoitogi Rane, e Suriagi Rane, e com seus irmãos Zaibá Rane, e Zanacogi Rane, em obediencia da ordem que foi expedida a 21 de agosto antecedente juntamente com o perdão, que o mencionado Ill.mo e Ex.mo Sr. foi servido expedir-lhe em nome de Sua Alteza Real o augusto Principe Regente Nosso Senhor, perdoando-lhe a fuga da prisão, em que se achava na casa da polvora, sendo motivada a mesma prisão pelas desuniões domesticas do mesmo Sar Dessay com pessoas da sua familia, e por outros factos e ommissões, que tinham sido presentes a S. Ex.a, de todas as quaes faltas antecedentes o mesmo Ex.mo Sr. foi servido esquecer-se por sua generosa bondade na esperança de que o dito Sar Dessay arrependendo-se do passado, e reconhecendo as vantagens, e segurança de que tem gosado a sua casa, e familia, desde que seus maiores se sujeitaram ao dominio do Magestoso Estado, se ha de conduzir, á imitação de seus antepassados, com fidelidade, como deve, e muitas vezes tem promettido e ratificado com juramento solemne, e que ha de prestar bom serviço ao Magestoso Estado, representando a S. Ex.a, e seus successores pela Secretaria do mesmo Estado todas e quaesquer dissenções attinentes a sua casa, familia, parentes, bens e pessoas moradores no seu Sar Dessayado, para lhe serem decididas como for justo, e conforme aos seus antigos costumes e leis do Magestoso Estado, o que sendo ouvido pelo mencionado Sar Dessay Satrogi Rane, seus filhos e irmãos presentes, por todos elles, e pelos parentes ausentes por causa de suas molestias, disse, e confessou o dito Sar Dessay Satrogi Rane que elle muito bem conhecia os grandiosos officios de protecção, utilidade e segurança, que a sua familia tem recebido do Magestoso Estado desde que se sugeitaram como vassalos ao seu dominio, e que ratificava a sua promessa muitas vezes repetida de fidelidade, e vassalagem ao Magestoso Estado, e promettia viver em socego, paz e quietação com os seus paren-

tes, e procurar quanto possa que todos elles da sua parte sirvam bem ao Estado, e que para o cumprir mais facilmente pedia a S. Ex.ª lhe conferisse com a mercê de posse e administração do seu Sar Dessayado todas as honras e preeminencias, para manter a sua devida auctoridade na familia; e o mesmo Ex.mo Sr. prometteu deferir como fosse de rasão e justiça aos seus requerimentos, que podia apresentar pela Secretaria do Estado; e para constar o referido, se fez este Termo em que assignou o dito Ill.mo e Ex.mo Sr. Governador e Capitão General, assim como os referidos Sar Dessay, e seus irmãos: e eu Caetano José de Albuquerque, Official da Secretaria, o escrevi.—O Secretario, Manoel José Gomes Loureiro, o fez escrever.—(Logar do sello das armas Reaes de Portugal, em lacre vermelho).—Francisco Antonio da Veiga Cabral—Assignado maratha de Satrogi Rane, Sar Dessay da provincia de Sanquelim—Assignado maratha de Zanacogi Rane, Sar Dessay da provincia de Sanquelim. 1806 Setembro 15

E serviu de interprete neste acto o Lingua do Estado Bouguná Camotim Vaga.

Modo de escrever aos Reis e Potentados visinhos

(Arch. da India, livro de Reis visinhos, fol. 30 e 31)

Ao Governador de Bombaim: 1805

A Sua Excellencia
Senhor Jonathas Duncan.
Governador General de Bombaim, etc., etc. etc.
Ex.mo Senhor.
Tenho a honra de ser com a mais profunda consideração.

Ex.mo Senhor.
De V. Ex.ª

1805 Outra fórma:

A Sua Excellencia
The Right Honorable Sir Evan Napean.
Governador da Presidencia de Bombay.

Ao Governador General de Bengala:

A Sua Excellencia o Honoravel Senhor George Hilario Barlow, Baronet, Governador General da Presidencia de Bengala.

Ao Dominante de Punem:

Ao Muito Illustre, Grandioso e Felicissimo Bagi Rau Rogunata Pandito Pradan, cuja amisade seja perpetua.
Eu Francisco Antonio da Veiga Cabral, etc.

Felicissimo.

Ao Sindeá:

Ao Illustre e Grandioso Doulata Rao Sindeá, Grande General e amigo, da minha maior estimação (ou veneração), cuja amisade seja perpetua.
Eu, Francisco Antonio da Veiga Cabral, etc.

Grandioso Amigo.

Ao mesmo:

Ao Muito Illustre, muito valeroso e Grandioso Doulata Rao Sindeá, Grande General, cuja amisade seja perpetua.
Eu, José Caetano Pacheco Tavares, Secretario, etc.

Grandioso Amigo.

Ao Rajá de Colapur:

Ao Muito Illustre e Magnifico Rey de Colapur Sivagi Raje Xatrapoti, cuja amisade seja perpetua.
Eu, Francisco Antonio da Veiga Cabral, etc.

V. S.ª

Ao Holcar: 1805

Ao Illustre e Generoso Tucogi Rao, General, que sempre esteja com saude.

Eu, F., etc.

Generoso Amigo.

Ao Nababo de Surrate:

Ao Illustre e Grandioso Nababo Hasmatá Doulá Sarmat Nizamat Dan Bahadur, cuja amisade seja perpetua.

Eu, F., etc.

V. S.ª

Ao Nababo de Saunur:

Ao muito Illustre e Grandioso Amigo Abdul Chair Can Bahadur, Nababo de Saunur, que sempre esteja na graça de Deus.

Eu, F., etc.

V. S.ª

Ao Nabado, Filho de Nizaman Ali.

Ao Ill.mo Grandioso e Felicissimo Nababo Mir Polar Genga, Ministro do Poderosissimo Imperador de Dili, e seu Governador General dos Reinos do Decan, cuja amisade seja perpetua.

Eu, F., etc.

V. Ex.ª

Ao Rajá de Travancor:

Ao Magnifico, e Muito Generoso Rama Razé, Rey de Travancor, cuja saude seja constante e sua amisade perpetua.

Eu, F., etc.

Magnifico Rey.

Ao seu Ministro:

Ao Illustre e Generoso Tambi Velayaden Chembagaramen, 1.º Ministro do Magnifico Rey de Travancor, cuja amisade seja perpetua.

1805 Ao Sunda:

Ao presado e Generoso amigo Savai Bassava Linga, Rajá de Sunda.
Eu, F., etc.

Presado amigo.

Ao mesmo depois de restituido do antigo titulo.

Magnifico e Grandioso Savai Bassava Linga, Rajá de Sunda, cuja amisade seja perpetua.

V. A.

Do Secretario, o mesmo tratamento.

Ao Rajá de Corga.

Ao Magnifico e muito Generoso Alery Vir Ragendra Voder, Rajá dos dominios de Corga, cuja amisade seja perpetua.
Eu, F., etc.

Magnifico Rey, ou Magnifico Rajá.

Ao Rajá de Mandvi:

Ao Illustie e Grandioso Dargen Singa, Rajá de Mandvi, cuja amisade seja perpetua.
Eu, F., etc.

Grandioso Amigo.

Para Lacximibay, viuva de Quema Saunto Bounsuló:

Illustre e Grandiosa Lacximibay Bounsuli, Sar Dessayna do Praganã Cudale, e mais provincias, cuja felicidade seja perpetua.
Eu, F., etc.

Grandiosa Sar Dessayna.

Ao Bounsuló: 1805

Grandioso Rajá Ramachandra Saunto Bounsuló Bahadar, Sar Dessay do Praganã Cudale, e mais provincias.

Ao mesmo, do Secretario:

Illustre e Grandioso Rajá Ramachandra Saunto Bonsuló Bahadar, Sar Dessay de Praganã Cudale, e mais provincias, cuja amisade seja perpetua.
Eu, F., etc.

Ao Rajá de Panganor:

Magnifico e Grandioso (ou Generoso) Rajá de Panganor, cuja amisade seja perpetua.
Eu, Manoel José Gomes Loureiro, Secretario, etc.

Grandioso Rajá.

Ao General maratha de Curanzvoda.

Ao muito illustre e Generoso Trimbac Rao Rogunata, cuja amisade seja perpetua.

Grandioso Amigo.

Termo de juramento de fidelidade, que faz o Dessay Chondrogi Rane da provincia de Sanquelim

(Arch. da India, livro 2.º de Pazes, fol. 348.)

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1807, ao 1.º de Setembro do dito anno, no palacio da residencia do Ill.mo e Ex.mo Sr. Bernardo José de Lorena, Conde 1807 Setembro 1

1807 Setembro 1 de Sarzedas, do Conselho de Sua Alteza Real, Vice Rey, e Capitão General de mar e terra deste Estado da India, estando o dito Senhor debaixo do docel na sala da audiencia, se apresentou ao mesmo Senhor o Dessay Chrondrogi Rane vindo do sitio de Viridi, aonde se achava ausente, e disse que em virtude do perdão e seguro, que lhe foi concedido para se recolher ao Magestoso Estado, verdadeiramente arrependido, queria prestar juramento de fidelidade, promettendo cumprir e guardar fielmente o dito juramento, e as obrigações de leal vassalo de Sua Alteza Real, per si, por todos os seus dependentes, e pela sua descendencia; o que com effeito se effectuou com as cerimonias do costume, de que para perpetuo testemunho se fez este Termo, em que assignou o sobredito Ill.mo e Ex.mo Sr. Conde Vice-Rey, e o referido Dessay Chondrogi Rane; e eu, Pedro do Rosario Baracho, Official da Secretaria do Estado, o escrevi. O secretario, Manoel José Gomes Loureiro, o fez escrever.— Conde de Sarzedas — Assignado maratha do Dessay, Chandrogi Rane.

Fim do Tomo X

INDICE

DOS

DOCUMENTOS CONTIDOS N'ESTE TOMO

			Pag.
		— Breve noticia das explorações dos Portuguezes no interior d'Africa	1
1725		— Carta do Embaixador D. Luiz da Cunha, escripta ao Cardeal da Cunha no anno de 1725	7
1772 Jan.	15	— Loanda — Carta do Capitão General de Angola ao encarregado do Governo do Presidio de Caconda	11
1771 Jun.	22	— Caconda a Nova — Carta do Capitão Mór de Caconda ao Governador e Capitão General de Angola	14
1840 Abril	24	— Lisboa — Portaria do Ministro da Marinha e Ultramar para o Governador Geral de Moçambique	16
1839 Abril	30	— Loanda — Officio do Governador de Angola ao Ministro do Ultramar	17
1832 Maio	12	— Lunda — Officio do Major José Manuel Correia Monteiro ao Governador de Angola	18
1800 Nov.	3	— Moçambique — Officio do Governador e Capitão General de Moçambique ao Ministro da Marinha remettendo-lhe o diario da viagem do Dr. Lacerda, de Tette ao Cazembe	22
1800 Out.	5	— Portaria do Capitão General de Moçambique	22
1798 Jun.	18	— Tete — Ordens e instrucções do Dr. Lacerda a respeito da viagem ao interior d'Africa	23
1798		— Diario da viagem da Villa de Tete para o interior d'Africa, pelo Governador dos Rios de Senna,	

Pag.

o Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida, no anno de 1798 29

1798 — Diario da viagem que a expedição para o reconhecimento do interior d'Africa fez até chegar a Cazembe, escripta pelo Capellão da mesma expedição, o Padre Francisco João Pinto 98

1805 Nov. 14 — Quilimane — Carta de Pedro Xavier Nolasco... 186

1815 Jan. 25 — Loanda — Officio do Capitão General de Angola ao Ministro Antonio de Araujo de Azevedo.. 188

1811 Maio 20 — Tete — Officio do Governador dos Rios de Senna ao Ministro do Ultramar..... 189

1804 Nov. 11 — Cassange — Carta do Director da Feira de Cassange ao Governador de Senna e Tete 191

1806 — Derrota dos descobridores Pedro João Baptista, e Anastacio Francisco, na sua viagem dos Sertões de Angola para o Cazembe, e daqui para a Villa de Tete..... 194

1810 — Derrota de Pedro João Baptista na sua viagem do Cazembe para a Villa de Tete..... 221

— Perguntas que o Governador de Tete fez aos descobridores 235

1810 — Lembrança da partida do Muata-Yanvo para a terra do Cazembe Caquinhata, e do que passamos com os Quilolos, que no dito caminho se acham a fim da mesma dependencia do Estado e Reino de Angola, etc., etc..... 238

1811 — Do que tratámos com o Ill.mo Sr. Governador da costa oriental d'Africa dos Rios de Senna, sobre da nossa chegada a dependencia do Estado e Reino de Angola, etc..... 253

1814 Out. 27 — Mucary — Declaração de Francisco Honorato da Costa a favor dos seus Pombeiros, que executaram a viagem..... 262

1815 Maio 13 — Rio de Janeiro — Decreto conferindo ao Tenente Coronel Francisco Honorato da Costa a graduação de Brigadeiro de Milicias..... 264

1815 Agosto 28 — Rio de Janeiro — Decreto conferindo o posto de Capitão da companhia de Pedestres a Pedro João Baptista..... 264

1815 Agosto 28 — Rio de Janeiro — Carta do Principe Regente ao Governador e Capitão General do Reino de Angola concedendo uma pensão vitalicia de 800$000 réis, a Francisco Honorato da Costa. 265

1800 Agosto 17 — Auto de juramento de vassalagem, obediencia,

Pag.

fidelidade e ratificação que fazem á Rainha de Portugal, Lacximinagi Zassavanta Rau, etc.. 266

1800 Agosto 18 — Auto de juramento de vassalagem, obediencia, fidelidade e ratificação que fazem á Rainha de Portugal, Rogunata Porobo, etc..... 268

1800 Set. 16 — Auto de juramento de vassalagem obediencia, fidelidade e retificação que fazem á Rainha de Portugal os Dessays e Narconis da Provincia de Pernem..... 270

1801 Jan. 22 — Goa — Carta do Governador Francisco Antonio da Veiga Cabral ao Secretario d'Estado, D. Rodrigo de Sousa Coutinho..... 273

1802 Maio 2 — Extrato da Carta do Governador Francisco Antonio da Veiga Cabral, de 2 de Maio de 1802, ao Secretario d'Estado, D. Rodrigo de Sousa Coutinho..... 275

1803 Fev. 17 — Goa — Carta do Governador Francisco Antonio da Veiga Cabral ao Secretario d'Estado, Visconde de Anadia... 275

1801 Jul. 3 — Traducção da carta do Dominante de Punem Bagi Ráo Pradan, escripta ao Sar Subedar da jurisdicção de Baçaim Bagi Ráo Gavinda, sobre se conservarem os usos dos christãos, menos matar vaccas..... 276

1802 Jan. 21 — Memoria sobre o Real Padroado da Corôa de Portugal nas Missões do Reino de Tunkim, por Antonio Alvares, da Congregação do oratorio de Lisboa..... 277

1802 Abril 9 — Resposta que deu o Procurador da Corôa, João Antonio Salter de Mendonça, sobre o negocio de que trata a memoria antecedente..... 295

1803 Março 31 — Goa — Termo de ratificação do juramento de fidelidade qne faz Rogunata Porobo, Dessay de Parcem..... 298

1803 Jul. 14 — Goa — Termo de ratificação do juramento de fidelidade que faz Sidobá Ganabá Sinai Surri Rao Dessay de Bicholim..... 299

1803 Jul. 21 — Goa — Termo de juramento de fidelidade que faz Madeu Laximina Parobo, Dessay do Cazabé da Provincia de Pernem..... 300

1803 Jul. 21 — Goa — Termo de juramento de fidelidade e ratificação que fazem Custangi Porobo, Narana Porobo e Vitu Porobo..... 301

1804 Abril 14 — Goa — Copia do segundo capitulo do officio da